

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

LOPES, Ulisses . Ulisses Lopes (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (8h 50min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ) e FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Ulisses Lopes
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Alejandra Luisa Magalhães Estevez; Angela Moreira Domingues da Silva; Dulce Chaves Pandolfi; Paulo Roberto Ribeiro Fontes;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 10/04/2015 a 15/05/2015

Duração: 8h 50min

Arquivo digital - áudio: 10; Arquivo digital - vídeo: 10; MiniDV: 10;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Arqueologia da reconciliação: formulação, aplicação e recepção de políticas públicas relativas à violação de direitos humanos durante a ditadura militar”, desenvolvido pelo CPDOC em convênio com a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e parceria com a Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro, entre maio de 2014 e setembro de 2015. O projeto visa, a partir das entrevistas cedidas, a criação de um banco de entrevistas com responsáveis por políticas públicas relativas à violação de direitos humanos durante a ditadura militar.

Temas: Anistia política; China; Comunismo; Departamento de Ordem Política e Social - DOPS; Ensino; Eurico Gaspar Dutra; Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010); Greves; Inquérito policial militar; João Goulart; Mao Tsé Tung; Militância política; Movimento sindical; Partido Comunista Brasileiro - PCB; Partido Comunista do Brasil - PCdoB; Partidos políticos; Regime militar; Rio de Janeiro (cidade); Segunda Guerra Mundial (1939-1945); Sindicatos de trabalhadores; Trabalho; Trabalho; União Soviética;

Sumário

1ª Entrevista: 10/04/2015 Origens familiares; a infância em Rocha Miranda; a morte do pai; a ida para a Escola Visconde de Mauá; as críticas à Getúlio Vargas; as influências do cenário da Segunda Guerra Mundial; a saída da escola para ajudar a família; o trabalho na Ferro Maleável; as primeiras participações políticas; o trabalho como desenhista; o primeiro contato com o Partido Comunista Brasileiro (PCB); as intervenções do Presidente Eurico Gaspar Dutra nos sindicatos; o retorno do partido aos sindicatos; a saída da fábrica; o trabalho no jornal Diário de Notícias; o retorno à Fábrica; a cassação do PCB; o comício da Carioca; a ida à China em 1961; o encontro com Mao Tsé-tung; o casamento em janeiro de 1954; o retorno ao sindicato; Círculo Operário Católico na oposição; o programa do sindicato na Rádio Rio de Janeiro; a relação com o presidente João Goulart; a hegemonia dos trabalhistas no partido; o trabalho na diretoria do partido em 1961; a viagem para a China, União Soviética e Tchecoslováquia pelo partido; a abordagem comunista com o trabalhador; o trabalho na Secretária de Cultura do partido; a aliança com os trabalhistas; a construção da sede; a dedicação ao sindicato; as assembleias dos militantes comunistas do Sindicato dos Metalúrgicos; o encontro com Luís Carlos Prestes na China; o desfile comemorativo da revolução; o impacto do convite para a China; o período na China; os impactos da viagem para a União Soviética; os impactos do retorno ao Brasil em 1962; o Encontro dos Jovens Metalúrgicos; a radicalização dentro do sindicato; os problemas da base do partido; as greves pré-1964. 2ª Entrevista: 13/04/2015 A importância da leitura de História do mundo para crianças, de Monteiro Lobato; A conjuntura política pré-1964; o período de grandes greves; o funcionamento da greve; a geografia da greve do Sindicato dos Metalúrgicos; o cotidiano na fábrica; as divergências com o Círculo Operário Católico; o Comitê Metalúrgico; a importância da unidade dentro do partido; os comitês de bairro; a duração das greves; as campanhas de sindicalização; o Comício da Central em 13 de março de 1964; a mobilização para o Comício; o marcante dia 31 de março de 1964; a notícia da derrubada de Jango; o golpe militar; as reuniões na ditadura; a saída de casa; as dificuldades financeiras no período do regime militar; a demissão da fábrica; o tempo morando longe da família; a construção de uma nova casa; a perseguição à família; o depoimento ao Inquérito Policial Militar (IPM); as diversas convocatórias para interrogatórios; a questão dos livros no regime militar. 3ª Entrevista: 17/04/2015 O julgamento pela IPM dos Metalúrgicos; os detalhes do processo; a condenação; o contato com chineses; o seu papel no partido no período da IPM; os problemas das greves dos metalúrgicos; a ida de grande parte Comitê Metalúrgico para o Partido Comunista do Brasil (PCdoB); o período morando em Friburgo; a paixão pelo sindicato; o

programa A Voz do Metalúrgico; as eleições internas sindicais; o processo da auditoria; o retorno ao Rio de Janeiro; o trabalho como assistente administrativo em um escritório de advocacia; o trabalho como desenhista; o trabalho com marcenaria; o trabalho como responsável da Comissão de Recreação e Cultura do sindicato; o trabalho com um advogado do sindicato; o trabalho no Teatro Casa Grande. 4ª Entrevista: 15/05/2015 O período pré-anistia; o processo da Lei da Anistia; o processo de aposentadoria; a Comissão da Anistia; a dificuldade do acesso à anistia; a assembleia de aumento de salário; a delegação da fábrica; o desempenho na construção da sede; a história do Jarbas Gomes Machado; a invasão da sede; o afastamento da militância; a procura por documentos no Departamento de Ordem Política e Social (Dops) e no Sindicato; a Comissão de Reparação do Rio de Janeiro; os relatórios do período do sindicato; o despreparo político; o efeito do golpe militar; os impactos do regime militar no Sindicato dos Metalúrgicos; o sentido político da anistia; o trabalho após a Lei da Anistia; o cotidiano no trabalho na Boate Carinhoso; o movimento do novo sindicalismo; a candidatura à vereador; o medo de avião; a criação da Comissão de Reparação do Rio de Janeiro; a não solicitação à reparação pecuniária; os anos 1980; a injusta “reparação”; a opinião sobre o “perdão” à torturadores; o acesso à informação sobre os direitos da Lei da Anistia; a identidade operária; a Comissão Nacional da Verdade; a questão da reconciliação nacional; as opiniões sobre o Governo Luis Inácio Lula da Silva; a diferença do Lula político do Lula metalúrgico; a importância da entrevista; o papel do professor; o envolvimento com o Movimento pela Paz; conclusões e agradecimentos.

1ª Entrevista: 10/04/2015

D.P. – Dr. Ulisses, a gente quer começar pelo começo, então, a gente quer saber assim, quando o senhor nasceu, como é que foi sua infância, onde o senhor estudou, até chegar na sua militância dos tempos sindicais.

U.L. – Deixa eu botar uma coisinha aqui porque, se eu me esquecer...

D.P. – Não tem problema nenhum.

U.L. – Se eu esquecer alguma coisa, eu vou...

D.P. – Certo. E nós temos um roteiro aqui...

U.L. – **É a mesma necessidade.** Eu sou carioca; meu nome está aí, vocês sabem; e sou descendente de italianos e de portugueses. Meu nome é só Ulisses por causa de um boi. Um boi que trocou o meu nome. Porque minha mãe e meu pai... Meu pai tinha dado o nome... ao primogênito o nome do pai dele, do meu avô. Seria Diamantino. Eles estavam um dia sentados, os dois, eu estava prestes a nascer, os dois sentados na porta, e a rua, naquele tempo, 87 anos atrás quase, era uma passagem de bois, de boiadas e tal, e eles estavam conversando na porta, sentadinhos na porta lá, e vem passando um carreiro, um boi, um carro de boi com aqueles guizos, e o carroceiro do lado, e quando chegou bem defronte do local que eles estavam, o boi deu uma desviada, assim, numa depressão do terreno, aí o carroceiro – o sotaque logo dizia de onde ele era – disse para... deu uma aguilhada no boi e disse: “Sai para lá, Diamantino!”. Aí minha mãe disse: “Poxa, Francisco, eu não me incomodo, eu ficava até feliz de dar o nome do teu

pai, mas o meu filho com nome de boi, eu não quero, não.” [risos] Aí ele trocou. Meu pai gostava muito da *Odisséia* e foi buscar o Ulisses lá na Grécia para me dar.

A.E. – Legal!

D.P. – Legal! Isso foi em que ano, que o senhor nasceu?

U.L. – Isso em 1928, dia 29 de agosto de 1928.

A.E. – E aonde que vocês viviam, em que bairro?

U.L. – Isso era em Rocha Miranda. E na época era Sapê; não era Rocha Miranda. Aquela rua, apesar de só... Na época, só tinha vala a céu aberto, mas os nomes das ruas... É Praça das Pérolas, rua dos Ônix, Turquesas, Diamantes... As ruas são todas assim até hoje. Algumas mudaram: a Praça das Pérolas passou a ser Oito de Maio, por causa da guerra, em comemoração ao fim da guerra.

P.F. – O pai do senhor trabalhava em quê?

U.L. – Meu pai era ferroviário. A minha infância, então, já que... se eu vou por aí, então... Eu perdi meu pai muito cedo, com nove anos. Eu ia fazer nove anos em agosto, no dia 29; no dia 25... Ele era ferroviário, era chefe de trem, e numa viagem... Ele procurava, naquela época, próximo dos aniversários, alguma coisa assim, fazer... Ele arranjava um meio de ir para Minas, fazer uma viagem para Minas, para trazer guloseimas: queijos e aquelas coisas. Eu me lembro que ele trazia muito licor. **Naquela época, eu era menino.** E ele, em Juiz de Fora... Aliás, antes de Juiz de Fora, numa

estação chamada Benfica – existe, ainda –, ele se afastou para dar o sinal de partida na composição e, quando foi pegar, ele escorregou, caiu e esmagou as duas pernas.

D.P. – Nossa!

U.L. – Não tinha socorro. Mas, mesmo que tivesse socorro, eu entendo que ele não sobreviveria. Ele foi transportado para Juiz de Fora, mas já chegou morto no hospital. Bom, aí começou... Isso aí já deu origem à minha revolta, porque eu passei a odiar Getúlio Vargas, por causa disso, porque a minha mãe não recebeu nada, não teve indenização nenhuma. Deram... Ela recebia, na época, 50 reais, eu acho. Não sei. Eu tenho anotado isso. Representava 10% do que meu pai ganhava. Cada um de nós, os filhos, tinha 10 reais. Ela ganhava 50 reais, e cada filho, 10 reais. **Dez cruzeiros**, a moeda da época, não é? E quando chegava no dia seguinte de completar 18 anos – era uma eficiência danada! –, recebia logo um aviso que estava cortada a nossa parcela. E aquilo me revoltou. Napoleão de Alencastro Guimarães era o ministro – na época, era a Estrada de Ferro Central do Brasil e já era Ministério da Viação. E eu... Aquilo, eu fiquei... Fui para o colégio interno. Eu tive que ir para o colégio interno, minha mãe teve que colocar, porque ela, com muita dificuldade, costurando...

P.F. – Vocês eram quantos irmãos?

U.L. – Éramos três. Meu irmão caçula nasceu em outubro. Meu pai morreu em agosto, ela estava grávida, o caçula nasceu em outubro. Eu fui para o colégio interno. Terminei o primário e, em 1940... em 1939 ou 1940, eu entrei para o colégio interno, a Escola Visconde de Mauá, lá em Marechal Hermes. Hoje não é nada. O colégio era um colégio extraordinário, profissional. Eu era interno, tinha... A parte da manhã era de oficina, a gente... Era jardinagem, serralheria, tudo. E a parte da tarde, então, era o currículo normal. Ali foi o meu batismo de fogo, apesar de menino, na política e em tudo ali, porque estava a época da guerra, a época dos torpedeamentos dos barcos e a pressão

popular para que o Brasil entrasse em guerra contra a Alemanha. Todo mundo sabe, o Getúlio não estava a fim, ele tinha que ser pressionado, porque ele pendia mais para o nazismo e nazifascismo do que para os aliados. Então, na escola, eu já comecei a participar, apesar de interno. Tinha externato, também. Então a gente sempre dava um jeito, ia para a rua fazer protesto e tal. Aí veio o rompimento de relações com o Eixo; mais tarde... A declaração de guerra ainda levou tempo, porque a FEB só entrou em ação já nos últimos meses da guerra, como todo mundo sabe. Mas, então, ali na escola... Foi uma escola extraordinária, porque eu, devido às dificuldades que minha mãe estava vivendo... Eu, ali, eu já tinha o desvio do nome, aí foi o segundo desvio na minha vida: eu não concluí; no último ano, eu saí. E para mostrar a qualidade do ensino na época, eu, apesar de ter saído... Eram quatro anos. Eu saí quando completou o terceiro ano. Eu saí da escola e fui para a Ferro Maleável. Entrei como aprendiz de torneiro mecânico.

D.P. – E o senhor saiu da escola por quê?

U.L. – Porque eu quis ajudar minha mãe. Eu ficava chocado. Porque era assim: eu era interno, mas eu entrava na escola às sete horas da manhã de segunda e saía no sábado à tarde, passava o domingo em casa e o resto da tarde. Saía mais ou menos na metade do dia, da escola. E eu sentia a dificuldade que ela tinha. Tinha meus irmãos. Aí, aquilo, eu achei que tinha... Contra a vontade dela. Ela me forçou, eu me lembro, ela me levou na escola para falar... Eu me lembro, até, era Euclides Mendes Viana, era um poeta, era o diretor da escola. Mas eu não concordei. Eles apelaram e tal. Eu quis sair. Saí...

D.P. – Era o único filho que estudava, era o senhor? Todos os outros...?

U.L. – Não. Os outros ainda estavam... Já tinha um interno, e a minha irmã – a segunda era irmã –, ela ficou com os padrinhos, quer dizer, ela foi criada com os padrinhos. Era a única que, apesar de ela estar entregue aos padrinhos, era a única com quem a minha mãe tinha realmente relação, via, pelo menos. Por quê? Porque, com a morte do meu

pai, um compadre dele, que era o dono da casa, fez um quarto e sala nos fundos, e a minha mãe ficava com meus irmãos lá. Mas eles depois foram também para colégio interno e ela ficava sozinha lá, costurando e tal. E a minha irmã, na frente, com os padrinhos. Então ela era a única com quem ela tinha contato diário. Depois, mais tarde, ela cresceu, veio estudar no Orsina da Fonseca – era ali na Central, perto do Ministério da Guerra.

A.E. – E o senhor sai...? Desculpa.

U.L. – Diga.

P.F. – Não, só para voltar só um pouquinho, porque eu fiquei curioso com essa história de o senhor entrar na política pela coisa da guerra. Teve alguém que...?

U.L. – Eu vou falar. Eu vou...

P.F. – O senhor vai voltar lá nas manifestações?

U.L. – Vou voltar a isso aí.

P.F. – Ah, está bom.

U.L. – Porque isso é importante.

P.F. – Isso é importante.

U.L. – Eu não sei lhe dizer. O que eu sei... Eu quero chegar no seguinte: naquela época... Aí eu fui para a Ferro Maleável.

A.E. – Quantos anos o senhor tinha?

U.L. – Isso foi em... Quando eu entrei para a fábrica, foi em janeiro de 1944. Mas essa participação na guerra já era...

P.F. – Já era anterior.

U.L. – [Essa participação] na política e tal, eu não sei. Foi na escola.

P.F. – E teve algum professor ou algum aluno, algum amigo...?

U.L. – Honestamente, eu não me lembro. A única pessoa que exerceu alguma influência sobre mim durante a escola, ele tinha um nome... era **Ramatis**, eu nunca mais esqueci, porque esse menino... O senhor nunca via aquele rapaz sem um livro na mão. E lendo. Não era embaixo do braço. Ele **vivia** lendo. E eu fiz amizade com ele e ele me... Foi quem me levou ao gosto da leitura. Porque o que eu sei foi através de leitura, porque eu nunca mais estudei. Então ele... E me lembro, até, o primeiro livro que ele me emprestou foi *Tarzan, o filho das selvas*. [risos] É, *Tarzan, o filho das selvas*, que era... Como era o nome dessa...? A autora daquela... Aquele do bruxinho. Era uma espécie...

P.F. – Harry Potter.

U.L. – Não, o que eu ia dizer é o seguinte, o autor do Tarzan, que era... Não me lembro o nome dele agora. Era Edgar Rice Burroughs, o nome dele. [lembrando-se] E ele, como fez sucesso e, segundo eu sei, ele era um sujeito fracassado como jornalista e escritor, mas fez sucesso com aquele livro, um *best-seller*, ele aí danou a produzir. Por isso que eu digo: o bruxinho dele foi o Tarzan. Fez Tarzan de tudo quanto é jeito. Pois bem. Aí, na escola, eu... Esse rapaz... Aí eu saí, **continuei lendo**, mas a política, como eu participava, eu não me lembro como. Era aquela coisa de entusiasmo: os garotos irem para a rua pedindo, primeiro, o rompimento de relações e tal. Mas não sei realmente como... Era uma coisa geral. Já na fábrica, aí foi diferente, porque estourou a guerra... Já estava em guerra naquela época, quando eu fui para a fábrica. Eu aí morava com meu padrinho.

D.P. – Só para entender uma coisa: o senhor sai do colégio, volta para a casa da sua mãe, quando o senhor sai do colégio?

U.L. – Quando eu saí do colégio, eu aí voltei para a casa da minha mãe, mas fui para a fábrica...

D.P. – De imediato, o senhor vai para a fábrica?

U.L. – Não, eu só fui... De imediato.

P.F. – Como o senhor arrumou esse emprego? Alguém indicou?

U.L. – Foi um compadre da minha mãe que trabalhava numa metalúrgica, a White Martins, mas ele era muito... Ele conhecia muito o ramo metalúrgico e tinha um filho que era torneiro mecânico na Ferro Maleável. Então, como eu tinha noção de mecânica...

P.F. – [Inaudível.]

U.L. – ...adquirida... Na fábrica, eu entrei como aprendiz de mecânico, de torneiro, mas já fui direto para o torno, trabalhando direto.

D.P. – Quantos anos o senhor tinha?

U.L. – Eu tinha, nessa altura, 15 anos. Eu já conhecia o suficiente para ser útil; já não fui... Aprendiz era *pro forma*. A carteira minha está como aprendiz de mecânico. Mas aí aconteceu que um...

D.P. – Quer dizer, o senhor com essa idade, a carteira foi assinada?

U.L. – Assinada.

P.F. – Como aprendiz, não é?

U.L. – Minha carteira foi assinada em janeiro de 1944, dia 4 de janeiro de 1944. Então, um dia, eu estava na hora do almoço, tinha uma planta aberta – logo depois que eu entrei, uns dois meses ou três meses depois que eu estava trabalhando no torno... E tinha

um platô elevado onde o chefe tinha a visão geral da mecânica, e ele almoçava lá. Na hora do almoço, ele está lá de cima – e eu não sabia que ele estava me observando –, e tinha, em cima do barramento do torno, uma planta meio complicada, e eu estava olhando, olhando, olhando. Ele ficou curioso de ver o tempo que eu estava olhando aquela planta ali, aí ele foi lá, encostou, disse: “Você está entendendo alguma coisa aí?”. Aí eu comecei... É fruto do ensino. Não tem nem comparação. Aí eu comecei a explicar a ele. Quer dizer, eu não... [Expliquei] que eu tinha noção de desenho. Ele aí me convidou para ficar como desenhista na fábrica: “Você não quer ir...”. Veio com aquele papo. “Você quer trabalhar com guarda-pó, limpinho, ali comigo, lá em cima e sair...?” “Mas isso não me atrapalha, não?” Mas fui. Aí já passei a ser o desenhista da firma.

D.P. – Ganhava um pouco mais?

U.L. – Como?

D.P. – Ganhava mais, com essa...?

U.L. – Ganhei mais. Ele me aumentou. E, na verdade, eu já fazia trabalho não era de desenhista; era de projeto. Por quê? Porque, por exemplo, ele tinha uma peça, tinha que produzir uma peça de uma forma qualquer, então, ele me incumbia de bolar uma ferramenta para possibilitar a furação, a... tornar a peça realmente como a planta exigia. O que aconteceu nessa fábrica? A fábrica era uma fábrica pequena, no ramo de fundição; o dono da fábrica era um francês que foi muito amigo do sindicato, e nós tiramos muito partido daquilo. Era Jean-Jacques Frédéric Duvernoy, o nome dele.

P.F. – Onde era a fábrica? Onde que era? Em qual bairro?

U.L. – Era na rua Comandante Gracindo de Sá, 11 – hoje não existe mais a estação –, junto à antiga estação de Vieira Fazenda. É uma rua que começa na esquina da Suburbana com Democráticos e ela vai subindo o Morro do Jacarezinho. Passava pela linha e ia embora. Tanto que a fábrica... Agora, eu vou entrar no assunto. A fábrica era... Aconteceu o seguinte: tinha uma reunião... Tinham dois camaradas que organizavam a reunião na fábrica. Eu costumo dar esse exemplo... Infelizmente, a gente... Quando eu conversava com gente que viveu aquela época, a gente ria muito. Porque tinha muita moça na GE e, na hora do almoço, elas ficavam circulando naquele trechinho pequeno de rua, entre a avenida Suburbana e a linha do trem. Porque o portão da GE, o portão de trabalho... O principal é na rua Miguel Ângelo, do outro lado. Aí ficavam circulando, e ficava um grupo... Um grupo pequeno de operários da fábrica ia lá sentar para ver as garotas passarem para lá e para cá. Aquela coisa, não é? O grosso dos trabalhadores ficava dentro da fábrica, sentado, reunido, diariamente, na época da guerra. E o que aconteceu? Ainda havia muito receio. Apesar de a guerra já estar praticamente definida, havia medo. O pessoal tinha um pouco de receio de falar no governo. Eu, como tinha ódio de Getúlio... Tanto que eu vou contar para vocês uma passagem: a única punição que eu tive... Eu sempre fui disciplinado em tudo, principalmente na escola. Mas eu tive uma punição, sofri uma punição. Qual foi? Um dia o Getúlio foi visitar a escola, aí deram aquele macacão novo para todos nós...

D.P. – Na escola?

U.L. – Na escola, na Visconde de Mauá. E [deram] bota nova, tudo novinho, todo mundo e tal. Villa-Lobos foi lá ensaiar o coro – eu fazia parte do coro, e o Villa ensaiou. Ele me marcou, porque eu fiquei impressionado, como é que ele enxergava o camarada lá embaixo: “Você aí, passa para lá”. “Como é que esse cara...?”

D.P. – Vocês conheciam o Villa-Lobos? Sabiam quem era?

U.L. – Eu não conhecia.

D.P. – Não sabia quem era.

U.L. – Eu sabia de nome.

D.P. – Mas conhecia de nome.

U.L. – Mas ele foi lá ensaiar a gente e tal, para receber o Getúlio. Eu me lembro ainda. Aí ele chegou lá, eu fiquei muito impressionado... Até hoje... Eu gostava muito daquela... Vocês devem conhecer a peça. Ele diz assim: “Ó manhã de sol! Anhangá fugiu!” Isso me valeu... Por que me valeu a punição? Porque no dia que ele chegou, o Villa foi, mas eu dei uma de Anhangá: fugi. Eu me escondi num matagal, um laranjal que tinha lá. “Eu não vou ver esse infeliz!” E não fui. Eu tinha aquilo. Eu era novinho, mas eu tinha aquela coisa, aquele **ódio** do Getúlio danado. Depois, em 1954, a coisa mudou, aí ele já vinha mais *light*, lamentei aquela bala. Mas tudo bem. Então eu cheguei na fábrica. Esse meu sentimento contra o governo ficou logo... veio logo à baila. E os caras eram muito inteligentes, os dois.

A.E. – Mas já tinha sindicato organizado, lá dentro da fábrica?

U.L. – Não. Naquela época, os sindicatos estavam dominados pela intervenção. E os interventores denunciavam os trabalhadores. A intervenção ia na fábrica. Eu vou até contar uma passagem aqui que aconteceu. Por quê? Porque nós tínhamos, na fábrica... Senão eu vou embolar as coisas. Esses rapazes, eles organizavam a reunião... Você chegava naquela reunião, o sujeito pedia... Havia companheiros que chegavam e colocavam problema particular deles, pedindo ajuda, aí a gente opinava, e era falando

de futebol... Política, eu acho que passava só... Geralmente, só falava da guerra, sobre a guerra e tal. Mas quando eles perceberam que eu não gostava do Getúlio – talvez, é uma suposição minha, achando que eu, por ser muito novinho... Eu era muito mirradinho. Hoje, não, eu sou essa potência. [risos] Mas eu era muito mirrado, magrinho, pequeno, mas falava *pra* burro. Aí eles perceberam isso. Então eles sempre arranjavam alguém na reunião para começar elogiando o Getúlio, o governo. Era para me provocar. E eu metia o pau. Quer dizer, eu dizia o que eles queriam dizer e não tinham coragem, ainda tinham medo. Aí acabou a guerra, um dia eu vou pela... pego um bonde... Nessa época, eu já estava morando com a minha madrinha. Porque a minha madrinha tinha muito ciúme da minha mãe com relação a mim, então eu passava uma temporada na casa da minha mãe e uma temporada na minha madrinha. Nessa época, eu estava com a minha madrinha. Aí o bonde... Eu ia num bonde Ramos, e quando chegou na... já em Bonsucesso, eu olhei assim – eu era menino –, uma placa enorme, na frente de uma casa, quase na esquina da Democráticos com Uranos, aquela faixa amarela [**inaudível**] escrito: Partido Comunista do Brasil. Aí eu saltei do bonde e entrei lá. Bom, a única coisa que eu tinha proximidade com o comunismo, a única coisa que eu sabia era o livro que eu tinha lido de Gorki na escola. Tinha lido algum livro. E pela...

D.P. – *A mãe*? Foi *A mãe*, que o senhor leu, o livro *A mãe*?

U.L. – *A mãe*. Inclusive, emprestado por esse menino. E nós criamos uma coisa na escola... O nome dele era **Ramatis**. E o curioso...

D.P. – Foi o mesmo que lhe emprestou o livro do Tarzan?

U.L. – É o do Tarzan. Ele nunca... Porque aí nós organizamos...

D.P. – Começou com Tarzan...

U.L. – Exatamente. Nós organizamos um sistema de... Porque todos éramos pobres. Mas era um pouquinho de um, um pouquinho de outro. E nós comprávamos livro, comprávamos jornais. Eu já lia, naquela época... Aliás, eu sou assinante do [jornal] *O Globo*, e eu fui cancelar outro dia a assinatura, aí eles falaram... “Estou querendo...” Eu leio *O Globo* desde aquela época, desde 1942. Mas me revoltei agora e tal. Mas acabei... Continuei com a assinatura. [risos] Mas [inaudível] aqui. Aí eu vi aquela... Esse rapaz... Então eu só sabia de Gorki; eu não sabia mais nada. E eu tinha uma curiosidade danada. Porque, com a anistia e aquela coisa... E já no final da guerra, já se falava em Prestes abertamente, e eu estava curioso. E eu soube da história da Olga e aquilo me impressionou. Aí eu saltei e entrei lá. Quando eu entrei lá... E fiz minha inscrição no partido. Aí me deram logo um papel, uma indicação para uma reunião do lado de uma casa...

D.P. – Como era a sede? Conta um pouquinho. Como era essa sede do partido? Tinha uma plaquinha...

U.L. – Era uma casa.

D.P. – Tinha uma placa...

U.L. – Uma plaquinha não. Era uma placa... Não estou dizendo? Aquela placa me recrutou. A placa, do bonde eu vi, eu saltei do bonde. “Eu vou lá entrar nesse negócio, vou ver.” Aí fui lá.

D.P. – Tinha a foice e o martelo?

U.L. – Porque eu estava... Porque isso tem história. A razão, agora. A razão é o seguinte: eu, nessa época, eu estava com meu padrinho e minha madrinha há algum tempo, e podem crer, eu não sei como... Meu padrinho era um português, mas ele também... Ele acompanhava... Nós tínhamos uma mesa... [Tinha] uma área grande dentro da casa e tinha uma mesa, e aquela mesa tinha um mapa, e nós íamos, pelo noticiário... Naquela época, tinha o *Diário da Noite* – passava a edição matutina e da tarde – e passava o jornaleiro na porta. Nós comprávamos, acompanhávamos, e nós íamos marcando. Parecíamos dois generais, marcando e tal. E aquelas marcazinhas nossas lá...

D.P. – Marcando a guerra, os passos da guerra?

U.L. – A guerra, o que a gente via: “Onde é essa cidade que está havendo isso aqui?”. E acompanhando e tal. Até Stalingrado. Até ali, só tinha a Alemanha em toda a Europa, de Gibraltar até lá, então, aí veio a virada: Stalingrado, no dia 2 de fevereiro [de 1943], que foi a derrota lá do Von Paulus. Aquilo, a gente teve conhecimento, e me impressionou. Então eu estava meio encantado com o Exército Vermelho, porque aí... Poxa! Bom, mas tinha também muita propaganda. Eu recebia e lia. Também tinha aquela revista *Life*, que era uma revista bonita, muito bem-feita. Era enorme, não é? Então aconteceu que eu, quando entrei, me deram um papelzinho para ir para uma reunião no dia seguinte, à noite, numa casa ao lado da igreja de São Geraldo, lá em Olaria. Eu fui para a fábrica, mas eu tinha raiva dos dois camaradas...

D.P. – Mas me diga uma coisa: deram algum material para o senhor nesse dia? Ou o senhor preencheu a ficha só?

U.L. – Não, não me deram nada.

D.P. – Preencheu a ficha.

U.L. – Anotaram meu nome e me deram esse papel para ir para essa reunião.

D.P. – Nem perguntaram ao senhor “por que você está entrando no partido?”, nada?

U.L. – Não me lembro. Honestamente, eu não sei agora. Eu sei dessa reunião. Eu, na fábrica, eu fiquei calado, porque aqueles dois caras, eu tinha raiva deles. Chamavam-se... Um tinha um nome italiano, Orfeu Zanola; o outro era Mário Matheus de Lourdes, gente extraordinária – um mineiro. [O Mário Matheus] que controlava as coisas. O Orfeu Zanola era baixinho, atarracado e caladão, não falava quase. Quando ele intervinha, era alguma coisa... Mas sempre... Eles é que me provocavam para malhar o Getúlio. Para mim, eles eram... Eu tinha raiva deles. “Esses getulistas não sabem...” Eu tinha raiva deles. Aí, na fábrica, eu fiquei bem caladinho, para eles não saberem de nada, que eu tinha entrado lá, que eu ia para a reunião do partido e tal. No dia seguinte eu fui. Eu fui, assim, meio cabreiro, não é? Eu digo: “Caramba! O que é isso? Como que é esse pessoal? O que vão falar? Como é que vai ser?”. Aquilo tudo na minha cabeça. Eu, garoto, rapazinho, ainda. Quando eu entro na reunião, quem está dirigindo a reunião? Os dois caras estavam sentados lá. [risos] Quer dizer, a surpresa deles foi tanta quanto a minha. Não sei quem ficou mais surpreso, se eles ou eu. Bom, aí ficou tudo mais claro. Na fábrica, eles aí... A guerra terminou, aí veio a anistia, os sindicatos então... A orientação do partido foi voltar para os sindicatos, começar a voltar para os sindicatos e tal, e a organização cresceu. Mas era uma fábrica pequena, como eu falei, 150 operários. Acontece que, o que eu disse antes aqui – na conversa, antes de começar a falar – sobre a minha fábrica, ela era uma fábrica pequena, mas tinha acontecido ali um fato notável. No período duro da intervenção, tinha um elemento, funcionário do sindicato... Mas ele não era funcionário; foi funcionário posteriormente. Na época, ele participava da intervenção, da interventoria. E houve uma greve na fábrica. Nessa greve... Ele tinha um inspetor, **Charles Borer**, que era um cão, e tinha um tal de Bolinha, que era um espancador, era o auxiliar dele. Chegaram na fábrica... Para

entender bem o tempo, eu tenho que dar um gancho aí. O pessoal... Tinha o chefe de forno, na fábrica... Eu não posso nunca, quando eu falo em qualquer coisa da minha vida naquela fábrica, [ficar] sem citar três pessoas – um é esse –, porque foram três pessoas extraordinárias: esse Mário Matheus de Lourdes; o Neco, que foi o rapaz que retirava aquele material, que era funcionário... Mas o Mário não, o Mário era trabalhador, sindicalista, e depois foi até presidente da federação, anos mais tarde. E o outro é esse Juvenal. O Juvenal era o chefe de forno, forneiro, sergipano, rude, mas rude, semianalfabeto, mas quando ele entrava na fábrica, ele nem olhava para ninguém, ele passava, o nariz cheirando para o alto, impecável. Parecia um dândi: ele entrava sempre muito... Ele usava branco, chapéu de panamá. Passava, o pessoal esperando a sirene tocar, chamando para a mais-valia, e ele passava direto, nem olhava para ninguém. Era um cão, no trato com o pessoal, os trabalhadores que trabalhavam com ele. Bom, veio essa greve, aí os caras pegaram, o tal de Bolinha, levaram os companheiros para dentro do escritório, e o patrão, que era esse Jean Duvernoy, fez tudo para impedir. E só quem estava presente era o patrão e esse chefe do forno, que estava presente assistindo. Eles espancaram muito os companheiros, bateram, bateram. Não adiantou nada. Pois bem, esse Juvenal foi a ostra que... Aquela surra fez a pérola aparecer. Foi um sindicalista extraordinário, um homem corajoso, dedicado, virou um companheiro respeitado por todo mundo. No sindicato, quando havia assembleia, todo mundo adorava quando ele era chamado para falar, porque ele falava naquela linguagem dele, não é? E às vezes ele chegava... Ele não tinha medo. Ele chegava lá... “Eu desconcordo”, aí ia lá e falava.

A.E. – E ele tinha alguma filiação partidária?

U.L. – Não, não. Não teve.

P.F. – **Vocês recrutaram ele para o PC?**

U.L. – Não teve. Mas ele estava sempre com a orientação do Partido Comunista. Ele estava sempre. Ele seguia e tal.

P.F. – Essa greve foi quando? O senhor lembra quando que foi essa greve?

U.L. – Essa greve foi na década de 1940, no final da... Se não me engano, foi na época do...

P.F. – Foi depois da guerra. O senhor já estava lá.

U.L. – ...na época do Dutra. Dizem que o Dutra respeitava o livrinho. Coisa nenhuma! A gente sabe que ele...

D.P. – Muitas intervenções nos sindicatos.

U.L. – Interventor em tudo que foi sindicato, não é isso? E outras coisas mais, terríveis, que ele fez.

P.F. – Dops para tudo quanto é lado.

U.L. – Foi nessa época. Então, voltando: eu tinha parado nas reuniões **[inaudível]** e tal. Nessa da fábrica... Então, nessa época, quando veio a orientação então para... Foi todo mundo para o sindicato. O partido voltou, outros sindicatos e tal, e aí começou a mudar. Mais tarde... Mas aí aconteceu uma coisa importante: eu comecei a namorar uma menina que foi minha esposa e a única mulher na minha vida. Então eu tinha... Eu era

menino, eu a conheci porque uma parenta dela fez uma casa defronte à casa da minha madrinha. Eu olhei para lá, vi aquela menininha lá aquele dia, a gente começou, eu para lá, ela para cá, e nisso que deu que a gente acabou casando, dez anos depois. Mas nessa época que eu estava na fábrica, foi quando eu comecei a namorar ela. Ela tinha uns tios que eram donos de serraria, ali no Cais do Porto, na rua Silvino Montenegro. Com aquela modificação toda na área do porto, eu nem sei se a rua existe ainda. Mas aí eu fui trabalhar com eles. Eles precisaram de uma pessoa lá para trabalhar, fazer cálculo na serragem, porque eles compravam as toras e tinha que resserrar, cortar tudo em madeira. Aí eu larguei a fábrica e fui lá, só para ficar perto, no clima dela. Aí já era... Foi isso aí. Então foi mais um desvio. Minha vida está cheia de desvios assim. E aí, mais tarde, o que aconteceu? Eu dei uma furada. Quer dizer, eu já tinha dado uma mancada antes, quando eu larguei a escola; dei a segunda quando... Aconteceu por quê? Porque os parentes dela, que eram tios... primo e tio dela, da minha... Nós não éramos casados, ainda.

D.P. – Como é o nome dela?

U.L. – Geni. O Marquinho conheceu bem ela, e o José Ricardo e a Elina Pessanha, também. Mas a Elina, acho que só esteve uma vez lá em casa. Pois bem, aí... O dono mesmo, que era o dono da fábrica – os outros eram sócios –, ele tinha viajado para Portugal, e quando ele voltou, eles brigaram – não sei o que aconteceu, mas brigaram –, e aí eles romperam a sociedade. Com aquilo, eu fiquei desempregado. Aí eu saí. “Caramba! Meu Deus!” Aí tinha um amigo que era parente, compadre do padrinho da minha irmã, que era um sujeito muito bom, ele trabalhava em jornal. Mas aí eu fui trabalhar no *Diário de Notícias*. Ele arranhou para mim e eu fui para o *Diário de Notícias*, na rua da Constituição, 11. O dono era o jornalista alagoano Orlando Dantas. E era um jornal... Na época, era um jornal forte, importante. Eu fui trabalhar na parte administrativa, mas eu comecei a ver aquela linotipo, eu ficava encantado com aquilo. Aí esse... Era Schneider, o nome desse mecânico amigo. Ele me arrumou uma vaga de... Ele trabalhava... Ele era mecânico de um jornal, naquela época, chamado *Diário Trabalhista*. Era na rua do Riachuelo. A dona do jornal era getulista, era do Partido

Trabalhista. E eu fui trabalhar com o objetivo de aprender a linotipo, mas entrei como auxiliar de mecânico, do amigo. Aí aprendi e, num instantinho, comecei já a trabalhar. Aí ele já me conseguiu um lugar num jornal na Praça Tiradentes. Não era um jornal; era uma gráfica, a Bandeirantes, que fazia vários jornais, jornalecos. A gente chamava jornaleco: aquele jornal de bairro, de associações, de sindicatos e tal, da polícia... Tinha um órgão da polícia que eu nunca esqueço isso, vou morrer com isso: no dia que Stalin morreu, eles chegaram lá, me deram uma matéria para eu bater e o título... Não era o título da matéria; a matéria. E eu tinha que fazer. Era profissional, eu tinha que fazer. Mas o jornal saiu com a manchete assim: “Morreu o maior bandido do século”. [risos] Pois bem. Aí fiquei lá. E ali eu... Sinceramente, apesar de eu gostar muito de **metalurgia**, foi a melhor... Profissionalmente, a melhor fase da minha vida foi ali. Porque eu gostava muito do jornal, eu ficava desde o início até o fim. Então o que aconteceu? Mas, nessa época...

D.P. – Qual foi o período mais ou menos que o senhor ficou lá?

U.L. – Isso eu... Durante três anos. Mas aconteceu o seguinte: eu... Nesse período, aconteceu o seguinte: o Jean Duvernoy, o patrão, ele, devido àquele espancamento, ele também mudou, ele passou a ser amigo nosso, a facilitar muita coisa, e os caras, que eram inteligentes, tiraram partido e me convidaram para voltar para a fábrica.

A.E. – Para a Ferro Maleável?

U.L. – É, para a Ferro Maleável. Aí eu voltei.

P.F. – Porque, nesse período, o senhor ficou afastado do partido?

U.L. – Fiquei afastado... Fiquei. Fiquei afastado.

P.F. – Nesse período da gráfica, o senhor não ficou muito envolvido.

U.L. – Não, não. Eu entrei no Sindicato dos Gráficos...

P.F. – Porque também é um período que o partido está ilegal, não é?

U.L. – Eu entrei para o Sindicato dos Gráficos e tinha algum contato, mas não tinha uma militância normal.

D.P. – Pois é. Porque o senhor lembra quando foi cassado o partido? Foi nesse período. Em 1947 e 1948, é cassado.

U.L. – Foi. Houve a cassação. Eu me lembro. Eu me lembro da cassação.

D.P. – Isso reverteu na sua militância? É isso que eu queria saber. Antes de você ir para reuniões do partido...

U.L. – Sim. Aí houve a cassação, com o Dutra, quando teve aquele problema do Pinna¹, não é?

P.F. – Do Supremo e tudo.

¹ Refere-se a João Baptista da Silva Telles Soares de Pinna.

U.L. – É. E então... E já tinha um problema anterior aí. Teve um cara que era getulista, não me lembro agora o nome dele, que foi fotografado de cueca, não sei, uma coisa assim. Então cassaram, fecharam o partido. Isso foi em...

P.F. – Em 1947.

U.L. – Logo depois de 1946.

D.P. – Em 1947.

U.L. – Porque eu me lembro que... Ah! Eu pulei uma coisa importante aí, é que aconteceu o comício, o famoso comício da Carioca. Foi o primeiro ato político que eu participei, [ato] público, porque aí eu fui para o Largo da Carioca... Aconteceu até uma coisa curiosa. Porque havia uma... Já se sabia que havia ameaças de que... O comício não estava autorizado, e a Polícia Especial era no Morro Santo Antônio, por trás do convento, eles desciam mais ou menos ali pela avenida Chile, e estava apinhada, a praça. E o Zanola, o pessoal da fábrica, [eles] foram lá, todo mundo. Quer dizer, todo mundo! O grupo, aquele mais... [O grupo] de militantes, nós estávamos lá na praça. Aí começaram a descer. Eu até dizia assim: “Poxa! Esses caras...” Cantando aquela sirene ali e eu ouvindo aquilo ali... Ainda não era o canto da sereia do Ulisses, não; era o canto dos Stukas, lá em Guernica. Pois bem. Até que eles começaram a mandar bala, dissolveram à bala. E eu, ali... Ainda está lá o mesmo prédio, na esquina da rua da Carioca com a Uruguaiana. Antigamente tinha... Entre uma porta e outra, eles botavam um mostruário para fora da... para a rua, da parede para a rua. Eu me encostei ali, mesmo na esquina, ali. Me encostei ali e fiquei ali. Eu digo: “Eu não vou sair correndo aqui”, porque muito tiro, eu via eles estarem atirando lá. Aí passou um camarada correndo, deixou cair um livro e o chapéu e foi embora na carreira pela rua da Carioca.

Aí, quando acalmou, já mais calmo, já não ouvia tiro, eu saí, peguei o chapéu e peguei o livro, fui para o Largo de São Francisco e peguei um ônibus. Nem me preocupei de ver qual era o livro. E o chapéu, um chapéu de feltro, o chapéu, eu botei na cabeça. Aí peguei o bonde. A conversa no bonde era só aquilo, o negócio do comício. E eu nem... Quando chegou em Barão de Mauá é que eu abri o livro. Era uma gramática russa. Naquela época, era impossível encontrar um livro daqueles aqui... ali, mas eu levei para casa, levei o livro. Dei o chapéu para o meu padrinho. O chapéu, ele morreu, ainda era dono do chapéu, e o livro, em 1964, no dia 1º de abril de 1964, foi para a fogueira, minha mulher queimou. Eu estava... Eu não fui para casa. No dia 1º de abril, eu não estava em casa. O que [minha mulher] fez? Ela e minha mãe pegaram e... Tudo que era... Olha, eu vou lhe dizer um negócio, eu tenho tristeza... Porque eu participei, quando eu estive na China... Os caras achavam que eu tinha importância. Porque, naquela época, ninguém ia na China, não é? Quer dizer, eu fui talvez um dos primeiros. Porque a política do tênis de mesa, do pingue-pongue, só veio anos mais tarde, e eu... Então, o grupo que estava na China, [nós] fomos convidados para participar das comemorações do aniversário da Revolução, e me deram um convite mais ou menos desse tamanho assim. Era uma coisa lindíssima.

D.P. – Que ano que o senhor foi para a China?

U.L. – Em 1961. Era lindíssimo aquilo.

D.P. – O senhor estava quando o Jango estava lá, é isso?

U.L. – Eu estava com ele lá em Xangai e, em Xangai... Com ele, não. Ele estava lá e eu estava aqui, numa mesa longe deles.

D.P. – Sim. Mas foram na mesma comemoração.

U.L. – Mas, naquela reunião, nós soubemos que havia qualquer coisa, porque ele se retirou antes. E depois viemos a saber o que tinha acontecido aqui. Mas, entre as coisas que foram queimadas... Elas foram queimando tudo. Pegava e queimava, a minha mãe. Tudo que ela via vermelho, podia ser o livro do papa que elas tacavam fogo. Bom, para sorte minha... E outra coisa, pode crer... Eu não sei como as coisas... Por isso que eu não duvido nada que ninguém conte, porque, se eu contar as coisas que aconteceram na minha vida, honestamente, muita gente não vai acreditar. Vocês podem crer, eu estive duas horas com o Mao, na casa dele. Na chegada, quando nós chegamos na China, fomos lá. Ele nos recebeu como se nós fôssemos... Tudo operário. Tinha professor, operário, camponês, músico, estivador... Não só brasileiro; de vários países. E eles deram uma importância enorme àquilo ali, porque... Hoje não seria isso. Hoje, também, a China não existe mais. Aquela China não existe. Então, na hora que elas estavam queimando aquilo tudo, chegou um amigo meu, que, por sinal, é avô desse técnico Vanderlei Luxemburgo. E era muito amigo meu, ele. Ele tinha sido... Ele tomou parte da Revolução de 1935 e depois ele foi preso. Ele foi preso, sofreu muito...

P.F. – Qual é o nome dele?

U.L. – O nome dele era Edmundo. O nome dele não era Edmundo; o nome dele era Manoel [Correa da Silva], mas o nome de guerra era Edmundo, aí ele adotou e ficou Edmundo toda a vida. Ele tinha um sítio em Tinguá, onde o Vanderlei... Eu conheço a história porque eu ia muito no sítio lá. Nós éramos muito amigos, mesmo. Então eu sei da verdade. O Luxemburgo, para se fazer de... Às vezes, diz que viveu, que foi criado... Conversa fiada. Não é, não. Esse velho, ele era realmente... Tanto que ele botou... A mãe do Luxemburgo, o nome dela é Rosa Luxemburgo. Foi o velho que botou. E botou o nome da outra filha de Leocádia, em homenagem à Leocádia Prestes. Quer dizer, era um velho... E esse velho chegou lá, minha mãe estava ali fora...

D.P. – Isso no dia 1º de abril?

U.L. – No dia 1º de abril. Ele desceu. Ele estava em Tinguá. Ele aí veio, chegou lá em casa, viu... entrou... “Não, dona [inaudível], não queima nada!” Olha, esse homem fez uma coisa difícil de... Precisa muita coragem, muita coragem. O Napoleão disse que... Eu já li, certa vez, o Napoleão dizer que “eu queria ser meu neto”, mas eu duvido que o seu Edmundo quisesse ter o neto que ele teve, o Luxemburgo. Porque ele pegou... Naquela época, nas estações de trem, logo nos primeiros dias, estava o Exército com as armas assim, de tripé, na plataforma. Ele pegou aquele material em uns três ou quatro caixotes, foi para a estação, despachou para Tinguá e foi para Tinguá esperar o material lá e levou e enterrou. Eu não sabia nada disso. Vim a saber depois. Então, naquele material que elas queimaram...

D.P. – Estava a sua gramática.

U.L. – ...além de tudo que tinha em relação à minha visita à China, tinha um... Não era haicai. Não sei o nome. [Era] um poema que o Mao escreveu na hora e me deu. Meu Deus do céu! Aquilo, até para ganhar dinheiro, se eu quisesse ganhar dinheiro ali, ganharia. Elas queimaram. E tirei uma foto com ele. Eu e os outros. Ele não fez só para mim, não. Para mim, ele fez aquilo ali, e fez para outros também. Não sei nada... O que estava ali, eu não sei. [risos] Não sei. Agora, e a foto? A foto, ele disse: “A foto...”. Eu vi logo que nunca eu ia ter a foto. Ele disse: “A foto, vocês vão receber. Quando o partido estiver no poder no Brasil, vocês vão receber. Vai ficar guardada”. [risos] Acabou. Adeus foto. E depois...

D.P. – Dr. Ulisses, mas vamos voltar um pouquinho?

U.L. – Vamos voltar.

D.P. – Eu estou louca por essa história da China, mas vamos voltar um pouquinho. O senhor está lá no sindicato... Vamos voltar.

U.L. – Aí aconteceu...

D.P. – O senhor está no Sindicato dos Gráficos, trabalhando em jornal...

P.F. – Não, mas ainda antes disso...

U.L. – Eu trabalhei em jornal. Vou voltar no ponto. Eles me chamaram, eu voltei para a fábrica, mas fiquei trabalhando no jornal. Então, casei...

D.P. – Ah! O senhor trabalhava nos dois lugares?

U.L. – Em dois lugares. Eu casei em janeiro...

D.P. – Mas, no jornal, ganhando também como empregado do jornal? Ou voluntário?

U.L. – No jornal? Carteira assinada.

D.P. – Nos dois lugares?

U.L. – Carteira assinada nos dois lugares.

D.P. – Um de noite e outro de dia? Como é que era?

U.L. – Era na Editora Gráfica Bandeirantes e no outro. O que aconteceu? Eu casei em janeiro de 1954...

P.F. – Só uma coisinha, porque o senhor falou do primeiro comício que o senhor foi, mas esse é o momento, também, que se vota. Depois da ditadura e tudo, tem eleição. O senhor lembra se o senhor foi votar?

U.L. – Eu votei.

P.F. – Porque ia ter eleição em 1945 e em 1947.

U.L. – Na primeira eleição, do Iedo Fiúza...

P.F. – Isso. O senhor votou?

U.L. – Naquela, eu não podia votar.

P.F. – O senhor era menor.

U.L. – Eu era menor. Mas eu trabalhei na rua distribuindo material. O trabalho de propaganda, eu fazia. Votei... Nos constituintes: Marighella...

D.P. – Aí o senhor já pôde votar, em... Os constituintes...

U.L. – Não. Apoiei, não é?

P.F. – Não, não. Porque é a mesma eleição. Tem uma em 1947, a de vereador, não é?

U.L. – Exatamente.

D.P. – Mas o senhor já pôde votar? Também não. Em 1947, votou?

U.L. – Não. Votei posteriormente.

P.F. – Só foi votar depois.

D.P. – Só em 1950.

U.L. – Mas aí... O que eu estava falando?

P.F. – Desculpa. Interrompi o senhor.

D.P. – Aí o senhor trabalha nos dois lugares.

U.L. – Nos dois. Em janeiro de 1954, eu casei. Porque o trabalho na fábrica... Eu ainda não estava na fábrica, não tinham me convidado ainda, mas eu ganhava bem, porque eu ganhava por linha. Hoje, o processo é todo diferente. Não sei se vocês conhecem como é que era aquele negócio da linotipo, fazia aquela linha, as colunas, de chumbo, depois você amarrava, aí já era outra parte, outra... O meu trabalho era só compor, e ganhava por linha, ganhava bem. Porque tinha aqueles jornais, fora do jornal, que era... Lá, tinha *O Popular*, tinha o *Diário*... Vários jornais eram impressos lá. Eu trabalhava como empregado da editora e, nesses jornais que eram extras, eu ganhava também por linha, fora do salário, e aquilo me permitiu acertar um pouquinho a minha vida e pretender casar, e aí casei em janeiro de 1954. Quando eu casei, eu continuei na fábrica... Aí eu já estava na fábrica trabalhando. Mas eu saía da fábrica... Eu entrava sete horas, saía cinco e meia... Nós compensávamos as horas do sábado, para não trabalhar sábado. Saía cinco e meia da fábrica, ia correndo, para estar seis horas... Naquela época, tinha os lotações, fazia lotação. Passava na Democráticos. Eu ia correndo para a Praça Tiradentes, onde era o jornal, e aí trabalhava. Depois saía...

P.F. – O senhor morava aonde?

U.L. – Morava em Ramos. Aí ia para casa. Saía meia-noite mais ou menos. Então estava difícil. Eu comecei a concluir que estava ruim, porque eu ficava de dia na fábrica; de noite ficava cheirando chumbo lá... o antimônio da máquina; e uma menina de 20 anos em casa. O tempo estava muito pouquinho, porque eu ia para casa para dormir, não é? Eu digo: “Eu tenho que optar, um ou outro”. Infelizmente... Infelizmente não. Infelizmente do ponto de vista de satisfação. A minha satisfação era realmente o jornal. Eu gostava demais de trabalhar no jornal. Mas optei pela fábrica. Larguei o jornal, nunca mais trabalhei...

P.F. – A política pesou nessa opção?

U.L. – Pesou. Pesou, por influência do Mário Matheus e o pessoal. Ele era muito amigo. E foi ele que foi me convidar. Ele foi me buscar. Ele também estava sentindo falta de mim. Aí foram na minha casa... Ele morava também em Olaria, pertinho daquela tal casa onde tinha havido aquela reunião. Ele morava ali. Aí foi me visitar, fez a pressão... Não precisou muita pressão, não. Eu decidi logo. E voltei para a fábrica. Bom, voltando para a fábrica, foi aí então que eu deixei o Sindicato dos Gráficos, evidentemente. E aí a situação já era inversa, era diferente da anterior, quando eu militava, mas era uma militância clandestina, porque os sindicatos [estavam] sob intervenção, os sindicatos estavam... vinha do Dutra, aquela coisa. Eu então entrei para a delegação sindical. Aí que começou a minha trajetória ali realmente. Quer dizer, eu vim a ser eleito para a diretoria do sindicato em 1961.

D.P. – Certo, dr. Ulisses. Agora, eu queria saber antes o seguinte: aí o partido é cassado, o senhor continua ligado ao Partido Comunista, mas ia a alguma reunião do partido durante a ilegalidade? Como é que era nesse período?

U.L. – Não. Foi o período... Após a cassação, foi o período que eu praticamente fui para o Sindicato dos Gráficos...

D.P. – Trabalhando muito.

P.F. – O senhor estava trabalhando.

U.L. – E aí eu realmente não tive atividade política. Era muito pequena. A atividade que eu tinha era de prestigiar com recurso, com dinheiro, mas reunir, normalmente eu não reunia.

D.P. – Não tinha tempo. E em 1950, na eleição de Getúlio de 1950, o senhor vota em quem? Naquela eleição que Getúlio é candidato, em 1950, o senhor votou no Getúlio? Não lembra?

U.L. – O Getúlio?

D.P. – Em 1950.

P.F. – Foi Getúlio, Cristiano Machado e Eduardo Gomes.

D.P. – Eduardo Gomes pela UDN...

U.L. – No Getúlio.

D.P. – Ah, o senhor votou no Getúlio?

U.L. – Aquele Getúlio que eu odiava, já não odiava mais. Sabia das limitações dele, mas eu já não via o Getúlio como era. Porque ele também era outro, e a política dele era outra. Ele foi forçado a mudar o rumo dele. E lamentei... E participei... Lamentei realmente a morte dele.

D.P. – O senhor foi para o enterro, aquela romaria que teve?

U.L. – Não, não, eu não fui. Não, eu não fui.

P.F. – Mas, sr. Ulisses, só mais uma coisinha, nesse período que a Dulce está perguntando: o senhor acha que a relação do senhor com o partido, nesse momento, é mais porque o senhor tinha amigos, esses companheiros? Isso era importante? Além da ideologia, também tinha um pouco essa coisa da rede de amigos?

U.L. – Em que período?

P.F. – Antes de o senhor voltar para a fábrica.

U.L. – Eu não militava... Quer dizer, quando eu saí da fábrica, eu não... Aliás, quando eu estava na fábrica, o partido ainda não estava realmente organizado, porque houve a... Depois da ilegalidade, não é?

P.F. – Certo.

U.L. – Até o período da ilegalidade, que não foi muito tempo... Foi muito pouco tempo, o partido ilegal, não é isso? Naquele período, depois que eu me filiei, eu participei de algumas reuniões. Mas veio a ilegalidade, coincidiu com o período...

P.F. – [Coincidiu] com o período da gráfica.

U.L. – ...que eu estava na gráfica e, na gráfica, o partido ilegal, eu... Nunca ninguém... Eu nunca... Eu desconfiei. Porque a primeira pessoa... É lógico que eu, quando bati no setor gráfico e me convidaram, o primeiro cara que veio me convidar, eu já fiquei desconfiado. Para entrar para o sindicato, não é? Eu aceitei de pronto, mas eu não me abri com ele nem ele comigo. Então a coisa ficou assim. Depois, muitos anos mais tarde – até, há bem pouco tempo –, a convite do José Ricardo, eu participei de uma reunião lá no Ifcs sobre a imprensa sindical e tal, e eu estava na mesa e esse camarada **[inaudível]**. Mas eu não tinha visto. Eu não tinha visto. Quando terminou a reunião, ele passou por mim, só de passagem, assim: “Você não disse que foi gráfico, não é?”. Quer dizer, ele era gráfico mesmo. “Você não disse que foi gráfico.” E foi passando, não deu nem para conversar. De pronto, eu não entendi, eu não me lembrei. Vi logo que ele me conhecia, mas não sabia quem era. Aí eu fui lembrar. Era Nunes, o nome dele. Pois bem. Mas voltando então... Onde é que eu estava, meu Deus?

D.P. – Aí Getúlio morre...

D.P. – Você estava voltando para o sindicato.

U.L. – É, eu voltei para o sindicato. Então, nessa... Voltando para o sindicato, eu, primeiro, eu tive uma atuação... O conselho chamava-se Conselho 42. Os conselhos de fábrica... Eram as delegações de fábrica, tinham o nome de conselhos, e todos tinham um número. O Conselho 42 era o meu.

P.F. – Isso era uma organização que o próprio sindicato fazia?

U.L. – Do sindicato. Mas era... Tinha fábrica que não reconhecia as delegações. E, lá, nós tínhamos toda a facilidade, tiramos partido daquilo.

D.P. – Quem que organizava esses conselhos? O sindicato?

U.L. – O sindicato. Era indicado... Não. Os trabalhadores elegiam o conselho de fábrica. Eram três: o secretário-geral... Era o presidente, vamos dizer assim, do conselho; um tesoureiro; e o secretário. O presidente, o secretário... Três pessoas. E aí a gente não tinha limite, participava e tal. Mas representava os trabalhadores na fábrica.

D.P. – Mas era o sindicato que organizava isso?

U.L. – O sindicato. Nós tínhamos reuniões mensais, reunião de delegados. Nessa reunião, os delegados de fábrica discutiam os problemas do sindicato, da fábrica, aquela coisa toda. Então eu...

P.F. – Mas isso o sindicato já estava com...?

U.L. – Não, já foi...

P.F. – Que liderança política estava lá?

U.L. – Já estava. Na minha fábrica, aquele Mário Matheus que era o delegado. Eu não fazia parte da delegação. Posteriormente, ele foi eleito para a diretoria do sindicato, eu assumi a delegação da fábrica. Aí nós... A fábrica... O sindicato, nessa altura, a sede do

sindicato era na rua do Lavradio, ali quase na Riachuelo. Mas não dava mais, a sede era muito pequena. Houve até uma ocasião, a rua... Ocupava a rua. Entre a Mem de Sá e a Riachuelo, a rua ficava lotada; o sindicato, apinhado. E houve uma greve que... Nós fizemos a greve, então, os delegados iam chegando para dar notícia, como é que estava caminhando a greve lá e tal, e... Vou dar um gancho aí para contar isso porque isso é curioso, é uma coisa interessante, eu gosto de contar. O sindicato... A rua cheia e tal, e os políticos, todo mundo indo lá fazer média e tal. Alguns, bons. E nós tínhamos, no sindicato, um companheiro...

D.P. – O senhor lembra que políticos foram lá? O senhor lembra, assim...?

U.L. – Lembro. Quando nós voltamos para o sindicato... Agora a gente está concretamente na coisa. Quando nós... Houve o retorno para o sindicato...

P.F. – Nós que o senhor está falando é o PC?

U.L. – Não, o PC não. Inicialmente, era dominado pelo Partido Trabalhista, era só gente do Partido Trabalhista: o presidente era o Eurypedes Ayres de Castro, que era um homem muito ligado ao Jango, então, ele... A composição era toda trabalhista ou elementos ligados, que tinham sido expulsos do partido. Tinha um elemento que tinha sido expulso por divergência e tal, no passado. E outros...

P.F. – Mas era trotskista?

U.L. – Ele, na realidade... Ele, eu não sei se ele era trotskista. Mas deve ter sido. Ele era muito ligado... Como era o nome, meu Deus do céu? Esqueço agora. Arlindo... Esqueço o nome dele. Depois eu vou lembrar. E que era trotskista. Então eu acredito... Ele tinha

muita ligação com a embaixada da Iugoslávia – mais tarde, não é? Mas era um bom sujeito. Agora, era o único. O resto era tudo trabalhista. Aí, na primeira eleição que houve após a retomada do sindicato, o partido conseguiu incluir... já incluiu um elemento, que é o José Lellis da Costa. O Lellis era um sujeito muito bom. E veio numa sucessão. Aí, já com a atividade da fábrica e o trabalho do partido na fábrica, foi fornecendo... foram aparecendo elementos, o que foi dando oportunidade de o partido pretender, se quisesse – porque inicialmente não queriam –, tomar o sindicato. Na última... Por fim, já no final, antes da revolução, realmente não tinha ninguém, a não ser esse Heraclides – era Heraclides –, que tinha sido revolucionário – ele esteve no 3º RI, na Revolução de 1935, foi preso e tal, e ele estava na diretoria. Então nós aceitávamos...

A.E. – E os outros grupos que tinham lá, além dos trabalhistas? Os trabalhistas já estavam na direção do sindicato, mas tinham lá os Círculos Operários Católicos, também, com algumas lideranças...

U.L. – Aí, justamente, qual era a oposição que tinha ao partido dentro do sindicato? Era só o padre Veloso. Era o Círculo Operário Católico.

A.E. – E tinha força? Ou era...?

U.L. – Aquilo não prestava. Tanto não prestavam que foram eles escolhidos para dirigir o sindicato, para a intervenção.

P.F. – Para a intervenção.

U.L. – Foram eles. E essa razão me fez me afastar. Eu falei para o Marquinho isso. Eu digo: “Eu não aguento...”

D.P. – O Marco Aurélio?

P.F. – É.

U.L. – “[Eu não aguento] chegar e sentar numa mesa com um camarada que trabalhou contra nós, que fez média com a...” Tem muita coisa aqui. As coisas mais e mais tolas, eles faziam contra nós. Eu fui chamado para responder a processo, eu não tenho ilusão... Eu tinha um programa... O sindicato tinha um programa. Eu era o responsável por um programa na **rádio Rio de Janeiro**.

D.P. – Na rádio, é?

U.L. – Na **rádio Rio de Janeiro**. E esse programa, quem gravava era o Neco, aquele menino que eu falei, do violão. Então, ele que preparava o programa. Eu dava as coordenadas para ele, o que eu queria e tal, e ele fazia o programa. Pois bem, quando a intervenção entrou, após o golpe, eles mantiveram o programa, não acabaram com o programa. Só que o camarada, o interventor, que era o David, era um ex-operário da FNM, ele começou a me atacar pessoalmente, dizer: “O documento encontrado...” Porque eu escrevia... E pegaram muita coisa, porque o partido estava o caos – em relação à ilusão, à ilusão. Eu vou até... Eu disse que, se fosse necessário, eu... Eu vou mostrar uma coisa aqui.

A.E. – Oba! [**Inaudível.**]

U.L. – Antes do golpe, é claro que já se previa. O golpe não foi surpresa. Havia aquelas manifestações de rua, de Igreja, isso, aquilo e tal. Então... Vocês vão pensar que eu estou brincando. Não é brincadeira, não. Não é brincadeira. Após o movimento dos marinheiros, houve uma reunião: nos reunimos, os diretores do sindicato, na sala da presidência, e o Massena, o Hércules Corrêa presentes...

D.P. – Na sala da presidência de onde? A presidência...?

U.L. – Do sindicato. E ali, uma euforia e tal, eu digo: “Meu Deus! Eu não estou vendo motivo para essa euforia”. Porque os marinheiros saíram... Quem ganhou? Quem perdeu com aquilo? Durante... Eu estou fugindo um pouco, mas eu volto lá. Durante a manifestação dos marinheiros, [a sede do sindicato] ocupada, eu vi coisas de estarrecer. Por exemplo: dentro do sindicato, assim de marinheiro... Nós tínhamos feito... Nós, quando fizemos a sede, pouca gente sabia, o sindicato era aqui e aqui tinha um prédio, colado com o sindicato, que dava saída para a outra rua. Não me lembro agora o nome da rua. E aqui é a [rua] Ana Néri. Nós compramos esse prédio e, por baixo **do palco, que era no fundo**, nós fizemos uma passagem, uma porta, saindo para a outra lá. “Se a gente precisar, em qualquer emergência, em qualquer eventualidade...” Estava tudo um mar de rosas, quando nós fizemos isso. Mas veio a ser útil no negócio dos marinheiros. Porque depois escancarou, mas, de princípio, pessoas que queriam entrar e não ser vistas, entravam pela outra rua e tal, e mantimentos para os marinheiros. Isso no início, porque, depois, chegava abertamente. Quando que passou [a ser] abertamente? Quando houve... [Quando] não tinha mais como eles segurarem. Eu vou passando dentro da reunião, vejo um grupo de marinheiros em volta de um camarada, e o cara falando, aí eu me aproximei para ver, era um dirigente comunista que vocês com toda certeza conheceram: Ivan Ribeiro. O Ivan Ribeiro no meio e os caras ouvindo ele com atenção. Eu encostei para ver o que ele estava falando. Olha, é o fim da picada! Tinha, próximo ao sindicato, uma vila. A entrada assim, aqui, muito estreitinha, de uns dois metros ou dois metros e pouco, e aqui abria. Lá dentro é que tinha um espaço, as casas aqui, assim. O Ivan Ribeiro estava sugerindo aos marujos... Porque fomos informados que o Batalhão Riachuelo iria lá para desalojar os marinheiros. Por quê? Porque antes os

marinheiros não concordaram, resolveram ficar, então, disseram que iriam lá, eles iriam ser desalojados pelos fuzileiros navais. E o Ivan sugerindo que um grupo de corajosos se metesse ali e, quando a tropa chegasse, eles caíssem de assalto em cima das... para tomar as armas. Eu digo: “O que está acontecendo? Eu não estou entendendo mais nada, meu Deus! Isso é loucura!”. Eu sabia que aquilo não ia acontecer. Felizmente, não fizeram. Nem precisou, porque os *partisans* deles não... Não tiveram que fazer nada, porque a tropa chegou lá, todo mundo sabe o que aconteceu. Quando eles deram ordem lá, foi um momento que quem participou daquilo vai morrer... Pode viver cem anos que não vai esquecer, porque aquilo foi um acontecimento que tem que figurar... Em qualquer trabalho que se faça sobre as lutas sociais no país, não pode deixar de falar naquilo. Os caras chegaram – isso vocês sabem como é que foi –, formaram a tropa e, quando veio a ordem para entrar... Defronte do sindicato, na Ana Néri, é mais elevado, porque houve um corte na rua, quando fizeram a rua. A vizinhança toda ali para ver o que ia acontecer, os marinheiros começaram a cantar o Hino Nacional, todo mundo cantando, já a vizinhança cantando o Hino Nacional, os caras arriaram as armas, botaram os quepes no chão e entraram pela roleta. Ficaram batendo cabeça, meia dúzia de oficiais, para lá e para cá, desnorteados completamente. Então, o que aconteceu? Terminado aquilo, nessa reunião na sala da presidência, eu sugeri que se fizesse uma limpeza no sindicato. “O que esses caras fizeram aqui? Vamos, desde o sétimo para baixo...” Sugeri que o zelador do prédio, que nós dávamos a ele o título de diretor, mas ele não era diretor, porque não tinha... Mas tinha acompanhado, foi o metalúrgico indicado pela categoria para acompanhar a construção do prédio. Então, o último andar, ele morava nele. Ele tinha dois filhos, morava com a mulher e dois filhos lá. Aí eu sugeri aquilo. “O Jarbas vem lá de cima, vamos, com um grupo de companheiros, vamos limpar esse sindicato.” O Hércules Corrêa... Não fiquei com raiva dele, não. Ele disse assim: “Companheiro Ulisses, você está encagado. O que nós temos é que cuidar do comício...” [Era o comício] que ia haver na Bahia. Não sei quando é que estava... Havia a programação de um comício. “Nós temos que cuidar para o comício na Bahia ser maior do que o outro”, que tinha sido aqui, em 13 de março. Bom, me deu vontade... Sabe? Aí eu respeitei aquele tamanho dele, não falei nada, fiquei calado. Sabe o que aconteceu? No dia 1º de abril, quando... Houve umas coisas engraçadas, mas houve outras meio chatas. Eles entraram lá... Eu não tenho ilusão que ninguém seria absolvido. Mas poderia até ser alguém absolvido, ou alguns pegarem penas menores.

Mas, olha, ata de reunião de partido, relação de militantes, de campanha de finança, tudo na gaveta do presidente, ali à vontade para eles escolherem, um material farto. Quer dizer, ilusão. Então já havia aquele clima. O que eu ia falar... Aqui na minha caixinha, é o seguinte: tinha aquele clima, a gente sabia... Em que se confiava? Confiava no companheiro Jango, um homem que tinha...? Eu, por exemplo, eu tinha admiração pelo Jango. Eu acho que ele, sei lá, era um cara honesto. Mas com aquelas centenas de milhares de cabeças de gado, você vai esperar o que de um homem desses? Uma posição firme? Não ia tomar, é claro. E o partido confiando nisso, a esquerda toda confiando nisso, na minha opinião. E vou mostrar uma coisa a vocês agora que eu nunca mostrei. Não é para fazer graça, não; é porque é a realidade. Lá no Amorj não cabe essa doação, senão eu teria doado. Eu fui procurado por um companheiro que era membro do Comitê Regional do partido, foi na minha casa e me pediu... “Porque, olha, a coisa vai ficar feia. Eu estou meio desconfiado. Então você faça isso para mim, por favor.” Ele estava preocupado com uma arma, e levou uma arma para mim, para eu consertar para ele. Olha aqui a arma. Uma arma com que se... Coisa de bucaneiro. Era com isso aqui que eles iam enfrentar a reação. Ele queria... Ainda estava preocupado com a estética. Ele queria que eu completasse, porque eu gosto de trabalhar com madeira, que eu completasse esse pedacinho aqui. É o companheiro Elias. Chamavam ele de Papo-Amarelo. Não deve estar vivo, pela idade que ele tinha. Não, isso aqui [inaudível]. **Nem bala [inaudível].**

P.F. – **Na dúvida**, não é? [riso]

U.L. – Pode uma coisa dessas? É brincadeira! Isso aqui parece piada. Pois bem, então...

A.E. – Sr. Ulisses, mas eu só queria voltar um pouquinho, antes desse momento aí da...

U.L. – Volta.

D.P. – Tem uns panfletinhos aí também, tem uns...?

U.L. – Não, isso aqui... Seu amigo é cordelista, também.

A.E. – É só para disfarçar, não é?

U.L. – Era um cordelzinho que eu...

D.P. – Ah! Está certo. É cordelista, também?

U.L. – Isso é outra história. Não vamos desviar do assunto, não. Fala, minha filha.

A.E. – Só voltando, o senhor tinha falado que existia primeiro uma hegemonia dos trabalhistas, que, pouco a pouco, os comunistas [**inaudível**] conquistar.

U.L. – Exato. Posteriormente, aí o partido... Eram cinco...

A.E. – Mas eu queria que o senhor comentasse um pouquinho só a questão do Benedito Cerqueira.

U.L. – O Benedito Cerqueira era secretário da primeira diretoria que teve, após a abertura, na época. O Eurypedes era o presidente, e o Cerqueira, que também era

trabalhista, era o secretário-geral. Então o partido começou a utilizar, a usar o Cerqueira, que era chegado ao partido, era simpatizante e era um cara muito respeitado, honesto e tinha muito jogo de cintura. O partido apoiou-se nele, valeu-se dele para ir combatendo. Quer dizer, não era combatendo porque a política era uma política de unidade, mas começou, então, um grupo contrário, que era Izaltino, que era o elemento ligado ao Arlindo Pinho, o Heraclides, Guimário. Três. Então, inicialmente, num grupo de cinco, nós só tínhamos o Lellis, e contávamos com o Cerqueira. Então era minoria na diretoria. Mas o Cerqueira, com o prestígio que tinha, ninguém batia de frente com ele. O Eurypedes foi para a federação, saiu da diretoria. Então o partido foi crescendo na fábrica...

A.E. – E aí o Cerqueira virou o presidente.

U.L. – Na outra eleição, o Cerqueira foi para presidente e o José Lellis, que era membro do Comitê Regional do partido, foi para a secretaria-geral. E aí já incluímos um outro companheiro. Já foram três. Aumentou-se o número de diretores, também, de cinco para sete. Entraram então... O partido já tinha três representantes na diretoria. Ainda era minoria. Na última, não tinha condição para ninguém da época do golpe. O que se discutia é se valia a pena ou não. Quer dizer, adianta...? **“Se a gente quer, bota sete comunistas, ou quatorze. Surpreende, também. Mas...”**

P.F. – Vale a pena?

U.L. – Não valia a pena isso. Então se conservou, alguns companheiros ficaram. Mas as decisões da diretoria... Só era aprovado na diretoria o que o partido queria, essa que é a realidade.

A.E. – E quando que o senhor entra efetivamente para essa diretoria?

U.L. – Em 1961, quando eu viajei para a China... Eu fui eleito em 1961. Eu fui eleito em julho, eu acho. Porque a eleição foi em junho ou julho, não sei...

A.E. – O senhor é o quê? Secretário-geral, não é?

U.L. – Não. Eu era da Secretaria de Cultura; não era secretário-geral. Então, na outra eleição, na eleição seguinte... Fiquei em 1961, em julho. Mas eu viajei... Em agosto, eu viajei para a China, fiquei até janeiro na China, na União Soviética, na Tchecoslováquia. Então, quando eu voltei...

A.E. – E o senhor foi para a China representando os metalúrgicos?

U.L. – Não. Eu fui numa delegação do partido. O partido organizou...

D.P. – Pois é, conta para a gente, porque isso...

P.F. – Mas antes de entrar na viagem, porque ainda está no sindicato, porque eu acho que... Além dessa coisa da direção, eu queria que o senhor explicasse melhor como que era o contato com os trabalhadores, assim: o que diferenciava um comunista contatar um trabalhador, um trabalhista e um católico. Como que era o abordável, o trabalhador comum?

U.L. – O problema... As fábricas metalúrgicas, praticamente... O sindicato, nas fábricas, era as delegações. Nem todas tinham delegação, porque, naquelas que os patrões não

concordavam, ela era ilegal, então não havia. Agora, variava. Por exemplo, eu já disse aqui, não é vantagem nenhuma, eu acho que nenhum conselho de fábrica fez mais pelo sindicato do que o meu – meu não, o da fábrica –, mas nós tínhamos uma possibilidade. O patrão não negava nada para a gente. Porque a pressão era muito grande. Ele simpatizava conosco. Ele foi à inauguração da sede do sindicato, ele foi na eleição do Cerqueira, quer dizer, era um camarada chegado. Então a gente soube...

P.F. – Aproveitar bem.

U.L. – O mérito nosso foi saber tirar partido disso. Na GE, era impossível se fazer um trabalho como se fazia lá, era muito difícil, mas tinha delegação. Na Standard Electric, que hoje não existe mais, hoje é shopping, na Standard Electric, era a delegação toda... nada, nada que o partido quisesse era aprovado lá. Por quê? Porque toda a delegação era do Círculo Operário Católico. Então é essa a mudança. Havia outras empresas... delegações em que o patrão concordava com alguma coisa e outras não. Na minha fábrica, por exemplo, no dia que a diretoria do sindicato construiu a sede e foi fazer uma distribuição de diplomas para quem contribuiu para ajudar a sede e foram lá, nós armamos uma mesa de manhã, dentro da fábrica, a fábrica parou, estava parada... Foi logo de manhã, sete horas. [Armamos] a mesa, botou-se até, num cantinho... Tinha lá na sucata, era para derreter – é claro que não tinha munição –, uma granada. Botamos, ornamentando, uma granada, na mesa. Tem a foto, não é? Bom, chegou... A diretoria toda foi. O Cerqueira disse que o nosso conselho... A decisão lá, em assembleia, era que fossem entregues os diplomas em todas as delegações, e sempre um diretor comparecesse. Na minha fábrica, a diretoria foi toda, por iniciativa deles. Então, armou-se aquela mesa, e eles todos sentados lá e tal. Oito horas, a reunião, todo mundo fala, aquela coisa, e chega o patrão, que não sabia nada disso. Que fábrica podia fazer uma coisa dessas? Ele chegou lá, com aquele francês dele, “vocês deviam ter me convidado, porque eu chegava sete horas para me reunir com vocês”. Tem a foto lá, ele sentado lá no cantinho. Quer dizer, tudo por causa da surra que o Juvenal assistiu os caras levarem. Quer dizer, como as coisas mudam, não é? A favor e contra. Então as delegações tinham essa dificuldade. Tinham algumas que o delegado não passava de um simples estafeta:

levava as coisas do sindicato, botava lá no quadro, sob censura, porque os caras... Tinha que mostrar o que ia afixar no quadro. Isso não era uma delegação, era uma coisa *pro forma*, era um representante que tinha lá dentro. Então era muito... Agora, não era só a Ferro Maleável que era um conselho combativo; tinham muitos conselhos bons. A FNM era uma delegação importantíssima, pelo tamanho da fábrica e tudo mais. E lá também tinha o Círculo [Operário Católico] atuando, mas lá o partido conseguia ainda fazer alguma coisa. Tinha o Jarbas lá. Mas era difícil, porque a influência... Aquele camarada que eu disse que foi ele que me... as denúncias **que fizeram** contra mim, ele era da FNM. Foi o homem escolhido para ser o primeiro interventor no sindicato. Quer dizer, era muito difícil. Na Standard Electric, então, era uma coisa horrível. Eu, como eu coloquei para o Marquinho, eu não tenho condição, porque passaram tudo... Quando chega no Grêmio dos Veteranos, eu vou reunir e o presidente do grêmio é um cara daqueles. Eu não tenho estômago para isso. E depois houve muita coisa contra mim, devido à minha posição. Quando a sede do sindicato foi inaugurada, houve uma reunião e, nessa reunião... Para discutir. Era uma coisa nova. “O que a gente vai fazer com um monstro de prédio desses?” Porque saía de uma coisinha lá na Lavrado, de uma sala, praticamente. Então, nessa reunião, o Cerqueira pediu que se aprovasse a readmissão de um sujeito que vinha da interventoria, que era o Manoel Basílio. Tinha sido interventor, e o Cerqueira estava sugerindo que ele fosse empregado, quer dizer, que desse o lugar a ele de zelador, auxiliar do Jarbas e tal. Teve um voto contra. Todo mundo aprovou, e teve um voto contra, que foi o meu. Resultado: após o golpe, o coronel, lá no IPM, disse o seguinte, que eu tinha sido acusado de ter organizado um curso de marxismo no sindicato. Aí eu digo: “Não, eu não organizei nada”. E não organizei, mesmo. “Ah, mas o senhor aí vai ser acareado, então”. Manoel Basílio. O que ele disse? Ele disse o seguinte... E houve realmente o tal curso, mas não era marxismo. Ele ouviu cantar... Aí perguntaram... Até eu achei interessante, eu falei com o Modesto da Silveira, que era o meu advogado, quando nós fomos acareados na Auditoria, mais tarde, eu disse: “Pergunta a ele como é que ele sabe o que se tratava lá dentro, porque ele disse que nunca teve acesso às reuniões, que a gente não deixava ele entrar, era de porta fechada”. É o primeiro caso que eu vi de mediunidade, o cara... sei lá, de ele saber o que está acontecendo lá com as portas fechadas. O que aconteceu é que o sindicato... [Era] um curso sobre a Previdência Social. Nós convidamos, pedimos que o órgão do ministério... do IAPI mandasse... Eles mandaram um conselheiro, que era o Roberto Moreno. E daí?

Aí o cara disse: “Ah! Mas todo mundo sabe que o Moreno era comunista”. E daí? Nós não convidamos *o comunista* para dar o curso. Como era...

D.P. – Porque o senhor era da Secretaria de Cultura, então, o senhor que promovia o curso.

U.L. – Exatamente. Mas eu promovia... Eu promovi curso de inglês... Agora, há coisas... É muito difícil. Por exemplo, um coronel...

D.P. – Dr. Ulisses...

U.L. – Eu vou voltar. Para não sair daí.

D.P. – Antes de chegar no golpe, eu queria perguntar um pouquinho antes. O senhor foi naturalmente entrando de novo no partido? Como é que foi essa aproximação com o partido? Através só do sindicato? O senhor participava de reuniões do partido, das células sindicais? Como é que foi isso?

U.L. – Quando eu voltei para a fábrica?

D.P. – É, quando o senhor volta, já depois da morte de Getúlio... Antes de 1961.

U.L. – Eu participava, com o partido ilegal. Nós nos reuníamos, eu participava.

D.P. – Ilegal, com o partido ilegal.

U.L. – Eu participava do partido, inclusive na direção, na direção da base. Porque depois... É uma coisa muito complicada para explicar porque... Era uma coisa muito discutida. Porque justamente coincidindo com a época em que eu fui para a diretoria, e até antes de ir para a diretoria, mas devido à minha atividade e da importância da fábrica, o partido, regionalmente, decidiu mudar a forma de organização do partido, criar os comitês de setor, e o primeiro que foi criado foi o Comitê Metalúrgico. Então, o militante que militava no bairro, ele deixava de militar no bairro para militar, o metalúrgico, no Comitê Metalúrgico. Isso causou uma discussão no partido, porque enfraquecia o bairro. Essa era uma discussão que... E nós, metalúrgicos, defendíamos o comitê. Não sei se estávamos certos ou errados, mas... Nós defendíamos porque nós produzíamos. Quer dizer, não se fazia quase nada assim... Depois eu vou até falar o negócio do *I like Ike* e outras coisas, porque eu ficava surpreso com algumas coisas que aconteciam, de companheiros da UNE ou estudantes da UNE irem nos procurar, a nós, metalúrgicos, para ajudá-los. Esse caso, por exemplo, nós, quando o Ike veio ao Brasil, na UNE... Não sei se existe foto. Eu não sei. [Na sede da UNE], descerraram um retrato do Fidel...

P.F. – Tem uma imagem disso.

U.L. – ...e com a frase lá, *I like Ike*². E aquilo foi pintado... Fui eu que arranjei o pintor. Fui buscar um companheiro que era [inaudível], um espanhol que era antifranquista – não era comunista, mas ele era antifranquista –, tinha participado da Revolução Espanhola, um grande pintor, José Hierro [inaudível], o nome dele. Ele, quando eu falei para ele, ele ficou louco de satisfação de pintar o... Aí eu comprei o pano, fomos para o terraço do sindicato... Um retrato enorme pintado, botaram lá. Dizem que, quando o Ike passou lá, ele disse que... Olhou, viu aquele...

² Logo adiante, corrija-se. A faixa colocada na fachada da sede da UNE dizia: *We like Fidel Castro*.

D.P. – O painel?

U.L. – Olhou aquela foto do Fidel, em que está lá *I like... I like Ike* não; *I like Fidel*, não é? Aí ele diz assim... Dizem, não sei se é verdade, que o Eisenhower disse: “Eu também gosto. Ele é que não gosta de mim”. Agora, essas coisas ficaram... Estudante ia lá procurar a gente para fazer esse tipo de coisa. Quer dizer, por isso a gente defendia a criação do comitê, porque os bairros era uma coisa muito fraca. Não sei. A gente não via, realmente, nas reuniões, nas discussões. Isso gerou... E se não tivesse havido o golpe, ia haver uma cisão, uma coisa séria, porque nós fizemos reuniões com a direção do partido e nós não aceitávamos, de maneira nenhuma, de desfazer o comitê. E já havia...

D.P. – O senhor fez algum curso de formação, assim, com o partido?

U.L. – Como?

D.P. – O partido passava livros para o senhor ler? Vocês tinham reunião de leitura de livros marxistas, algum livro marxista? Ou não?

U.L. – Não incentivava.

D.P. – Não incentivava?

U.L. – Não. Nós não fazíamos. Mas o partido, muito menos. Que eu tenha conhecimento, não. Se havia algum setor do partido responsável por isso, eu nunca...

D.P. – Quer dizer, não passava livro para o senhor, não. O senhor recebia mais panfleto do partido.

U.L. – Não. Eram documentos.

P.F. – Quem que era o assistente do Comitê Central para o setor metalúrgico?

U.L. – Não sei. Na época?

D.P. – Era o Hércules, não é?

P.F. – Era o Hércules?

D.P. – Acho que era o Hércules Corrêa, não é?

U.L. – Eu não sei o que o Hércules era, eu não sei. Ou o Hércules...

P.F. – Quem que passava a linha do partido para o Comitê Central?

U.L. – Nos Metalúrgicos?

P.F. – No Metalúrgicos, no Comitê...

U.L. – A assistência, a maior parte do tempo, era o Hércules. Mas tinha também o Massena. Porque o João Massena Melo, que era... Nós éramos muito amigos. Ele foi morto – está aqui no livro, a história dele –, foi incinerado, não é? Então o Massena... E o Massena era meu suplente na diretoria.

P.F. – Certo.

U.L. – Ele estava afastado.

D.P. – Ah, é? O Massena era seu suplente?

U.L. – Era meu suplente na diretoria. Só que ele foi afastado, porque ele estava exercendo um cargo... Ele tinha sido eleito, então, ele se afastou.

P.F. – Mas nessa relação entre o Comitê Central ou a assistência e o setor metalúrgico, tinha conflito, não era assim tão...

U.L. – Não, o conflito nosso era com... Porque um membro do Comitê Metalúrgico, que era, aliás, o elemento mais responsável, que era o Lellis, ele era membro do Comitê Regional. Ele sofria, porque ele que era o responsável por levar as nossas...

P.F. – Pressões.

U.L. – ...nossas opiniões e a nossa pressão. E ele... Eu não quero ser desonesto, não, mas, na minha opinião, ele era muito subserviente. Ele não tinha coragem de bater de frente com o comitê. A gente sabe como é essa coisa, tem que ter coragem. Eu que nunca tive... Nunca liguei. Nunca liguei mesmo. Eu vou dizer uma coisa para você... Desculpa eu voltar lá na China. Quando eu voltei da China...

D.P. – Eu queria primeiro saber como você foi, mas espera aí, só um minutinho, Ulisses. E como era a relação com os trabalhistas?

U.L. – Era ótima.

D.P. – Ótima?

U.L. – Ótima.

D.P. – Não houve nenhuma divergência quase?

U.L. – Não, não, não.

D.P. – Era uma aliança?

U.L. – Se você olhar, têm centenas de fotos, a palavra unidade escrita. Nós tínhamos uma faixa escrito unidade. Qualquer evento que houvesse, colocava aquilo lá. Era uma... Para mim, a chave, o segredo do nosso avanço no setor metalúrgico na época... Porque o nosso sindicato, eu acho que, sei lá, rivalizava talvez com o dos marítimos e dos bancários, mas era um sindicato forte graças à ação do partido, mas com essa política de aceitar. Tinha até... A gente... Tinha um sujeito completamente vazio, era membro da diretoria porque ele, na fábrica, ele tinha importância; ou o cara era mulherengo; o outro era... O mérito dele era esse, mais nenhum. Mas, tudo bem, mas ele representava uma fábrica importante. E outros assim. O Maranhão, o pessoal do Círculo, eles fizeram parte da diretoria, como suplente e tal. É lógico que ninguém dava... Mas eles participavam, eram chamados. E o trato com eles era o mais cordial possível. Só que, nas questões fundamentais, a gente não cedia. Aí o partido não cedia. E essa discussão havia entre nós. Havia também os companheiros mais sectários e ativistas de primeira linha que não aceitavam isso, queriam botar uma diretoria inteiramente do partido. E eu era contra. Eu era um dos que era contra.

D.P. – O senhor era a favor da aliança?

U.L. – Era a favor da aliança. Fazia oposição a um ou a outro ali dentro...

D.P. – E a relação de vocês com o Ministério do Trabalho? O senhor ia lá no ministério?

U.L. – Não, não. A relação que havia com o Ministério do Trabalho, que é aquele material que eu tenho comigo... Porque hoje, infelizmente, os caras fazem uma reunião, fazem uma assembleia... Não sei nem se fazem assembleia, ainda. Mas, ultimamente, ou há alguns anos atrás, eu sei disso, eles faziam assembleia só com a diretoria presente. Às vezes, nem ela toda. Depois davam a ata fictícia para assinar e acabou. E depois, nem mais isso. Eu tenho os recibos, nós vendíamos prego, para fazer o prédio. Vendia prego,

papel... saco de cimento, vendia para fazer finança. Uma coisa ridícula, mas fazia. Eu tenho os recibos. Eu mostrei...

D.P. – Para comprar o prédio? Para o prédio? Para quê?

U.L. – Não, para ajudar na construção do prédio. Eu tenho tudo isso. Depois veio esse estado de coisas que está aí, que nem prestação se presta. Eu tenho, de todo o período que eu estou no sindicato, eu tenho os relatórios anuais protocolados e assinados, aprovados pelo Ministério do Trabalho. É uma coisa errada, tudo bem, mas era a lei, e nós cumpríamos.

D.P. – Mas, só para entender, a sede, o sindicato... A sede do sindicato, quando vocês mudam, vocês ajudaram com finanças para construir a sede?

U.L. – Ah, foi uma coisa épica. Houve o aumento... Nós visitamos o Juscelino – eu, o Cerqueira e o Lellis –, fomos ao Juscelino, pleitear a ele uma ajuda na Caixa Econômica, que ele influenciasse. Aquilo, para ele, não era nada. Ele estava a fim de construir uma cidade, não ia deixar de construir um sindicato, um prédio. Ele aí facilitou. Mas foi pago. Não foi anistiado, não. Com o tempo e tal, o sindicato foi pagando. Mas, paralelamente a isso, criou-se uma Comissão de Sede, da qual eu era o responsável, e essa Comissão de Sede traçou uma série de meios de arrecadação. Nesse período, teve o primeiro Congresso de Trabalhadores Metalúrgicos, no Rio Grande do Sul. Eu fiz parte da delegação.

D.P. – Em que ano foi isso?

P.F. – Em 1959, não é?

U.L. – Foi em 1949. Acho que é em 1949. Não me lembro bem. No Sul, lá, eu conversando com o Cerqueira, e tinha o presidente do sindicato, não me lembro o nome dele... Acho que era Júlio Mesquita. Tratávamos de Mesquita. Conversando, o Mesquita contou para mim e para o Cerqueira que ele tinha uma sede muito bonitinha – muito bonita e muito boa, a sede –, e nós elogiando, e aí ele contou como eles tinham construído aquela sede, e contou que eles tinham incluído no acordo salarial, no dissídio, uma cláusula descontando não me lembro quanto. Descontando. Eu e o Cerqueira... “Já vamos meter isso aqui no sindicato do Rio.” E conseguimos aprovar. Porque quando a assembleia consegue um... Quando se consegue um aumento bom para a categoria, se consegue tudo, não é? Aí foi aprovado: o aumento – só a parte do aumento – relativo aos primeiros 15 dias era destinado para o sindicato. Descontado. O patrão tinha que mandar o dinheiro para o sindicato. Meu Deus do céu! Fazia fila de protesto lá no sindicato. O Mário Matheus era o diretor do Departamento Jurídico. Eram 20 horas por dia que ele sofria lá, recebendo gente lá protestando, contra, e a gente argumentando da necessidade, da importância da sede. Um negócio terrível! Pois bem. A sede já estava em construção. Depois começou a grassar isso aí, vários sindicatos foram adotando e coisa e tal. E outra coisa, os patrões, para jogar os trabalhadores contra o sindicato, eles não descontavam; outros descontavam e não mandavam para o sindicato, retinham. Quer dizer, criava um clima... E quando o pessoal reclamava dentro da fábrica, quando ia receber e recebia com desconto, brigavam, protestavam, aí o patrão mandava... “O problema é do sindicato, é de vocês.” Então foi uma... Mas a gente venceu aquilo, aquela fase passou...

A.E. – Quando que é construído o Palácio dos Metalúrgicos? Quando que ele termina de ser construído? Quando que ele é inaugurado?

U.L. – [Quando] que ele foi inaugurado? Meus Deus!

A.E. – Mais ou menos. Já é nos anos 1950, não é?

U.L. – Foi em 1957.

P.F. – E por que vocês escolheram aquele lugar? Por que é naquele lugar?

U.L. – O sindicato tinha um prédio ali, tinha uma...

P.F. – Certo. [Tinha] uma subsede.

U.L. – É. Tinha uma cooperativa ali. Já tinha um [prédio] próprio do sindicato ali. Mas era mais o espaço, do lado da Escola Uruguai, ali. E tinha... Às vezes se fazia festa...

P.F. – Era mais perto das fábricas, também, do que no Centro, não é?

U.L. – Aqui no Centro?

P.F. – Não, eu quero dizer, lá onde é era mais...

U.L. – Não, não. Foi por causa do espaço, mesmo. Foi o espaço. O espaço era importante, para realizar o prédio que a gente queria, que precisava, a classe necessitava.

A.E. – E qual era a importância desse prédio lá para os trabalhadores? Depois que vocês efetivamente conseguem construir o prédio, principalmente você, como diretor cultural, o que...?

U.L. – A importância é porque nós desenvolvemos, primeiro... Tinha o ginásio, nós fizemos um ginásio; tinha uma cooperativa... Quer dizer...

A.E. – E esses cursos que vocês ofereciam, não é?

U.L. – E o Departamento Médico, cursos...

A.E. – O ambulatório lá.

U.L. – A atividade do sindicato era maravilhosa, quando houve o golpe.

D.P. – O senhor tinha licença do seu trabalho?

U.L. – Como?

D.P. – O senhor ficava licenciado da fábrica para trabalhar no sindicato?

U.L. – É de lei. Eu recebia pelo sindicato.

D.P. – Era lei. O senhor ficava o tempo todo dedicado ao sindicato? Ou era meio expediente?

U.L. – Não, não. O sindicato...

D.P. – Liberado.

U.L. – Dependia da capacidade... Vamos dizer... Como é que eu vou te dizer a palavra certa? [Dependia] da afinidade com a atividade sindical, da vontade de atuar, de trabalhar. A minha vida... Eu, até hoje, volta e meia eu entro num choque com a família porque eu... Agora, com a morte da minha mulher, eu estou com dois anos... deprimido, ainda. É muito difícil. Foram 60 anos juntos. E eles me criticam, porque eu às vezes lastimo o tempo que eu roubei da família, porque eu voltava para casa todo dia à meia-noite, uma hora da manhã, todo dia. Tinha diretor que nem aparecia no sindicato, às vezes, o dia inteiro. Era a política de unidade, a gente aceitava, engolia o sapo. O que é que vai fazer? Tudo bem. Mas aí a gente trabalhava por eles – e tinha prazer em trabalhar –, porque sabia que era isso. E a minha vida foi assim. Eu sempre fui, como eu disse no início aqui, muito disciplinado. Dou um gancho, se me permitem. Vou dar uma ideia só. Não é que eu esteja... faça questão de estar me enaltecendo, não, mas eu sou mais ou menos... Eu continuo sendo aquele que agradeceu a ajuda do táxi para me buscar, porque eu não quero. Eu viria de táxi, mas não quero. Eu continuo assim. Então, no dia 12 de dezembro de 1954, na noite, minha mulher começou a passar mal para ter o primeiro filho, meu primogênito. Eu tinha uma reunião do partido, tinha que encontrar um companheiro que ia me levar ao local. Eu tinha que encontrar com ele na rua dos Romeiros, na Penha. De madrugada, a mulher passa mal. “Meu Deus, o que é que eu faço? Vou levar a mulher para a maternidade sozinha? E a reunião? A reunião é ilegal. Se eu não for, não tem reunião.” Porque as medidas de segurança exigiam, e se eu não aparecia, ninguém ia. Eu digo: “Eu não posso frustrar a reunião e não posso deixar a mulher ir para a maternidade sozinha”. Consegui ligar para a minha sogra, minha sogra foi para lá, chegou ainda de manhãzinha e levou ela para a maternidade aqui das

Laranjeiras, veio com ela, e eu fui para a reunião. Cheguei na reunião, eu coloquei o problema. Eu digo: “Olha, tem isso e tal”, o que não era normal naquela época, não é? Não era normal eu ficar lá até terminar. Aliás, eu não cheguei a ir na reunião, eu fiquei sem saber onde era, mas fui no ponto, encontrei o companheiro, ele me liberou: “Não tem problema”. Se acontecesse alguma coisa, é lógico que eu ia correr o risco de ser acusado. Ou pelo menos ficaria sob suspeita. Mas eu vim para a maternidade. E isso, eu carreguei isso pelo resto da vida com a família dela. E eu [inaudível].

D.P. – Quando você chegou, a criança já tinha nascido, quando você chegou na maternidade?

U.L. – Não. Eu cheguei, meu sogro estava andando na porta da maternidade de um lado para outro, e aí de longe eu já vi, [pelo] nervosismo dele, que não tinha nascido. Meu garoto demorou, ainda.

D.P. – Ainda bem.

U.L. – Levou ainda mais duas horas, ainda, para nascer.

D.P. – Então deu tudo certo, o senhor conseguiu fazer as duas coisas.

U.L. – Quer dizer, eu sempre fui assim. Então a minha dedicação ao sindicato era essa. Eu sempre fui muito dedicado. Não sei se... Eficiência é uma coisa, dedicação é outra. Agora, o tempo... Era o mínimo que eu podia dar, eu dava. E eu tenho uma coisa, eu sempre tive fama – foi o Lellis que criou essa expressão – de carregador de piano. Meu negócio era a prática, fazer a prática. Onde é que nós estávamos? Senão eu vou começar a contar história e vou fugir...

D.P. – Eu queria... A China, não é? A viagem para a China, eu acho que é importantíssimo saber como foi.

P.F. – Mas antes, ainda, mais um pouquinho do sindicato só. Se o senhor... lembrar um pouco de mapear para a gente onde que o Partido Comunista era forte, onde que os católicos eram fortes e onde que os trabalhistas eram fortes, nas fábricas do Rio nessa época que o senhor está falando. Dá para mapear isso mais ou menos?

U.L. – Algumas empresas, não é?

P.F. – Isso. Que o senhor lembre.

U.L. – Por exemplo, o Partido Comunista, o mais forte era na minha fábrica; o Círculo...

D.P. – Sua fábrica era uma fábrica grande ou média?

P.F. – Cento e cinquenta...

U.L. – Em média, 150 operários.

D.P. – Pequena.

P.F. – Era pequena.

U.L. – Era uma fundição. Era pequena.

P.F. – Perto da GE.

U.L. – Na FNM, era o pessoal do Círculo, não é isso? Tinha algumas empresas onde o Heraclides, que era ligado... Por exemplo, a Fundação Federal, da qual ele tinha sido empregado... E ele era ligado ao Arlindo Pinho. Quer dizer, tinha sido expulso do partido. Então, ele, com o Izaltino Pereira, que era membro do Partido Socialista, eles dois, na fábrica deles, eles realmente é que determinavam lá. A gente, como a política era aquela de unidade... No fim de contas, eles levavam para... Quer dizer, levavam o que a gente sabia, porque é lógico que eles, lá dentro, eles deviam fazer o trabalho de sapa, mas na prática, na realidade, eles faziam o que era decidido na diretoria. Então não tinha jeito. Isso era no setor... As duas fundições do Rio que eram mais fortes eram a minha e a dele. Quer dizer, posições antagônicas, partidariamente. Mas trabalhava, ele não fazia diferença, não. Em outras empresas... O Partido Trabalhista, como partido, como organização, não tinha nada.

P.F. – Não tinha.

U.L. – Havia um outro elemento, que era até uma história que eu ia falar ainda há pouco, quando alguém falou dos políticos... É que tinha um elemento que ele era udenista, era muito ligado ao Lacerda. Ligado assim...

P.F. – Afetivamente.

U.L. – Afetivamente. Mas ele tinha uma ligação forte com o Tenório Cavalcanti, que era o dono da *Luta Democrática* e era udenista. Eu estive com o Tenório várias vezes. Porque meu relacionamento com ele era muito bom, mas, no sindicato, ninguém suportava o cara. Ele já tinha sido membro do Partido Comunista. Não chegou a ser expulso; se afastou e aceitaram com prazer o afastamento dele; e ele ligou-se então ao pessoal da UDN. Mas ele e o Cerqueira estavam toda hora batendo de frente, e ele era realmente hostilizado dentro do sindicato. Chamava-se José Ramos da Silva. Eu tinha o melhor relacionamento com ele. Aí eu só falava... É aquela história: eu não concordo com uma palavra do que dissei. Mas eu concordava com... Eu não concordava com ele, mas... E ele ia na *Luta Democrática*, me convidava, eu ia com ele. Greve, nós fizemos uma greve numa ocasião, saímos com... Tinha uma empresa, José Salgueiro, ali no Largo da Harmonia, e na porta da fábrica, a gente fazendo propaganda com um jipe, numa aparelhagem de som, os caras vieram, arrancaram a aparelhagem de som. Ele comigo. Nós estávamos sempre juntos. Aí, piquete³ na porta... A gente não chamava piquete. É história do Cerqueira: “Essa palavra é inconveniente”. Aí criamos Comissão de Esclarecimento. Então, Comissão de Esclarecimento na GE, estou eu e ele lá. Quer dizer, sempre assim. Este camarada, tem uma greve, a polícia... Nós fomos informados que... A rua apinhada, fomos informados que ia ser dissolvido. A polícia não pode tirar o pessoal da rua. Aí começou a chegar político, que é aquilo que eu estava falando. Eles não podiam deixar de ir. Eu não me lembro bem o nome do cara. Tinha um camarada do Partido Trabalhista falando, mas ele estava conduzindo, fazendo um apelo para que todo mundo fosse embora. “Não, vamos acabar com a reunião porque vai haver derramamento de sangue...”. Quer dizer, incutindo medo no pessoal. Mas ninguém... Todo mundo lá, e ele falando. Ele deu o maior azar do mundo, porque, justo na hora que ele está falando isso, chegou o Tenório Cavalcanti. E o Tenório Cavalcanti era bom de [inaudível]. Ele tinha a metralhadora, aquela coisa, mas se ele era bom de metralhadora, ele, de fala, ele era bom mesmo. Então [o Tenório Cavalcanti] chega na hora. O pessoal começou a vaiar o cara – o Tenório já está do lado –, o cara largou o microfone, o Tenório pegou. Não teve... Na hora certa, não é? Na hora certa. Aí começou a falar, “companheiros!”, e não sei o quê, e terminou... O camarada não foi embora, estava ali,

³ Pronuncia em francês, *piquet*.

ainda. “Ninguém arreda pé. O lugar... Deixa eles virem. E o lugar do representante do povo é aí com vocês, e na frente, que é onde eu vou estar.” Ah, meu Deus do céu! Aquela... Já viu, não é? E o Tenório olhando, com aquela barbicha dele, calado. Deu aquele tempo, assim, para curtir os aplausos, aí um cara grita, lá do meio: “Tenório Cavalcanti para presidente da República!”. [risos] Ele olhou assim, ficou olhando mais ou menos para o lugar, porque ele não sabia quem gritou, apontou e disse assim: “Companheiro, favo de mel não é para a boca de burro babão”. [risos] Agora, me desculpe o lulista aqui, porque eu escrevi isso aqui uma vez e eu disse que o Tenório estava errado. Se ele vivesse hoje, ele não iria... ver que não era bem assim, não. Mas vamos para o concreto.

P.F. – O Benedicto Cerqueira era de qual fábrica?

U.L. – O Cerqueira era de uma fábrica... Estamparia Real. Era uma estamparia. Mas a profissão dele já nem existia mais. Ele não voltou mais para a fábrica, ficou toda a vida, depois foi eleito deputado federal. Quando ele se elegeu, o Lellis assumiu a presidência. E ele não voltaria mais. O Cerqueira não voltaria mais. Ele era o presidente de direito, não é?

P.F. – Sim, sim.

U.L. – Mas de fato era o Lellis, o presidente. E eu passei... Eu era o secretário-geral. É isso aí.

D.P. – Ulisses, e vocês faziam reuniões específicas? Antes da assembleia, por exemplo, os militantes comunistas lá do Sindicato dos Metalúrgicos...?

U.L. – Ah, sim, nós fazíamos.

D.P. – Vocês faziam? Vocês se preparavam antes?

U.L. – Por exemplo, para discutir... O que nós não discutíamos no partido... Uma reunião preparatória para a nossa posição dentro da assembleia ou da reunião de delegado, a gente fazia. Agora, o que não se discutia é percentual, coisa de percentual de aumento e tal. Isso era geral. O que a gente podia definir... discutir uma proposta apresentada, surgida na assembleia ou na reunião de delegado, ou na diretoria, e a gente opinar sobre aquela proposta, sobre o quanto... Essa coisa, não é? E defender aquela posição. Mas que nós discutíssemos, por exemplo, para determinar, isso não. A gente discutia, por exemplo, como nós atuarmos na condução da campanha, fosse campanha de salário ou fosse outra qualquer, como foi a campanha da construção da sede. Nós tínhamos uma posição: a gente discutia, por exemplo, se era justo ou não a proposta que nós apresentamos. Era uma iniciativa do Cerqueira, o negócio do desconto, mas o partido discutiu. Nós discutíamos sim.

D.P. – Certo. E questões de política gerais, internacional e nacional, também...?

U.L. – Política geral, o comitê discutia.

D.P. – A crise da União Soviética...

U.L. – Não, não.

D.P. – Nas reuniões do partido, quando vocês se reuniam.

U.L. – No partido? Pelo menos no Comitê Metalúrgico, nós só sentíamos o reflexo, porque... Eu ia conduzindo a fala aqui para citar um fato, quando eu voltei da China, mas você me cortou.

D.P. – Eu quero que você fale antes como você foi para a China.

U.L. – Eu sei, é o problema da coisa. Eu, por ter a língua desabrida, quer dizer, eu não ter receio de dar minha opinião, quando eu voltei, que foi o momento que você me cortou, eu fui chamado na Cinelândia, num prédio ali na Cinelândia que eu não me lembro qual é, porque um dirigente do partido queria conversar comigo sobre a viagem. Eu tinha chegado há pouco. Fui lá. Quando eu cheguei lá, eu fiquei surpreso, porque o partido tinha uma comissão própria para isso, e quem estava lá para falar comigo era o Prestes. Eu estranhei.

U.L. – Então, fui chamado, fui lá, e quando cheguei, para surpresa minha, era o Prestes. Eu digo: “Caramba!” Eu tinha uma admiração desde garoto, aquele negócio e tal, mas...

P.F. – Nunca tinha visto ele antes?

U.L. – Eu?

P.F. – Assim, pessoalmente, *tête-à-tête*.

U.L. – Em 1946, depois daquela coisa da... depois da anistia, após o Dutra, eu tinha me filiado ao partido, houve uma reunião em Ramos... Foi uma das primeiras que o Prestes... Me lembro até ele falar que... Ele ficou impressionado com a quantidade de gente que estava lá. Era uma residência, mas estava apinhada de gente. Eu me lembro até das primeiras palavras que eu ouvi dele. Ele disse: “Quanta gente aqui! Não me espanta, porque eu sou um bicho raro de ser visto e tal”. Porque ninguém tinha visto, praticamente, não é? Ele estava enjaulado. Mas aí eu, quando o Prestes... Porque ele me pediu opinião da viagem, eu falei o que eu achei e tal. Mas o que ele queria de fato era saber por que razão eu critiquei Mao Tsé-Tung na China. Mas eu não critiquei. Crítica... Eu digo: “Não. Eu não sei quem lhe informou”, falei para ele, “não sei quem lhe disse isso, só pode ter sido o chefe da delegação, que era do partido”.

P.F. – Que era quem? Quem era o chefe?

U.L. – Ele era mineiro. Nem me lembro o nome dele, porque também não sabia o nome dele porque nós não sabíamos...

P.F. – [Não sabiam] os nomes.

U.L. – Eu só sabia o nome de um companheiro, que era daqui, era meu amigo, eu tinha que saber, que era rodoviário, de Caxias, o Crassine [de Almeida]⁴.

D.P. – Qual é o nome dele?

⁴ Ver em http://memoria.bn.br/pdf2/386030/per386030_1962_00837.pdf e http://memoria.bn.br/pdf2/386030/per386030_1963_01207.pdf

U.L. – Crassine. Era meu companheiro de quarto, inclusive, lá. Aí acontece... Foi o seguinte, quando nós chegamos lá na China, houve aquela reunião que eu falei, de duas horas, em Hangchow⁵ na residência do Mao. Na véspera, ou dias antes de nós voltarmos, houve uma reunião, então, lá na Praça Tiananmen, lá na Cidade Proibida, e presente estava: Mao, Chu En-Lai, Deng Xiaoping, Chu Teh... Dos líderes chineses... Eu fiquei impressionado com aquilo. “Meu Deus do céu! O que esses caras...? Quem somos nós?” Os caras batiam continência para nós. Porque não ia ninguém na China. Você não via ninguém branco lá. Apareciam alguns russos. Eu vi alguns russos lá, porque, apesar da luta que havia entre eles, iam uns russos lá, não sei por quê. Aí, nessa reunião de despedida, o Mao... Eles quiseram saber. O Mao fez uma pergunta – através do intérprete, é lógico –, se nós tínhamos notado, na China, alguma manifestação de culto à personalidade. Alguém achou? É claro que não, não é? Eu achei. Eu achei. Eu não quero saber se é Mao Tsé-Tung ou se é... Se eu achei, achei. Aí ele quis saber como, onde. Ele não, perdão, desculpe. Ficou naquilo. Mais tarde, houve uma reunião e foi lá um representante da direção do partido de Pequim querendo saber onde existia. Aí eu digo: “Eu assisti o seguinte... Não teve uma casa que eu visitasse que não tivesse um enorme retrato do Mao. Eu visitei muitas casas. E eu participei, durante horas, que não é brincadeira, não, seis horas, no desfile comemorativo da revolução, com as organizações, os sindicatos passando, horas e horas e horas de desfile com estátuas do Mao, retratos do Mao, e Mao por toda parte. As meninas, do outro lado – a Praça Tiananmen coberta de crianças com flores, formando ideogramas, que eu não sabia o que era, mas eu perguntei –, elas gritavam qualquer coisa assim, não me lembro bem, como *Mao zhuxi! Mao zhuxi!* Aí eu quis saber o que era. Era presidente Mao”. Aí eu disse: “Isso não é manifestação de culto à personalidade do Mao?”. “Mas isso é manifestação das massas.” “Caramba! É uma massa muito organizada”, porque aquilo ali foi organizado pelos sindicatos, organizado pelo partido, organizado pela... Pelo amor de Deus! Organizado pelas massas? “Agora, me pergunte”, eu falei para o cara, “me pergunte se eu sou contra. Eu não sou contra, porque temos que reconhecer o papel do Mao”. Nós estávamos lá em 1961, não é isso? Em 1961... Eles chegaram ao poder em 1949. Doze anos, num país daquele, com aquela gente... “Então, se um homem foi capaz de, em torno dele, formar um grupo, ou um partido, sei lá, um exército capaz de

⁵ Também encontrada a grafia Hangzhou.

mudar a situação, eu não sou contra. Tem que ter limite, ou tempo, ou dar mais... Isso é outra história.” Isso eu disse lá. Agora, para o Prestes, eu... “O que aconteceu é o seguinte, eu disse que reconheci – e reconheci – que existe culto à personalidade na China. Existe. Eu disse isso. Agora, ninguém me criticou. Veio um companheiro de Pequim me perguntar onde eu tinha assistido e eu disse a ele onde eu assisti e acabou.” Chinês não deixa nada sem resposta. Se ele não respondeu é porque estava satisfeito com a minha resposta. Eu nunca mais... O erro pode ter visto a rua, mas eu nunca mais vi o velho, então não sei como é que ficou, mas foi isso que aconteceu.

D.P. – Mas essa reunião lá com o Prestes, estava quem? Você e Prestes só? Ou tinha mais gente?

U.L. – Quem?

D.P. – Quando você foi encontrar com o Prestes para ele cobrar...?

U.L. – Fui sozinho.

D.P. – E, lá, estava Prestes e outras pessoas?

U.L. – Não. Tinha uma pessoa que me introduziu. Ele, eu não sei quem é, eu não conhecia, não sei se era segurança, se era membro do partido, não sei. Eu cheguei e me anunciei, o cara me recebeu na porta, aí eu entrei, ele me deixou com o Prestes e saiu, eu fiquei sozinho...

D.P. – Isso foi onde? Na Cinelândia?

U.L. – Na Cinelândia.

D.P. – Era uma sala do partido?

U.L. – Eu acredito que sim. Eu não perguntei, mas eu acredito que sim.

D.P. – Agora, vamos contar como você foi escolhido para ir para a China, como foi o impacto desse convite. Quem foi que lhe convidou? Como é que foi isso?

U.L. – Foi muito difícil. Não sei. Eu já tinha recebido... É uma história muito complicada, porque eu já tinha recebido vários convites, para ir a Cuba e outros lugares, como outros companheiros já tinham viajado, mas eu tinha um problema sério. Na época que eu estava na gráfica, eu tinha ido a São Paulo, trabalhar uma semana lá na *Folha de S. Paulo*, e fui com dois companheiros que trabalhavam comigo, do meu lado, duas máquinas do meu lado, a linotipo, e quando chegou... No dia que terminou lá, nós fomos... Naquele tempo, tinha a ponte aérea da Vasp, e nós fomos para marcar para o dia seguinte a viagem de volta. Levamos a passagem. Porque era assim, não é? Quando nós encostamos o umbigo lá... Até ali era combinado que íamos aproveitar aquela noite e o dia seguinte para conhecer São Paulo, passear e tal. Porque nós estávamos a trabalho. Quando nós encostamos o umbigo lá, eles marcaram, e eu disse assim: “Eu vou embora agora, resolvi, vou para casa, vou embora, não vou ficar, não”. Aí eles ficaram com raiva de mim, zangados. “Não, eu vou embora.” Voltei no hotel – Hotel Amália, na rua da Consolação, em São Paulo –, fui lá, apanhei minha bagagem, a bolsa, porque só tinha a roupa, e vim embora naquele dia. E os dois ficaram. No dia seguinte, eles vieram, o avião caiu lá em Congonhas, eles morreram. Isso me traumatizou. Pelo amor de Deus, me põe um pelotão de fuzilamento, mas não me ponha num avião. Então eu resistia. Eu inventava mil e uma desculpas, mas, na verdade, era o medo do avião.

Mas aconteceu que eu estava meio deprimido. Se eu for falar nisso aqui agora... Por questão política, mas vai... vou desvirtuar. Eu andava oprimido, muito chateado. Eu fui candidato do partido a vereador, e lutei para não ser, mas a classe que me indicou, porque tinha que ser um metalúrgico. Eu não queria. E aquilo me [inaudível]. Aquilo era o que é hoje...

D.P. – E a legenda era qual? O PTB?

U.L. – Não. Aquilo ali tinha que ser encaixado, não é? Era Partido... PST.

D.P. – PST.

U.L. – É. Então, aquilo me... Eu andava meio traumatizado. E me deu muito aborrecimento, aquilo. Eu lutava no partido para desistir. Eu não queria. Mas ninguém aceitava, eu era voto vencido. E aquela época... Olha, eu sei... Se fosse hoje, então, meu Deus, eu não sei. Olha, eu subi morro, o Morro do Alemão – hoje, eu não ia lá de jeito nenhum –, o Morro do Alemão, Jacarezinho, festa de São João... Na GE, o partido organizava festa, para eu ir falar como candidato. Aquilo acabava comigo, porque eu não queria, era contra... E você fazer uma coisa contrária do seu raciocínio e daquilo que você quer é uma coisa terrível, e eu fui ficando mal, mal mesmo. E aí foi quando... Depois, passou aquilo, felizmente... Houve um racha dentro do partido, porque... Posso... Três minutos, para explicar isso aí?

P.F. – Quanto tempo o senhor quiser.

U.L. – O cara... Houve o seguinte: quando chegamos no partido... Porque eles faziam o quê? O Hércules estava num partido, o Massena estava noutro e eu estava lá. Então, um

dia eu percebi o seguinte... Eles disseram – eu fazia parte da chapa – se eu queria receber um membro da direção do partido deles para ir lá na minha casa conversar comigo. Eu... “Tudo bem.” Marcaram o dia, o cara foi lá. A minha casa era de chão de cimento, o banheiro era fora de casa, telha-vã – não tinha laje –, casa pobre, pobre, pobre. Então o sujeito chegou lá. Quando o cara chegou, quem era ele? Silvestre Péricles de Góes Monteiro. O cara era irmão do Góes Monteiro, líder da Revolução de 1930 ao lado de Getúlio, governador de Alagoas duas vezes e tal. Um porco. A mulher preparou as coisinhas lá para ele, uns quitutezinhos – para o visitante, fosse ele quem fosse –, e ele jogando a cinza do charuto, um charutão – parecia o Eurico Miranda –, no chão, jogando aquelas... E eu vou falar o que com um sujeito desses? Quer dizer, eu vi aquilo... É um desprezo por um operário. Por quê? Porque ele, lá no Palácio dos Martírios, lá em Alagoas, ele não ia falar assim... jogar a cinza no chão, nem ia falar com o Getúlio jogando cinza no chão. Porque ele foi ministro de Getúlio, não é? Bom, o que o cara queria? Ele foi me sondar, e chegaram à conclusão... Essa que é a realidade. Eles queriam o quê? Eles queriam alguém para carrear votos para a legenda deles, mas que não se elegeisse, não tirasse o lugar, a vaga de alguém de raiz lá do partido. Então – ele, naturalmente, fez isso comigo e deve ter feito com mais alguém – chegaram à conclusão que não podia e fizeram outra chapa, racharam, fizeram outra convenção. Estava em cima da eleição quase, não houve tempo, e o Tribunal tomou uma decisão, naquela eleição, *sui generis*. Eu aí comecei a discutir no partido. Malandramente, eu digo: “Olha, nós vamos ganhar e não levar. Para que isso?”. “Então vamos...”. Aí concordaram comigo de eu retirar a candidatura. Eu retirei. Mas não houve... Naquele tempo era cédula, o candidato, aquelas cédulas... Cada um tinha a sua cédula própria e tal. Aí não fizemos cédula, não fizemos nada. Eu não concorri. Passei a fazer... [Passei] o restinho de tempo que tinha, trabalhando para o Hércules, que era um companheiro gráfico, operário também e tal. Bom, veio a eleição, o meu nome... O Maracanã era redondo e, em volta das cadeiras, atrás... Agora é difícil, para quem não conheceu, entender como é que era. As seções de apuração eram em toda a volta do anel. Aí tinha [inaudível], repórteres, os curiosos, os membros do partido olhando nas tabelas, assim. Eu não fui lá. Eu não tinha nada a ver lá, não é? Para acompanhar o resultado, eu acompanhava pelo jornal. Um dia, eu abro o *Diário Carioca*, vejo a notícia que um candidato, Ulisses Lopes, protestava, fez um escândalo numa seção eleitoral porque nem o seu voto apareceu. Que foca desgraçado! Me deu uma raiva... Aí eu fui... A sede

do *Diário Carioca* era na esquina de Beneditinos, na Rio Branco. Eu entrei lá, dei um show lá. Não ia adiantar nada, já estava feito e tal. Eu ainda falei uma besteira, porque eu disse: “Olha, [**inaudível**] que fizer... Eu quero saber quem é o foca que escreveu isso aí”. Mas ele não ia dizer, não é? Conclusão: isso passou. Mas isso, então... Eu estava muito, muito, muito deprimido, aí vem... Estou chateado, cansado de tanto morro que eu subi, aí veio a oportunidade, o partido... Houve um evento na China que o partido lá organizou, não sei quem, isso era problema deles lá, que era o estudo da Revolução Chinesa, um estudo sobre a Revolução Chinesa. E foram vinte elementos participar, de vários países: tinha gente do Panamá, da Colômbia, da Bolívia, do Equador e do Brasil. Nós fomos oito.

D.P. – Quem eram os oito, o senhor lembra?

U.L. – Eram de vários lugares. Daqui do estado do Rio – na época, o estado... Era o Crassine, era eu e outros. Tinha representantes do Maranhão, de Pernambuco, do Espírito Santo...

D.P. – Lideranças operárias, esses oito?

U.L. – Não. Tinha lavrador, tinha portuário, rodoviário, metalúrgico era eu, o chefe da delegação, eu desconfio, eu não me lembro, mas eu acho, pela... Eu não sei, a postura de vocês, eu não estou comparando. Eu acho que ele era professor, pelo modo professoral que ele falava. Então é isso aí, que eu me lembre. Tinha um marceneiro. Mas de estados diferentes. Do Rio, só tinha eu. Era um por estado. Então, éramos oito. E, lá chegando, foi isso, era um curso. Só que era um curso muito... Eu me sentia mal, em princípio, porque eles cercaram a gente de tanta segurança... Sabe um lugar...? Eu fiquei num local... Pode falar sobre isso?

D.P. – Pode.

U.L. – Sobre tudo, não é? *[risos]* Eu fiquei num local em que eu sei que não éramos só nós brasileiros ali, porque eu via, num local separado, um grupo de gente que me parecia vietnamitas, e não eram... Me parece que era gente de muita responsabilidade. Mas não tinha nada a ver conosco. Era um local com uma área como a Quinta da Boa Vista, um muro de dois metros ou três metros de altura, com mais arame em cima, arame farpado, que eu tenho certeza que aquilo era eletrificado. Eu nunca... Não testaria, mas eu acho que era. Nós só entrávamos... Em volta do prédio, pelo menos onde nós estávamos, havia um fosso de uns dois metros de largura – não sei a profundidade – com água, e um pontilhão defronte do portão, um pontilhão que a gente entrava e saía ali sempre de ônibus ou de carro, e uma guarita com um sentinela. Quando almoçávamos, geralmente eu saía com o Crassine passeando. Era uma área enorme, muita... aqueles chorões, uma área muito bonita. A gente dava... passeando ali, e me incomodava. Eu digo: “Crassine, não vamos passar mais por aqui, não; vamos mudar.” Porque me incomodava, o cara batia continência para a gente. Eu, de pijama, e o cara batendo... Por quê? Aí eu calculava: “Esses caras... Deve ser muita gente gráuda que vem para cá, gente de responsabilidade, porque eles estão tomando a gente... Eu sou um operário. Eles não sabem, não é?”. Então é como eu falei, não ia ninguém lá, eles... Tinha isso. O tratamento que deram, até hoje eu não...

A.E. – Quanto tempo vocês ficaram lá?

U.L. – Só tem essa explicação. Porque ninguém ia lá. Foi o primeiro contato, assim... sabe? Então eles deram tudo que tinha de amabilidade. Era todo dia a Ópera de Pequim. Eu já não aguentava mais aquela Ópera de Pequim, aquilo... *[risos]* Meu Deus! Era a Ópera, era isso, era aquilo. Meus Deus! Olha, uma coisa curiosa, vou contar para vocês...

A.E. – Quantos dias durou isso? Quantos dias vocês ficaram lá?

U.L. – Eu? Eu fiquei de julho... Não, de princípio de agosto a dezembro.

A.E. – Olha!

U.L. – A fim de novembro. Três meses, que eu fiquei. A ponto que um dia o Crassine, que passeava muito e era meu companheiro de quarto, a gente junto, ele ia passando... Eu nunca mais vi o Crassine. Mas passando perto da sentinela, ele deu uma parada, o portão estava aberto, aí ele disse: “Ulisses, se eu sair ali, o que será que vai acontecer, se eu passar aquele pontilhão e ir lá para...? Olhar a rua, pelo menos”. “Não vai acontecer nada. Quando você chegar lá do outro lado, eu te garanto, o guardinha ali não vai te segurar, não vai falar nada, mas quando você chegar lá do outro lado, já tem alguém te pegando lá.” Aí o Crassine... “Mas não é possível!”. Aí foi muito engraçado. Teve uma reunião... De vez em quando eles faziam uma reunião com a gente: vinha um chinês lá, do partido de Pequim, saber como é que a gente estava, como é que estava vendo. Porque aula, como eu falei, não tinha aula, ninguém **via professor**. Era assistir cinema... O cinema fazia me lembrar... Hoje, o cinema chinês não é mais aquele, não é? Mas aquele, além de ser chinês, era revolucionário. Era um negócio horrível, horrível! *A mãe*... Tem um filme, *A mãe*. Meu Deus! Eu não aguentava aquilo. Sabe o que me fazia lembrar? Os filmes – felizmente, vocês não assistiram –, os filmes que eu assistia quando era menino, menino, que o cara vinha a cavalo... aqueles filmes de faroeste, Harry Carey, que o cara vinha a cavalo, a cavalo, caía de um despenhadeiro com o cavalo, chegava cá embaixo, o chapéu não saía da cabeça. Era tipo essa coisa. Um cara sozinho, o herói, que vêm dez mil nacionalistas, o cara passava no meio, matando todo mundo, e chegava vivo do outro lado. Toda hora era um filme desses para a gente ver. Mas eu estava feliz, eu estava curtindo bastante; muita visita, muita... Mas o Crassine estava saturado. Eu não estou aqui para falar do Crassine, mas estou citando o fato – ele que me desculpe, tem que ser. Aí ele chegou... Numa reunião dessas, ele não aguentou. O cara perguntou se alguém... Ele disse: “Eu. Eu tenho que falar. Eu estou muito

aborrecido aqui, eu vejo esse muro aí enorme, eu não saio daqui, só saio de carro com vocês. Eu quero ver o povo. Eu quero dançar. Tem que ter um baile para eu...”. [riso] Ele queria... Ah, meu Deus! Depois eu gozei ele. O chinês está só anotando no papelzinho. Não disse uma palavra. Ele disse: “Eu quero ter contato. Eu não vejo nada”. Eu fiz uma viagem...

D.P. – E ele passou por aquele...?

U.L. – Não! Passou nada!

D.P. – Não teve coragem, não, não é?

U.L. – Eu convenci ele. Eu não ia segurar ele. Eu disse a ele: “Vai acontecer que vão pegar você lá. O guardinha não vai te prender, não, mas vai avisar... Alguém vai te segurar. Vem um civil aí te pegar”. Ele aí ficou. Mas, na reunião, ele não aguentou, falou isso. E nós já tínhamos feito uma viagem, assim, vamos comparando... Vocês conhecem o mapa da China, vão saber: de Pequim a Cantão. Foi quando visitamos o Mao. O trem deu uma parada em Hangchow. Porque o trem vinha... De trem. Vagão especial. Nós ocupávamos dois vagões. Chegava numa cidade, o resto da composição seguia e aqueles dois vagões ficavam. Depois, ficava uns dois ou três dias naquela cidade, vinha a locomotiva, pegava aquele vagão e o outro e ia. Mas quando parava nas estações, em algumas paradas, pela janela a gente notava, as pessoas olhavam, porque viam gente diferente – eles não estavam acostumados a ver ninguém com a feição ocidental ali –, mas não se aproximavam. A gente notava que algum queria chegar e olhava para os lados. Devia ter algum segurança, alguma coisa. E eles não encostavam, mas havia muita curiosidade naqueles vagões, e o Crassine comentou isso também: “Essa viagem...”. Nessa viagem é que parou em Hangchow, para nós ficarmos lá no Mao e tal. E fomos até Cantão. Na volta, voltamos de avião. Mas o chinês anotou, anotou, anotou o que ele falou. Tudo bem. No dia seguinte, convidaram para um

cinema, assistir um filme. Aí, no filme, tinha o tradutor lá e tinha um representante lá do partido [inaudível] de Pequim. Aí começou a mostrar o filme: as sedes de jornal, a sede do partido explodindo, terrorismos, atos terroristas... Os caras estavam lá... Tinha doze anos de... Então, o Kuomintang, eles estavam praticando terrorismo. Ele disse: “Nós temos um receio tremendo, um cuidado, uma responsabilidade enorme com vocês. Se acontecer alguma coisa com vocês” – quer dizer, uma resposta para o Crassine, não é? – “como nós vamos nos comportar, como nós vamos justificar isso? Como vocês vão justificar lá na terra de vocês?”. Porque sabiam que nós estávamos ilegalmente, porque o nosso visto era para ir à Tchecoslováquia, com a qual o Brasil tinha relações. Fomos para Paris, depois para a Tchecoslováquia, e da Tchecoslováquia para lá. Acabou.

D.P. – E no dia que o Jânio renuncia, você está lá?

U.L. – Eu estava. Eu estava em Xangai. O Jango tinha estado lá. Eu não me lembro bem... Não, no dia...

D.P. – Vocês não foram na mesma delegação, não, não é?

U.L. – Não, não tinha nada...

D.P. – Nada a ver.

U.L. – Nada a ver.

D.P. – Foi uma coincidência.

U.L. – As nossas delegações... Se encontraram, não. Eles talvez nem nos tenham visto, mas nós os vimos, porque foi no mesmo local, um anfiteatro. Eles entraram para um lado e nós entramos para outro e, de longe, a gente se via. Ele estava com outra gente. Era outro nível. O nosso negócio era outro. E dali... Naquele dia, por acaso, nós estávamos numa reunião, quando os chineses chegaram e disseram que tinha havido alguma coisa séria no Brasil. Depois é que a gente veio a saber. Mas, com ele, não tínhamos nada com ele, nada com o Jango.

D.P. – Certo. E da China vocês vão para...?

U.L. – Depois da China, aí foi para a União Soviética. Na União Soviética, fui a Leningrado, fui a vários... fui à Sibéria...

D.P. – Foi emocionante? O senhor gostou mais da União Soviética do que da China?

U.L. – Vinte e sete graus abaixo de zero.

D.P. – O que o senhor achou? Qual foi o impacto na União Soviética?

U.L. – A União Soviética foi completamente diferente. O impacto ruim foi só quando chegamos, porque, quando chegamos e descemos do avião, tinham vários carros, para pegar todo mundo, uma fileira de carros, e um intérprete que falava espanhol e português... Aliás, na China, eu fiz amizade com um casal de intérpretes. Eu nunca ficava sozinho, era ora um, ora outro – era um casal –, e eles tinham uma vontade de aprender português... Olha, impressionante. Um dia nós fomos para a Muralha da

China, eu estava morto de cansado, morto, eu acho que eu não tinha mais coragem de ler nem um cartão de visita, e eu vou passando, a intérprete que tinha me acompanhado, com um volume mais grosso que isso aqui, lendo. Quando eu passei, eu digo: “Não é possível!”. Estudando, ainda. Então, quando... Mas essa menina, eu citei pelo seguinte, uma ocasião, eu cheguei, ela estava chorando, com um jornal aberto. Eu estranhei, porque ela... [Estranhei] aquilo e cheguei e falei com ela: “**Chau**, o que é que houve?”. Chorando mesmo, as lágrimas correndo. Aí ela disse assim... Eles me chamavam de Mário. Era o meu nome lá. Aí ela me diz assim: “Camarada Mário, olha aí o que eles fizeram”, como se eu estivesse entendendo alguma coisa, ela me mostrando o jornal. “Nem o corpo dele eles respeitaram.” O corpo era Stalin, e eles eram os russos, que tinham tirado o Stalin do mausoléu. Ela, stalinista ferrenha. Aí, bom, vamos embora. Quando eu cheguei na União Soviética, o cara que veio comigo – ele chamava-se Miguel, e eu o chamava de Miguelão, porque ele era enorme –, sentou do meu lado e logo de cara já foi... Ele disse assim: “Olha, camarada Ulisses” – ele aí já sabia meu nome –, “camarada Ulisses, você vai conhecer um país inteiramente diferente. Eu sei que você está vindo de um país onde a União Soviética não é bem-vista”. Eu digo: “Espera aí, rapaz! Miguel” – ele já tinha se anunciado –, “eu não estou vindo de Nova York, não, eu estou vindo de Pequim”. Só foi isso. Ele aí parou, travou. Mais tarde, ele, timidamente, ele veio me perguntar: “O que você quis dizer com aquilo?”. “Eu quis dizer aquilo porque eu estive três meses na China e ninguém disse uma palavra contra a União Soviética conosco. Vocês podem até trocar bala, tiro, não sei, mas conosco ninguém veio falar nada.” E é verdade, nunca... A única manifestação foi essa da menina, do choro. Mais nada. Oficialmente, ninguém falou nada, nada. Houve aquela história, não sei se era a intenção, da pergunta do Mao, do culto e tal, que eu acho que também não era, não tinha nada a ver. E o cara vem, logo de saída, com um negócio desses. Depois encontrei com ele aqui. Ele veio ao Rio, aqui, mais tarde. Mas é diferente, completamente. Fui para onde quis, fazia o que queria, saía do hotel à hora que queria, ia para onde queria, fotografava o que eu quisesse. Aliás, não fiquei com foto nenhuma, praticamente, porque eu estava com as fotos no sindicato, carregaram tudo, não fiquei com quase nada. Tinha levado para o sindicato, porque nós tínhamos um estúdio fotográfico no sindicato. Tinha levado lá para fazer um trabalho – foi justamente em abril – e carregaram. E as fotos... Tinha [fotos] muito bonitas da Tchecoslováquia. Na Tchecoslováquia foi muito bom, eu gostei muito. Os tchecos eram

muito amáveis. Agora, os russos são muito grossos. Eram muito grossos. O povo, de modo geral. Eu não sei... É o que eu achei, a minha opinião foi essa. Estou no estádio assistindo o jogo, o cara vem me empurrando... Ele não quer saber. É grosso, grosso. E no trato, na conversa. Eu achei meio esquisito. Agora, a liberdade de andar... Nunca ninguém me perguntou, não. A única coisa que aconteceu, que eles também não tomaram conhecimento, foi em Leningrado. Mas eu tive um problema que eu escondi. Eu falei antes aqui do problema da emoção que nós tivemos, eu e meu padrinho, no dia 2 de fevereiro de 1944⁶, quando Stalingrado caiu. Caiu não; quando os alemães caíram em Stalingrado. Aí eu fui... Quando eu visitei Leningrado, me convidaram, eu fui, me levaram para ver o Museu Hermitage. Eu não tinha condição nenhuma, com meu conhecimento... Achava bonito, mas não [tinha condição] de comentar nada. Mas visitei. Só que não dá para visitar tudo, aquelas centenas de salas, aqueles quadros todos e tal. Fiquei meio chateado de ver que tinham espaços em branco, um sinal que quadros tinham sido arrancados dali, mas tudo bem. Aí aconteceu que eu comecei a passar mal – muitas horas... Precisaria semanas, para ver aquilo. Mas muitas horas, eu estava meio cansado e estava com uma indisposição estomacal desde cedo. Eu comecei a me queixar, aí o chefe da delegação disse: “Volta, vai para o hotel”. Aí eu fui para o hotel. Voltei. Me levaram, fui medicado e fiquei lá. Bom, mais tarde, já à noite, o chefe da delegação chegou e veio falar comigo: “Como é que você está?”. Eu digo: “Estou bem, já passou, estou mais ou menos, mas ainda não estou legal, não”. Aí ele disse: “Então você tem que ficar bom, porque amanhã de manhã... Nós vamos viajar amanhã”. “Vamos para onde?” “Nós vamos para Volgogrado.” “Para onde?” “Volgogrado.” “Está bom.” Quando chegou de manhã, eu digo: “Olha, piorei”. Aí eu piorei de mentirinha. Porque eu digo: “Eu não vou a Volgogrado”. Eu iria... A Stalingrado, eu iria, eu teria o maior prazer em ir. Como hoje ninguém me faria pisar em São Petersburgo. Aí eu não fui. Quer dizer, eu não disse também a eles, mas me recusei, não quis ir. Isso foi uma coisa minha, não tem nada a ver. Liberdade teve. Na Tchecoslováquia, então, estava em casa, não tinha problema nenhum. Agora, na China, era muito duro. Agora, o pior foi aqui.

⁶ Refere-se a 2 de fevereiro de 1943, quando as tropas alemãs se rendem e termina a Batalha de Stalingrado.

D.P. – Quer falar do golpe agora, o dia do golpe, como é que foi? O dia do golpe...

P.F. – Não, antes disso. Quando o senhor volta, o país estava pegando fogo, quando o senhor volta de lá.

U.L. – Quando eu cheguei?

P.F. – É, quando volta. Como é que foi esse momento desses...?

U.L. – Não. Estava pegando fogo... O pior tinha passado.

P.F. – Já tinha passado o pior.

U.L. – Tinha passado a Caravana da Legalidade... A gente tinha muito pouca informação. Porque o que eu sabia, sabia o que a mulher mandava. Porque, na China, eu recebi as cartas todinhas. Eu mandava, enviava... Eu combinei com ela... Eu tenho um maço de cartas assim.

P.F. – Ah, é?

U.L. – É. Guardadas, ainda. Eu tinha combinado com ela que todas as minhas cartas... Antes de ir, não é? Eu já supunha. Eu digo: “Pode haver censura. Eu vou numerar todas as cartas. Se não vier no cantinho do envelope o número... Você vê, um, dois. Se vier quatro, a três ficou”. Duas cartas só que não apareceram, mas eu tenho certeza que não tinha problema, porque nem tinha nada. Elas todas estão... Vieram todas. E eu recebia...

P.F. – O senhor desconfiava da censura de lá ou de cá?

U.L. – Daqui. Acredito mais daqui. Lá, não, porque eles deixavam eu escrever à vontade, não tinha problema nenhum, era só entregar. E ela recebia. As dela chegavam lá numeradinhas, todas elas direitinho, eu recebia tudo. Não havia problema, não. Não sei se eles censuravam, se eles abriam, mas enviar, enviavam.

P.F. – **Mas quando eu disse...**

U.L. – Mas quando eu cheguei, então, o que eu sabia era muito pouco, sobre o que tinha acontecido.

P.F. – O senhor chega em dezembro de 1961?

U.L. – Não, eu cheguei... De volta?

P.F. – É.

U.L. – Não. Foi em janeiro de 1962. Aí, sinceramente, não deu tempo para notar nada, não, porque nós começamos logo a trabalhar numa coisa chamada o Encontro dos Jovens Metalúrgicos. Eu, apesar de estar com 35 anos, eu... Na época, eu tinha 34 [anos]. Ganhei um aninho, ainda. O Encontro dos Jovens Metalúrgicos, eu vinha com aquele negócio na cabeça, por causa das Espartaquiadas de Praga, e organizei... Juntei três companheiros, que ficaram conhecidos como o Trio Maldito – o Cerqueira batizou

de Trio Maldito, porque a gente só inventava coisa... Vou contar só uma, porque eu sei que vocês já estão cansados. Vou contar uma delas. Nós três... Nós quatro, porque o quarto mosqueteiro era eu. Eles eram os três. Nós nos juntamos e... “Vamos fazer uma coisa aqui na sede, na abertura, vamos tocar *A Internacional*.” Ninguém sabia *A Internacional*. Mas isso, para dar toda a ideia, não foi quando eu voltei, não; isso foi na inauguração do prédio, mas é esse tipo de coisa que a gente fazia. Eu digo assim: “Agora, como é que a gente vai...?”. Honestamente, nem eu sabia *A Internacional*, não conhecia. Se tocasse para mim, eu não sabia o que era. Mais tarde eu fui... Porque, nessa época, eu não tinha viajado ainda. Isso foi em **1957**, na inauguração do prédio. Aí, “vamos fazer isso”, me incumbiram de encontrar alguém que fizesse. Fui lá no Méier. Eu soube que tinha um professor, Joaquim, que tinha uma banda no Méier. Eu fui lá procurar esse professor. Cheguei lá... Fui com o Trio Maldito junto. Aí falamos com o camarada: “Será que o senhor era capaz...?”. Nós tínhamos sido informados – eu não me lembro o sobrenome dele – que ele era, no mínimo, simpatizante do partido. Por isso que a gente foi lá. O cara ficou com um entusiasmo – era um senhor já, maestro – um entusiasmo... **Eu digo**: “Olha, vocês só não podem é falar para ninguém, porque eles vão tocar sem saber o que estão tocando. Eu vou dar a partitura e eles vão tocar”. [risos] “Está bem.” Quando foi no dia, o conselho... minha fábrica, aí vem um desfile e a banda na frente tocando, tocando música. Quando chegou mais defronte do prédio, as autoridades, o Cerqueira, aqueles velhinhos do passado – o Coelho Filho, o Manoel Lopes –, velhinhos mesmo, tudo lá, **encostado** lá... Eu digo velhinhos por causa do partido. O Coelho Filho foi inclusive deputado pelo partido, no passado. Aí a banda perfilou lá e o maestro mandou *A Internacional*. Tocou o Hino Nacional e depois emendou com *A Internacional*. Os velhinhos choraram, coitadinhos. E o Cerqueira olhando para mim, sacudindo a cabeça, assim. [risos] Porque ele sabia que era ideia nossa, não é? A gente fazia coisa desse tipo. Então, voltando ao caso do **Jango**, quando a gente voltou, já estava com uma ideia mais ou menos assim, aí já trazia na cabeça, e juntava, eles adoravam. Quando eu chegava... Eu digo: “Olha, vamos fazer isso?” “Vamos.” **Fiz** uma disputa para ver quem fazia, no Encontro, nesse Encontro dos Jovens Metalúrgicos, quem era capaz de fazer a coisa mais audaciosa, capaz de impressionar. Os caras da Fokker – era lá no Galeão... Era um dos três malditos. O cara não montou um avião dentro do sindicato? Quando chego lá, o avião montado. Foi um encontro que movimentou cerca de dois mil metalúrgicos: as empresas... Olha,

competição... Nós dissemos assim: “Vai ter competição para tudo, aqui. Se tiver três firmas que queiram, vai ter”. Apareceu nego para disputa de composição musical. Nós fizemos tudo.

D.P. – Era o quê, uma semana de atividade?

U.L. – Não. Foi um mês.

D.P. – Um mês?

U.L. – Agora... Mas teve... A coisa mais sectária do mundo: homenagem... Olha, foi [inaudível] Campos, estive lá fazendo palestra... Foi uma coisa fantástica! Você vê a programação... Está lá no Amorj, a publicação com a programação. E funcionou. Isso que é importante. O pessoal atendeu. A IBM, que era uma empresa toda refinada, foi lá. Aliás, foi o [inaudível], o cara que... Foi um pianista que fez uma música lá, fez uma composição lá. Não tinha nem competidor para ele. Só não conseguimos realizar a natação. Teve candidato, mas não tivemos condição. Mas foi uma coisa extraordinária. Então, o trabalho nosso voltado para isso, as questões... para nós, realmente, só nas discussões partidárias, mas não tomava o tempo da gente, não.

D.P. – Vocês se dedicavam mesmo à causa operária, metalúrgica. Isso é que tomava seu tempo, não é? Sobretudo isso.

U.L. – É isso aí. Porque a situação, depois do Jânio, não durou muito tempo.

P.F. – Mas, ao mesmo tempo, é o momento que começa a ter muita... Vocês fazem as greves.

U.L. – Sim. Mas aí é outra história. Se entrar nisso aí, aí vai levar tempo. O problema... [riso] É, vai levar tempo. Por quê? Porque...

P.F. – Mas isso aí, **eu quero saber**.

U.L. – Eu tenho uma opinião pessoal. Eu acho que houve muita coisa errada ali. Mas havia... Por exemplo, eu me lembro disso, a discussão dentro do sindicato, a radicalização, é aquilo que eu falei, era geral, mas acontece que... Eu pessoalmente discutia isso, mas parei até de falar, porque é aquela história do encagaçado: eu achava que estava havendo...

P.F. – Estava indo muito longe.

U.L. – Muito longe. Mas eu era um grão de areia. Não havia ninguém... Todo mundo achando. O Lellis esteve com o Lott. Eu não me lembro o nome, se foi o Osvino, o general, o cara ficou num entusiasmo, numa coisa... Meu Deus do céu! Esses caras... Mas como é que pode? Quer dizer, eles achavam... Ninguém falava em tomada do poder, essa é a realidade, mas a gente sentia que realmente era um sonho: “Os caras estão sonhando. Caramba! Será que eu sou mesmo apavorado, ou eu estou maluco? Não sei”.

P.F. – Mas o senhor sentia isso porque o senhor achava que... o senhor via a base menos politizada?

U.L. – Eu achava o seguinte: se o partido achava, essa é a minha opinião, achava que havia condições de tomar o poder, tinha que se preparar para isso. Tinha que se preparar, e não... Aí eu não quero entrar nesse terreno. Porque é a mesma coisa: eu fui convidado para a luta... para a guerrilha, naquele... Isso é uma conversa para o futuro, não é? Pela mesma razão: eu não fui porque eu achava que era aventura. E não foi? Foi. É uma coisa louvável? Eu acho que é. Não merece crítica ou ato à pessoa, porque tiveram coragem, a coragem que eu não tive. Mas não é só falta de coragem. Eu, honestamente, eu não largaria a minha família para ir para o Araguaia. Eu acho difícil que eu fizesse isso. Eu fiz aquele negócio lá do meu filho, coisa e tal, aquilo era uma coisa, mas eu não ia. Mas, antes de mais nada, é porque eu não acreditava naquilo. Eu não acreditava talvez por quê? Porque eu vi, na China, chegou-se ao poder como? Saíram cem mil homens lá de Cantão, lá do sul da China, de Xangai, para chegar no norte da China dez mil. Noventa mil ficou no meio do caminho, enfrentando luta, doença, peste – uma Coluna Prestes em outra proporção, muito maior. Quer dizer, aí o partido foi se preparar para tomar o poder, e ainda teve a seu favor a invasão japonesa, que deu... se uniu o Kuomintang ao partido, deu armas ao partido e permitiu que eles descessem a serra em outra condição, como Fidel desceu. Agora, aqui, os caras [inaudível] pensando que vão chegar ao poder levados por isso aqui...

P.F. – [Inaudível] filme. [riso]

U.L. – Pelo amor de Deus! Eu nunca pensei nisso, mas se eu tivesse visto... [risos] Então, eu não podia ser a favor, não. É isso aí. Eu talvez estivesse errado. Acho que... Não sei. E outra coisa, eu assisti... Vocês já assistiram *Caparaó*, o filme?

P.F. – Não.

U.L. – Eu assisti. Eu tenho ele. *Caparaó* conta a história da primeira guerrilha, na Serra da Canastra, e eu estive observando, mostrando ao meu filho... É um filme maravilhoso, muito bonito, mostrando os rapazes que foram, que tiveram coragem, foram para a serra, com uma dificuldade tremenda. Foi o primeiro ato de resistência armada ao golpe, à ditadura. Eles sobem a serra e... Fizeram um monte de coisa errada. Tinha que ser, não é? Não eram muitos, mas a coisa errada. Então os caras chegam... Um exemplo só, para encurtar a conversa. Eles chegam num local inacessível, mas precisam de mantimentos. Aí desce um e vai lá numa cidadezinha distante, um vilarejo distante e compra dez caixas de qualquer coisa, ou vinte caixas. Hoje... O cara que vendeu está no filme contando: “Eu desconfiei. Nunca vendi tanta coisa” O cara vendeu em um mês o que ele não vendia em um ano. Aí: “Para onde esse barbudo...?” Aí acompanha o cara. Aí chegou outro, e o camarada, um velhinho, velhinho, diz assim... Viu o cara... “Eles viraram o jipe, aí eu fui lá ajudar a desvirar o jipe”, mas ele conta... Aí ele dá aquele sorrisinho maroto e diz assim: “E quando eles estão desvirando o jipe”, ele faz assim com o pé, “eu passei o pé assim na placa, que estava com barro, e olhei, Nilópolis”, e ele fala aquilo com uma expressão... se sentindo um herói por ter denunciado os caras. Porque eles denunciavam. Aí começaram... o Exército a cercar a região toda, e pegou todo mundo. Quer dizer, que preparação é essa, se os caras...? Ao contrário, lá, a história lá da China, os caras saíram, foi morrendo gente, mas entrava numa aldeia... Os caras fugiam, porque estavam acostumados a fugir do Kuomintang, como aqui foge do Bope, então eles fugiam, e eles entravam nas aldeias praticamente desertas, limpavam tudo, deixavam arrumadinho, deixavam mantimento, em troca do mantimento que levavam. E foram embora. E dois ou três anos depois, começou a chegar gente. Só para comparar: “Olha, o meu pai... Eu sou do Rio Grande do Sul, meu pai mandou eu vir para cá para me juntar com vocês.” Aí vinha outro do Mato Grosso e outro daqui, até ter a condição, ainda ajudado pela chance que a guerra ofereceu. Quer dizer, não é brincadeira, isso é uma coisa séria. E os caras fazem aventura?

D.P. – Mas e as greves? Você estava falando que foi um período de muita greve, você lembra da que você liderou...

U.L. – Ah, sim, a greve. A greve havia. As greves... Eu acho que muita greve era desnecessária, porque aquilo foi dar arma ao inimigo, era o fogo amigo. Eu me lembro, na Leopoldina, houve uma greve na Leopoldina – era um setor importante, o ferroviário – porque um maquinista, em Caxias, um maquinista, um ferroviário – não sei o que ele era, eu acho que era maquinista – foi preso em Caxias, num bar, armado. Ele não tinha porte de arma. A Leopoldina parou por causa disso. O cara estava armado, não tinha porte de arma, tinha que ser preso. A polícia chegou, deu uma batida lá, prendeu o cara. Isso é motivo para parar uma ferrovia? Se fosse uma questão política, alguma coisa, uma demissão... Isso era fogo amigo, era tudo que eles queriam, que a reação queria, para os **padres** usarem. Como agora estão usando muita coisa que está aí. A situação é comparativa, é a mesma, é a mesma coisa. Se fazia exagero, coisas erradas. No meu caso pessoal, eu tive, por exemplo... Houve um exagero. Um dia... Eu era responsável... Quando eu fui para o sindicato, para dar a ideia de o que era a mentalidade do dirigente sindical daquela época, o Cerqueira, vou exagerar no adjetivo, ele me adorava, mas ele foi contra a minha ida para a diretoria do sindicato. Aí, no partido, dizia-se que o Cerqueira não queria que eu fosse porque eu ia ser um perigo para a permanência dele para o futuro. Era essa a discussão do partido. Não é nada disso. O Cerqueira era mineiro. Talvez por isso. [Era] por causa do meu salário. Porque o sindicato pagava. Ele achava que eu ganhava muito e o sindicato não podia pagar. Porque eu ganhava muito, mesmo: eu ganhava quinze salários. Por quê? Porque o patrão chegava para mim, me pedia... Eu acumulei três cargos na empresa, e o patrão chegava, eu digo: “Ah, eu faço, eu posso fazer para o senhor”. Era o tal de Duvernoy. “Quero um salário mínimo.” Então, não deu uma, ele chegou e disse assim... Ele demitiu o comprador, perdeu a confiança no comprador, por uma razão lá, que eu sei qual é, mas não vem ao caso, e ele pegou e disse assim para mim: “Você podia acumular para mim a função”. “Com muito prazer. É um salário. Na carteira”. “Ah, não! De jeito nenhum!” Eu digo: “Está bom. Então vamos fazer o seguinte, eu faço de graça para o senhor durante um mês; o senhor anuncia... Eu não quero nada. O senhor anuncia e diz que está precisando de um comprador para ganhar salário mínimo na Fundação Ferro Maleável e tal. Eu lhe garanto que vai fazer...” Aí foi ironia minha: “Vai ter fila na porta”. Dois dias depois, ele me deu. Então, com isso eu fui aumentando meu salário e, sei lá, por uma questão... E o Cerqueira não queria que eu fosse para o sindicato, que eu **[inaudível]** por causa do salário, está entendendo? Porque eu ganhava muito. E trabalhar, eu trabalhava de

qualquer maneira, eu continuava indo lá. Quer dizer, hoje, minha filha, não sei, eu acho que me... Não sei quem faz o salário dos sindicalistas.

P.F. – Vamos encerrando a sessão de hoje...

U.L. – [**Inaudível.**]

P.F. – Mas a gente volta um pouco nesse contexto, eu acho, aí do pré-1964, um pouquinho mais disso, e aí entramos no período da ditadura, um pouco mais para... Aí depois podemos combinar com o senhor...

A.E. – **Outro dia.**

P.F. –outro dia. [**Inaudível.**]

D.P. – Obrigada pela presença aqui hoje.

U.L. – Tudo bem.

P.F. – Muito obrigado.

2ª Entrevista: 13/04/2015

A.D. – Sr. Ulisses, em primeiro lugar, nós gostaríamos de agradecer mais uma vez a sua presença aqui para conversar conosco. E, na primeira entrevista, nós terminamos falando da conjuntura política pré-1964, então, seria bom se a gente retomasse desse ponto.

U.L. – Bom, primeiro, eu quero... Da outra vez, eu passei por cima, mas eu quero agradecer a distinção, quer dizer, a oportunidade que vocês me ofereceram de expor aqui o pouquinho que eu fiz. Nessa etapa, eu reconheço, eu não me sinto muito à vontade, porque eu não fiz jus àquela situação do Brecht, quanto aos imprescindíveis, porque, embora eu continuasse fiel aos meus princípios e tudo mais, eu, num determinado ponto, vocês vão notar aqui, eu resolvi cuidar da família, mais do que realmente da luta política. E, para entrar realmente no depoimento, em primeiro lugar, eu quero complementar uma informação que eu dei na entrevista anterior, quando eu me referi, vocês lembram, sobre o primeiro livro que eu li, na escola, cedido por um colega que me incentivou muito ao gosto pela leitura, que foi *Tarzan, o filho das selvas*. Isso foi verdade, foi o primeiro livro, mas não foi o livro mais importante na minha adolescência e juventude. Houve um livro que eu perdi a conta das vezes que reli. Na década de 1940, depois de eu ter entrado para o colégio, já depois de ter lido o *Tarzan*, eu ganhei da minha avó esse livro que me impressionou muito, muito mesmo, até hoje eu o tenho – foi presente da vovó, não é? –, que foi *História do mundo para crianças*, de Monteiro Lobato. Minha avó era uma camponesa da Toscana, como meu avô, eram imigrantes italianos, ela gostava muito de poesia, e eu era menino, sete ou oito anos, ela me punha na frente dela, ficando, com as mãozinhas ágeis, fazendo croché, e queria... para eu declamar para ela. Ela gostava muito de poesia. Às vezes ela declamava para mim, também, alguma coisa, vinha com *A bela Farfareta*, ou qualquer coisa assim, aí queria em troca logo, em pagamento, que eu declamasse. Eu ficava em pé, menino, na frente dela. Ela adorava, principalmente, particularmente, *O pássaro cativo*, de Bilac, poesias que até hoje eu guardo, daquele tempo, e *A cruz da estrada*, de Castro Alves. E ela foi muito importante, a minha avó. Ela gostava de história e tudo mais, contava

histórias. Só que era um pouco difícil o trato com ela porque ela não esqueceu o italiano, mas não aprendeu o português, misturava, ficava uma coisa parecida com a fala dos atores nas novelas da Globo, quando fazem o papel de italianos. [risos] Um negócio assim. Mas vamos então para a ditadura. Não estamos indo para a ditadura. Espero que não.

P.F. – Um pouquinho antes da ditadura. Espero também que não. [riso]

U.L. – Então ocorreu o seguinte, no dia 1º e no dia 31 de março...

A.E. – Mas, sr. Ulisses, só um pouquinho antes, se o senhor pudesse retomar em mais detalhes aquele dia lá da Associação dos... da assembleia dos marinheiros, daquele contexto.

U.L. – Puxa! Eu podia ter trazido escrito. Eu disse a vocês que eu tenho o livro escrito, não é?

A.E. – É.

U.L. – E aquilo ali me...

P.F. – Ah, então, já que a gente vai retomar, ainda antes disso, porque, na verdade, agora eu estou lembrando em detalhes, quando a gente parou, eu estava perguntando para o senhor sobre as greves do período, porque esse é um período que tem muita greve, greves consideradas políticas etc.

U.L. – Muita. Teve muita greve.

P.F. – Então, queria que o senhor contasse um pouco mais. O senhor estava explicando para a gente um pouco a contrariedade do senhor em relação a algumas coisas. Se o senhor pudesse voltar nessa coisa das greves.

U.L. – Eu não me lembro que eu revelei a contrariedade, eu passei a ideia... É contrariedade contra o quê?

P.F. – Contrariedade não. Então eu me expressei mal. Na verdade, o senhor estava falando mais da... que algumas dessas greves ultrapassavam, talvez, o adequado.

U.L. – Já entendi. Quando eu citei o fato do maquinista.

P.F. – Isso, do maquinista.

U.L. – É porque eu acho que aquilo, na minha opinião... Havia excessos. Como há agora, na minha opinião. Vou dar um exemplo. É a minha maneira de pensar. Sem nada a ver com metalúrgico. Onde eu moro, no loteamento... É aquela história de fechar a rua. Eu sempre fui contra. Eu acho que isso antipatiza. O pessoal quer descer para trabalhar... Então, houve uma ocasião que a Aga – que era uma companhia metalúrgica, mas agora é companhia de gás – tinha um depósito lá no loteamento onde eu moro – na avenida Brasil, dando os fundos para o loteamento onde eu moro. E houve uma série de explosões lá, uma noite. Então... Meu filho inclusive mobilizou o pessoal, meu caçula, pintamos lá em casa uma série de faixas. Tem foto, tem tudo. Eu chamei os amigos da

imprensa – na época, quem estava no governo era o Brizola –, então, o pessoal foi. Então foi interessante isso, porque, quando eu cheguei lá... Eu já tinha chamado um deputado que era do [PDT] do Brizola, Luiz Henrique Lima, ele levou a imprensa lá. Quando a manifestação, a passeata chegou lá, ele já estava lá com a imprensa e tudo, para dar... Não sei como, no meio daquela manifestação ali, alguém propôs e o pessoal foi para a estrada, para a avenida Brasil e fechou. Eu fui lá e tive um trabalho danado para tirar o pessoal. Eu era contra aquilo. Aquilo me valeu inclusive... Teve foto em jornais e valeu... Aquilo, um amigo meu da Rede Globo mandou um recado para mim, disse que já não se fazem mais revolucionários como antigamente. Eu não acho que isso seja revolucionário; eu acho que... Eu entendo que tudo tem que ser feito para ganhar a massa. O que antipatizar... Quer dizer, está agradando um grupo e está incomodando dezenas, centenas de pessoas que querem ir para o trabalho e chegam atrasados. Incomoda. Eu penso isso. O que acontecia com as greves? Era muita greve assim. Aquela foi uma coisa que me revoltou. Me revoltou, [inaudível], na época, porque eu achava errado. Todo mundo achava que *eu* estava errado. Eu acho que não. Como é que um cidadão que está portando uma arma ilegalmente, está na hora de folga, no bairro onde reside, é preso porque está portando arma e aí vai e para uma ferrovia, que foi o que aconteceu naquela época com a Leopoldina? Eu era contra isso. E houve muito tipo de greve assim.

P.F. – Mas nos metalúrgicos também?

U.L. – Nos metalúrgicos? Não, eu acho que não. Não me lembro. Não me ocorre aqui nenhuma greve que tenha havido nos metalúrgicos que, na minha opinião, tenha sido injusta. Até ao contrário, houve coisas muito sérias. Na GE, por exemplo, houve greves justíssimas. A GE chegou, numa ocasião... Numa greve, eles prenderam as meninas lá dentro; não deixaram sair os forneiros, para não apagar. Agora, eu não acho... Hoje, eu acho que há exagero em algumas coisas. E naquela época havia, também. Era o que eu chamava o fogo amigo, porque era contra nós, até pela propaganda negativa. Era utilizado negativamente, como hoje se utiliza – e está se utilizando cada vez mais –, como uma arma contra nós. A própria declaração do ex-presidente, falando no exército

do Stédile. Pelo amor de Deus! Que exército é esse? Brancaleone? Quer dizer, isso aí, eu acho errado isso. Mas não estou aqui para falar do presente nem do que possa vir, porque eu não sou profeta, estou falando do passado.

P.F. – Mas eu queria aproveitar o senhor, então, nesse tema mesmo, antes de a gente seguir para outra discussão, que o senhor contasse um pouco mais, então, como que funcionava... Como que fazia a greve, nessa época?

U.L. – A greve? A greve é o seguinte: naquela época, primeiro, a greve...

P.F. – O sindicato decretava a greve. Pronto.

U.L. – Mas há uma diferença, não é? Hoje, até a polícia faz greve, juiz faz greve. Naquela [época], a greve era ilegal. Então, fazer greve naquelas condições era duro. Eu contei aqui da greve que ocorreu na fábrica, na Ferro Maleável, que eu falei que só teve de bom que nós ganhamos um companheiro que era um companheiro avesso a qualquer contato com trabalhador e ele virou um líder sindical maravilhoso, que foi o Juvenal José dos Santos. O patrão, que era indiferente a qualquer coisa, daquele dia em diante, ele manteve um bom relacionamento conosco, e nós soubemos aproveitar. O mérito foi aproveitar aquilo. Não que o nosso grupo fosse melhor de que os outros. Não. Tínhamos muito mais facilidade. O que a gente fazia na fábrica, ninguém podia fazer na dele. Então era difícil a greve, mas fazia-se a greve mesmo assim. Então, quando... Principalmente quando o Cerqueira veio para o sindicato, assumiu a direção, passou a ser respeitado... O Cerqueira era um emérito vaselina: ele sabia circular entre as opiniões contrárias e tal. E ele criou uma coisa... Porque qual é a palavra típica, ligada... que está na raiz da greve? Piquete. A primeira coisa que eu me lembro, a discussão que se fez numa greve, que eu não me lembro bem o ano, uma greve por salário, por aumento de salário, e eu fui inclusive para a GE... Foi naquela que eu citei aqui, contei a história do Tenório Cavalcanti. O que aconteceu? O Cerqueira, a partir dali, ele disse:

“Não existe a palavra piquete para nós; nós temos Comissões de Esclarecimento”. Então, ia a Comissão de Esclarecimento para a porta da fábrica, esclarecia os companheiros que não deviam trabalhar e tal. Isso em alguns lugares funcionou; em outros, não. Eu fui numa Comissão de Esclarecimento... Eu acho que já nem existe mais. Era ali perto da Harmonia: José Salgueiro, a firma. A minha comissão estava esclarecendo lá e os caras vieram, e vieram agredindo. Nós estávamos com a aparelhagem de som, eles arrancaram a aparelhagem de som. Se a gente não sai, eles viravam o jipe. Quer dizer, então, havia dificuldade, mas a greve, a gente fazia. Agora, era muito mais difícil, por isso, porque o pessoal temia, e temia... O sujeito que tinha... Apesar... Havia estabilidade, não é? Eu mesmo – vou falar disso depois –, eu era estável. Na época, não, mas depois eu... Mas pegar um companheiro dentro da fábrica com oito, dez anos de casa e ele perder isso – além do emprego, perder a indenização –, o cara pensava muito, antes de fazer, mas, apesar disso, fazia a greve. Tinha empresas que não. A Standard Electric, por exemplo, que era a empresa que era dominada pelo Círculo Operário Católico, ali era difícil fazer greve, muito difícil. Mesmo assim se fez. Eu tenho fotos do Cerqueira discursando dentro do refeitório da Standard. Mas havia empresas que não era possível. Aquilo foi uma coisa, sei lá, especial. Não sei como... Até hoje eu não sei como conseguiu aquilo. O Cerqueira era, realmente, um sujeito muito hábil.

P.F. – Mas quando começava a greve, como que era a geografia da coisa? Vocês começavam nas fábricas onde vocês tinham mais força e depois vocês iam indo para as outras? Como que era isso?

U.L. – Geralmente, a gente fazia o seguinte: quando se ia decretar... Decretou a greve. Primeiro partia da assembleia, não é isso? Aí se organizava... Era mais fácil nas empresas... Porque nem todas tinham, porque... as delegações sindicais. Onde havia o conselho de fábrica, que era a delegação, era mais fácil. E essa facilidade, também, dependia da qualidade dos delegados, das delegações: onde a delegação era forte, tudo bem; onde era mais fraca, era difícil. Porque havia delegados que eram meros estafetas: eles levavam a documentação e tal... Não tinham força nenhuma para levar os

companheiros para lugar nenhum. Aí era difícil. Mas de modo... Então, fazia-se um plano: quais as empresa mais importantes? Geralmente, a gente ia de pronto na General Electric, que era onde tinha mais operários e era a que causava também mais impacto. E havia outra coisa, o setor metalúrgico tinha vários setores: mecânica, material elétrico e tal. No setor de material elétrico, era a GE e a Eletromar – hoje é um condomínio lá –, e a gente conseguia parar a GE e também a Eletromar. O ramo melhor, onde funcionava... A gente concentrava em quê? Nessa empresas capazes de... cujos empregadores tinham influência, a empresa importante. Então, tinha que concentrar nelas. O setor de fundição era muito fácil, porque era o melhor, a Federal de Fundição, a Maleável, mas era um grupo pequeno. Mas essas atendiam a qualquer coisa no sindicato, nesse grupo. Já o setor de mecânica de automóvel era muito difícil, oficinazinhas pequenas. Agora, as empresas grandes, a Metalgráfica Brasileira, que era grande, também... Já não existe mais. Era ali do lado do Sabão Português, que já acabou também, eu acho, a UFE. Então, essas empresas maiores, a gente concentrava nelas, organizava, tirava o grupo de companheiros – geralmente, liderado pela delegação, mas ia o grupo para lá e se tentava. E ninguém... Eu não me lembro de nenhum choque entre os operários. De segurança com as Comissões de Esclarecimento, houve alguns, mas de operário querendo trabalhar e não... Não, eu não me lembro. Na GE, havia o problema... Porque tinha dois portões, e o portãozinho... O portão principal era muito difícil parar, porque eles concentravam lá a segurança da GE. Eles não queriam... Não sei qual a razão, ali era difícil, então a gente ficava na linha do trem. Não ficava diretamente junto do portão, não; era na linha do trem. Então tem fotos, até. Eu tenho fotos com o pessoal parado lá. Agora, uma vez que... Por exemplo, nessa greve que eu relatei aquele problema do Tenório, por que aquilo estava cheio? A gente fazia assim: o pessoal... A greve... Está ocorrendo a greve, e as comissões iam para a rua do Lavradio – porque não havia, ainda, a sede lá na [rua] Ana Néri –, iam para o sindicato, iam informando, “está assim...”. Então era um vaivém. Nós não tínhamos... Dificuldade, nós tínhamos sim, com relação à greve. Eu digo dificuldade entre nós. Era com a FNM. Com a FNM, houve inclusive uma assembleia em que houve uma briga generalizada: cadeirada... Cadeira voava, dentro da sede. Porque a FNM era um problema muito difícil: tinha a influência do Círculo lá, que fazia oposição; o partido, lá, também era... Sempre que eu falar partido aqui é o Partido Comunista Brasileiro. Porque eu digo uma coisa para vocês: esse negócio... Eu sempre vi esse negócio de Partidão com uma conotação

pejorativa. Eu aceito Mengão, Vascão, Engenhão, mas Partidão, eu nunca usei. Então, quando falar partido, é o PCB. Quando for PCdoB, é PCdoB, aí eu cito o doB. Estou falando isso para o futuro, porque eu vou falar disso. Então é isso. Eu não sei muito o que falar para vocês sobre a greve. Na FNM funcionava. A FNM parava, apesar de o Círculo ser contra, às vezes. Mas o que acontecia? Quando vinha para a diretoria... Com a força que eles tinham, eles criavam problemas para nós no sindicato, a FNM. Eles criavam problema porque eles eram muito... O pessoal lá era muito violento, a delegação e tudo mais, então, eles...

P.F. – O pessoal do partido?

U.L. – Do próprio partido. É aquilo, quando o sujeito... Eles não tinham, na minha visão, eles não tinham... Era o meu caso, por exemplo. Eu acho que não tinha nenhum conselho com a qualidade do meu, o Conselho 42. Não tinha. Foi considerado pelo próprio Cerqueira. Eu não gosto de falar disso. Eu tenho o diploma de pioneiro, tem uma placa de bronze lá na sede do sindicato com o meu nome. Mas eu que estou ali? Não. É a fábrica. Foram os companheiros que lutaram para... O que seria eu se não fossem eles? É como a história do Napoleão: o que seria de Napoleão se não fossem os soldados em que ele se apoiou para ser o Napoleão? Ele estava mofando aí num quartel. Estaria, na época dele. Então eu não podia querer que uma outra empresa, mesmo com delegação e tudo mais, fizesse o que nós fazíamos, porque nós tínhamos, além da qualidade do companheiro, nós ainda tínhamos aquela facilidade do patrão. A facilidade do patrão em termos. Também era fruto... Eu não quero valorizar muito... Eu tenho que reconhecer que era um sujeito tratável, mas essa boa vontade dele era fruto da nossa organização, também. Vou dar um exemplo aqui, vocês podem até se surpreender. Eu nem ia falar disso, [mas] agora vou ter que falar. Houve uma ocasião em que eu... Eu era estável na firma, mas isso não queria dizer nada. Houve uma ocasião em que... Eu já disse aqui que eu aceitei a função de comprador. Eu acumulei, dentro da fábrica. Então, houve um dia em que eles haviam colocado... O patrão tinha contratado lá um novo gerente. Era um suíço, chamava-se Schneider. Então, esse suíço... Eu, como comprador, eu tinha a orientação... A ordem da empresa era que eu só comprasse com memorando,

uma coisa que fosse pedida por memorando. O cara esqueceu de pedir e faltou um material importante para o forno e arriscou a firma parar, o forno parar, porque tinha pouca matéria-prima e talvez não desse tempo para repor. Aí o empregador me chamou e disse: “Ulisses, como é que acontece uma coisa dessas?!”. Eu digo: “Eu não sabia. Eu não tenho memorando nenhum”. Aí o camarada veio – o patrão chamou –, o gerente, ele chegou e disse que, realmente, ele não tinha dado o memorando, mas tinha falado comigo. Mentira. Ele não quis assumir a responsabilidade. Bom, eu, quando vi aquilo, achei o cara pusilânime, um covarde, eu peguei... Isso no escritório. Está o patrão, ele ali e eu aqui. Do lado, estávamos fazendo obra, tinha uns tijolos. Sabe que... Me deu aquela coisa, eu fiquei com tanta raiva do cara, peguei um tijolo e parti para cima dele para dar uma tijolada nele. O cara tinha dois metros de altura, ele ia me esmagar. Mas ele correu. Graças a Deus! O patrão, na mesma hora, mandou... Ele era o bonzinho, não é? [O patrão] mandou bater a minha demissão. Na hora. Aí, está bom. Eu continuei ali esperando. Ele estava... “Vou te demitir agora!” Eu digo... Fiquei ali. Não saí, não. Em três ou quatro minutos, a fábrica parou – ele escutou –, parou tudo, a mecânica silenciou. O escritório era junto da mecânica. Aí vem o Juvenal, aquele que eu falei, que era o forneiro. O forno não podia parar, porque, se para o forno... Ele veio e disse assim: “Sr. Duvernoy, se o Ulisses for punido, o forno vai parar”. Quer dizer, se o forno para e aquilo solidifica dentro do forno, é um desastre. Então, ele aí pegou e disse assim: “Está bem, deixa que eu vou resolver”. Aí, o cara foi embora, aí ele disse assim para mim: “Ulisses, você... Vamos fazer o seguinte, eu vou te advertir, você vai assinar uma carta de advertência”. Eu digo: “Não assino nada. O senhor tem que advertir o seu gerente. Ele que tem que ser advertido”. “Então vamos fazer o seguinte, você assina, eu mostro a ele que você foi punido com uma advertência, e depois te devolvo, você rasga.” Eu digo: “De mentirinha, não. Não quero nada de mentirinha. Nem de mentirinha, eu não quero, não aceito”. Agora eu pergunto: qual era a empresa que podiam negar...? Não podia. Isso, por que acontecia? Ele gostava de mim? Não gostava, não. Era o trabalho que estava lá dentro. Infelizmente, as outras empresas não tinham isso. Era também difícil formar uma delegação porque os empregadores, quando viam a tendência do operário, eles dispensavam, não deixavam formar aquele grupo que nós conseguimos formar lá. Aliás, era em todo o ramo de fundição – a Federal de Fundição, que tinha o companheiro Heraclides, era a mesma coisa, era uma fundição forte. Já outros ramos,

como eu estava falando, era mais difícil organizar tudo, inclusive as greves, principalmente greve.

P.F. – Por que o senhor acha que na fundição era mais... relativamente mais fácil ter força?

U.L. – De quê?

P.F. – Por que o senhor acha que na fundição era mais forte?

U.L. – Eu acho que vem de uma época que eu não vivi. Já vinha do passado. É a impressão que eu tenho. Eu respeitava eles. Por exemplo, o Heraclides foi um elemento expulso do partido, mas eu admirava ele. Ele era contra o partido, era da oposição, mas era aquela política de unidade nossa e ele trabalhava bem conosco. Ele participou da revolução – em 1935, ele estava lá no RI, na Urca. Mas antes, na empresa dele, essa Federal, eu lembro que tinha gente boa, no passado. Eu não era metalúrgico, ainda. Então eu acho que isso vem de longe.

P.F. – Tradição.

U.L. – Vem de tradição. A Ferro Maleável, eu sei tudo por quê? Porque a Maleável foi criada praticamente quando eu entrei. Eu entrei logo meses depois que ela... Ela foi criada no final de 1943, me parece, e eu entrei em janeiro de 1944 para cá. Então veio todo mundo junto. E para azar deles, não sei como – é lógico que [foi] uma coincidência, feliz coincidência do destino –, tinha um grupo de comunistas lá, que se juntaram lá. O chefe da mecânica, por exemplo, logo que eu... Ele assistia... Ele ficava de longe assistindo aquelas reuniões que eu me referi da outra vez aqui, reuniões nas

quais eu me destacava lá, porque eles me provocavam, me provocavam, elogiando o Getúlio, e ele ficava acompanhando. E, de repente, ele me deu... Quando ele me chamou para trabalhar perto dele, eu acho que ele tinha também um interesse que eu ficasse junto dele, porque ele me deu logo um livro, *O espião*, que era um livro... acho que de Gorki. Não me lembro. Eu acho que é de Gorki. Aí, conversando, depois eu fui perceber, ele tinha sido preso em 1935, ele tinha as costas marcadas de maçarico... O que ele era? Era o chefe da mecânica. É lógico que ele ia ver com boa vontade a admissão de alguém... E alguém que contrariasse, reacionário e tal, ele também ia facilitar a saída. Se não fosse uma pessoa muito importante para a produção, para não prejudicá-lo, ele substituíria a peça. Então houve uma série de coisas dentro da fábrica. Aquele Mário Matheus, que eu citei já aqui, falei que chegou à federação, era um companheiro extraordinário. Ele divertia o pessoal e, no fim, aquilo... Ele conseguia me irritar, às vezes. E depois a gente foi ver o cara dirigindo a reunião, aquela primeira reunião que eu fui participar no partido. Então não tem nada de... Eu falo isso, eu gosto de falar em toda conversa que estou perdendo muito tempo com isso, mas é porque os caras... Realmente era muito difícil, era muito difícil atuar em algumas empresas, principalmente as empresas de material elétrico. Mesmo assim, no [setor de] material elétrico, havia... O companheiro Áureo Ferreira, que era o delegado da GE, com tudo isso, ele trabalhava... Ele foi a Cuba e ele trabalhava com um bonezinho, tipo o do Fidel, aquele assim, no local do trabalho. Quer dizer... E era uma empresa dura de conseguir qualquer coisa, dentro da GE. E ele conseguiu, ele trabalhava com aquilo lá. O que eu quero dizer com isso? Isso depende muito do companheiro, dele, a coragem dele em enfrentar. Ele podia... Porque ele estava arrostando a raiva dos empregadores, de todo mundo reagia dentro da fábrica, mas ele não ligava. Já outros tinham medo até de colar um papel. Submetiam... Tinha empresa que tinha que censurar, tinha que ver primeiro, autorizar, para botar lá no quadro. Aí era a qualidade dos companheiros.

A.E. – E existiam, além dos Círculos Operários, que rivalizavam com vocês, existiam outras organizações católicas dentro também... por exemplo, a Juventude Operária Católica, ou a Ação Católica Operária, que eram mais próximos ou, talvez, que fechassem com os...? Você se lembra, assim...?

U.L. – Não. Organização?

A.E. – Outras organizações católicas lá dentro, não.

U.L. – **A gente só tratava** com o Círculo, o Círculo Operário Católico.

A.E. – O Círculo que rivalizava mais, não é? Não existiam católicos próximos a vocês?

U.L. – Católico próximo? Existia. Do Círculo?

A.E. – Não sei.

U.L. – Do Círculo, existia. Porque é aquilo que eu disse, é a política nossa, porque era a unidade acima de tudo. Aliás, aquele trabalho do Marquinho fala nisso, e é verdade. Era uma obsessão, pelo meu entender. A prova disso é que nós podíamos, já na segunda eleição do Cerqueira, o partido já podia, sim, ter maioria. Na última, quando veio o golpe, já havia uma discussão séria, porque viria a próxima eleição e era uma discussão muito séria em relação... Por quê? Porque no grupo que era contrário à direção, quer dizer, o grupo do Comitê [Metalúrgico], predominava a ideia de tomar o sindicato, “não tem para mais ninguém”.

P.F. – Dentro do partido?

U.L. – Dentro do partido. Ninguém. Tirar Heraclides, Rafael, todo mundo que não fosse do partido. Era fazer uma chapa vermelha totalmente. Isso estava em discussão.

P.F. – Quem que defendia isso?

U.L. – Alguns companheiros defendiam. Porque o Comitê Metalúrgico... Eu vou falar também disso, e já falei, havia uma divergência séria com a direção. Inclusive, eu não era muito bem-aceito, não, porque... Não que eu... [Não] ideologicamente, mas havia uma ideia errada a meu respeito. Foi o que levou, também, mais tarde, a tomar a posição que tomei, embora fora da época. Por quê? Porque os companheiros eram minoria, mas eram os companheiros melhores, os mais ativistas, carregador de piano, bons companheiros, mesmo. Esses batiam de frente com a direção do partido, não temiam. Faziam uma reunião, iam membros do Comitê Central e não tinha problema, o pessoal expunha... Reuniões ilegais, mas expunham claramente que eram contrários às decisões e tal. Isso eles não estavam acostumados, dentro do partido, então, não aceitavam. Eu cheguei a um ponto **que fui** considerado chinês, não sei por quê. Depois vou falar disso, senão eu vou misturar. Depois eu falo.

P.F. – O senhor chegou a conhecer o padre Veloso?

U.L. – Pessoalmente, não. Pessoalmente, eu não conheci. Eu só conheci pessoalmente um padre na minha vida, que foi um padre que me ajudou, me escondeu, me deu trabalho.

A.D. – Quem foi?

U.L. – É o padre da igreja de Santos Anjos. Já faleceu. Posso até contar uma passagem dele, que aí eu peço para não gravar. Mas só por curiosidade, para vocês conhecerem. Mas na hora eu falo.

P.F. – Está bom.

U.L. – E um padre, agora, atualmente, que não me larga, passa horas na minha casa, vai lá conversar comigo. [risos] Mas ele chega e diz assim... Ele já me tirou da cama de manhã para conversar comigo. E ele é petista. Ele está me enganando. Eu perguntei a ele: “Padre, o senhor é petista?”. Porque eu fiz umas críticas ao Lula e ele começou a dar volta e tal, a querer dourar a pílula. [risos] Eu digo: “Padre, o senhor é petista”. Mas aí ele disse: “Não, eu não sou petista”. Mas ele entra e diz assim, toda vez: “Quem está aqui é o Sérgio, seu amigo. Não tem padre aqui, hem!”. Quer dizer, me deixa à vontade para falar o que quiser, também. São os únicos padres que eu lidei diretamente, esses dois. Agora, o Veloso, eu não conheci, não. Mas o que você estava falando: então, no Círculo, o Maranhão é um exemplo. O Maranhão foi um energúmeno, na minha opinião, porque foi o causador, é o responsável por eu não aceitar participar do grêmio, porque ele me acusou, ele foi testemunha de... Ele me acusou. Eles não sabem que eu tenho, e quem me deu foi o José Ricardo Ramalho... Não me lembro agora o nome... Era um deputado, que conseguiu para eles o processo dos metalúrgicos. Eu li aquele processo todo e vi a declaração... o que eles declararam. Uma coisa pusilânime. Foi uma vergonha. E depois eu vou sentar com o camarada, que está presidindo a reunião?! Eu fui a algumas, tudo bem. Até, lá no Amorj, um dia que nós fomos convidados juntos, eu cheguei, ele estava sentado, tudo bem, eu sento do lado dele, não tem problema, é uma questão de educação. Agora, para ficar ali para trabalhar no grêmio, numa atividade, eu não tenho, eu não tenho estômago, sinceramente. Eu posso estar errado, porque, na realidade, o certo é engolir o sapo, mas eu não tenho temperamento para isso. Mas ele era útil ao sindicato. A Standard Electric, ele fazia um trabalho **de empresa**, como eu falei, difícil. Mas ele tinha. E tinha outros companheiros que ele, Maranhão, liderava. Tinha vários companheiros. E o Maranhão fazia parte da suplência da diretoria. Qualquer comissão que se formasse, ele estava lá. Como do Círculo Operário tinha o

Expedito Aleluia Pedreira, da FNM, que era um bom companheiro. Era do Círculo. E aqui tinha outras empresas que... Tudo em torno do Maranhão. Então, no fundo, era só o Círculo. Assim, como organização católica, eu nunca contatei ninguém.

P.F. – Sr. Ulisses, só uma última pergunta sobre greve, ainda, só para... nesse período. Além dessa coisa da porta de fábrica, de dentro da fábrica, o sindicato fazia trabalho nos bairros, tentava articular onde os trabalhadores moravam? Porque às vezes a fábrica é tão difícil...

U.L. – O sindicato?

P.F. – É. O sindicato tentava fazer...

U.L. – Não, o sindicato não.

P.F. – Não?

U.L. – O partido não fazia. O sindicato era o partido. Desde que eu fui para... Essa que é a verdade. Mesmo quando minoria na diretoria, era minoria na diretoria, mas nas delegações e os ativistas, aí a maioria... Os bons ativistas, ativistas... Não falo do ativista entre aspas. [A maioria dos ativistas] eram do partido, ou simpatizantes. Então era difícil. Nos bairros, ele atuava no comitê. Foi o problema que veio a ocorrer, o grande choque que teve com a direção, porque o partido chegou num momento que entendeu... Quando o Comitê Metalúrgico começou a criar problemas para a direção, eles começaram a tender a terminar... voltar ao passado, que era aquela questão de célula por bairro. Eu atuei em célula de bairro. Quer dizer, era uma situação realmente complicada de entender, porque, se o cara está trabalhando e está dentro do sindicato, está num

comitê de classe, que trabalho ele vai fazer no bairro? Era uma **questão** complicada. Agora, o sindicato, como sindicato, não fazia nada.

P.F. – Não, não é?

U.L. – Não. Não fazia nada.

P.F. – Nem em época de greve, para tentar...? Porque às vezes é difícil entrar na fábrica...

U.L. – Não, não.

P.F. – ...você para no bairro. Mas nem...

U.L. – Não, não. No período em que eu estive na.... Eu não digo na direção do sindicato porque eu estive três anos, mas eu vim de menino, não é? E eu trabalhei muito mais quando não era diretor, reconheço isso, trabalhei muito mais pelo sindicato do que quando fui diretor. Porque antes... É aquilo que eu falei, a minha vida era 18 horas por dia em torno de sindicato. Era na fábrica e da fábrica... Todo dia, sair da fábrica e ir para lá.

P.F. – Agora, os trabalhadores da GE, por exemplo, eles moravam aonde? No Jacaré?

U.L. – Grande parte.

P.F. – Grande parte morava no Jacaré.

U.L. – Muita gente do Jacaré. Como também... Porque você está falando do monstro. Eu vou falar do monstrinho, que era a Maleável, a minha fábrica: 80% moravam no Jacaré, lá em cima. Muito pouca gente não morava ali. Tinha gente que, às vezes, ia dar a hora, o patrão mandava, eu ia lá bater para chamar o camarada para trabalhar, o camarada estava dormindo.

P.F. – **[Inaudível.]**

U.L. – Não, não chegava lá em cima; ali por baixo mesmo. Justamente pela proximidade, o cara relaxava, dormia mais um pouco. Aí ele mandava eu ir chamar. É isso aí.

A.D. – Sr. Ulisses, essas greves duravam em média quanto tempo?

U.L. – Qual?

A.D. – As greves que aconteciam nesse período.

U.L. – Ah, não tinha prazo. Tinha greve que acabava no mesmo dia. Essa greve na GE, essa greve que eu me referi... Na GE teve uma greve que foi longe – acho que levou uns dez dias, dentro da GE –, mas eu não tenho bem certeza. Não conte isso como sério, porque eu tenho boa memória, mas eu não me lembro realmente disso lá, da... Eu sei

que foi uma greve... Essa que eu me referi que eles prenderam... Não eram as meninas, não; eles prenderam os forneiros. Não sei se tinha menina. [Prenderam] o pessoal do forno, não deixaram sair. Isso a imprensa na época publicou e tudo, porque houve denúncia. Então durou mais. Aí não tinha prazo estabelecido. Tinha greve de 48 horas. **Se decidia...** Porque também tinha isso, o Cerqueira... Por isso que muitos setores do partido condenavam o Cerqueira, por isso, porque o Cerqueira... Aliás, eu acho que isso está naquele trabalho do Marquinho. Ele era muito conciliador e ele levava, às vezes, a classe a aceitar, na assembleia, por exemplo, uma proposta salarial que não era a melhor que podia se conseguir. Ele, com o carisma dele, com a capacidade de argumentação que ele tinha, ele ganhava o partido, pela necessidade de tê-lo como aliado, essa coisa e tal, e depois ganhava a assembleia. Mas não ganhava a corporação. Porque quando o cara ia receber aquele aumento que levou semanas indo à assembleia e voltando, chegando tarde em casa, cadê o aumento? E foi isso... Aí se revoltava. Mas... Aí dava trabalho, mas se contornava. Então ele tinha um mérito muito grande. O Cerqueira tinha muita capacidade para isso, ele era muito bom. Agora, por exemplo, houve um... Aí já foi o negócio da quarta cláusula que foi incluída, aquela no primeiro aumento salarial, que eu falei na outra vez que foi uma ideia que veio do Rio Grande do Sul, do Mesquita, que era presidente do sindicato de Porto Alegre. E até fui eu, conversando com ele, nós dois conversando com o Mesquita, ele dizendo... Chegando aqui, incluímos na quarta cláusula, que era o desconto do aumento dos primeiros 15 dias. Aquilo foi uma coisa... Você não imagina o trabalho que deu aquilo para todo mundo. Os caras... No momento, aceitou. Quer dizer, a assembleia aceitou. E na fábrica? Quando o camarada... “Mas por que eu vou dar meus...?!” Olha, eu vou lhe contar, foi uma coisa terrível! Foram meses e meses de discussão. O sindicato era assim: era saindo e entrando gente para reclamar. Uns queriam exigir de volta. Aí o trabalho... O Mário Matheus trabalhava a coisa, porque ele era o responsável pelo Departamento Jurídico. E para enfrentar, era ação, o patrão segurava... Era muito difícil.

A.E. – Vocês chegavam a fazer campanha de sindicalização? Na sua gestão, principalmente.

U.L. – A campanha de sindicalização era permanente.

A.E. – E houve um aumento de sindicalizados na sua gestão? Quando você assumiu a diretoria... Porque o Cerqueira foi afastado, aí vocês assumem, que era a hegemonia dos comunistas, nesse momento.

U.L. – Isso foi no meu segundo período, inacabado. Mas no primeiro...

A.E. – Que é o que começa em 1963?

U.L. – Não. Eu fui para a diretoria em 1961...

A.E. – Em 1961, não é?

U.L. – ...em julho de 1961. Mas eu viajei e só vim a assumir em janeiro de 1962. Aquele período, eu fiquei fora. Agora... O que você perguntou?

A.E. – A campanha de sindicalização, como é que...?

U.L. – Ah, sim. Mas a campanha de sindicalização era uma obsessão do Lellis. O Lellis era do Comitê Regional, era do Comitê Metalúrgico. Ele tinha uma obsessão pela campanha de sindicalização, então, tinha uma comissão grande. Era muito difícil. Não era fácil, não. Tem os balanços todos mostrando. Era uma comissão permanente, no sindicato. Porque havia comissões esporádicas – a Comissão de Sede, comissão disso, comissão daquilo – e que acabavam.

A.E. – Mas não houve uma ligação, por exemplo, entre a criação mesmo da sede, lá do Palácio dos Metalúrgicos, com um aumento de sindicalizados? Isso não teve muito...

U.L. – Aumentou. Eu considero isso, sem falsa modéstia... Eu acho que a sede... Eu escrevi sobre isso com tristeza, sobre... Ali eu digo. Aquilo ali, aqueles ferros... A pedra fundamental – era um cubo, mais ou menos assim de lado, de chumbo – foi feito na minha fábrica, pelo Mário Matheus. Ali depositava... Aquelas coisas que se faz com pedra fundamental. Então está lá aquela pedra. Dali, aqueles ferros que levaram aquilo lá para cima, aquele prédio... A única coisa que eu discordei, mas timidamente – eu já tinha um pouquinho de prestígio ali que eu podia bater mais de frente, porque eu era o secretário da Comissão de Sede e quem mais trabalhava –, foi o nome, que eu discordei, Palácio dos Metalúrgicos. Mas depois eu me arrependi, [porque] eu fui muito tímido. Eu tinha que bater, mobilizar a fábrica, a Maleável, que foi quem mais trabalhou. Vou te dar um exemplo. Quando se falou na sede, em construir a sede, os trabalhadores da fábrica – isso ninguém fez –, os trabalhadores da minha empresa – eram mais ou menos 130, naquela época – ofereceram uma semana... um dia de trabalho... Todos deram um dia para a construção da sede. Foi o primeiro ato, de saída. E depois, o que foram fazendo depois não foi brincadeira. Então... Caramba! Eu esqueci... O que você me perguntou?

A.E. – O senhor ia criticar agora a questão do palácio.

P.F. – O nome.

U.L. – Do palácio, exatamente. Então, apesar disso, a gente... Eu tinha, então, prestígio para chegar e bater de frente com eles, mas falei assim: “Palácio, que coisa esquisita!”. Isso não é nem oposição; é um comentário, assim, *en passant*. Depois eu me arrependi.

Eu achei horrível aquilo. Palácio, que coisa terrível! Porque não é um palácio, caramba! [risos] Não é mesmo. É uma coisa meio pernóstica, sei lá.

P.F. – O senhor estava no 13 de março, no comício?

U.L. – No 13 de março?

P.F. – O senhor foi ao Comício da Central?

U.L. – Eu estava encostado lá na barriga do Jango. [risos] Os metalúrgicos estavam ali na frente.

P.F. – Isso. Conta um pouquinho do comício para a gente.

U.L. – Inclusive queimou... Uma faixa pegou fogo, uma faixa nossa. Não sei como não houve uma correria. Houve uma faixa que queimou. O 13 de março é aquilo que todo mundo sabe, aquele discurso do Jango. Eu estava ali como ouvinte. A participação dos metalúrgicos foi muito boa, muito boa mesmo: muita faixa, muita gente. O pessoal atendeu bem.

P.F. – Como vocês mobilizaram os trabalhadores para ir no comício? Como é que foi isso?

U.L. – Abertamente: no sindicato... Até com documentos nós mobilizamos. E tinha muita coisa que a gente mobilizava, mas sabe como que é, é sempre o pessoal de sempre, aquela coisa.

P.F. – Vocês botaram ônibus para levar para o comício?

U.L. – Ônibus? Não. Não **botamos** ônibus, não. Mas o pessoal comparecia, comparecia e se concentrava. Tem faixa... É aquilo ali, o pessoal concentrado. E eu estava lá.

A.E. – Vocês se juntaram com outros metalúrgicos do estado do Rio, também?

U.L. – Não.

A.E. – Porque vieram metalúrgicos de vários...

U.L. – Do estado do Rio, tinha...

A.E. – De Volta Redonda, não é?

U.L. – Bom, primeiro, tinha o pessoal da FNM.

A.E. – E da FNM.

U.L. – A FNM vinha sempre.

P.F. – Do Brasil, de São Paulo veio gente, também.

U.L. – Vinha a FNM e os operários navais, que é de...

P.F. – De Niterói.

U.L. – ...de Niterói, não é isso? Eles também... É um pessoal bom, também.

A.E. – Aí vocês se juntaram todos lá.

U.L. – Os operários navais eram bons. Inclusive, acabaram se separando. Eles não aceitavam ser metalúrgicos, achavam que não era do Sindicato dos Metalúrgicos. Sempre foi. Sempre teve essa briga com eles. E o pessoal da FNM, também. Esse era o problema... o choque da... Eu não sei se por influência, se interessava ao Círculo Operário, mas eu acho... Alguns companheiros do partido, pelo menos, embarcaram naquela canoa. Eu acho que eles queriam um sindicato independente, uma coisa para lá, então, faziam oposição ao Cerqueira. A coisa era dura. Mas sobre março, sobre o 1º de março, você tinha falado dos marinheiros, aquela coisa dos marinheiros foi realmente uma coisa que me... Até hoje me emociona, quando eu lembro, porque foi uma coisa fantástica. Eu contei, falei para vocês, nós, no início... Eu fui para casa... Eu me vi no centro do vulcão, porque não tinha ninguém no sindicato... Eu, quando saí do sindicato, eles estavam organizando, enfeitando a mesa. Eu tinha por hábito, quando eu descia... Eu era o último quase sempre. Quase sempre não. O Lellis saía depois de mim quase sempre. Mas, naquele dia, o Lellis tinha saído cedo. Quando eu saí, em torno de sete horas mais ou menos, eu olhei, os marinheiros estavam enfeitando a mesa e tal. Eu tinha

pensado em ficar, mas sabia... Porque eles anunciaram a ida de Jango, do ministro da Marinha... E o Jango estava em Brasília. Eu digo: “Vem coisa nenhuma. Não vem. Tudo bem. Problema deles para...”. Aí fui embora para casa. Quando deu cerca de meia-noite, onze e tanto, parou o jipe do sindicato, me lembro como se fosse agora, o cara disse assim para mim, o rapaz, o motorista do sindicato: “Olha, o Jarbas”, que era o diretor de sede, “mandou lhe chamar”. Diretor de sede era um título que não existia; nós demos a ele porque ele foi indicado pela assembleia para acompanhar a construção do prédio, e ele, toda a vida, ele... Ele acompanhou desde a pedra fundamental até a inauguração, então, criou-se esse título. Ele era o administrador, mas todo mundo... a gente chamou diretor de sede. Mas ele não era membro da diretoria, que era limitada a sete, no último mandato. Aí, quando eu cheguei lá, eu já contei isso aqui... Aí eu fui lá. Ele disse: “Olha, o Jarbas disse que começou uma revolução no sindicato”. Quando eu cheguei, aí estava... Eu falei disso aqui. Chegaram dois oficiais, eu não sabia quem era, não conhecia, e deixei eles passarem a roleta na minha frente. Quando eu entrei, vi todo mundo levantando, e os caras, descalços, batendo continência, eu disse: “É gente grossa, graúda”. Aí o Anselmo veio, me reconheceu, viu que eu estava entrando – ele me conhecia da tarde, de ter lidado comigo e tal, atrás de coisas para preparar a assembleia, a assembleia deles –, aí ele me apresentou, disse assim: “Almirante Aragão, esse aqui é da casa, é diretor do sindicato”. O outro, eles não falaram quem era – estava à paisana. Aí o Aragão perguntou: “O senhor tem uma sala onde a gente possa conversar?”. Aí eu disse assim: “Temos”. Aí eu levei para a minha sala. Aí entraram, mostrei a ele a mesa, eles sentaram, e aí o Aragão pediu que eu ficasse. Eu entendi que aquilo não era um pedido, era uma... Aí eu já expliquei da outra vez, só agora recentemente é que eu... Eu sempre pensava nisso e cheguei à conclusão... Acho que foi uma questão de... Ele não quis... Segurança. Ele disse: “**Se esse cara sair daqui...**”. Pelo desenvolver da coisa, me levou a pensar assim. Eu fiquei encostado na parede, na janela, os dois oficiais aqui e o Anselmo aqui, e o outro deitado no canto... [inaudível] da minha mesa. Atrás, a estante com os meus livros. E o cara tamborilando com o dedo. Eu achei uma coisa... um desrespeito. Não importa que o cara... Pode ser até inimigo. Mas não era, porque estava representando o governo. Mas ele, assim, abaixado, como se estivesse, mentalmente, acompanhando uma música e, com os dedos, tamborilando. Aí o trato foi aquele, e os caras tratando eles com educação. O Aragão chamava: “Menino, vem cá. Menino...”, e ele só faltava xingar, uma rudeza mesmo, provocando, uma coisa provocante, mesmo.

Até que chegou um momento, quando eles deram por perdido o papo, porque não tinham aceitado, o Aragão disse para ele: “Bom, você me permite, eu vou... Você vai lá embaixo e você faz a proposta que nós estamos dando, de retornar para as unidades e aí a gente discutir”. Ele resistiu: “Não vai adiantar nada”. Ele disse: “Você vai, aí depois a gente vê”. Aí o Aragão desceu com ele, porque ele ia submeter a... “Está bom, eu vou apresentar a proposta.” Ele disse: “Só quero te dizer uma coisa”, o Aragão disse para ele, “se não for aprovada a minha proposta, eu já não serei mais... já saio daqui não me considerando mais comandante dos fuzileiros”. O outro disse assim para mim: “O senhor tem um telefone sem extensão?”. Só tinha no quarto andar. Eu digo: “Eu vou lhe levar lá”. Aí levei e, quando chegou lá, ele entrou, fechou a porta, não sei com quem ele conversou. Levou uns quinze minutos ou vinte, ele saiu e desceu comigo. A assembleia já tinha acabado. Eles rejeitaram a proposta logo. Aí ele desceu comigo. Quando descemos no elevador, ele disse assim para mim: “Olha, meu senhor, esses meninos jogaram uma bola de neve do alto da montanha; eles não sabem o tamanho que essa bola vai chegar aqui embaixo”. Eu fiquei com aquilo na cabeça. E foi embora. Eles foram embora e os marinheiros continuaram. Mas era muito marinheiro. Eu me lembro que quando... Tinha momentos que a gente subia a escada – eu estou exagerando um pouco, contando, mas era mais ou menos por aí –, tinha que passar por cima dos marinheiros, como no filme do Hitchcock, *Os pássaros*, passando por cima dos pássaros, assim, para não pisar. Tudo espalhado pelo chão. Era um negócio impressionante.

U.L. – ...e falar do início, do início, como eu vinha preparado para dar uma sequência, para dar uma ideia real do que eu passei durante a ditadura.

A.E. – Mas isso durante a assembleia dos marinheiros, ainda?

U.L. – Não.

A.E. – Não. Então. A gente... O Paulo tinha só perguntado para o senhor – aí a gente finaliza essa parte – um pouco como é que era esse mecanismo de abastecimento lá. Porque eles ficaram...

U.L. – Ah, sim, o abastecimento era o seguinte: nós havíamos comprado... O sindicato era aqui, e nós havíamos comprado o terreno dos fundos, que dava saída para a outra rua, e tínhamos aberto, embaixo do palco – eu falei disso, não é? –, uma passagem. Aquela passagem, pouca gente sabia que existia, porque era escondida, e pouca gente sabia que nós tínhamos comprado aquela casa. O objetivo era realmente esse, no futuro, numa emergência, usá-la, e não houve emergência maior que aquela. Nós saímos. Tanto que entrava por ali... Houve algumas pessoas, deputados, que foram lá durante o movimento dos marinheiros, mas não queriam ser vistos. A entrada pela rua Ana Néri era livre, tinha roleta e tal e estava aberta, e nós começamos usando a passagem dos fundos, pela outra rua, para entrar material, alimento para os marinheiros. Era muito marinheiro. Taifeiro, tinha bastante; a cozinha, nós tínhamos o restaurante em cima, no sexto andar; então, não havia problema. Mas a coisa foi ganhando um vulto de tal maneira que aí a comida... O povo começou a chegar, trazendo... Era galinha... Direto pela rua. Isso, nos filmes, inclusive... Tem filmes que mostram isso, o pessoal chegando. Traziam feijão, aquelas coisas todas. Aí era a solidariedade popular, ali. Aí nós deixamos de usar aquela entrada. Foi desnecessária, aquela passagem. Foi sendo usada para quem não queria ser visto. Por aquela passagem, inclusive, eu saía de vez em quando, e sempre acompanhado do Massena, João Massena Melo, que foi um dos mortos na ditadura. Ele era muito amigo meu, eu vou falar dele depois. E nós... O que aconteceu? Quando fracassou o intuito deles na assembleia, a Marinha mandou o Corpo de Fuzileiros para lá para retirar. Aí houve aquele episódio que eu já contei, também, o pessoal não conseguiu e, uma vez que se retirou o que restou da tropa – porque a maioria aderiu –, aí veio o Exército. Eles postaram no Largo do Pedregulho dois tanques – eu até brinco, falei de brincadeira, no texto que eu escrevi, “com as ferramentas apontadas lá para o sindicato”. E eu saía de vez em quando com o Massena – nós saíamos pela passagem, lá pelos fundos – e ia ver o ambiente. Num desses momentos... Vocês lembram que eu falei do cara que falou da bola de neve, que eu não [sabia] quem era porque ele estava à paisana, não se anunciou, não disse quem era.

Quando os tanques estavam lá... E eu fui com o Massena, passando no meio dos soldados, para dar uma olhada, como se fosse um transeunte. O Massena... Tinha... Hoje, tem um supermercado lá. Tinha uma quitandinha, uma porta – era o único lugar ali que tinha telefone –, e tinha um oficial do Exército falando no telefone. Aí o Massena disse: “Aquele ali, eu conheço, me dou bem com ele, é o coronel Ventura. Vamos lá falar com ele”. Aí foi. E eu fui com ele. Quando chegou, ele aí falou... Tinha um cara já fardado, da Marinha – era um capitão de corveta –, junto com o coronel. Naquela apresentação, o Massena falando com o [coronel], aí o cara se apresentou. Era o cara da bola de neve, que tinha falado... Aí ele estava fardado. Aí o Massena ficou conversando com o Ventura, e ele, de banda, aqui...

A.E. – E qual era o nome dele, o senhor lembra?

U.L. – Eu não me lembro do nome todo, ele se apresentou como comandante Sabóia.

A.E. – Sabóia.

U.L. – Mas ele foi capitão dos portos. É fácil saber quem ele era porque ele foi capitão dos portos, posteriormente, que eu soube. Eu li isso, ou vi no Google, não sei. Ele aí disse assim para mim... Ele se apresentou, o comandante Sabóia, e disse: “Está vendo o senhor o tamanho que já está a bola?”. Ela iria ficar muito maior, não é? Ele disse: “Está vendo o tamanho que está a bola?”. Isso aí praticamente foi o fim, porque depois, eu comento... Isso eu comentei, o que aconteceu, que foi uma loucura, aquelas coisas que eu falei do Ivan Ribeiro. Aquilo era uma coisa louca! Os caras... Tinha gente de todo tipo ali. E eu sem entender. Eu não entendia um palmo adiante do nariz. Porque depois eu fui entender, vendo quem era o Anselmo. Na ocasião, a gente não ia supor quem ele era, não é? Então era um elemento... Aquilo tudo provocado por ele, para servir de arma para derrubar o governo. Então, acho que foi o tal do fogo amigo. Ele não era nada

amigo; era o fogo do inimigo disfarçado. Mas é isso aí. Então, vamos entrar no assunto lá?

A.E. – Vamos.

U.L. – Está satisfeita aí?

A.E. – Estou satisfeita.

U.L. – Então está bom. Então eu vou começar aqui. Nós...

A.E. – O dia 31 de março, não é? Vai para o dia 31 de março?

U.L. – É, 31 de março. Em 31 de março, quando o Lacerda apareceu na TV dando ciência que acabou o movimento, o Jango foi derrubado e os vitoriosos... **[inaudível]** venceram, aí se dissolveu a concentração que estava no... Foi embora todo mundo, com exceção do Jarbas, que era o diretor de sede e morava no prédio.

A.E. – O senhor estava no sindicato, no dia que vocês receberam a notícia da **[inaudível]**?

U.L. – Sim, todo mundo. Mas foi todo mundo embora, dispersou todo mundo. Marcamos um encontro e saímos, todo mundo. O Jarbas... A recomendação era que todo mundo abandonasse, mas o Jarbas não... Podia. Apesar de ele morar lá em cima, ter o apartamento dele no sexto andar, ser apartamento e... Ele podia sair com a mulher

e os dois filhos que ele tinha. Nada impedia. Ele não quis sair. Ele estava habituado, como eu falei... Em intervenções anteriores, ele chegava... Aliás, só houve uma mesmo. Intervenção *pra* valer, foi uma só, no governo do Lacerda, no governo do estado da Guanabara. Então, nessa invasão... O pessoal criticava ele, mas ele era muito hábil. Ele ia, oferecia café, dava café para os soldados...

A.E. – Fazia o jogo do...

U.L. – Era um sujeito muito bom, o Jarbas. E ele achava que ia ser a mesma coisa. Ele não teve capacidade de entender que daquela vez a coisa era diferente. Ficou lá. E o outro que ficou... Por que o Jarbas ficou? Ficou, na minha opinião, por ilusão. E o outro que ficou era o zelador, que era o auxiliar do Jarbas – esse era funcionário –, o Manoel Basílio. O Basílio ficou, confiando no passado dele, porque o Basílio tinha sido informante da Dops, antes, na época de uma intervenção do Cordeiro, muitos anos antes, **na primeira** intervenção. Ele indicava metalúrgicos para serem presos e tal, e todo mundo sabia disso. Aconteceu até... Um gancho aqui. Aconteceu que, quando eu ainda... [Quando] a sede foi inaugurada, houve uma reunião ampla da diretoria, mas eles convidaram algumas pessoas para participar da reunião, para estudar – tinha-se que contratar funcionários – a contratação de gente para trabalhar. E eu participei da reunião – embora não tivesse direito a voto, porque eu não era da diretoria, mas sendo membro da Comissão de Sede, eu estive presente. E aí o Cerqueira propôs a admissão do Manoel Basílio, que era [**inaudível**]. Eu discordei. Eu falei: “Eu não posso votar; [mas] se eu fosse da diretoria, eu voto contra”. Ele estava presente, o Basílio. Ele chorou e tal. Aí eu digo: “Eu sou contra. Cesteiro que faz um cesto faz um cento. Eu não confio nesse camarada. Não pode. Vocês estão errados”. Mas o Cerqueira tinha uma lábia danada, convenceu: por unanimidade, aceitaram o Basílio. E ele, então, no dia 31 de março, ele ficou lá, confiando de que ele era um conhecido do Borer, que, não sei se vocês têm conhecimento... Eu, para mim, eu acho que o Borer foi pior do que esses caras da ditadura de 1964. Era um homem horrível, Cecil Borer. E o Basílio era muito ligado a esse Borer, e ele achava que tinha imunidade, era só ele dizer quem era. E foi o que aconteceu. Quando eles invadiram o sindicato, depredaram o sindicato, chegaram...

A.D. – Quando foi? No dia 1º de abril?

U.L. – No dia 1º de abril. Quando chegaram, eles invadiram, foram quebrando tudo. O Jarbas, com a família, lá no alto, no apartamento dele, eles pegaram o Jarbas, espancaram na frente da mulher e dois filhos – um deles, paraplégico, um menino, na cadeira de rodas –, fizeram o Jarbas improvisar uma trouxa, botaram tudo que era papel, caderno, livro ali dentro – devem ter aproveitado uns pertences e tal –, botaram na cabeça do Jarbas, o Jarbas desceu, com aquele peso na cabeça e apanhando, os seis andares de escada. Foi para o camburão. O Basílio foi também. Carregaram o Basílio. Ele... “Eu sou da casa.” Ele foi embora, foi preso. Na cela... Havia uma coisa interessante: a animosidade entre os dois, o Jarbas e... Isso não é piada, não; é verdade. Eles tinham uma animosidade, os dois, terrível, nascida no seguinte: o Jarbas não gostava dele justamente pelo passado dele de informante, e numa dessas coisas que houve no passado com, no mínimo, a cumplicidade do Basílio, o Jarbas ficou surdo de um ouvido, com um telefone que deram nele na Standard Electric. Ele era funcionário da Standard Electric.

A.D. – A segurança privada de lá?

U.L. – No passado, o Jarbas, há muitos anos, na outra intervenção, do Cordeiro, chamada intervenção do Cordeiro, o Jarbas, naquela ocasião, ele ficou surdo. E o papel do Manoel Basílio, naquela época, era nefasto. Quando ele foi admitido, [quando] o Cerqueira conseguiu a admissão dele, ele foi trabalhar com o Jarbas. O Jarbas era o superior dele. Ele era o zelador, e o Jarbas, o administrador, o diretor de sede. Quando o Jarbas via um sujinho qualquer ali – ele mesmo podia limpar, ou podia chamar um servente para limpar, [inaudível] –, ele corria o prédio todinho, até encontrar o Basílio, para dar um esporro no Basílio por causa daquilo lá, pelo prazer de... Aquilo era toda hora, os dois batendo ali e tal. Foram parar na mesma cela, os dois, na cela na Dops.

Então, para o Jarbas, aquilo foi horrível, aquela companhia ali na cela. Mas o pior... Mas teve uma coisa muito agradável para o Jarbas, porque ele teve um ótimo companheiro de cela, que foi o Mário Lago. O Mário Lago inclusive fala do Jarbas, fala do convívio deles na cela, num livro dele, que é *Reminiscências do sol quadrado*, o livro do Mário Lago. E aconteceu o que na cela? Indicaram... O Jarbas foi indicado para xerife da cela...

A.D. – Como assim, xerife da cela?

U.L. – ...e logo na primeira oportunidade, uma limpeza, ele mandou o Basílio pegar uma vassoura e limpar. O Basílio ficou louco, dentro da cela, “aqui não, aqui nós somos igual!”.

A.D. – Era uma espécie de arranjo informal entre os presos?

U.L. – Informal. Hoje eu não sei. Eu nunca fui preso. Mas sempre se indica um para ser o responsável, para manter a limpeza, manter a ordem. Isso é uma coisa natural. Eu acho que perdura isso, hoje. Se bem que têm lugares aí que têm cela que a gente vê as condições, que eu acho que não dá para ter nada.

A.D. – Não tem muito o que fazer.

U.L. – Não tem como limpar nada. Mas então eles ficaram presos. O Basílio... Aí aconteceu que o Basílio... Nós tínhamos também... Aí eu já era diretor. Tinha um... Eu falei disso. [Tinha um] advogado do sindicato – Heider Villares Sucena, o nome dele –, que ele era advogado do sindicato e, a coisa mais estranha, ele era funcionário da Dops. Todo mundo sabia disso, e ele não escondia. Aí eu fui eleito para a diretoria. A primeira

proposta que eu fiz na diretoria foi a demissão dele. Eu digo: “Não posso aceitar ficar numa diretoria e trabalhando um policial aqui. Não está certo”. Dessa vez eu ganhei: por unanimidade, ele foi demitido. Mas continuou relacionando-se bem. Para mim, ele telefonava, mandava livros para mim de presente. Ele queria manter com o sindicato aquela coisa.

A.D. – Isso foi assim que o senhor assumiu a diretoria? Assim que o senhor assumiu a diretoria, o senhor...?

A.E. – Até 1961, ele era o advogado.

U.L. – Eu me lembro muito bem, a primeira coisa que eu...

A.E. – Até 1961, ele era o advogado do sindicato. Aí, depois, o senhor conseguiu...

U.L. – Ele foi demitido quando eu fui eleito, em 1961, na minha proposta.

A.E. – Aí contrataram um novo advogado?

U.L. – Não. A casa tinha outros.

A.E. – Já tinha.

U.L. – Tinha três advogados no sindicato, advogados do sindicato. Tinha três. Ele era um deles.

A.E. – Mas ele continuou frequentando a sede?

U.L. – Não, ele não frequentava; telefonava para lá.

A.E. – Aí não foi mais.

U.L. – Ele procurava manter... Às vezes, mandava um livro, quando tinha um livro ligado a qualquer coisa de metalúrgico, de sindicato, mesmo que não fosse metalúrgico, ele mandava para a biblioteca, para manter um... Sempre esperando ser útil aquele relacionamento para o futuro. Aí o Sucena, então, foi falar com o Borer para libertar o Basílio e, segundo um advogado nosso, o Sucena contou para ele que, quando chegou e falou com o Borer, disse “Borer, você sabe que tem um homem aí que não é para estar aí, que é o Manoel Basílio”, ele disse: “Você está enganado. O Basílio é um passarinho que deixou de cantar, então, o lugar dele é na cadeia”. Papo furado, para mim, porque ele cantou a vida toda. E provou depois que continuou cantando por muito tempo, porque ele foi um dos meus acusadores, foi acareado comigo – eu falei disso em parte, aqui. Então, passado isso, o dia 31... Porque eu fui adiando. Agora, voltando ao dia 31 [de março]: o pessoal debandou. No dia seguinte, ao entardecer, no 1º de abril, nós nos reunimos – nós que eu digo, o Comitê Metalúrgico, a maioria, porque nem todos estavam presentes – numa casa lá no Largo do Bicão. Teve uma reunião rápida, praticamente... Todo mundo perdido, aturdido, não sabia... desorientado. Na realidade, o que se estabeleceu ali foi um salve-se quem puder. Eu digo: “Olha, vocês... Vamos dar um tempo até uma próxima reunião. Vamos marcar e vamos cada um cuidar de si”. Eu até [inaudível]: “Cada um por si e Lênin por todos”. Então eles... O curioso... O curioso não, o irônico dessa reunião é que o vizinho do lado, enquanto nós estávamos reunidos,

o vizinho do lado não parava de soltar fogos, e dando vivas à revolução, vivas ao golpe, insultos a Jango e tal. Bom, terminou a reunião, fomos embora, e...

A.E. – E nessa reunião era o quê? Vocês do núcleo do partido?

U.L. – Era o comitê. A direção do partido.

A.E. – O comitê. Ou junto com os trabalhistas também? Estava todo mundo junto no mesmo barco.

U.L. – Não, não. Essa reunião era do partido, só do partido...

A.E. – Do partido. Certo.

U.L. – Só do partido, para saber o que nós íamos fazer. Quando eu falo o Comitê Metalúrgico, era só o partido.

A.E. – Era o partido.

U.L. – Aí, duas semanas – não me recordo bem –, duas ou três semanas depois, nós voltamos a nos reunir.

A.E. – E vocês, enquanto isso, ficavam...? O senhor continuou na sua casa? Ou vocês tiveram...?

U.L. – Não, eu não fui para casa, eu saí de casa, porque... Você, minha filha... Quando eu ouvi o rádio, era uma coisa horrível, as notícias eram só... Foram presos fulano, sicrano e beltrano, na Ilha das Flores, no navio na [baía] da Guanabara... Então a gente não sabia o que ia acontecer. A primeira coisa que eu fiz: eu saí de casa.

A.E. – E aí o senhor foi para onde?

U.L. – Até ver... O que fez todo mundo. É aquela história do salve-se quem puder: cada um... Esperando acalmar. A situação perdurou por muito tempo, mas, com duas ou três semanas, não estou bem certo, nós voltamos a nos reunir. A situação tinha mudado muito pouco e, em alguns aspectos, tinha até piorado. Então, o que nós...? Nessa reunião... Qual foi o objetivo da reunião? Foi tentar localizar, ver como localizar alguns companheiros que ainda não tinham aparecido – nós não sabíamos se teriam sido presos ou se acovardaram, fugiram. E nessa reunião inclusive houve uma sugestão – não chegou a ser proposta, diante da nossa reação –, houve uma sugestão para que eu e o Lellis nos asilássemos na embaixada da Iugoslávia, que foi o caminho que o Cerqueira tomou. E eu me lembro que nessa... Nós nem permitimos, nem eu nem o Lellis, que se votasse aquilo, porque a gente não iria aceitar. Eu me lembro até que eu fui infeliz – aquele clima meio tenso, aquela coisa, eu fui fazer uma brincadeira e eu notei que não agradou muito –, porque eu disse assim: “Eu jamais vou para um país onde eu não veja o Vasco e a Portela. *[riso]* Aí ninguém riu como você, não. Ninguém riu. **Ficaram de cara** amarrada. Eu digo: “Dei mancada”, porque todo mundo ali devia ser Flamengo e Mangueira, com toda certeza.

A.E. – Deu um fora.

A.D. – E por que o senhor não pensou na ideia de...

U.L. – De asilar?

A.D. – ...de se asilar?

U.L. – Não. Eu digo a você, minha filha, eu... Vocês já notaram aqui que eu sou um homem que eu amava demais a minha esposa. Consequentemente, os filhos. Eu não ia me afastar. Eu preferia morrer aqui, perto deles, de que curtir a saudade deles. A saudade que eu estou curtindo agora, eu curtiria naquela época. Então...

A.E. – Mas o senhor, quando saiu... O senhor disse que teve que sair de casa, logo nesse imediato do golpe. Aí a sua família ficou em casa?

U.L. – Eu vou seguir. O que aconteceu? Porque isso é importante que saibam, porque aí é que vai mudar. Nessa segunda reunião, praticamente... Praticamente não, foi, na verdade, a última reunião que eu participei, no Partido Comunista, no partido. Por quê? Porque, a partir dali... A comunicação entre nós era muito difícil, e o partido... Eu fui deixando de ser procurado, e eu também não fazia por procurar. Os companheiros que vinham a mim, com quem eu me encontrava, mantínhamos contatos e tal – mas espontâneos, nada organizado – eram companheiros do Comitê Metalúrgico que ou já estavam ligados ou estavam a caminho do PCdoB, e eles me procuravam, é claro que era para me ganhar, e eu não estava de acordo, eu não queria, porque eu não estava de acordo com a linha deles. Eu respeitava a opinião deles, admirava a coragem deles, mas eu não estava de acordo em seguir. Mas eles continuavam com um bom relacionamento comigo, mas não como partido, porque eles mesmos já não estavam integrados no Comitê Metalúrgico. O Comitê Metalúrgico, quer membros da base, de organismos intermediários ou da direção, eu só tinha contato... Eu não tive contato; ele teve contato conosco, com a minha família, que foi o Massena, que foi morto – eu vou falar dele

depois. Nesse período, houve também... Ele já estava no PCdoB, um companheiro que inclusive prestou uma ajuda valiosa, que também foi morto, uns 12 anos depois, foi assassinado – ele não era metalúrgico, era da Carris, do Sindicato de Carris –, que foi o Armando Frutuoso. Armando Teixeira Frutuoso, eu acho, o nome dele. Eu não sei a data que... Eu sei que ele foi preso uns 12 anos depois. Não sei. É por aí. E foi desaparecido. Esses companheiros que me procuraram. E o Massena, o Massena era uma criatura que, antes do golpe, nós já tínhamos uma relação de amizade. Além do convívio partidário, nós tínhamos uma relação de amizade, mesmo. Eu fui várias vezes à casa dele, ele ia à minha casa, eu cheguei a levá-lo para comprar um terreno pertinho da casa onde eu moro. Depois do golpe, nem sei como, venderam. A mulher dele, a Ecila, ela deve ter vendido, porque hoje é um salão de festa. Então o Massena ia lá em casa. Ele ia para dar força à minha mulher e os filhos. Ele divertia os garotos, os garotos riam, até hoje eles comentam. Ele chegava lá... Ele não tinha um fio de cabelo, então, ele usava uma boina espanhola, assim, de lado, e ele fazia umas palhaçadas lá, os garotos riam, gostavam. A mulher me dizia que os garotos ficavam felizes. Eu tenho ainda um bilhetezinho que ele deu, que a minha mulher não precisou, não usou, mas ele deu um bilhetezinho encaminhando a minha mulher para tratamento de saúde com um médico que era do partido, Justino Prestes de Menezes, esse médico. Eu tenho o bilhetezinho guardado lá. Botei até no livro. Está lá no livro. E o Massena, eu ficava irado, quando sabia que ele foi lá em casa, por ele, porque eu achava uma temeridade. Mas o Massena era assim mesmo. Eu me lembro que ele, numa ocasião – não me lembro qual era o motivo da discussão –, nós discutimos uma situação que eu disse para ele que, se aprovada uma proposta que ele ia apresentar, na minha opinião, iria ser um desastre, ia causar... Qualquer coisa assim. E eu me lembro que ele disse assim para mim: “Ulisses, isso é uma desgraça futura. Quando acontecer, nós vamos ver como enfrentar”. A desgraça que ele enfrentou, ele não teve como enfrentar, que é o fim trágico que ele teve.

A.E. – E na sua casa, enquanto o senhor não estava, porque teve que sair dali...?

U.L. – Eu vou entrando... Eu vou seguindo daqui, agora. Aí o que aconteceu? Houve o golpe, eu não fui para casa, não voltei para casa. Mas tinha o problema econômico: “Como eu vou manter a família?”. Eu trabalhava, eu já era estável na Ferro Maleável, eu tinha muito tempo de casa, mas não podia trabalhar. Eu era, realmente, muito conhecido. Não chegava a ser um Lula, mas eu era, no setor metalúrgico... Quem passasse no sindicato... Era difícil encontrar alguém que não me conhecesse, a mim, ao Lellis, ao Cerqueira. Os demais da diretoria, não, porque eram funções burocráticas. O diretor do Departamento Médico ficava plantado lá; o do Departamento Jurídico estava lá controlando os advogados, atendendo os companheiros. E eu, o Lellis... O Cerqueira, nem tanto. Mas o Cerqueira era aquela... Ele era...O **marketing** dele era ele mesmo. Mas eu e o Lellis gostávamos muito da porta de fábrica, íamos muito a fábricas, então, mesmo quem não ia no sindicato nos conhecia. Eu não tinha condição de trabalhar na indústria metalúrgica. Eu digo: “Mas vou voltar para a fábrica, dê o que dê. Vou ser preso...”. Eu sabia que ia ser preso. Eu mandei um recado por aquele companheiro, o Juvenal, que era da delegação. Porque, nessa altura, não tem mais delegação, não existia mais, mas ele estava lá. Ele não era membro do partido. Era um grande amigo do partido, mas não era membro do partido. Aí eu mandei um recado para ele. O patrão já não era aquele francês, o Duvernoy, bonzinho – ele tinha vendido a fábrica –, e o patrão de então, ele não queria nem me ver. Juntou a fome com a vontade de comer. Por quê? Porque eu ia voltar por necessidade, ia arriscar. Eu sabia que ia ser preso. Eu digo: “Eu vou viver do auxílio...”.

A.E. – [Auxílio] desemprego.

U.L. – “...esse auxílio de preso, mas vou ter que voltar. Vou fazer como?” Mas não queria. Ele, por sua vez, não queria nem me ver. Ele esteve no sindicato uma ocasião, para conhecer o sindicato, para saber como aquele cara [de quem] ele comprou aquela fábrica, por que era tão ligado ao sindicato, permitia aquelas coisas. Ele foi lá. Então ele me conhecia. Mas não queria me ver. Por quê? Porque além de... Ele era... Eu não sei bem qual era o grau de parentesco, mas eu sei que ele tinha parentesco, não sei se era marido ou primo... alguma coisa de uma filha do Graciliano Ramos, e o Graciliano,

naquela época, tinha tido problemas, também, com a ditadura. Então ele não queria me ver. Aí me propôs um acordo. Eu tinha estabilidade, só podia ser demitido por justa causa. Tanto ele como eu sabíamos que aquela justiça do trabalho da ditadura ia considerar justíssima a minha demissão, com toda certeza, mas ele não quis arriscar nenhum contato comigo. Aí eu propus... Eu digo: “Ele me propor um acordo, eu pedir o que eu quero... Eu não vou fazer disso coisa de mercado, a minha situação. Eu quero o que ele me deve; eu não quero botar preço”. Aí propus a ele que ele me pagasse o que tinha que pagar por lei, caso ele quisesse me dispensar, que era o pagamento em dobro, um mês por cada ano de casa. Eu tinha 12 anos e pouco de casa, então, fizemos o acordo. Ele só me propôs... Tudo por intermédio do Juvenal, porque eu não ia lá. Ele propôs pagar como se eu estivesse na folha de pagamento: todo mês, o salário, para não dar o dinheiro todo. Para mim, era até melhor, porque eu podia fazer loucura com aquele dinheiro e depois fazia falta. Então eu tive dois anos de segurança, quanto à subsistência.

A.E. – Como é que ele se chamava? O senhor lembra o nome dele, desse patrão?

U.L. – Esse, eu não me lembro. Porque o meu contato com ele foi muito pouco. Eu só tive contato na visita que ele [fez] ao sindicato.

A.E. – E ele era brasileiro, não é?

U.L. – Brasileiro.

A.E. – Porque o outro era francês.

U.L. – Mas havia um agravante que eu não falei: ele tinha um gerente que talvez fosse a razão maior do medo dele, ele tinha um gerente que era coronel reformado, e ele, se não me engano, ele chegou a falar para o Juvenal, ele chegou a falar disso, que ele temia pelo sócio dele. Mas não era sócio; ele, segundo eu sei, era gerente dele. Pois bem. Então...

A.D. – Aí o senhor ficou com um vínculo empregatício formal, não é?

U.L. – [Se] eu tinha?

A.D. – Durante esses dois anos, o senhor ficou com um vínculo empregatício formal.

U.L. – Não, vínculo não. Foi dada baixa na carteira.

A.D. – Tinha acabado, mas só o pagamento que era...

U.L. – Não. Ele deu baixa na carteira, como se eu abandonei o serviço. Eu pedi as contas, saí, acabou. Mas eu não sei como é que ele fazia lá para justificar o dinheiro. Não sei. Ele era o dono – talvez, sozinho, não sei –, ele tinha como explicar isso. Mas o fato é que a minha mulher todo mês ia lá receber, no dia do pagamento, e pagou religiosamente, até o último mês. Até esse dinheiro acabar... Eu estava preocupado realmente com a minha segurança. Eu não queria ser preso de maneira nenhuma. Porque eu acho... Honestamente, eu acho que o dia que me... Se me prendessem, eu morria. Eu não suporto prisão. Aqui está ótimo, uma maravilha, [inaudível]. Então eu fiquei fora de casa...

A.E. – E o senhor ficou aonde? Ou em vários lugares? Para onde que o senhor foi?

U.L. – Eu mudava. Nos primeiros momentos, eu fui para a casa de uma irmã, na Pavuna, e fiquei lá. O meu cunhado tinha viajado... Ele trabalhava na Ishikawajima, que era uma empresa metalúrgica, e ele tinha um prestígio muito grande lá. Ele só não ocupava a diretoria porque ele não era japonês. E ele foi incumbido de pegar o primeiro navio – se não me engano, era o Ceará... Eu tenho até a flâmula desse navio. A Elina Pessanha chegou inclusive a conhecê-lo. Vocês conhecem a Elina, é lógico. Ela foi na minha casa, eu o apresentei a ela. Ela tinha que fazer um trabalho sobre os operários navais, ou qualquer coisa assim, e eu falei dele com ela, ela foi lá, flâmulas e coisa. Mas isso agora não vem ao caso.

A.E. – E a sua família, enquanto o senhor não estava?

U.L. – Continuou em casa.

A.E. – Mas chegou a ser importunada por agentes do Dops?

U.L. – Eu já vou chegar... Vou chegar lá agora.

A.E. – Está bom. Eu sei tudo que você vai perguntar. [risos] Aí veio isso, aconteceu a reunião, os companheiros me procuraram, eu voltei, fiz o acordo, estava tudo garantido. Aí aconteceu o seguinte... Em janeiro de 1964, eu tinha iniciado a construção da minha casa. Eu morava na casa da minha mãe. Apesar de tudo que aconteceu, eu continuei usando o endereço da minha mãe. A minha mulher estava lá na casa da minha mãe – onde eu morava – com meus filhos. Eu estava fora. Como tinha esse... Nesse loteamento, eu tinha um lote e tinha iniciado a obra em janeiro. Mas ninguém sabia que

eu estava fazendo nada. Só havia uma pessoa que sabia. Além da minha mãe e da minha mulher, só uma pessoa sabia, que foi quem me forçou a comprar aquele terreno. Era um companheiro do partido e do sindicato – não era da diretoria; era um ativista do sindicato. Ele tinha comprado um lote e tinha feito uma casinha lá. Então, ele chegava no sindicato... “Ulisses, compra um terreno. O loteamento é bom”. E era perto: de Rocha Miranda para Coelho Neto é pertinho. Ele disse: “Você compra um terreno lá. Eu fiz uma casa, você precisa ir lá ver, é muito bom”. Então, ele ia no sindicato, aquilo era um... Não me preocupava, não dava bola. Um dia ele chegou com um papel... Depois ele influenciou na minha vida positivamente, muito, muito. Ele chegou, botou um papel na minha frente, disse: “Olha aqui, vê o que é isso”. Era uma reserva de um lote. Ele disse: “Olha, você tem até domingo...”. Não sei que dia da semana era. Lembro que ele falou assim: “Você tem até domingo para ir lá, pagar a entrada e ficar com o lote que eu escolhi. Se você não for, eu vou pagar. Só quero que você me diga se é justo eu pagar um terreno para você”. Eu ri, como você está rindo. Fui lá no domingo e comprei o terreno e, em janeiro de 1964, comecei a construir. Aí veio o golpe, eu digo: “O que eu vou fazer?”. Saí de casa, fui para a minha irmã, fiquei uns tempos na minha irmã e, depois, resolvi fazer o seguinte, ir lá para a obra. Cheguei e disse para o pedreiro... O pedreiro tinha sido indicado pelo meu padrasto, era um cearense muito atrasado, eu disse a ele: “Olha, meu filho, eu vou ficar aqui com você, mas você...”. Ele sabia que eu era o dono da obra. Eu disse: “Mas você não se preocupe porque eu não estou aqui para vigiar você, não. Eu quero ter o prazer de trabalhar como seu ajudante, para levantar a casa que eu vou morar”. E fiquei trabalhando como ajudante dele ali. Como eu dormia? O loteamento era separado por um rio... O rio Acari separava o loteamento da favela Proença Rosa, que é lá em Honório Gurgel e Barros Filho. Eu dormia na favela, numa casinha lá dentro da favela, que era do meu padrasto. Meu padrasto foi uma pessoa maravilhosa, foi meu pai, mãe, foi tudo ele, e ele tinha um quarto lá onde ele guardava as coisas dele e tal. Ele morava com a minha mãe, mas tinha aquilo lá. E aí foi uma mão na roda: eu dormia lá naquele quartinho; tinha um pontilhão, uma pontezinha de madeira feita pelo pessoal da favela para facilitar o acesso para o lado de cá... E eu então dormia lá, de manhã vinha para a obra e passava o dia na obra. Ali eu estava à vontade, porque o loteamento quase não tinha ninguém, ainda – tinha muito terreno, mas casas edificadas eram poucas, então, poucos moradores –, passava muito pouca gente ali. Então eu digo: “É o lugar ideal”. Hoje está tudo mudado: a favela não é mais

favela, agora é comunidade Proença Rosa, não é mais favela Proença Rosa; o loteamento não é mais loteamento, não tem mais um lote vazio, está todo... O que permanece é o rio Acari, que continua rio Acari, poluído e sujo como era, e continua igual. Aí eu... A obra foi indo, eu fui ficando ali o tempo todo. A correspondência... É curioso, não é? Em julho, se instaurou... No dia 22 de julho, se instaurou o IPM no Sindicato dos Metalúrgicos, aí foi... A intimação, enviada pelo coronel, foi enviada para a casa da minha mãe, que era... O meu endereço oficial era aquele. E eu continuei... Aí eu fui depois responder. Vou falar disso mais adiante. Por ora, eu quero falar o que aconteceu que me fez sair de casa. Um dia a minha mulher, que estava morando comigo lá no Parque São Luiz, que é o loteamento, ela foi buscar o meu filho caçula na escola, **aquele que se benzeu**. Mas ela, como saiu cedo, foi na casa da minha mãe, que era onde nós morávamos. Ela foi lá, fez hora e, quando chegou na hora de pegar o menino, ela veio para a escola apanhar o menino, porque ela não sabia que a casa estava sendo vigiada há muito tempo. Não tinha acontecido antes porque ela não tinha ido lá. A gente evitava o contato com a minha mãe e tal. Naquele dia, ela bobeou e foi na escola. Mas ela era muito... Minha mulher era maravilhosa. Ela percebeu que estava sendo seguida. Aí ela foi, pegou o menino e voltou para a casa da minha mãe. Não adiantou nada. A droga estava feita. Os caras foram na escola, foram à diretora e quiseram a ficha do garoto, a filiação e tudo mais, e constataram que era meu filho. Era o único lugar que tinha meu endereço certo. O endereço novo, era o único. Ela, quando deu lá, deu... Não sei se por inadvertência... Tudo bem. Não estou responsabilizando ela. O que eles fizeram? A diretora avisou a ela. No dia seguinte, quando ela chegou... Eles não foram no mesmo dia, mas dias depois começaram a perturbar. Eles nunca invadiram, nunca houve uma violência contra ela – a violência é essa, moral e tal –, mas toda hora iam lá. E ela era muito corajosa. Ela chegava e dizia assim... “A senhora sabe...? Eu tenho um trabalho, tenho uma planta para fazer” – eles sabiam que eu era desenhista – “uma planta...” Ela dizia: “Meu filho, não perde teu tempo. Você é policial. Eu não sei onde ele está. E se eu soubesse, não ia te dizer. Não toma o meu tempo”. Ela tratava todos eles assim, ou coisa parecida e tal. E toda hora, toda hora. No terreno do lado, eles chegavam, botavam uma patrulhinha, às vezes, ficavam a noite toda. Um dia, perseguiram um sujeito que vinha andando no lusco-fusco da manhã. A patrulhinha lá dentro, e o terreno baldio do lado da minha casa – hoje é a casa do meu filho –, eles ficavam ali dentro. Aí viram um cara vir chegando, parar e, de repente, voltar apressado.

Eles disseram: “É ele. Viu a gente, sentiu”. Correram... “Para! Para!” Um escândalo, o pessoal **todo na rua** e tal, o cara se meteu dentro da casa de um vizinho mais distante. Viram que não era eu, depois. Aí... “Por que você correu?” Aí o cara falou, disse... O cara viu a brasa do cigarro de um deles... O cara **vinha** longe, não tinha visto, mas um cara com um cigarro, o cara pensou que ia ser assaltado e fugiu. Coisa desse tipo, assim, aconteceu uma porção. Então, o que aconteceu? Eu comecei a responder o IPM, mas saí de casa. Porque, diante disso aí, já a coisa ficou meio complicada para mim. Eu digo: “Vamos dar um tempo, para ver o que acontece”. Vamos ao IPM. Eu já tinha recebido duas intimidações e não tinha atendido. Na terceira, eu fui. Quando eu cheguei... O IPM estava funcionando exatamente na sala onde o Jarbas tinha sido espancado, lá no apartamento. Quando eu cheguei, foi engraçado... Tinha três militares lá. O coronel que presidia... Ele era tenente-coronel. [O tenente-coronel] que presidia o IPM era Ari Pereira Oliveira, o nome dele. Aí, ele sentado, eu cheguei, me apresentei – e eu levava uma bolsa –, e tinha um capitão, e um sargento, na máquina de escrever. Aí eu pousei... Tinha duas cadeiras, eu posei a bolsinha que eu levava, uma mala, uma maletinha, uma bolsinha, e botei do lado, aí eu disse a ele quem era, e ele disse assim: “Antes de nós começarmos, o senhor me diz, o que tem nessa bolsa aí?”. Aí eu falei: “Nessa bolsa, tem pertences meus de higiene, toalha, essa coisa”. Eu estava certo que eu ia ser preso. Aí ele riu e disse assim: “Olha, pode ficar tranquilo porque eu não mando prender ninguém. Mesmo àqueles que não atenderem a minha convocação, eu confiro o direito de não querer se defender. Não vou mandar prender ninguém”. Aí eu digo: “Bonzinho, o cara”. Mas ele era muito educado. Nós demos muita sorte, porque os IPMs, naquela época, quando eram aqueles cavalarianos que não gostavam de cheiro de povo, preferiam o cheiro de cavalo, como o Figueiredo, o cara chegava para depor, já era sendo violentado, arma na mesa, grito, uma coisa horrível, pelo Brasil todo. Nós, o cara era muito delicado, educado, fala mansa. Ele ditava... Perguntava, ditava para o capitão, o capitão fazia o que você está fazendo aí, ia escrevendo, e passava as laudas e o sargento datilografava. Quando o Tainha lá acabava de datilografar tudo, aí dava o depoimento para eu assinar. Ele assinava e eu assinava. Esse coronel era um tipo bastante interessante. A sorte que nós demos que eu estou falando é que, enquanto os outros eram assim, ele era educado, ele não elevava a voz. Estava cumprindo o papel dele. Ele era lobo com pele de cordeiro, a gente sabe disso. Mas como é que ele fazia? Teve momentos comigo que ele foi muito gentil; teve momentos que ele me

surpreendeu, eu não entendia bem como é que um homem podia fazer perguntas como a que ele fazia; e houve um momento em que ele foi cretino ao extremo. Agora, o tratamento que ele dava era cortês, não sei se por habilidade... Justificava-se, eu acho, porque para mim era justificativa: é lógico que deve ter professor mal-educado, também, mas ele era professor do Colégio Militar. Não sei qual era a arma dele, mas ele, a função dele era professor do Colégio Militar. Então, o professor sempre é professor, não é? E não quer dizer que ele podia tratar mal. Mas ele, não, ele tratava a gente com educação. Isso o aspecto... Por que ele me surpreendia? Com certas perguntas que ele fazia. Ele levava horas me interrogando. Mas eu nem considero interrogatório; era uma conversa. Ele fazia perguntas assim... Ele gostava de conversar trivialidades. “O senhor esteve na China, não é? E como é que o senhor resolveu o problema de alimentação lá?” Não tinha nada a ver com minha posição política, mas ele falava coisas assim. Eu tinha muito cuidado, porque às vezes ele metia uma casca de banana [inaudível]. Mas aquilo me agradava, falar com ele, porque eu não tinha medo disso, desse aspecto, eu gozava com as perguntas que ele fazia. Por exemplo, um dia ele chegou e disse assim: “Sr. Ulisses, o senhor disse...”. Porque a orientação que nós tínhamos era negar que era membro do partido, fosse... Eu ainda disse... Meus advogados eram o Vivaldo Vasconcelos e o Modesto. O Modesto está vivo, está aí, o Modesto da Silveira. A orientação que o Vivaldo nos deu... Ele disse: “Vocês neguem”. Eu disse assim: “Vivaldo, se o cara me mostrar uma fotografia, um documento com a minha assinatura, como é que eu vou negar?”. “Você negue. Não queira saber o que vai acontecer.” E todo mundo respeitou isso, exceto o Lellis. O Lellis chegou e disse a ele que era membro do partido, era membro da direção do partido. O Lellis se recusou a seguir essa orientação, tudo bem, mas os outros seguiram, e eu também. Aí ele disse para mim: “Como é que o senhor diz que não era comunista e do Partido Comunista e eu tenho uma carta sua endereçada por Chu En-Lai, endereçada ao camarada Ulisses Lopes?”. “Me admira o senhor, coronel, os chineses... A carta não foi endereçada ao camarada Ulisses Lopes, a carta foi endereçada ao sindicato. Eu sou o secretário-geral. Eu emito a correspondência, assino a correspondência que é emitida e de volta eu recebo”. Quer dizer, nós havíamos realmente... Foi uma tolice aquilo, mas tudo bem. Mas a minha resposta que é o negócio. Eu disse assim para ele: “Coronel, os chineses chamam camarada a todo mundo. Eles são capazes de se dirigir ao papa e chamar camarada Paulo VI”. Aí... Ele ria. Quer dizer, como que, em um IPM, alguém ia poder

falar um negócio desses? Outra vez ele falou... Outra pergunta idiota... Por exemplo, ele disse assim: “Sr. Ulisses, me diga uma coisa, por que motivo o senhor ia convidar Gagarin para vir ao sindicato, para ser recebido no Sindicato dos Metalúrgicos?”. “Coronel”, era a mesma coisa de sempre, “eu estive na embaixada da União Soviética na qualidade de secretário-geral do sindicato que estava convidando. Nós soubemos que o Gagarin viria ao Brasil, ao Rio de Janeiro, e nós fomos pedir à embaixada soviética que colocasse o sindicato, o Palácio dos Metalúrgicos, que era o único palácio sindical que tinha no Rio, e sabendo mais, que ele tinha sido metalúrgico na sua juventude, que incluísse o nosso sindicato no roteiro da passagem dele pelo Rio, e eles nos atenderam. Quer dizer, quem o convidou foi o sindicato; eu assinei, a assinatura... E acho que foi maravilhoso, porque o mundo inteiro queria receber Gagarin. Onde há estranheza disso?”, eu perguntei para ele. Quer dizer, todo mundo queria... O Gagarin correu o mundo. Aí ele desconversava. Outra dele, chegar e dizer assim: “Por que o senhor organizou um curso de russo no sindicato?”. Eu digo assim: “Porque havia metalúrgicos interessados em aprender russo. Até o senhor, se fizesse um curso de russo, seria útil. Um dia, o senhor vai à União Soviética, o senhor vai utilizar o...”. Aí ele... Eu falava para ele assim. Então era um cara tolerável.

A.E. – E quantas vezes você foi lá? Quantas vezes que eles te convocaram [inaudível]?

U.L. – Ih, minha filha, perdi a conta. Não sei. Muitas vezes.

A.E. – Muitas vezes.

U.L. – Toda hora ele convocava.

A.E. – E toda hora te convocavam com que argumento?

U.L. – Fazer pergunta. Porque acontece que eles ouviam um e o cara de vez em quando dava uma apontada, e aí falava alguma coisa a meu respeito. Ele aí já chamava, para esclarecer. Eu vou já te falar sobre isso. Vou falar primeiro quando ele foi... que eu disse que ele tinha sido meio coisa, foi gentil e tal. Quando ele foi gentil? Ele foi gentil no seguinte: um dia que eu fui depor... Aliás, foi logo na primeira vez que eu fui. Eu tinha muito livro no sindicato. Eu já falei isso aqui, eu vivia numa casa com muita dificuldade, e vou dizer uma coisa a vocês, eu sempre... Até hoje... Meus filhos... Você não sabe o que eu ouvi do meu filho por não ter aceitado aqui o táxi, você irem me buscar ou me apanhar. Eu não aceito. Mas, meu Deus, como eles me criticam. E eu sei que é perfeitamente normal, mas eu sou assim. Então eu... O negócio da gentileza dele, o que eu achei gentil. Eu fui... Eu morava... Pobre, como eu estou falando, aquela dificuldade, e eu tinha muito livro, mas levei para o sindicato, livros que eu comprava para os garotos... Eles nem estavam ainda em condições de curtir, mas eu levava. Então eu cheguei lá e, conversando com o Neco, que é **aquele do Rio**, eu disse: “Neco, os caras aí...”. Eu falei com o David, que era o interventor, o presidente da junta, e ele me disse que, no dia 1º de abril, levaram meus livros todos. Ele disse: “Mentira, Ulisses, os livros estão todos na biblioteca”. Eu digo: “É verdade?”. Ele: “Está tudo lá”. Na biblioteca, eles tinham colocado uma mesa enorme, onde tinha um cara que era chamado... da polícia, que eles chamavam de professor, o professor França. Devia ser professor na arte de espancar sem deixar marca. Ele espalhava, naquela mesa, os documentos, e muito documento... Por isso que eu vou lhe dizer, era uma criatura extraordinária, e de coragem, o Neco: de vez em quando ele ia na biblioteca, ele tinha acesso, e quando o cara não estava, se ele via alguma coisa que tivesse, particularmente contra mim, ele tirava. Ele me deu muito documento. Bobagem, porque o que tinha que... O que deu, tinha que dar. Mas aí, eu então fui ao coronel. Fui não. Em uma das audiências que ele me chamou, depois que eu respondi, eu digo: “Coronel, queria pedir uma coisa ao senhor”. Aí contei para ele: “Eu morava com muita dificuldade, trouxe meus livros para cá, tinha guardado aqui na minha sala, e a junta me informou que os livros foram roubados pela polícia, no dia da invasão. Mas eu soube que os livros estão todo aí na biblioteca”. Aí ele disse assim para mim: “Que livros são?”. Eu digo: “Tem livro de todo tipo. Agora, por exemplo, eu tenho a *Enciclopédia mundial da fábula*. São

23 volumes. Eu comprei para os meus filhos. Eles não estavam nem em condição de ler. Era uma coleção bonita”. Aí o capitão disse assim: “Esses livros estão lá em cima. Porque eu gosto muito de...”. Sorte minha que o lobo mau gostava de ler. Ele disse assim: “Esses livros estão lá. Eu gosto muito de fábula, eu já li... Uns dois livros daqueles lá, eu já li”. O coronel não falou, mas levantou e disse assim: “O senhor me acompanhe”. Aí fui. Quando entrou na sala, aí que foi... Foi ridículo. Ele disse assim: “Onde é que estão os seus livros?”. O cara estava lá, o tal do professor França. Como estava, continuou trabalhando. Uma estante enorme aqui e os livros todos ali. Aí eu vi... “A enciclopédia está aqui. Olha aqui, Machado de Assis, José de Alencar”. Aí vinha *A história do PCUS*, “esse não é meu, não”, aí eu pulava, não é? E fui pulando: Lênin, Marx... “Não, aqui...” E vim assim. Bobagem. Podia ter tirado tudo, se eu tivesse coragem. Por quê? Porque aí chegou um livrinho, assim, desse tamanho, um livrinho pequenininho de poesias do Castro Alves que eu adorava. Esse livro, da Editora Saraiva, em papel couché, um livro lindo, pequenininho, assim... Eu digo: “Coronel, esse livro aqui, o senhor está vendo...”. Eu estava mostrando uma série, e quando chegou naquele, eu digo: “Esse livro aqui, por exemplo, o senhor, por favor, o senhor verifique, na primeira página tem um retratinho no canto que é o retrato da minha esposa que eu desenhei”. Eu, quando namorava ela, a gente ia... Ela morava junto à Quinta da Boa Vista. Eu ia esperá-la no colégio, a gente ia por dentro da Quinta, eu levava ela em casa, e sempre a gente dava um jeitinho de fazer uma horazinha, aí, eu sentado lá junto de uma árvore... A árvore ainda está lá. Ela entrava pelo portão... Saía quase defronte à casa dela. Aí, ela sentada, um dia, eu peguei o livro, comecei a olhar para ela e... Olha, aquilo, por sorte, ficou exatinho ela, exatinho. Eu tinha um amor por... Mas igualzinha. Como ela era, não é? Não aos 60 e poucos anos, ou aos 80 [anos]. Mas aí eu disse a ele: “O senhor vai ver o retrato e vai ver que tem um risco vermelho, e falta um pedacinho, na ponta do livro, que foi meu filho, que levou umas palmadas porque arrancou o pedacinho do livro”. Ele fez assim, ele puxou o livro, abriu, olhou, fechou, botou... Não me falou nada. Virou e disse assim: “Sr. França, o Sr. Ulisses vai separar os livros dele aqui e o senhor pode deixar ele levar o que tiver que levar”. Era tanto livro que eu não podia levar. Eu disse: “Coronel, eu posso mandar apanhar?”. Ele disse assim: “É só o senhor separar. Separe e deixe aí”. E eu fiz isso, e minha mulher foi buscar.

A.E. – E aí esse professor França nem supervisionou nada.

U.L. – Minha mulher foi buscar. Se eu tivesse separado tudo, eu tenho certeza que... Mas eu não quis arriscar, não.

3ª Entrevista: 17/04/2015

A.D. – Sr. Ulisses, o senhor... Nós terminamos a última entrevista com o senhor mencionando o comportamento da autoridade que era responsável pelo IPM que o senhor respondeu. Então, acho que nós poderíamos retomar desse ponto.

U.L. – Certo. Bom, o IPM, como eu já falei anteriormente, a diferença que existiu entre o IPM dos metalúrgicos, a sorte que nós tivemos de ser o presidente, o coronel Ari Oliveira, um professor – não sei qual era a arma dele, mas ele era professor do Colégio Militar, como eu disse –, e essa natureza de professor naturalmente que dava a ele aquela qualidade de tratar a gente bem, ao contrário de como eram os outros IPMs. Mas isso não significa que ele fosse bonzinho. Ele estava ali para cumprir o papel dele, como cumpriu. Depois, ao encerrar o IPM, foi para a Auditoria de Marinha. E aí, no processo é que foi outra coisa. Ao correr na Marinha o processo, houve um período, de acordo com a situação política... Tanto que eu até voltei para casa. Em alguns momentos, eu fui para casa. Houve uma pausa. Não sei a que atribuir isso – naturalmente, às divergências na cúpula da ditadura –, houve um período de calmaria com relação à perseguição: deixaram de ir à minha casa, de... Eles nunca invadiram minha casa, mas volta e meia iam lá fazer uma pressão com a mulher – eu já falei disso aqui. E aquilo cessou, parou.

A.D. – Quando? Ainda em 1964?

U.L. – Parou um tempo, ainda.

A.D. – Ainda em 1964?

U.L. – Não. Já mais tarde.

A.D. – Depois.

U.L. – Já depois do IPM. No curso do IPM... Depois de o IPM ser encaminhado para a Marinha, houve uma pausa. Tanto que o julgamento... O julgamento nosso foi no dia 24, 24 e 25 de junho.

P.F. – De que ano, o senhor lembra?

U.L. – De 1969.

P.F. – Ah, isso já...?

U.L. – E eles marcaram esse julgamento a toque de caixa. Porque o Modesto estava torcendo... Nós nos reunimos pouco antes da... Porque mesmo de acordo com a lei deles, da ditadura, prescreveria no dia 26. Ia prescrever o nosso crime. Tudo aquilo estava... Eles aí resolveram a toque de caixa. O Lellis tinha morrido, tinha falecido, então... O Lellis é um exemplo disso que eu falo da... Porque eu sempre achei... Eu falo

assim, que houve... As pessoas... “Ah, eles não coagem.” Houve coação, sim. Nós tivemos uma coação moral. O Lellis, por exemplo, não foi preso, mas ele entrou numa depressão tão grande que acabou falecendo. Ele queimou... Ele botou fogo nas cortinas da casa, ele ficou meio pirado, e faleceu antes do julgamento. Então o Modesto da Silveira, vocês devem saber quem é, que era nosso advogado... Meu advogado, porque havia um grupo de advogados diferente. Ele aí... Ele estava torcendo. E ele apelou, no julgamento, para ver se adiava, por causa da morte do Lellis. Eles preferiram condenar o defunto de que adiar o julgamento. O Lellis não foi condenado. Aí eu estou forçando aqui, ainda estou bancando... Ele foi excluído da vida e, conseqüentemente, da condenação. Bom, então, no processo, quando eles resolveram acelerar para julgar – porque viram, naturalmente, notaram que ia prescrever, aí houve uma aceleração –, mas já foi na parte final, mais próximo do julgamento, aí em 1968 e tal. Aí o que aconteceu? Durante a fase do IPM, o coronel, teve um dia que ele me... Porque às vezes eu discordava dele, e ele sempre concordava comigo e modificava. Eu digo: “Coronel, o senhor me perdoe, mas se o senhor mantiver isso aí” – porque ele ditava para o capitão e o capitão ia escrevendo –, “se o senhor mantiver isso, eu não vou assinar isso. O senhor está interpretando mal o que eu estou falando aqui”, e ele mudava, com a maior tranquilidade. Às vezes, argumentava um pouquinho, mas não fazia questão. Porém, um dia, ele me chamou e disse que eu tinha sido acusado por um cidadão de ter convidado ele para entrar para o partido, tentar recrutá-lo para entrar no partido. Esse rapaz [a quem] ele atribuiu a acusação, ele era funcionário do sindicato, da secretaria do sindicato, funcionário, mas, com a eleição do Cerqueira, ele... Ele era um rapaz muito competente. Com a eleição do Cerqueira para deputado federal, o Cerqueira requisitou que o sindicato licenciasse ele para ficar prestando assessoria ao Cerqueira em Brasília, e isso foi feito. Então a alegação... O coronel disse que ele, no depoimento, ele teria me acusado de ter recrutado ele para o partido. Eu neguei. Aí ele me acareou, nos convidou para a acareação. Na acareação, eu pedi que o coronel perguntasse a ele como é que eu teria feito esse convite a ele – porque nunca houve isso –, como eu convidei-o para entrar para o partido. Ele aí disse o seguinte, que quando... Houve uma ocasião em que ele criou umas fumaças de ser dirigente sindical: ele começou a formar, a criar uma associação em defesa dos funcionários em entidades sindicais, ele liderou, começou esse movimento. Nessa época em que ele estava liderando isso, eu demiti um funcionário do sindicato. Porque eu era o responsável pelos funcionários, era o

secretário-geral – o Lellis era o presidente –, e eu demiti o motorista. Não estava agradando à gente, então, eu demiti. Esse motorista inclusive era irmão do Benedito Cerqueira. “Não quero saber disso. Não gostei do trabalho dele, demiti.” Então o rapaz, o Geraldo, veio de Brasília conversar comigo, pedir a readmissão do rapaz. Eu digo: “Geraldo, não vou readmitir, não adianta. Não vou te dar explicação, não tenho que te dar explicação nenhuma, e ele está demitido. Ponto final”. Aí ele disse assim: “Mas o que ele fez?”. “O que ele fez, eu vou dizer...” O Cerqueira... Porque ele alegou... Forçou a barra com o Cerqueira. “É irmão do Cerqueira!” “Não quero saber. Não interessa o que ele fez. Eu digo ao Cerqueira, e te garanto uma coisa, quando o Cerqueira souber, vai me abraçar e vai me aplaudir **por ter demitido o irmão dele**. Então não tenho nada o que te falar.” Ele aí disse assim: “Está bom, eu vou embora. Agora, eu lamento é que os sindicatos que estão dominados pelos comunistas, nesses sindicatos, os funcionários estejam sendo perseguidos, como é o caso de vocês e do Hércules, nos tecelões”. Eu digo... “Pelos comunistas”, ele falou, não é? Eu digo: “Então você discuta isso com o partido, e não comigo. Você procure o partido e discuta”. E ele... Quando eu pedi ao coronel que perguntasse a ele – isso foi o que aconteceu –, ele lembrou dessa história e falou exatamente isso, contou isso aqui. Quando ele acabou de falar, eu olhei para o coronel e disse assim: “Coronel, eu não quero dizer mais nada. O senhor ouviu as palavras dele. O senhor entende que isso foi um convite para entrar para partido? O senhor que avalie”. Eu estava certo que ele... Ele aí ditou para o capitão: “Diante...”, aquela coisa, aquele preâmbulo, “não ficou provado que o sr. Ulisses tenha convidado o sr. Geraldo para entrar para o Partido Comunista”. “Perdão, coronel. Uma coisa está mais que provada aqui: é que eu não o convidei. O sr. Ulisses não convidou o sr. Geraldo para entrar para o partido.” Aí ele... Foi a única vez que ele não concordou em mudar e manteve esse texto assim. Bom, tudo bem. Aí aquilo foi para a Marinha. Quando chegou já quase na reta final para o julgamento, isso se repetiu lá. Primeiro, duas pessoas tinham me acusado, eu falei disso aqui, que era o Basílio... Uma coisa deprimente, eu levantar lá, ele também, a me apontar com o dedo duro. Ele era dedo-duro, mesmo. Ali, literalmente, com o dedo apontado assim para mim, [que] tinha convidado ele... que eu tinha promovido uma reunião e tal, um curso de marxismo. Mas ele não sabia, porque não frequentava, ninguém deixava ele entrar. E em seguida, o Geraldo. Mas aí já tinha passado... Houve aquela trégua e, durante aquela trégua que eles deram no processo, que nós deixamos de... que cessou um pouco aquela

perseguição... Comigo havia vez por outra alguma coisa, porque sempre que prendiam um operário naval, esse operário naval me citava, que eu fiz uma palestra, isso e aquilo, aí vinham e começavam a me perturbar. Mas eu era avisado. Porque é aquela coisa, eles tinham gente infiltrada e nós também tínhamos gente infiltrada entre eles, porque os advogados tinham conhecimento, às vezes me avisavam: “Ulisses, tenha cuidado agora”. Depois afrouxava. Isso o Modesto fazia e o Vivaldo Vasconcelos, também, que era outro advogado meu, informava. Então, naquele período de tranquilidade que houve, um pouco, com relação à perseguição direta conosco, o Geraldo mudou. Ele mudou. Então, quando chegou na acareação... Eu nunca mais tive contato com ele, mas eu sabia que ele estava mudando. Aí, quando chegou no dia dessa acareação, o primeiro foi o Basílio, e quando foi o segundo, ele foi perguntado... O auditor – era o Osvaldo Lima Rodrigues – perguntou a ele... O promotor tinha perguntado se ele confirmava a acareação, aquela coisa toda, que eu o tinha convidado. Ele negou, negou e o procurador já ficou meio com raiva dele, mas uma coisa terrível. Ele disse assim: “Como que ele negou?! Quem que coagiu? Eu não admito!”. Aí fez uma média com a Marinha. Com o Exército, porque ele era da Marinha. Fez uma média: “Eu não admito que esse cidadão assaie contra um brilhante oficial de nossas Forças Armadas!”, uma coisa mais ou menos assim, dessas palavras. Falou aquela peroração toda, elogiando o Exército e tal. Tudo bem. E o Geraldo, impassível. E gozado que... Ele era muito nervoso – ele, para fumar, ele ficava assim com o cigarro –, mas ele [estava] tranquilo. Aí ele perguntou, quis saber, pediu que o auditor... que dissesse a ele que ele explicasse como foi feita aquela coação. Aí ele disse assim: “Eu não disse que fui coagido pelo coronel Ari”. “Mas como não?! Quem o coagiu?” Aí ele foi muito inteligente. “A coação foi o clima. Eu sou um homem religioso, eu tenho horror à arma. De repente, me vi forçado... cercado de gente armada, um tratamento intratável, grosseria de todo... Eu fiquei apavorado, naquele dia. Então, quando eu o declarei...” Porque antes teve um... organizado pela junta governativa e tal. Ele já tinha declarado aquilo antes. “Eu fiquei apavorado. Eu me senti na necessidade de acusar alguém. A primeira pessoa que veio na minha cabeça foi o companheiro Ulisses”, ainda falou assim. “Podia ter sido outro. Foi o primeiro que veio. Depois eu pensei isso.” Quer dizer, aí... Ih! Nossa Senhora! Aí o cara fez um discurso [inaudível]. Aí quis saber... Eu acho que foi a única coisa que eu posso considerar que foi uma coisa decente que eu assisti, em tudo que eu participei, foi a posição desse auditor. Porque o promotor disse assim... Não me lembro... O promotor,

eu fiz questão de esquecer o nome dele. Ele disse assim: “Eu queria saber se o senhor algum dia esteve internado para tratamento psiquiátrico”. Eu faço até uma gozação, quando eu conto essa história. Aí o auditor disse assim: “Sr. Geraldo, o senhor entendeu a pergunta do promotor?”. Ele disse: “Entendi”. “Se o senhor quiser responder, o senhor responda.” O cara está esperando a resposta até hoje, porque ele ficou calado. Quer dizer, aquele fato dele, ali, naquele ambiente... Eu achei o auditor... **Eu já comentei.** Ele insinuou que o cara não respondesse, praticamente. Estava aquilo ali. Morreu naquilo ali. Então essa foi... Depois disso, veio... Logo em seguida, veio o julgamento e nós fomos condenados. Todo mundo sabia as penas que ia ter. O Modesto reuniu conosco e errou por muito pouco. Houve algumas surpresas, para mim, tremendas, no resultado do... sem acusar ninguém. Houve algumas surpresas. Porque tinha companheiros que – esses sim – preparavam molotov, que a revista ali atribui a mim, e, entretanto... E eram conhecidos, eram aqueles companheiros radicais, a favor... Isso antes do golpe. [Eram] a favor da luta armada, mas não escondiam, e foram absolvidos. E o companheiro que era uma dama, maravilhoso, um católico, e era um excelente rapaz... Rapaz não; era velho. Era o João de Brito Vaz Coelho, que tinha participado da intervenção anterior, antiga, por isso ele era... Ninguém gostava muito... No início, não se gostava muito dele. Quando começamos a retomar o sindicato, ele começou a ser repudiado, aquela coisa e tal. Mas a política de unidade trouxe ele. Um companheiro extraordinário! A ponto de que, eu vou dizer para vocês, era o único metalúrgico que sabia onde eu estava. Era ele. Ele me visitava onde eu estava. Porque depois ele foi... Ele foi condenado, mas logo em seguida foi libertado, e ele sabia onde eu estava. Era um português...

A.D. – Eram quantos réus nesse processo?

U.L. – ...naturalizado brasileiro. Ele era da Automóveis Santa Luzia. Era lanterneiro. Então era um companheiro que eu confiava plenamente nele. Muito bom companheiro. Então... Me perdi. Onde eu estava?

A.D. – Desculpa. Eu que lhe interrompi, na verdade. Peço desculpas por isso. Eu lhe perguntei quantos réus responderam a esse processo junto com o senhor.

U.L. – Olha, foram muitos. Condenados, fomos dezenove.

P.F. – O processo era contra toda a direção do sindicato e metalúrgicos em geral? Era isso?

U.L. – Não, não. Todos que foram condenados, todos os condenados, eles integravam, de certo modo... Ou eram da diretoria, da suplência, ou da federação, ou ativista mais...

P.F. – Certo. Dos conselhos ou alguma coisa assim.

U.L. – Aqueles mais combativos, que mais apareciam. Porque tinha uns bons que não apareciam.

P.F. – O Cerqueira foi condenado?

U.L. – O Cerqueira foi condenado a doze anos. O segundo... O Lellis foi excluído, pela morte, pelo falecimento, senão ele teria uma pena igual à do Cerqueira ou pior, porque ele foi o único... Porque nós fomos orientados, eu acho que já falei disso, nós fomos orientados pelo Vivaldo Vasconcelos para negar de qualquer maneira. Eu ficava assim... Porque eu odeio mentir. **E naquelas** circunstâncias... Eu digo: “[**Inaudível**]. Vai ser a minha foto.” “Não é você. Não interessa.” “Está bem.” Mas o Lellis, não. O Lellis chegou lá e disse: “Eu sou membro do partido, sou dirigente do partido”. Enfrentou. Bom, ele morreu, não teve essa pena. O segundo fui eu, então, com quatro anos e seis

meses. Depois vieram penas menores, de dois anos para baixo, até de alguns meses, que foi o caso desse João de Brito que eu falei aqui. Aliás, isso aí está no livro. Nesse livrinho que eu botei aí, que eu dei para vocês, tem uma... Porque eu gozei isso.

P.F. – Vocês foram condenados por qual crime? Subversão?

U.L. – Ah! Por muitos crimes. Eu vou já falar. O meu caso, eu vou já falar. Mas nessas folhas aí tem, inclusive. Porque eu gozei com a situação. Eu fui condenado a quatro anos e, no mesmo jornal que anunciou... Quando eu abri o jornal e eu vi, eu digo: “Meu Deus! Enfim, eu ganhei do Vladimir!”. Porque o Vladimir Palmeira foi condenado no mesmo dia, e ele pegou dois anos e eu peguei quatro e ganhei: quatro a dois para mim. [risos] Pois bem, a pena, as razões... Vou dar um exemplo a vocês, como era a minha situação. Uma ocasião, eu recebi... Eu era marcado, dentro do partido... Por isso também o meu afastamento. Eu fiquei meio triste. Porque eu era considerado chinês, porque fui à China, porque... Porque eu criticava. Eu não tinha papas na língua com relação à direção do partido: quando eu achava **que estava errado**, eu não **poupava** a cabeça. Mas era difícil, no passado, aceitar isso, não é? Quanto mais for para trás, pior ainda. Então eu, quando viajei, quando fui à China, eu tive esse caszinho aí, o **Li Pei Hai**, que era... e a **Chao**. A **Chao**, eu não falo; eu falo com o **Li Pei Hai**. Eles que me deram essa estatuetazinha. E me acompanhavam. Eu não ficava um minuto sem a presença... Eles se revezavam. Era dia e noite comigo, durante meses. Um dia... Teve um congresso da CNTI, o primeiro Congresso Nacional dos Trabalhadores **na Indústria** – a lapela está ali –, que eu participei. A CNTI, eles me convidaram, a mim e a vários companheiros que tinham... de outras categorias que tinham viajado ao exterior e formaram uma comissão de recepção, para receber. Por exemplo, quem esteve na França... Veio um francês, que era Jean **Marillier**, então, ia um camarada lá que esteve na França receber o **Marillier**. E assim... Tinha um italiano, Jacques **Maducci**, aí, quem esteve na Itália ia lá. Eu estive na China. Eu era o único. E tinham chegado, estavam num hotel ali no Flamengo, o Hotel Paissandu... Eles souberam que tinham chegado dois delegados chineses. Porque estava vindo muito delegado fraternal, de fora. “Ulisses, vai lá receber os chineses.” Eu fui lá. Quando bati na porta, era o intérprete,

era um que eu... Foi o que me acompanhou – o **Li Pei Hai** – todo o tempo que eu estive na China. O outro era um dirigente lá do partido em Pequim, eu não conhecia. E esse Li, eu não sei se eu falei... Eu falei aqui sobre ele, anteriormente? Não. Ele, no tempo que ficava comigo... Eu disse... Eles falavam bem... Eu não posso julgar quem fala bem espanhol, mas eles falavam muito bem espanhol, todos os dois. E ainda tinha uma que... Era Olga, o nome dela. Essa não ficava permanente comigo. Ela era peruana, mas, não sei por que, estava lá na China. Aí, esse Li, ele queria aprender português. Eu digo: “Eu não sei. Mas o que eu sei, eu te ensino.” E ele ficava, nas horas vagas, ficava em cima de mim, queria saber. E tinha uma coisa engraçada, ele não conseguia falar, por exemplo, trigo. Ele dizia drigo. O *T* antes do *R*, de jeito nenhum ele... É assim ainda, eles. Aí eu criei uma maneira para ele falar: eu ficava assim com ele... Parecia brincadeira. O pessoal ria da gente. Eu dizia assim para ele: “Eu vou falar e você imita, mas vamos acelerar” Aí eu falava: “Trigo”. Ele: “Drigo”. Eu: “Trago”. “Drago.” “Trigo.” E ficava naquele negócio, eu com ele. A ponto que chegou um momento que entre nós não tinha mais *ni hao*; ele, quando chegava, eu... “Trigo.” “Drigo.” Era assim a brincadeira. Quando ele abriu a porta do hotel e ele me viu... “Trigo.” “Drigo.” [risos] Foi engraçado. Pois bem, eles ficaram... Aí eles fizeram uma exigência... Olha só! Eles fizeram uma exigência...

P.F. – Eles, os chineses?

U.L. – Os dois chineses. Vieram, eu levei eles lá para a CNTI, para eles receberem as credenciais de delegado fraternal, aquela coisa. E eles fizeram uma exigência: que eu os acompanhasse durante todo o tempo que eles estivessem aqui. Porque eles ficaram mais tempo ainda do que... Eu recusei, eu lutei com eles. Só acompanhei-os aqui, mas não quis sair daqui. Eles foram para o Rio Grande do Sul, foram a São Paulo, foram a diversos lugares, mas eu... Sem ser aqui. Quando terminou, antes do retorno – eu tinha contato com eles –, eu convidei-os para a minha casa, eles foram se despedir lá em casa e tal, foram conhecer minha casa. Eu convidei o avô do Vanderlei, aquele que... para ir, que era camponês. Eles adoraram o *viejo campesino*. Ele mandava carta para mim sempre lembrando do... Eles adoraram conversar com ele. Pois bem. A minha casa é

muito humilde e tal, mas eles ficaram felizes da vida com aquelas coisinhas lá que a velha preparou para eles. Garanto que eles gostaram mais do que o pato laqueado lá de Pequim. No dia seguinte desse jantar, eles foram embora. Eu fui com a minha mulher e a minha filha, **Edovich** – a gente trata de **Dova**. Ela era pequenina. Quando chegamos no Galeão, eles... O Li me chamou e disse assim: “Vem cá que o **Chao**...” É **Chao Kochan**, o nome do cara. “Vem cá que o **Chao** quer conversar com você, quer comprar um presente para a menina.” Ele escolheu, pegou um colarzinho e botou no... Ela, pequenina. E botou no pescoço dela. E meteu a mão no casaco e me deu uma caixinha, um embrulho de presente, e disse assim: “Isso aqui é para vocês, para pagar as despesas que nós fizemos com vocês”. Que despesa? Eu dei a ele, realmente... Vocês já viram aqui que eu adoro presentear, então, eu dei muito brinde, muitas coisas a ele, mas tudo... Era livro, disco, coisas assim. Quando eu cheguei em casa, eu abri então o embrulhinho. Quando eu abri e olhei, [eram] 200 dólares. Aí eu digo: “Caramba! Dinheiro? Não é possível!” Aquilo me deixou encafifado. Eu digo: “Isso aqui é o seguinte...”. Era para mim, porque tinha um embrulho de presente. Eu digo: “Se fosse para o partido, se fosse para a CNTI, ele não ia dar em papel... no aeroporto, não é?”. Estava na cara que era para mim, mas eu estranhei ser dinheiro. O que eu fiz? Eu fiz uma burrice: em vez de ficar caladinho e guardar o dinheiro, *in dubio pro reo*, eu fui lá na CNTI... O Cerqueira, nessa altura, era o tesoureiro. Além de ser... Era o tesoureiro e era mineiro. Mineiro adora grana, não é? E o tesoureiro era... [riso] Mas o Cerqueira, em matéria de dinheiro, no sindicato, na presidência, era uma coisa séria, mas sempre voltado para o interesse da corporação. O que ele faz? Ele concordou comigo que, realmente, aquele dinheiro era para mim, mas como eu disse... “Não. Então, bota isso no nome dos chineses. Eu não quero”. O Cerqueira mandou fazer aquilo constar em ata – para valorizar, com certeza. Ficou na ata. Quando veio o golpe, eu fui acusado de ser um dos elementos responsáveis pela entrada do ouro de Pequim no Brasil. Isso é uma. Depois, o comportamento...

P.F. – Duzentos dólares.

U.L. – Duzentos dólares. E isso não pagava nada. Eles viajaram... Era mais um indício de que o dinheiro era [inaudível].

P.F. – Claro!

U.L. – Eles foram para o Rio Grande, foram para Minas, foram em São Paulo... Eu só acompanhei-os a Volta Redonda, numa viatura do sindicato. Quer dizer, era essa coisa. E depois... Aí, uma porção de coisas, a minha simpatia, que eu não negava, que constava em ata e tudo... Tinha tido uma carta que eles pegaram, do Chu En-Lai. É aquela história do “camarada”. Eu disse do coronel: “Até o Paulo VI, para eles, é camarada”. Mas é o quê? É porque houve uma proposta que eu fiz, de congratulação com o governo da França. Eu comuniquei à embaixada... aos chineses, que já havia sido aprovada... Mas era a minha função de secretário-geral. [Comuniquei] que havia sido aprovada em assembleia uma moção de congratulações com o governo francês por ter sido o primeiro a reconhecer a China Popular. Aquilo tudo pesou. Coisas assim. Fora a atividade normal que eu tinha no sindicato, que eu falava. Isso tudo pesou. Foi a razão de eu ter uma pena que eu acho que foi excessiva. Primeiro, porque eu não tinha... não estava com essa bola toda para merecer aquela [pena], não. Quem dera! Mas eu não tinha. E até minha função não era tanto assim... Mas eu falava em tudo que é assembleia, e tinha o passado, as informações do passado. Ah, sim, porque aconteceu uma coisa. Eu contei aqui, eu falei... Veja só como são as coisas. Eu falei aqui que eu... Houve um momento em que eu deixei o setor metalúrgico e tal. Naquele período, eu fui trabalhar na serraria, para ficar perto da família da menina que eu namorava, resultado: houve uma briga entre eles, dissolveram a sociedade e eu fiquei parado. Então, naquele período, eu fiz um teste, indicado por um amigo, eu fiz um teste para a Light, para trabalhar no escritório da Light. Eu odeio o trabalho burocrático, mas estava difícil, eu tinha que ir, não é? Eu fui. Fui aprovado logo. Os caras... Fiz um teste... “Está bom. Maravilha.” Quando foi no dia que eu compareci, que eles marcaram para trabalhar, eu fui chamado lá no Departamento de Pessoal, sei lá, para dizer que eu não ia ser admitido porque havia uma informação contra mim da Dops. Eu era novo, ainda, novinho, não tinha essa atividade sindical. Tinha na empresa, na Ferro Maleável, aquilo que eu

falava, aquelas discussões e tal. Eu fiquei surpreso. Então isso já vinha de longe: eu já tinha aquela... Depois, mais tarde, quando foi no governo do Garotinho aí, houve um negócio... Ele, antes... Uma das coisas, quando ele saiu, demagogia dele, ele deu um prêmio de... Eu considero prêmio. Deu dez mil reais a quem foi perseguido político. Lembra disso? Eu vim aqui na Praia de Botafogo levantar o meu...

P.F. – O prontuário.

U.L. – Mas eu vim só por curiosidade. Eu digo: “Eu não quero esse dinheiro”. E não quis.

A.D. – No Arquivo Público? O senhor foi lá no Arquivo Público procurar as informações do Dops sobre o senhor?

U.L. – Não. Eu não sei como eu soube disso. Ah! Foi um companheiro metalúrgico, também, que era membro do... que foi condenado também comigo, que trabalhava no Casa Grande e tal. E ele falou comigo. Eu digo: “Vamos lá ver isso. Mas eu não quero”. Estava dentro do prazo, ainda. Eu não requeri nada. Eram dez mil reais. Mas eu peguei. Naquele documento, eu achei gozado, porque tinha um líder guerrilheiro, Ulisses Lopes, no Rio Grande do Sul, lá no interior do Rio Grande do Sul. Eu digo: “Poxa! Mas que homônimo eu fui arrumar!”. [risos] Mas não tinha nada. Tinha dos metalúrgicos, mas do passado não tinha nada. Eu não sei como é que aconteceu. Então eu era realmente um homem visado. Mas eu queria voltar lá no negócio do IPM. Então o coronel... Houve aquilo. Esse negócio do chinês foi muito interessante, porque inclusive houve um programa na TV em que citaram isso, e teve vizinho que falou. Eu não estava em casa, mas teve vizinho que conversou com minha mulher sobre isso. Ficaram sabendo. Aí, nessa altura, já todo mundo sabia mesmo, tudo bem. Mas chegou a ser citado isso, porque eu era o responsável... Eu nunca vi... Eu tinha, sim, em casa – ainda tenho –, algumas moedinhas que eu trouxe da China, que eu distribuí... Até hoje ainda distribuo

de vez em quando algumas, lá de... Mas então o IPM e, depois... Depois da condenação, eu já falei quase tudo aqui. O que eu posso me lembrar que possa interessar a vocês?

P.F. – Deixa eu perguntar...

U.L. – Fale.

P.F. – O senhor falou que essa coisa dos chineses, que isso pesou no IPM. Mas a minha pergunta é mais, agora, sobre... Pesou no partido também: o senhor era considerado chinês etc. Como é que foi, depois que perde, depois do golpe, o senhor no partido? Ele tinha muita desconfiança? O senhor começou a falar disso. Queria saber um pouco mais sobre o senhor no partido depois...

U.L. – Na realidade, é o que eu falei para vocês, é o que eu contei na outra parte, essa que é a verdade... Aliás, eu uma quero corrigir uma coisa aqui, antes. Não é corrigir; justificar. Eu notei, na entrevista anterior... Você esteve na anterior?

P.F. – Eu tive que sair um pouquinho.

U.L. – Na outra.

P.F. – Ah! Na anterior da anterior, na primeira.

U.L. – Na primeira, não é isso? Então, na primeira, você abordou, se interessou em saber o problema das greves que ocorreram, lembra? Eu notei que você ficou talvez um pouco decepcionado, porque eu não respondi à altura. Na realidade...

P.F. – Não! Imagina! Mas se o senhor quiser falar mais, tudo bem.

U.L. – Não, não. Eu notei. Eu fiquei com a impressão. Porque eu fiquei com dificuldade para te responder, para esclarecer. Porque a culpa não é minha; a culpa é da corporação metalúrgica, porque pouca greve se fez. Quase não teve greve. Não tinha. Vou falar uma coisa que... As greves que aconteceram naquele período – foram uma ou duas, uma de caráter político e uma reivindicatória, que é aquela que eu me referi, sobre o favo de mel e tal – eram greves na empresa. Greve de empresa, sim, houve algumas importantes – foi o caso da GE, ou de algumas empresas... a Federal... Aí sim. Mas greve geral quase não houve. Então eu... É difícil falar do que não aconteceu, essa que é a verdade.

P.F. – Claro!

U.L. – Agora, voltando então ao problema do partido, após... Eu creio que eu falei. Após o golpe, nós nos reunimos, de início... Aquelas duas ou três reuniões eram mais no sentido de saber até onde estavam os companheiros que estavam desaparecidos, não tinham destino. E fomos, com dificuldade, até que chegou a reunião... duas reuniões: uma logo no dia, que o vizinho festejava... No dia não; no dia seguinte, no dia 1º de abril, que para mim é o primeiro. Eu continuo... Dia 1º de abril foi a data. Então, vamos dizer, no dia, houve aquela reunião, a solta de fogos, e depois nos encontramos, já tinham aparecido mais alguns, e naquela reunião que propuseram que eu me exilasse, eu e o Lellis, e não concordamos. E dali para frente, o partido praticamente não reuniu. O Comitê Metalúrgico... Já havia aquela decisão da direção de dissolver o Comitê Metalúrgico e, justamente, nós... O grupo que era contrário à direção – era favorável a manter o Comitê Metalúrgico – foi se dispersando, também, foi ingressando no PCdoB,

e mantinham contato comigo, mas... Alguns já estavam. Foi quando eu... Nesse período, até, talvez, não sei, eu suponho que orientado por eles, eu recebi a visita do Armando Frutuoso, que era da Carris, foi um companheiro muito legal comigo. Todos eles tinham um bom relacionamento, mas eu não quis entrar para o PCdoB. Um tempo depois, participei de uma reunião onde teve gente importante do PCdoB e da guerrilha, que me convidaram para participar de um desses movimentos. Eu suponho que tenha sido, não sei, porque eu fiquei no meio do caminho, não quis saber. Porque, se eu não ia participar, não era justo. Eu me retirei e eles continuaram discutindo. Não sei se foi o Araguaia, ou... Não sei qual era o caminho e nem qual era a organização realmente. Porque se dividiram, alguns grupos. Foi um grupo que... Então eu não sei que rumo teve. A partir dali, ninguém mais me procurou, nem contra, nem a favor, muito pelo contrário.

P.F. – Por que foi o PCdoB que o... [Por que] esse grupo vai para o PCdoB? Porque já tinha...? O senhor falou que as pessoas do Comitê Metalúrgico vão para o PCdoB, uma parte delas. É isso? Por que o PCdoB? O PCdoB já tinha algum peso nos metalúrgicos antes do golpe?

U.L. – Dentro do setor metalúrgico... Nos metalúrgicos? Entre os metalúrgicos? Não. Porque foi uma coisa, também, quase muito recente. Quando há a cisão, o racha... **São** umas palavras que eu não gosto de usar. Vamos dizer, o racha, como eles falavam, que teve dentro do partido, também estava praticamente ocorrendo, ainda, naquela ocasião. Não estava uma coisa tão escancarada, não é isso? Tanto que esses companheiros que vieram a caminhar para o PCdoB depois, esses que eu estou falando aqui – era o companheiro Ubirajara; tinha um companheiro que foi da União da Juventude, um companheiro maravilhoso, que a gente chamava de Bagre, que era o Manoel **Bispo** –, não foram envolvidos no... Eles eram tão prudentes que não foram envolvidos. Não tinha nada contra eles. Eram companheiros combativos *pra* burro. O Ubirajara Wenceslau de Castro era um dos companheiros... Eu, o Ubirajara e o que eu falei aqui, o Dácio, um que me ajudou a comprar o terreno, **aquela coisa** que eu falei, nós éramos chamados de Trio Maldito. O Cerqueira batizou a gente de Trio Maldito. Devido às

coisas que a gente bolava para realizar, ele disse: “É o Trio...”. Mas na brincadeira, ele falava de brincadeira. Então esses companheiros não ingressaram logo, mas, a gente via, eles gostavam, eles já tinham uma tendência realmente. Eu sentia que era inevitável a saída deles. Mas eles não queriam. Eles queriam manter, eles queriam preservar o Comitê Metalúrgico, continuar mantendo. Mas já... Com o golpe, acabou tudo. Aí juntou a fome com a vontade de comer. Eles quiseram ficar à vontade e acharam que a oportunidade era aquela e foram. Tentaram me levar, eu não aceitei. Eu, hoje, de qualquer maneira, eu não estaria no partido de forma alguma. Se eu ainda tivesse disposição, não tivesse passado por todo o desencanto que eu passei com relação a muita gente, eu não figuraria. Porque isso aí não existe mais, não existe partido, isso é *pro forma*, a gente sabe disso. Não existe. Isso vem de longe. É consequência do que houve no mundo. E tinha que ser assim. Agora, é lamentável, porque eram bons companheiros, bons, companheiros que sacrificaram... Eu falei aqui para vocês, quando... Eu lembro, eu era menino... Um desses companheiros que participou, que partiu para o PCdoB, um desses companheiros, eu era menino na Ferro Maleável, menino de 15 anos ou 16 anos, ele já era um senhor, ia lá apanhar a contribuição minha para o partido. Não era membro do partido, mas ele ia lá levar jornal, que eu comprava e [inaudível], *A Classe Operária*. **Esse companheiro estava comigo**, velho, envelhecido, cego de um olho. Quer dizer, ele se desencantou. Não sei. Depois, nunca mais soube dele, mas era um dos companheiros que deixou. Quer dizer, o Comitê Metalúrgico tinha muita gente boa, realmente, mas, infelizmente, não... Depois do golpe, não teve como... Eu não sei. Uns tomaram a posição... Aquela minha, eu acho que não foi a correta, eu reconheço isso. Eu estou certo que eu não agi corretamente, mas eu voltei para dentro de mim mesmo. De mim mesmo que eu quero dizer é da família: eu resolvi cuidar. Eu saí quando... No dia que eu saí de casa... Porque aconteceu o seguinte, no dia... Logo após... Agora, vou falar um pouquinho sobre isso, então. Logo após o golpe... Ao golpe não; à condenação. Quando eu peguei o jornal e vi aquilo, eu falei com a minha mulher. Porque, naquela época, eu estava em casa. Porque, eu disse, houve um refresco, durante o IPM. Mas aí, diante da condenação, eu digo: “Eu não vou ficar aqui esperando que venham me buscar em casa”. Então eu conversei com a mulher...

A.D. – Ah! O senhor não ouviu a sentença lá na Auditoria?

U.L. – Como?

A.D. – O senhor não estava presente, quando o auditor deu a sentença de condenação lá na Auditoria?

U.L. – Não. Eu não fui. Se eu fosse, eu teria ficado. Quem foi assistir, ficou e já foi para a Ilha Grande. Eu não fui. Eu não ia. Eu só iria preso. Então eu conversei com a mulher, saí de casa, fui para Friburgo. Eu me lembro, eu falei com meu filho... Meu filho tinha oito anos, o mais velho. Eu disse a ele que eu não sabia... Conversei com ele e tal. Mas eu estou me lembrando agora, ele chorando. É a tal coisa, não é? E aquilo me tocou. Eu aí fui para... Você vai ver foto ali. Ali, eu conto essa história. Fui para a serra, para Friburgo. A minha madrinha, com o irmão, eles tinham uma casa lá na serra, pertinho da Praça Getúlio Vargas. E eu, apesar... Quando menino, eu tive uma ajuda muito grande, morei muito tempo com a minha madrinha. Eu falei disso. Minha mãe disputava com... Me disputavam, as duas. Mas eu nunca tinha ido àquela casa em Friburgo, nunca tinha ido lá. E eu adorava... Meu padrinho falava, contava que, de manhã, ele ficava feliz da vida com o clima de Friburgo, da serra, e ele contava que, quando saía da porta de casa, era a rua inundada de sapos, ele tinha que ir cuidando para não pisar nos sapos. Aí, quando eu cheguei lá em Friburgo, cadê os sapos? Tem sapo nenhum. O trem que passava na rua na época, que ele falava, não tem mais. Eu boto a foto ali. Não existia trem. Pertinho da Praça Getúlio Vargas. Fiquei sozinho lá. A casa é uma casa... É um terreno enorme, cheio de fruta. Aquilo foi bom para mim, porque eu fiquei cuidando das plantas, aquela coisa e tal, para ajudar a distrair. Defronte... Só tinha um radiozinho, mas não tinha muita vontade de ouvir rádio. E fiquei ali algum tempo. Aí, quando chegou na época das férias, a minha mulher deu um jeito lá e levou os garotos e foram passar as férias comigo lá. Foi o paraíso, depois de alguns meses naquela situação. Aí eu saio com ela, fomos passear: “Vou te mostrar Friburgo”, porque aí eu já conhecia um pouquinho. Porque lá eu andava à vontade. Aí, quando chegamos na Praça Getúlio Vargas, seguimos uma rua que eu não me lembro o nome, quando eu olho, vem o

promotor, assim, na minha direção. Aí eu virei para uma vitrine. A minha mulher, ela era muito inteligente, ela percebeu que alguma coisa... Mas não falou nada na hora, deixou. Aí, quando eu voltei ao normal, ela disse assim: “O que foi? O que aconteceu?” Aí eu digo: “Esse cara que vinha ali era o promotor. Ele não vai lembrar de mim, eu creio, porque depois...”. Era muita gente que ele lidava e tal, mas, sei lá, não é? Eu não quis arriscar. Aí eu disse a ela: “Vamos voltar que eu vou te mostrar ele”. Aí voltei. Eu queria ter certeza que era ele mesmo. Olhei, era mesmo. Depois, eu conversando com o Modesto sobre isso, contei isso a ele, eu digo: “Rapaz, eu fui dar com o cão lá, a primeira pessoa...”. Ele falou comigo: “Ele estava no...”. Eu nem sabia que tinha um sanatório da Marinha lá em Friburgo. Ele estava no sanatório, estava descansando do que ele sofreu. [risos] Do que ele sofreu, lutando para [inaudível].

P.F. – Botando gente em cana.

U.L. – É isso aí. Então foi assim, as coisas foram...

A.E. – Sr. Ulisses, o senhor teve notícia de...? Logo depois do golpe – acho que o senhor já disse –, no dia 7 de abril, houve a intervenção no sindicato.

U.L. – Quando?

A.E. – Logo depois do golpe.

U.L. – Depois. É.

A.E. – Aí houve a intervenção e foram... O David, o senhor **chegou a falar** do David...

U.L. – David Borges da Silva.

A.E. – Se o senhor pudesse falar um pouquinho desse contexto. Eu sei que o senhor não estava ali diretamente mais, no dia a dia do sindicato, mas...

U.L. – Não. Eu não quis. Eu fui lá uma vez só. Porque eu achei que eu não tinha que dar... Me revoltou aquilo, me chamar para pedir... para... Era meio que uma inquisição. Era a mesma coisa. Eles estavam fazendo o papel do IPM. E eu fui lá para romper, dizer: “Eu não volto aqui. Vocês não me chamem de novo porque eu não quero saber.”

A.E. – Ah! Eles chamaram o senhor para fazer como se fosse um interrogatório? Para fazer a acusação...

U.L. – Era um interrogatório.

P.F. – Os interventores?

U.L. – Os interventores. O David. E deu-se uma coisa interessante: eu, quando cheguei... Porque o David, eu falei disso aqui... Após o golpe, o programa continuou, o programa dos metalúrgicos. Aliás, tem um erro nessa revista aí, uma coisa horrível. Eles ouviram o galo cantar, não sabem aonde. Aliás, eu contei, mas eles deturparam. Aquilo ali, fui eu que contei para eles na entrevista d’*A forja*. O que houve foi o seguinte, eu, quando cheguei lá... Eu não conhecia o David. Aí ele estava lá na sala da presidência. Eu perguntei: “Eu queria falar com o David”. “Ele está ali.” Aí eu cheguei... “O que o senhor deseja?”, ele, para mim. Eu digo: “Você não está me conhecendo, não?”, eu,

para ele. Ele disse: “Não. O senhor desculpe, mas não lhe conheço, não”. Eu digo: “Pois você é um canalha”, falei para ele, “você não me conhece porque você é um canalha. Como é que você tem falado...? Eu sou o Ulisses, que você tem atacado”. Porque ele ficou no programa que nós tínhamos, dos metalúrgicos, e que o Neco é que fazia o programa – por minha orientação, porque o Neco era ligado... era o funcionário ligado a mim. Eu era o responsável pelo programa. Porque essa história vem... Eu vou contar aqui. O Neco levou o programa, fazia o programa e, com o golpe, parou, mas o programa continuou. Assim que a intervenção pegou, continuou com o programa. Tinha contrato na rádio Rio de Janeiro. Esse programa, disse o coronel que o programa foi... que o IPM foi instaurado – ele disse para mim –, por causa do programa *A voz do metalúrgico* – isso mais tarde –, de tanto que ele acusava, o David. Ele era da FNM. Toda hora... O programa dele era pegar, acusar... “Encontrou um documento aqui de Ulisses...”. Era aquilo. Aí os caras foram lá saber o que... aquilo tudo que era falado, a prova de tudo aquilo e instauraram o IPM. Bom, mas ainda não tinha havido o IPM, eu cheguei e disse para ele: “Você nem vinha ao Sindicato dos Metalúrgicos, porque nenhum companheiro que vinha ao sindicato no período em que eu estava na direção do sindicato pode dizer que não me conhece”. Aí eu disse uns palavrões para ele. Ele ficou calado, não tinha moral para me responder. Mas eu atendi. Eu digo: “Eu vim hoje aqui saber o que vocês querem, mas não volto aqui. Não me mandem mais correspondência nenhuma porque eu não venho”. Aí eles fizeram lá a reunião, e tinha outras pessoas junto, e eles queriam saber... Aí, não sei se eles queriam saber mais, mas era formalidade, a respeito de documentos, perguntar... Eu não sei nada de máquina. Porque eles me acusaram inclusive de ter... Porque como o Neco carregou muita coisa, e é verdade, dentro do violão... Para dizer a verdade, 80% do material que eu doeie para o Amorj e que ficou comigo e o que eu tenho ainda em casa foi o Neco que tirou. Ele foi audacioso, um rapaz corajoso demais. Foi muito audacioso, porque o sindicato estava ocupado, quando ele tirou. Ele chegou numa mesa que era quatro vezes essa mesa aqui, na biblioteca, onde ficava o tal professor França, que era da Dops, selecionando o material... Ele era o único que tinha acesso à biblioteca, o Neco. Ele ia lá quando o cara não estava e, o que ele podia, ele olhava assim, principalmente com relação a mim, e se ele visse meu nome em qualquer coisa, ele pegava. E foi levando para mim. Eu tenho, hoje, todos os relatórios da diretoria, dos anos em que eu estive na diretoria. Eu tenho o relatório original. Está lá comigo, guardado em casa. Isso eu não mandei lá para eles,

não. Acho que tem, no Amorj, cópia, mas eles me devolveram. Protocolado no ministério, tudo direitinho. Quer dizer, eu fico às vezes pensando como... O que aquele sujeito passou naquele período para tirar isso. Então, voltando à interventoria, eles queriam saber bobagem, aquelas coisas e tal. E depois não voltei mais, não voltei mais lá. Eu tinha dito que depois eu falava isso, agora eu esqueci o que era. Era um negócio interessante.

A.E. – Que ele acusou o senhor de ter tirado máquinas, alguma coisa.

U.L. – Não. Era com relação ao David. E depois ele foi... Inclusive ele... Ele acabou se envolvendo. Ele fez tanta delação, tanta bobagem... Ele foi envolvido no IPM, na FNM. Depois, colocaram ele, arranjaram, não sei como... Eles se arrumam, não é? Ele foi trabalhar num cartório aí, não sei como. Depois, nunca mais soube dele. Agora, ficou difícil para mim – o que eu ia falar, o problema do grêmio –, porque depois, passado um tempo, já depois da anistia, eu fui procurado em casa, foram na minha casa... Então, quando eu estava dizendo aqui que eu sinto que não foi o correto, eu deveria... Mas eu não tive mais estômago. Quando veio a anistia, eu fui procurado pelo Mauricinho e o Pimentel, que foram dirigentes após a intervenção, para voltar para o sindicato, participar de uma chapa e coisa e tal, e eu não quis.

A.E. – Quando seria isso? Já na...

P.F. – Em 1980.

U.L. – Já depois da anistia.

A.E. – Depois da anistia.

U.L. – Eu não quis voltar. A muito custo...

A.E. – Porque, esse período todo, o sindicato fica sob intervenção.

U.L. – Eu não quis porque eu não confiava neles. E o Mauricinho, segundo eu sei... É um bando de... Desculpe a expressão – peço desculpa a vocês –, mas são pilantras. Eles enriqueceram, se valeram do sindicato. Eu, vocês desculpem, a minha paixão por aquele sindicato, por aquele prédio... O prédio é um prédio; o sindicato é um sindicato. O prédio é um prédio. Mas é pelo que aquele prédio servia, a alavanca que era. De início, foi para todo o movimento sindical do Rio. Eu diria até do Brasil. Mas tudo bem. Mas, aqui no Rio, as pessoas que reuniam ali, as entidades, fábricas de outros setores... Eu me lembro, tinha, ali em Benfica, a fábrica Pneus Brasil, que estava em insolvência, estava com uma situação muito difícil. Era um pessoal que não tinha nada a ver com metalúrgicos. Eles reuniam no Sindicato dos Metalúrgicos, reuniam conosco, permanentemente, com a assistência nossa, para orientá-los e tal. Quer dizer, outras categorias. E era muita gente. Houve católicos que fizeram congresso dentro do sindicato. Era uma coisa fantástica! Os caras acabaram com tudo. O que é que existe do...? Não existe mais nada. Não existe mais nada. Depredaram tudo, acabaram com tudo. Aí às vezes [inaudível] “não diga que os caras são ladrões”. Eu não provo. É claro que eu não estou dizendo isso... Mas só... Nós tínhamos, no final... Após a inauguração, o sindicato tinha cinco anos de inaugurado, o que ele prestou de serviço de relevância era uma coisa. Mas, apesar do tempo tão curto, ele já estava se tornando pequeno para o que a gente queria fazer, tal a capacidade de mobilização e tudo mais. Pois bem, os caras acabaram com tudo. O sindicato hoje não existe. Eu não sei... Eu tinha a informação, ainda, de alguma coisa que acontecia – porque eu me desinteressei por completo – através do Neco. Porque o Neco era procurado por todo mundo. Todo metalúrgico desencantado – atuante, o metalúrgico que ainda atua no sindicato – ia chorar as mágoas lá com o Neco. Porque não sabiam onde eu morava, iam lá falar com o Neco. Aí o Neco me transmitia. Eu passava horas conversando com... Aí, para nós que

vivemos aquilo... Eu dediquei minha vida àquilo ali. Eu ficava muito triste. Não por causa da construção do prédio, mas o que representou. Acabou. Acabou tudo ali. Naquele disquinho, você vai ouvir, eu faço questão que você preste atenção, você vai ficar surpresa, porque o Juvenal... São companheiros que eu cito de vez em quando, com muita saudade, porque eram criaturas espetaculares. Esse Juvenal, você vai ouvir a palavra dele, eu faço questão. Você me faz esse favor, ouça aquele CD. Você, ao ouvir a palavra dele, vai dizer que é muita bobagem. Ele aproveitou, foi um pouco demagogo ali. Ali não representa bem o que ele era, mas, como o patrão estava presente, ele começou a falar... Você vai ver na fala dele, aquela fala de sergipano atrasado... Ele se enrolou um pouco. Ele tentou fazer... Começou elogiando o que estava ali presente, a união do capital com o trabalho. [risos] Porque o patrão estava na mesa. E ele quase que se enrolou. Mas era uma pessoa fabulosa! Esse pessoal surgiu com a sede.

A.E. – Bom, então, sr. Ulisses, vamos lá.

U.L. – Bom, então, sobre o programa [*A Voz*] do *Metalúrgico*, houve... Ali naquele jornal, eles dizem que um dia o programa... Esqueceram de cortar. O Neco... O Neco saía... Gravava o programa lá na sede do sindicato, depois ele saía correndo para a rádio Rio de Janeiro e levava a fita, e um dia o Neco esqueceu de cortar. E a fita estava sendo montada, gravada em cima de outra. O restante... Eu estava em casa. Quando eu ouvi o programa... Foi *A Internacional* tocando. Acabou o programa *A Voz do Metalúrgico*, continuou, “a intervenção e tal”, e tocando *A Internacional*. Aí eu digo: “Caramba! O que o Neco fez?!”. Porque a gente ficava... Botava... Era na sala da recreação. [risos] Você entrava na sala da recreação, era a bandeira de Cuba, era o retrato de Fidel... Aliás, vocês vão ver ali, já agora, já na anistia, está ali o retrato do Neco que eu botei ali, e está lá a foice o martelo. Então era assim. Qualquer cara que chegava lá botava [inaudível]. Bom, então, teve esse negócio do programa. Foi um descuido da parte dele, ele não cortou, aí foi aquele troço para a rádio Rio de Janeiro. [riso] Mas *A Voz do Metalúrgico*... Havia um histórico d’*A Voz do Metalúrgico*. *A Voz do Metalúrgico*, que sucedeu *A forja*, *A Voz do Metalúrgico* foi o tema de constante briga comigo com o Izaltino. Aqui eu vou, no adendo, eu vou também completar alguma coisa. Deu a

impressão, na minha fala anterior – e vocês têm como saber que eu fui incompleto, no mínimo, para não dizer incompetente –, eu falando da participação partidária, a gente só falou aqui em PTB e Partido Comunista, trabalhistas e comunistas. Mas havia um grupo interessante de socialistas que participava. Tinha um udenista, que era o famoso... que eu falei aqui, José Ramos Ferreira da Silva, que era o amigo do Tenório; e tinha o José Américo Maia Filho e o Izaltino e o Heraclides, que eram ligados ao Partido Socialista. O Izaltino, então, tinha uma ligação estreita, pessoal até, com o Domingos Velasco, que era o líder do Partido Socialista. Então havia outras correntes agindo partidariamente dentro do sindicato, não era só a trabalhista. Só que eles não tinham força. O Izaltino era proprietário do jornal, do título do jornal. Ele editava o jornal, e dizia-se e o jornal mostrava que ele tinha ligações com a embaixada da Iugoslávia, ajudavam ele na confecção do jornal.

P.F. – Qual jornal?

U.L. – Do Izaltino Pereira.

P.F. – Mas qual...?

U.L. – *A Voz do Metalúrgico*.

P.F. – *A Voz do Metalúrgico*.

U.L. – E ele ganhava... O sindicato pagava, também, ajudava, mas ele botava outras matérias, tinha outros... Era um jornal dele, mas usava *A Voz do Metalúrgico* e era o órgão oficial do sindicato. Eu, desde que fui para a... Já antes de ir para a diretoria do sindicato, aquilo... Chegou a um ponto... O pessoal ria comigo, porque se tivesse uma

reunião para falar de movimento feminino, eu dava um jeito de falar d'*A Voz do Metalúrgico*, eu encontrava uma maneira. Fosse o que fosse, eu ia encontrar um jeito de malhar *A Voz do Metalúrgico*. Não o jornal, mas a forma como ele... Eu admitia, “o sindicato tem que ter o seu jornal, ser responsável pela matéria nele publicada. A diretoria tem que ser responsável por aquilo. Não como está, o sindicato... Tem um jornal que edita o jornal oficial do sindicato, que tem um proprietário estranho...”. É metalúrgico, não é estranho, mas ele dá a orientação que quiser. Ele botava entrevistas, matérias ligadas, anunciava, botava... Ganhava para isso. Ele recebia. Mas eu era contra a orientação, eu batia de frente com ele, mesmo. Então o pessoal já ria. Na reunião de delegado, então, era um caso sério, porque eu sempre... Não tinha como. Até que chegou um dia... A diretoria, no segundo mandato, decidiu, então, eleger uma... Ele continuou com *A Voz do Metalúrgico*, mas criou-se uma comissão responsável pelo jornal, para orientar o jornal. Ele continuou como dono do jornal, é lógico, porque ele era dono do título, ele entrou na comissão, era o maior responsável, mas era quatro a um. Nós quatro... Era quatro comunistas e ele. Eu era o secretário e fiquei eu com a responsabilidade da feitura do jornal. Ele só entrou com o nome; não apitou mais nada. Ele tinha uma raiva de mim danada e fez uma carga terrível contra mim no processo, no inquérito, no IPM. O coronel me mostrou o depoimento dele. Uma canalhice, contra mim e contra o Cerqueira. Ele era um sujeito protegido pelo Cerqueira, porque, no princípio, havia muita reação contra ele, porque ele e o Heraclides tinham sido expulsos do partido no passado e ele... Mas a gente tinha aquelas relações e tal, mas, no fundo, sempre que podia, ele fazia um trabalho de sapa: malhava a gente... Sempre o partido, os comunistas. E era ligado, também, ao pessoal do Círculo Operário Católico, embora não fosse membro do Círculo. Quando eu... O coronel me mostrou o depoimento deles. Porque ele me fez perguntas, eu neguei; o coronel... “Espera aí. Olha aqui.” Aí me mostrou. Felizmente, ele não pediu acareação. Bom, um dia, eu venho pela Presidente Vargas, vinha o Izaltino. Aí saltei. Eu vinha no ônibus, eu saltei e fui falar com ele. Estava ainda naquele processo e todo mundo **tinha medo** do julgamento. Aí eu fui falar com ele. Conversei com ele: “O que está fazendo aqui?”. Não sei como... Ele estranhou de eu procurá-lo. Mas tudo bem. Aí conversamos. Ele gostava de uma biritazinha, eu fiquei conversando do lado dele, aí ele perguntou: “Você já foi responder lá o inquérito, o IPM?”. Eu disse: “Não. Ainda não fui, não”. Menti para ele. “Não, não fui.” “É bobagem lá. Eu já fui lá, não tinha nada. Não pergunta nada. Só bobagem. Pode ir

tranquilo, não tem problema.” Aí eu disse assim: “Você é um velho filho da puta”, eu disse. “Você é um velho filho da puta. Eu vi o que você... O coronel me mostrou. Até o coronel sentiu necessidade de me mostrar, para mostrar o quanto você é crápula”. Porque o coronel viu logo que era mentira dele, as coisas que ele falou. “Agora, que você falasse contra mim – porque eu te malhei, bati de frente contigo todo o tempo, com relação à *Voz do Metalúrgico* –, eu admito, mas contra o Cerqueira?!” Olha, ele disse o diabo contra o Cerqueira. “Um homem que... Você vivia sob as asas dele.” Não prestava, não é? Eu lamento que... Depois eu procurei ele, anos mais tarde. Eu lamentei profundamente, porque ia ser uma maravilha para todos vocês, quem se interessasse pela história do *Metalúrgico*. Eu soube pelo Neco que ele já estava morto. A mulher dele era a Cleonice. Ele morava em Campo Grande. Aí, conversando com o Neco, o Neco disse: “Ulisses, *A Voz do Metalúrgico*, a coleção...” Porque ele guardava. “Tem a coleção toda d’*A Voz do Metalúrgico*. Está na casa da Cleonice. Está na casa dela”. “Neco, vamos lá!” No dia seguinte, nós fomos lá buscar. Era tudo, todos os números d’*A Voz*. Ela queimou tudo, dias antes de a gente chegar lá. Queimou, deu, não me lembro. Ela estava em cadeira de rodas, coitadinha, já estava bem velha, também. Aí eu digo: “Poxa, que pena, perdemos a oportunidade”. Mas então eu batia de frente com *A Voz*. Tinha esse problema. E ali conta, ele fala, naquele jornal *A forja*, ele fala disso. Agora, eles falavam muita bobagem, muita mentira. O David acabou se enrolando no programa...

A.E. – Por que acabam processando ele também? Por que ele acaba respondendo ao inquérito também?

U.L. – Eu não soube. Eu acredito que não teve nada a ver com o sindicato. Foi na FNM, o envolvimento dele na FNM. Porque ele denunciava. Tinha o Vermelho... O Vermelho era... Não me lembro o sobrenome dele. Hermógenes, era o nome dele. Mas aquele Hermógenes não fazia ioga, não; ele era comunista, e era violento. Ele era brabo. O Hermógenes era um cara tihoso. Foi um dos que liderou a quebrar cadeira lá no sindicato, numa briga que houve lá, uma ocasião – a única que houve no nosso período –, uma reunião que desagradou ao pessoal da FNM, e ele, membro do partido, liderou a

coisa lá. Foi um desastre. Mas, pois bem, ele se envolveu foi lá na FNM. De tanto que ele falou, aí quiseram saber mais. E ele só podia saber as coisas que ele falava se ele participasse. Os caras se enrolam, não é? Como dizia o Tancredo, malandro demais se atrapalha.

P.F. – Sr. Ulisses, quando que tem eleição, depois da intervenção? Porque o partido, nessa época, faz uma política que é de tentar voltar para os sindicatos com outros membros, não tão conhecidos. Isso acontece aqui no Rio? Em São Paulo, eles tentam. Em vários lugares, o partido tenta...

U.L. – Não. Eu digo que após o golpe...

P.F. – Depois que tem a intervenção, começa a ter eleição sindical de novo.

U.L. – Eu estava falando com ela aqui, em *off*, o que aconteceu é o seguinte, é que teve a junta...

P.F. – Vocês não tentaram voltar?

U.L. – Eu, aí, partidariamente, eu estava afastado.

P.F. – O senhor, não, mas o partido.

U.L. – Me procuraram. Já havia uma diretoria. Foi para uma reeleição, não me lembro bem como foi, que eu fui procurado por alguns companheiros [*inaudível*]. Mas eu só

me lembro realmente do Mauricinho, não sei se vocês conhecem. Tem o nome dele aí. Eu o trato de Mauricinho. Era Maurício não sei o quê e tal. Foi um dos que se valeu... Está ainda... Eu sei que ele está bem. [Está] nesse movimento sindical de hoje.

A.D. – É o Mauricinho Pimentel, esse que o senhor...?

U.L. – E o Pimentel, o Osvaldo Pimentel. Eles foram me convidar para integrar uma chapa, para voltar para o setor.

P.F. – Mas isso pós-anistia?

U.L. – Após a anistia.

P.F. – Não, eu estou perguntando ali no... A pergunta é ali em 1965 e 1966, quando volta a ter eleição sindical. Porque tem a intervenção, aí o governo abre para ter eleição. E aí é difícil, porque, é claro, quem era anterior não podia.

U.L. – Mas houve. Mas o partido participou.

P.F. – Aí o partido tenta botar algumas pessoas.

U.L. – Eu, como eu disse aqui...

P.F. – O senhor não podia, é claro.

U.L. – Eu não estava participando. Mas eu tinha conhecimento. **Porque, em conversas... Meus companheiros, acho que sempre tentavam me procurar para ajuda** e até para trocar ideia.

P.F. – Estou falando ali em 1966 e 1967.

U.L. – Aí tinha. Teve companheiros que inclusive participaram, foram eleitos. **Era** uma diretoria com comunistas.

P.F. – Depois, isso.

U.L. – O Valdir Paiva Prestes, da Parafusos Águia, um excelente companheiro, era do partido e participou da retomada, da eleição, foi eleito. Tinha companheiros do partido. Não sei se ele participou da diretoria, mas creio que sim – nem que seja como suplente, ele deve ter participado –, que era o próprio Nobre, que era do partido e ficou fora, não tinha nada contra ele. Ele estava lá, ele participou. Eu não sei bem qual era a composição, mas havia, porque eles falavam comigo.

P.F. – Mas o senhor não estava nessas articulações.

U.L. – Não. Só tinha relação pessoal. Da discussão, não. Eu tinha conhecimento, como eu estou falando, conversas particulares com o Valdir. Mais com esse Valdir, que era da Parafusos Águia, que eu tinha mais contato. E quando não com eles, através do Neco. O Neco nunca se afastou do sindicato, em nenhum momento. Ele era funcionário e contra ele nunca houve nada, nunca ninguém disse nada contra ele.

P.F. – O Neco está vivo ainda, sr. Ulisses?

U.L. – Não. Morreu há dois anos.

P.F. – Morreu? Ah, que pena!

U.L. – Eu estava toda semana com ele. Era uma criatura maravilhosa, maravilhosa. Acho que foi o maior sindicalista que teve, acima de todos no sindicato, inclusive eu, porque ele... Ele amava o sindicato. Ele vivia o... A vida dele era o sindicato. Era solteiro, ele. Era uma criatura maravilhosa. Ele falava do sindicato com carinho, não admitia nada, era fantástico! Mas voltando ao que eu estava falando então, depois d'*A Voz do Metalúrgico*, eu citei... Eu ia falar sobre... Ela me fez aqui uma...

A.E. – O senhor pediu para anotar, também, para falar depois do processo...

U.L. – Ah! Da Auditoria.

A.E. – E do processo de aposentadoria, depois.

U.L. – Aposentadoria. Auditoria não; é aposentadoria. Porque reflete mais ou menos isso aí. Eu estava falando do Izaltino, que houve isso. Então, eu tinha conhecimento de muitos companheiros que acusavam, mas eu nunca liguei para isso. Aquele próprio companheiro Dácio, que foi um companheiro maravilhoso comigo, influenciou decisivamente na minha vida. Não que fosse esse o objetivo, mas eu ir morar na casa...

Talvez, até hoje eu não tivesse casa. Foi uma coisa... Esse rapaz foi preso, e eu tenho uma mágoa em relação à prisão dele, pelo seguinte, porque eu estava em casa... De vez em quando eu... Mesmo na época mais difícil, eu entrava de madrugada em casa e ficava numa sala que até hoje é minha sala de trabalho, que fica nos fundos da casa. Se chegasse alguém, eu ficava lá. E depois eu saía, numa madrugada seguinte, ou, alguns dias, até eu ficava. Arriscava. A vontade de ver meus filhos era muito grande. E mais ainda de ver a minha mulher. Então o que acontece? Às vezes, o vizinho entrava, perguntava. Eu estou ouvindo o papo dele. Não podia dar nem um espirro. Era um perigo. Aí esse Dácio foi preso, foi para a Barão de Mesquita, e eu tinha conhecimento do depoimento dele, porque o Modesto... Eles me informavam, diziam: “Olha, o Dácio acusou isso e aquilo”. Ele fez umas acusações contra mim. E aí souberam, porque os advogados falaram, e ficaram contra ele. Eu não fiquei. Compreendi perfeitamente. Ele não disse nada que não fosse conhecido, contado por mim. Ele sabia, porque a gente conversava muito. Ele só falou o que era mais do que sabido, então, não houve nenhum problema. Mas ele soube das críticas e nunca mais me procurou, desapareceu. Dizem que ele foi para a Bahia. Não sei. Nunca mais o vi. Aliás, nunca ninguém mais viu. Sei que ele sofreu muito, lá. Me contaram, ele sofreu muito. Mas ele, o processo da prisão dele... Em uma dessas fases em que eu arriscava ir em casa... Ele sabia que eu estava em casa – ele **tinha** uma casa perto, ali –, ele foi na minha casa e me falou: “Ulisses, eu estou numa situação muito difícil, porque eu estou com ordem de prisão e eu não tenho para onde ir. Eu vou para casa.” Eu digo: “O único lugar que você não deve ir é para a sua casa. Aqui é um lugar que você não deve ficar. Se você quiser ficar e eu não estiver aí, você pode ficar. O inconveniente é que, aqui, eles vêm pegar um e pegam dois. Então você não deve ficar aqui, na minha opinião”. Aí ele disse: “Vou fazer o seguinte, vou para a casa da minha mãe”. Eu sabia que a mãe dele morava para o lado de Brás de Pina. Era um lugar mais seguro para ele. Eu digo: “É, vai para lá”. Ele não fez. Ele foi para casa, naquela noite. Parece que... Ele entrou, estavam... A casa dele estava vigiada. Ele entrou em casa, passaram umas horas, prenderam ele. Então, esse, não tem problema nenhum o que ele falou, não teve nada, mas houve alguns companheiros que realmente fizeram declarações inclusive mentirosas. Aquilo me chateou bastante. Eu falei da... Era o que da aposentadoria, que você falou?

A.E. – O processo de aposentadoria, que o senhor falou que envolvia até a mulher do sr. Nobre.

U.L. – Não, eu sei. Mas era um negócio... Era do Nobre que a gente ia falar, não é? O Nobre está mais ou menos ligado à aposentadoria e o caos que eu me refiro, com relação ao sindicato. Eu um dia cheguei em casa e recebi a notícia... Isso já na época da... após a anistia, normal. Eu chego em casa e...

P.F. – Ah, então, se o senhor vai falar de depois da anistia, posso interromper um pouquinho?

U.L. – Pode, é claro.

P.F. – Só para não perder o... A gente depois volta a depois da anistia. Porque eu não entendi direito, ainda, uma coisa: quando o senhor tem o mandado de prisão, que o senhor fala que vai para Friburgo, o que acontece? O senhor vai para lá e fica por lá? Como é que o senhor escapa dessa situação.

U.L. – Eu vou falar. Então eu vou **[inaudível]**. É bom isso, porque aí...

P.F. – Porque aí a gente pega um pouco mais.

U.L. – Aí eu fiquei... Eu já tinha dito aqui na outra vez que eu tinha feito um acordo com a firma lá, com o francês. Já não era mais o francês. Mas eu fiz o acordo, então, eu tive dois anos. Eu peguei aqueles dois anos e, como eu não confiava em nada e em ninguém, não confiava mesmo, eu peguei... Eu digo: “Eu vou organizar o meu sistema

de segurança. Se der certo, deu; se não der, deu”. Cortei contato com todo mundo: parente, tudo, tudo. Fui para Friburgo. Cheguei em Friburgo logo após a condenação, em meados do ano, e fiquei até dezembro. Nesse período, quando chegou na época de férias, os filhos foram para lá. Já tinham ido, primeiro, nas férias de meio de ano, quando teve aquele detalhe que eu encontrei o promotor na rua e tal. E depois, no fim do ano, teve o *replay*: eles foram para as férias de fim de ano, passar comigo lá. Quando terminaram as férias, aí o dinheiro também já estava terminando, o dinheiro do acordo, eu digo: “Agora chegou a hora de a onça beber água. Acabou a moleza. Como é que eu vou trabalhar?”. Eu não tinha onde trabalhar. Eu digo: “Eu não quero trabalhar no setor metalúrgico”. Era óbvio que eu não podia. Aí eu fui para a casa da... Deu-se o contrário. A minha madrinha, em Ramos, na casa onde eu tinha vivido na infância, que meus padrinhos me criaram... Meu padrinho já tinha morrido há muitos anos. Minha madrinha foi para a casa em Friburgo, onde eu estava, ela foi passar uns tempos lá para a mulher ficar comigo – no restinho de férias dos garotos que ainda tinha – lá em Ramos, na casa... aquela primeira casa. Aí eu fiquei lá. Mas estava difícil a situação. Aí tinha um colega que morava três casas depois da casa da minha madrinha... Mas eu não aparecia, eu ficava lá para dentro. Defronte, morava a prima dela e tal. Aí eu digo: “Você não fala com ninguém lá”. “Está bem.” Acontece que, três casas depois, ainda morava, desde que nós éramos meninos, um colega, um amigo meu que era advogado, tinha um escritório na rua da Assembleia, na Assembleia 45, décimo primeiro andar. Ele era advogado, tinha se formado advogado, tinha escritório. Ele passou e viu a Geni, a minha mulher. “Você aqui?!” Ele conhecia, não é? “O que você está fazendo aí?” E ela: “Está tudo bem”, desconversando. E ele perguntou: “E o Ulisses? Não vai dizer que você não sabe dele!”. A gente conhecia muito, aí ela disse assim: “Espera um instantinho. Espera aí que eu já venho falar contigo”. Aí correu lá dentro e falou comigo, contou isso, “o cara está aí”. Eu mandei entrar. Aí eu deixei, ele entrou. Aí entrou, ficou feliz de a gente se ver, falamos e tal. Ele era um bom sujeito. Já faleceu também. Aí conversamos e ele disse: “Caramba! E você? E o trabalho?” Aí eu contei a ele minha situação. “Olha, então, veio a calhar. O Toninho...” Toninho era um rapaz auxiliar dele, trabalhava no escritório junto com ele, era estudante e tinha se formado recentemente. Há pessoas que nascem viradas para a Lua. Esse menino que trabalhava com ele, que se formara, foi um deles. Quem dera que vocês tivessem uma sorte... Tomara que seja maior ainda, a sorte. Ele tinha um avô, esse rapaz, tinha um avô rico,

riquíssimo, [que] aí ficou orgulhoso. Era um daqueles caras que fizeram fortuna aqui, mas vêm de uma origem humilde em Portugal. Ele tinha uma vaidade danada: ter um neto advogado. Vocês acreditam que ele montou um escritório para o rapaz na Almirante Barroso, para iniciar a carreira de advogado? O cara deixou, é lógico, e foi para lá. Aí ele disse: “O Toninho vai me deixar”. Não precisava ser advogado para ser auxiliar dele. Ele tinha um escritório que fazia a administração de imóveis e uma série de coisas e tal. Aí eu fui trabalhar com ele na rua da Assembleia. Tinha a vantagem... Ele saía de carro, eu pegava o carro com ele de manhã, passava o dia no escritório e voltava. E aí acabou... Minha mulher foi embora, veio minha madrinha de volta e eu fiquei, continuei ali. Aí fiquei... Isso no pior período, no período de 1970, democracia do nosso [inaudível]. E, naquele período que eu fiquei ali, aconteceu o seguinte, eu fui cansando. Aquele convívio da mulher me deu aquela coisa da família, voltou tudo de novo. Sempre fui apaixonado pelos meus filhos e pela minha mulher. Todo pai é, não é? Aí eu peguei... “Quer saber de uma coisa, eu vou...” Cinco anos depois, em 1975. Também já estava bem aliviada a coisa: o Médici já tinha ido. Mas não estava tão bem assim, não, porque... Mas eu fui para casa. Aí, em 1975, eu não aguentei mais. Aí larguei a casa lá: minha madrinha ficou na casa, voltou para a casa, e eu fui embora. Minha madrinha já estava lá. Eu deixei minha madrinha e fui embora, voltei para casa lá, para o Parque São Luiz. E nunca aconteceu nada. Mas, nesse escritório, aconteceram coisas curiosas. Eu vou citar nomes, vou falar do que é verdade. Eles não vão tomar conhecimento. Se tomarem, também, não tem problema nenhum. Esse escritório, esse meu amigo, ele tinha pessoas que... advogados que não tinham escritório – amigos dele – que faziam ponto lá. Iam lá, ficavam um número de horas e depois iam embora. Não tinham muitos clientes, naturalmente, dava para quebrar o galho. E esse cara era muito bom, nem cobrava nada deles. Eram todos amigos. Um desses advogados inclusive era delegado de polícia.

P.F. – Eita!

U.L. – Esse não fazia ponto lá. A mulher dele era uma italiana, aqui de Copacabana, rica, chamava-se **Gerina Latini**. Ela era uma mulher bonita, já uma senhora, mas muito

linda. E o advogado era horroroso. Eu digo: “Meu Deus do céu! Tem que ter muito amor”. Porque eu vou lhe contar, o cara era feio demais, feio demais! Luiz Barreto de Menezes, esse delegado. E ele era muito amigo do dono do escritório. Ele ia lá... Ele não tinha nada a ver, mas ele ia muito lá, por causa disso. Mas esse rapaz, o Mário, que era esse... A duas pessoas só, a dois advogados ele contou a minha situação: um advogado... Um era quase que... Acho que ele tinha um cliente só. Ele passava... As horas que ele determinava de ficar lá, ele ficava lendo o jornal. Ele brincava muito comigo. Eu gostava muito daquelas tirinhas do Henfil, então, era aquele papo e tal. Mas tinha um cara, tinha um sujeito... E eu era responsável para receber... Entre as coisas que eu tinha responsabilidade, era: o recebimento dos aluguéis dos inquilinos que o escritório fazia a administração e pagar. Quando eles iam lá receber, eu pagava. Alguns era depósito, eu depositava. E tinha um sujeito que ia lá sempre com uma maleta, e um dia ele começou a conversar, logo no segundo ou terceiro aluguel que ele foi lá buscar – ele tinha um apartamento ali no Grajaú –, e o Mário, que era o meu colega, o dono do escritório, piscou o olho para mim e começou a puxar conversa com o cara a respeito do regime militar. O cara era do Para-Sar. Coronel. O cara falando, mas falava com raiva... Aí, a partir daquilo... O rapaz fez aquilo só para eu ouvir o papo do cara. Eu estou trabalhando, estou só ouvindo. Um dia, esse meu amigo provocou, ele abriu a maleta. Era... Acho que era uma submetralhadora – eu não conheço bem arma. Aí ele falando: “Eu ando preparado”. Porque, naquela altura, já havia muito movimento armado contra a ditadura. Bom, esse sujeito, mais tarde... Aí, se eu já tinha cuidado normalmente, aí muito mais. Mas ele ficou uma temporada boa – juntou muitos aluguéis lá – sem aparecer. Agora, tempos atrás, já há bastante tempo, eu pesquisando, fui compreender: ele foi acusado... Não sei se foi agora, na Comissão da Verdade, mas ele foi acusado de ser um elemento responsável por torturas no Nordeste. Ele chamava-se... Ele foi ministro da Aeronáutica do Collor. Era o coronel Sócrates Monteiro. Olha, o cara... Eu digo: “Meu Deus, com que gente que eu estou lidando aqui!”. E ele me tratava... Agora, se ele sabe... **[Inaudível]** se ele sabe quem eu sou. O que ele falava... O sujeito era bandido mesmo. Mas tudo bem. Eu não sei como é que depois ele... Hoje, não sei o que aconteceu com o cara. Fiquei no escritório até 1975. Em 1975, eu voltei para a fábrica... para casa. E pertinho da minha casa... Mas deu-se uma coisa interessante. Tinha um cliente de lá do Mário que fazia a administração de uma fábrica, de uma marcenaria, a Marcenaria Terra Nova. Era quase defronte... defronte à rua que eu morava. Era uma

rua transversal. Era a rua aqui e a minha rua aqui. Aqui na esquina era essa marcenaria. Eu nunca disse ao camarada. O cara ia lá e tal, conversava... Era um português. Eu não dizia a ele que eu... Eu ia lá escondido, passava com o maior cuidado na porta da marcenaria dele, para ele não me ver. Um dia, o filho dele me viu. Aí me viu, aí minha mulher daqui a pouco me chamou. Eu não sabia que ele tinha me visto. Minha mulher disse: “Ulisses, tem um camarada aí te chamando aí na porta. Eu acho que é o dono daquela marcenaria lá, um senhor gordo”. Aí eu fui atender. Quando o cara... “O senhor mora aqui e nunca me falou?!” Como é que eu ia falar antes? Aqueles anos todos... Foram cinco anos lidando comigo no escritório. “O senhor nunca me falou!” Aí ele entrou. Eu mandei, “o senhor entre”, ele entrou, ficamos conversando e tal. Ele disse: “Que maravilha de eu lhe conhecer, de eu saber que o senhor mora aqui.” Ele estava precisando de um desenhista. E eu desenhava. Ele ganhava... Ele era um ótimo marceneiro, mas ele escrevia muito mal e falava muito mal. Ele não tinha empregado; ele trabalhava só. Ele fazia... Era incrível! Ele fazia os orçamentos... Você ia morrer de rir, se visse um orçamento feito por ele. Acontece que ele fazia móveis sob medida, eram coisas pequenas, mas ele foi expandindo, aí começou a trabalhar para o Mario Henrique Simonsen, aí fazia móveis ali para o banco, na avenida Rio Branco, para o Banco Simonsen. Eu que desenhei o móvel de lá. Não deve ser mais esse. Nem sei se existe o banco. Desenhei alguns. Em algum momento, fiz. Então, móvel particular para os donos da Piraquê, que era o dr. Colombo. Ele aí disse para mim: “Eu agora recebi isso, eu não posso mais, eu preciso de alguém para fazer um orçamento para mim, fazer uma planta”. Porque ele fazia uma garatuja assim e pegava, mas aí já não dava mais, para uma empresa, uma... Aí eu fazia os desenhos, fazia os orçamentos. Aí fiquei trabalhando com ele, nesse período aí. Depois que veio a anistia... Ainda não havia a anistia. Foi em 1975. Depois da anistia, mudou, mudou a coisa.

A.D. – E, sr. Ulisses, esses trabalhos no escritório e na marcenaria eram trabalhos formalizados? Ou não podia, porque o senhor não tinha como fazer isso?

U.L. – No escritório de advogado, era uma coisa só de burocracia, mesmo, de anotar livro, essas coisas e tal. Na marcenaria, não, porque eu tinha noção. Não vou dizer que

eu era desenhista porque meu ramo de desenho era desenho em mecânica. Eu tinha vindo da escola, tinha aprendido. Mas **uma encomenda**...

P.F. – Mas o senhor não tinha a carteira assinada?

U.L. – Carteira assinada. Assinei a carteira.

P.F. – Assinou? Então...

U.L. – Sim, porque aí eu disse a ele... A princípio, eu não quis. Aí ele disse: “Poxa! Mas o senhor está tão pertinho aqui”. “Está bom, vou falar para o senhor por que eu não quero. Eu estou precisando, mas acontece o seguinte, eu...”. Aí contei para ele, “eu estou condenado assim e tal”. Aí ele disse: “E daí?”. [*riso*] O português me surpreendeu. Eu não acreditava, porque ele era muito católico e... Sei lá. Eu não acreditava. Ele disse: “E daí? Eu quero lá saber o que o senhor é, o que o senhor vai...?”. Eu digo: “Maravilha! Pronto, acabou”.

P.F. – Muito bom! [*riso*]

U.L. – Mas durou pouco. Essa lua-de-mel durou pouco. Acontecem coisas... Tem coisa que não acontece só ao Botafogo, não; acontece comigo também. Eu estou tomando o tempo... Acho que essas coisas não interessam.

P.F. – Interessam!

U.L. – O que aconteceu? Fui, trabalhei, o homem ficou maluco comigo, maluco. Olha, passou... Uma coisa bem-feita, modéstia à parte, bem-feitos os orçamentos, tudo eu desenhei o desenho direitinho, papel vegetal e nanquim, tudo legal. Aquilo, ele começou a pegar... Eu fui na casa desses caras, do Colombo, dono da Piraquê... Os caras têm dinheiro – acho que vocês fazem a mesma coisa –, compram um apartamento novinho, na planta, aí dizem assim: “Essa parede aqui, não quero aqui”. Aí eu ia lá para tirar as medidas e... Porque o português era tão inteligente que, diante disso, a necessidade... Porque os caras compravam o apartamento e queriam fazer modificações que exigiam trabalho de alvenaria, de pedreiro e tal. Ele foi, registrou uma firma para isso e pegava tudo. Aí ele derrubava as paredes e, quando estava pronto, eu ia lá, tirava a medida para fazer os armários como os caras gostavam que fosse feito. Era assim que eu fazia. Ele ficou... Aí começou a ir embora. O que ele fez? Logo de saída, o que ele me ofereceu? Foi a repetição do que aconteceu comigo depois, mais tarde, no Teatro Casa Grande. No Casa Grande, eu fui... Já tinha acontecido no Casa Grande. Mas no Casa Grande foi o inverso. O que ele fez? Ele me deu um salário – não era um salário mínimo – um salário normal, e me deu 1% do faturamento da casa. Eu aceitei. Aí eu vim trabalhando. Aí, como era uma marcenaria, comprava muita madeira de primeira, e comprava mogno – hoje nem tem mais, dificilmente tem –, uma madeira que está em extinção. Eu aí um dia recebi a visita de uma... Isso estava na ditadura, ainda, no final, nos estertores, em 1974 e 1975. Eu recebi a visita de uma jovem argentina, que não veio visitar a mim; veio visitar a minha filha. É aquele negócio, ela vindo... Não sei como lá, escreveu para a menina... Aquele negócio de troca de correspondência e tal. Aí a menina veio passar uns dias aqui comigo. O pai dela ligou para mim da Argentina para saber quem nós éramos, não sei o quê e tal, aí eu digo: “O senhor pode estar tranquilo” – naquele meu espanhol daqui, imagina! Ela veio e passou um mês lá em casa, essa garota. No dia que ela foi embora... Eles tinham muito dinheiro. Hoje, ela está na Califórnia. Me convidaram para o casamento dela – evidentemente que eu não podia ir. Ela casou depois. Aí, quando ela foi, eu resolvi... Eu digo: “Bom, eu tenho que dar alguma coisa”. Vim à Cidade procurar alguma coisa de artesanato, alguma coisa... Havia, na Ouvidor, ali no Largo de São Francisco, na esquina, tinha uma casa de artesanato ali. Quando eu cheguei, vi uma baiana, assim, mais ou menos, um busto de uma baiana bonito, entalhado, achei aquilo lindo, aí perguntei o preço, eu acho que o cara queria me... Cobrou o preço do Elevador Lacerda, da Igreja do Bonfim, tudo junto,

não é? Eu digo: “Não, não quero, não”. Mas aí peguei o ônibus de volta para casa. Não comprei nada. Aí fiquei pensando assim: “Vou comprar em outro lugar”. Depois, lá em Madureira, encontraram alguma coisa lá para ela. Mas aí eu digo assim: “Eu faço aquilo”. Aí, antes de voltar para a fábrica – porque eu tinha vindo com licença da fábrica –, eu saltei em Rocha Miranda e comprei umas ferramentas. Cheguei na fábrica, cortei um pedaço de madeira – pedi lá, comprei. Cheguei em casa, comecei a fazer e, logo de início, eu desisti. “Não, vou fazer outra coisa.” No dia seguinte comprei, lá no português, na fábrica, a preço de custo, mais ou menos dessa altura, assim, uma peça de mogno dessa grossura, larga assim, e risquei e comecei a esculpir. Eu tinha, na escola... Sempre a escola, lá atrás. Eu tinha aula de entalhação. Aí lembrei aqueles tempos de escola. Eu digo: “Vou fazer isso”. Comprei as ferramentas e comecei. Desenhei um cangaceiro grande, uma coisa dessa altura. Quando eu comecei, os garotos riam à beça. “O que é isso aí, pai?”, e rindo. Aí eles começaram a parar de rir, quando começaram a ver o cangaceiro saindo da madeira. Eu fiquei impressionado, quando vi aquele negócio. “Será que eu fiz isso mesmo?” [riso] Você vê só! Aí eu chamei um... Tinha um lustrador, na firma – era um artista –, um português com um bigodão assim, grande, ele... Eu tinha ido na casa dele... Curiosamente, ele se chamava Israel. Mas ele era português. Aí eu cheguei e falei com ele. Eu já tinha levado muitas madeiras lá para casa. Eu fui comprando. Como eu fiquei entusiasmado, aí comprei uma meia dúzia de peças daquela, para não terminar, e deixei guardado lá, em estoque. Mas aí... E eu pagava o preço de custo. O português nunca me perguntou para que eu queria aquilo. Aí eu falei com esse Israel, porque ficou pronto o cangaceiro, mas eu não sabia como terminar. Eu digo: “Como é que eu vou acabar isso?” Eu não sabia. “O que é que eu faço? Eu pinto? Eu lustro? Não sei.” Aí, o cara era fora de série, eu cheguei para ele, falei, ele disse... Eu digo: “Olha, eu quero... Você vai ver um negócio para mim lá em casa, vai ficar entre nós isso. Eu queria que você me orientasse”. Ele foi lá, aí eu disse assim: “Eu queria que você me dissesse como é que eu termino aqui. Me dá uma ajuda”. O cara era colega de trabalho, não é? Ele disse: “Sr. Ulisses, o senhor não vai me dizer que o senhor nunca fez nada!”. Eu digo: “Eu nunca fiz, rapaz!”. “Não se preocupe com isso. Vamos fazer o seguinte...” Eu conto... Não está ali, não, mas tem essa história contada. *Half and half*. Ele disse assim: “Vamos fazer o seguinte, o senhor talha, eu acabo, e a gente racha”. [risos] Eu digo: “Muito obrigado. Esquece”. Em seguida, eu fiz uma ceia. Ah, não! Aquele cangaceiro serviu de amostra. Aí meu filho pegava, botava

no carro e levava. De repente, vem, com uma dona que morava em Rocha Miranda, um dono de frigorífico. A mulher chegou para mim, lá em casa, a mulher dele, e disse assim: “O senhor só faz esse tipo de coisa?”. “Não. O que a senhora quer? Eu não sei.” “Eu tenho que dar um presente de casamento, eu quero dar uma ceia. É essa peça deitada. O senhor faz uma ceia para mim?” Ela está falando e eu já estou pensando naqueles pãezinhos, como é que eu vou fazer aquilo. “Eu faço.” Eu digo: “Meu Deus do céu! É presente de casamento”. Tinha dois meses. “Vou fazer.” Aí comecei a fazer. Desenhei lá – aquela de Da Vinci, eu ampliei. Tive dificuldade, porque não tinha xerox para isso naquela... Aí fui quadriculando e tal, ampliei e comecei a fazer. Fiz. A mesma coisa. O cangaceiro estava lá, como se diz, em osso, não tinha acabamento. Aquilo não podia ser assim, era presente. Eu digo: “Meu Deus! Como é que eu vou fazer agora com esse aqui?”. Aí chamei meu filho – o garoto gosta de pintar. Eu digo: “Jorginho, dá acabamento nisso aí para mim”. “Deixa comigo, pai.” Eu não disse nada que ele... Ele foi muito simples: foi na esquina, comprou uma lata de verniz com uma trinchazinha, borrou, pintou, cobriu tudo. Quando a mulher foi lá buscar e abriu, olhou, ficou extasiada. Eu digo: “Meu filho, que bom!”. Aí danou a começar a vir troço para mim. O português... Aí eu comprei mais madeira lá. Veio o final do ano, 31 de dezembro, ele foi na minha casa. Ele foi lá. Chegou no portão... Eu não ia receber o patrão no portão, não é? Ele foi me levar o dinheiro do vigia, que chegava à noite, para pagar a ele o salário do mês de dezembro e deixar dinheiro para pagar a comida dos cachorros que ficavam lá, ajudando ele na segurança. Eu não ia deixar ele... Vacilei. Em vez de deixar... A ceia ainda não estava entregue, a ceia estava na parede. Ele aí... Eu mandei ele entrar. Quando eu abro a porta, ele chegou na porta, antes de entrar, olhou na parede – porque eu tinha deixado na parede, para a mulher, quando chegasse, ver o efeito –, ele disse: “Aquilo ali é o que o senhor faz com esse mogno?”. Eu digo: “É”. “Não é possível!” Aí começou... Me botou lá em cima. Aí, daqui a pouco, ele diz assim... Ele tinha aquele negócio [inaudível], e tinha uma dra. Graça que era responsável pela decoração dos... Quando ele fazia uma modificação num apartamento, essa dra. Graça é que ia cuidar dessa parte. “Eu vou falar com a Graça, e o senhor vai fazer isso, ela vai encaixar, o senhor vai ganhar muito dinheiro comigo.” “Está bom. Não estou interessado nisso, não, mas está bem.” Ele foi para Cabo Frio, para passar uns dias lá... Ele disse: “Quando eu voltar, nós vamos conversar sobre isso.” Aí, quando ele voltou, a primeira coisa, no dia que ele voltou, me chamou e disse assim: “Sr. Ulisses...”. O filho dele estava

presente. O filho dele tinha um respeito por mim danado. Era um rapazola. Ele me respeitava mais **porque eu notava** que ele estava querendo namorar minha filha. Aí o respeito era dobrado. [riso] Aí ele está do lado, assim, aí ele chegou e falou: “Olha, aquele assunto que nós falamos, nós vamos... Eu vou falar com a dra. Graça, o senhor vai se dar bem, vai ganhar dinheiro.”. No fim da conversa, ele disse assim: “Agora, eu queria lhe propor o seguinte... O senhor está ganhando muito dinheiro com aquilo ali. O senhor está vendendo, não está vendendo?”. Eu não tinha vendido nada, ainda. Ia vender aquela primeira, aquela... que a mulher logo depois foi buscar. A primeira. Eu não sabia nem dar preço, nem nada. Aí ele disse assim: “Então nós vamos... Eu vou lhe reduzir à metade...”. Aquela comissão que ele me dava, de 1%, além do salário, não constava, era uma coisa fora... Eu tinha a carteira assinada, mas não estava em carteira. Eu vou reduzir à metade, porque aí... Eles sempre arranjam um jeito, não é? “O Justino”, que era o filho, que estava do lado, “o Justino está com o carrinho meio caído, ele agora está na faculdade, ele está um pouco envergonhado de chegar na faculdade com aquele carro velho”. Era um Fusquinha velho. Eu não vou dizer para você repetir o que eu disse para ele. Eu só disse assim para ele: “Faz o seguinte... Por que o senhor vai economizar a metade, para comprar o Fusquinha para ele? O senhor compra tudo de uma vez. Pega o meio e mais o meio, o senhor pega e enfia naquele lugar”, eu disse para ele. O rapaz ficou com os olhos desse tamanho, assim. “E eu vou sair agora **pela** sua porta e nunca mais eu volto aqui. Prepare o que o senhor me deve aí.” E aí saí, fui embora. Nunca mais... Voltei lá para apanhar o dinheiro, só, o pagamento.

A.D. – Em que ano isso aconteceu?

U.L. – Isso foi em 1975. Bom, eu disse aqui o inverso. O que foi o inverso que aconteceu lá atrás, no Casa Grande? Eu contei aqui, quando eu fui trabalhar no Casa Grande, um advogado do sindicato... Eu tinha contado a história do menino que era da Bibsa⁷? Não contei, não? Do judeu? Não contei?

⁷ Bibsa – Biblioteca Israelita Brasileira Scholem Aleichem.

P.F. – Acho que não.

U.L. – Ah! Isso é importante. Quando eu estava na sede do sindicato, eu era responsável... Não era diretor, ainda; eu era da Comissão de Recreação e Cultura, eu era o responsável. Chegaram lá uns rapazes – dois rapazes – de um teatro amador. Eu não sei o que era, mas a sigla era Bibsa, B-I-B-S-A, Teatro da Bibsa. O que eles queriam? Eles queriam que o sindicato cedesse para eles o palco, para eles fazerem uma apresentação deles. Eles iam vender ingresso e tal. Aí, na mesma hora, passei por cima da diretoria e decidi com eles na hora. Eu digo: “Está cedido, pode deixar. Pode marcar o dia que vocês quiserem.” Marcaram lá o dia. Cheguei na diretoria, propus o que não tinha dito a eles: eu propus que nós comprássemos dos rapazes os carnês, para distribuir de graça na fábrica. Com isso a gente ajudava os meninos, [inaudível] dinheiro, porque tinha um público garantido. Se não tivesse público, pelo menos dinheiro eles tinham. E, na fábrica, a gente divulgava o sindicato e tal, dando... Isso foi feito, aconteceu. Quando eles chegaram lá e **receberam essa proposta**, ficaram loucos. Aí mandaram os ingressos, a gente vendeu. Passado aquilo, nunca mais os vi. Quando veio... Depois, quando eu fui condenado, aí estava a dificuldade do trabalho... Não, ainda não estava condenado, estava no IPM, mas aí eu fiquei com dificuldade de trabalhar – foi naquele período que acabou o dinheiro, acabou tudo –, e eu já... Ainda não tinha surgido o julgamento. O advogado do sindicato, que era o Everaldo Martins – está vivo, ainda –, ele era advogado de vários sindicatos, inclusive o nosso, ele me disse assim: “Ulisses, você vai lá no teatro... Meu cunhado está abrindo um teatro. Você vai lá [inaudível], porque eu já falei com ele e ele te dá lugar”. Eu tenho até hoje o cartãozinho dele. Ele me deu: “Procurar Max Haus, no Teatro Casa Grande”, ali no Leblon, perto do padre. Aí eu fui. Quando cheguei na porta do teatro, pedi para falar com o Max Haus, aí o rapaz que me atendeu disse: “Não, o Max não está, não. Está o sócio dele, que é o Moysés”. Eu digo: “Eu falo com o sócio dele, o cartão está aqui”. Quando vem o Moysés, era o rapaz que tinha falado comigo no sindicato, do Teatro da Bibsa – era o dono do teatro –, e ele me reconheceu. Aí fiquei trabalhando no teatro, ali. Era o Moysés Ajhaenblat, que está hoje no Oi Casa Grande, ainda. De vez em quando eu vou lá, ele está lá. Continua amigo meu. Por que eu falei nisso? Me digam. Ah, sim!

P.F. – Porque era o oposto do que aconteceu com o português.

U.L. – Exatamente, o Casa Grande. Depois, fiquei nessa de Casa Grande e aí nunca mais saí disso aí. Depois, o Teatro Casa Grande acabou, eu fui parar no Carinhoso, que era uma boate ali na Visconde de Pirajá 22. Aí estava difícil a coisa para mim naquela época: eu estava condenado... Aí eu já estava condenado. Esse período que eu fiquei condenado, eu fiquei vivendo de talha. Eu talhava e vendia as talhas. Meu filho enchia o carro e saía vendendo. Aí um dia eu me lembrei que eu tinha trabalhado, no Vivará, o restaurante do padre, eu tinha trabalhado com um rapaz que era muito amigo meu, era um garçom, e ele ganhava muito bem. Ele ganhava muito dinheiro na Federação das Indústrias. Ele só ia lá atender, no almoço, os empresários que iam lá almoçar. Depois daquilo, ele tinha outro trabalho. Então ele ganhava bem. Me lembrei dele. Ele morava em Irajá. Peguei uma peça e fui lá com o meu filho, no carro, para mostrar a ele, ver se ele queria comprar. Aí, quando entrei... Eu levei... O carro está lá embaixo com um monte de peças, mas eu levei um taco com um passarinho moldado. Aí ele ficou feliz de me rever, porque desde que eu deixei... Eu saí abruptamente, não é? Só o padre que sabia que eu saí por causa do julgamento. Ele não sabia a razão. Aí, quando ele soube, eu mostrei a ele, ele disse: “Ah, Ulisses, eu não quero comprar isso, não. Eu não gosto de talha. Não gosto dessas coisas, não. Mas você quer trabalhar?”. Foi a talha mais bem paga que eu tive, foi aquela talha. Ele aí ligou para um primo dele que tinha trabalhado também comigo no Vivará. Ele disse assim: “Você sabe quem está aqui? É o sr. Ulisses. Olha, vou mandar ele aí. Tem lugar para ele aí?”. O rapaz disse para eu ir. Aí eu fui. No dia seguinte, ele me apresentou ao patrão. O patrão chamava-se José Esteves. Era conhecido na noite como Zezinho. Ele me chamou no escritório e disse o seguinte... Ele tinha um sócio brasileiro: Márcio Cardoso. Aí ele chamou o sócio e conversaram comigo, para trabalhar no caixa. Eles tinham um caixa, mas o caixa não estava querendo continuar na casa, eles tinham que arranjar alguém. Então, como eu tinha a indicação, eles gostavam muito do rapaz que me indicou... Eu disse: “Eu nunca trabalhei nisso”. Eu tinha sido caixa no Vivará, mas era um restaurante fino, pouca frequência, era outra coisa. Eu digo: “Isso aí...”. O Carinhoso, houve uma época, no início, que fechava...

Antes, quando era uma boate, a New York City, fechava a rua, de gente. Não passava, na Visconde de Pirajá. Eu fiquei com receio. Eu digo: “Não vai dar certo”. **Mas como eu** tinha necessidade, eu digo: “Eu vou arriscar”. Aí, o salário. Eu digo: “Ah, eu prefiro primeiro trabalhar, para ver se dá certo. Se der certo, aí eu vou avaliar, e vocês, também, vão ver o meu trabalho”. Aí começou. Quando deu uma semana mais ou menos, o cara chegou para mim... Me chamaram no escritório. “Olha, não tem nada de experiência, coisa nenhuma, você vai dizer agora o que você quer ganhar. Vamos definir isso. A gente precisa de você. Você está escondendo o jogo”. Achavam que eu tinha trabalhado... Eu digo: “Eu não sei. Vocês me proponham”. Aí eles me propuseram um salário mínimo, que era o que eles davam para todo mundo... Porque a exploração é terrível, nesse meio. Os caras ganhavam mais: ganhavam uma comissão, o garçom. Aí ele diz assim: “Você vai ganhar um salário mínimo”, e lá vem o 1% de novo, “e vamos dar 1% sobre a fêria”. Eu fiquei pensando, aí eles disseram assim: “Por quê? Não está bom? Você quer mais do que o salário mínimo?”. Porque eles sabiam que 1% eu não ia rejeitar. Quem ia rejeitar? “Quer mais de salário, é isso?” Eu digo: “Não, ao contrário, eu quero que vocês cortem a metade dessa comissão. [Com] 0,5% eu já vou ficar muito feliz.” Aí eles riram. “Nunca vi uma coisa dessas!” Aí riram, fizeram piada. “Eu estou falando sério.” Pensaram que eu estava brincando. “Estou falando sério.” Aí eles disseram assim: “Está bom, nós vamos dar 0,5%. Mas você tem que explicar qual é a razão disso, porque eu nunca vi isso”. Eu digo: “É muito simples...”. Eu tinha passado pelo negócio lá do português, não é? Eu digo: “Do jeito que essa casa está trabalhando, se o senhor me der 1%, eu garanto que dentro de um mês vão puxar o meu tapete aqui, com toda a certeza, e eu preciso trabalhar. Eu não preciso trabalhar um mês, não; eu preciso bastante tempo, até as coisas melhorarem para mim”. Eu tinha dito a ele. Ele sabia da situação. Quando eu cheguei, a primeira coisa que eu falei com ele, eu digo: “Olha, eu sou condenado, isso, isso...”. “Não quero saber disso. Eu quero o seguinte, vai ficar entre nós três”, ou seja, eu, ele e o sócio dele, o Márcio Cardoso, “e mais ninguém”. Porque os sócios dele eram o Chico Recarey, o Pedro González... E ele era da Galícia, também. “Porque esses galegos não valem nada. É entre nós. Nada de falar para eles.” “Está bom.” Aí, assim foi.

A.E. – Bom, sr. Ulisses, então, a gente parou no período do... antes da anistia, eu queria que o senhor retomasse um pouco isso. Mas, antes, o senhor quer falar um pouquinho do Nobre. Porque eu havia perguntado, na última entrevista...

U.L. – Porque você tinha me perguntado... Eu não sei se isso aqui eu deveria falar em *off*. Na ocasião, eu disse a você que seria. Mas não faz mal, eu vou falar, porque é verdade. Você me disse que ele se apresentava lá e tal, não é? **[Inaudível]** em evidência, vamos dizer. Está, ainda, porque ele é mais velho que eu. Mas a posição dele não foi muito correta, não, e ele confessou para mim isso. Ele chegou, se não me engano, ele chegou a ser expulso do partido; depois, fez a autocrítica e foi readmitido. E ele, para mim, ele veio se desculpar. Quer dizer, eu não sei o que ele fez. Porque eu não quis saber de nada. Eu disse a ele: “Nobre, esquece. Eu não quero saber o que aconteceu, o que você fez. Eu sei que houve alguma coisa, e fica nisso aí, eu não quero saber de nada”. Depois, como eu não mais frequentei, eu me afastei do Grêmio dos Veteranos, nunca mais tive contato com ele. Eu tenho uma lembrança muito boa, eu vou citar isso aqui, da esposa dele, a Valdice. Ela era diretora do Sindicato de Alfaiates e Costureiras, era uma ativista, era uma militante muito boa e, para entrar na conversa da anistia, ela teve um papel muito importante. Eu, por desconhecer a Lei da Anistia... Eu não estava interessado nisso. Eu estava interessado em reconstruir a minha família e tudo. **[Inaudível]**. E eu estava trabalhando numa boate, na boate Carinhoso – já falei disso, eu acho, aqui –, e um dia, eu cheguei em casa e tinha um recado da minha mulher que tinham telefonado para mim, para eu procurar... o Estelita, para eu procurar a Valdice, no Sindicato das Costureiras, que era na rua Camerino. Eu, justamente por causa do Nobre, eu digo: “Eu não vou procurar a Valdice coisa nenhuma”. E não fui. Passado um tempo, repetiu-se: eu não estava em casa e, outra vez, telefona para mim o Estelita, que era um alfaiate que esteve comigo na China, insistindo. Aí eu fui. Eu digo: “Poxa! Não é possível! O que está havendo?”. Ele não deixava o telefone dele, aí eu fui. Quando cheguei lá para falar com a Valdice, no Sindicato das Costureiras, ela ficou muito feliz – há muitos anos que nós não nos víamos –, e conversando – eu estava numa situação muito difícil, economicamente. –, ela disse assim: “Você já se aposentou? O Hércules

está aposentado?”. “Aposentar como, Valdice, que eu vou me aposentar?! Eu fiquei 20 anos quase sem carteira assinada”. Ela disse assim... Eu exagerei, porque eu não fiquei... Fiquei uns 15 anos. Porque, mesmo no período da ditadura, eu cheguei a um ponto... Quando foi em 1970, justamente no período mais brabo, eu decidi... Eu digo: “Eu não aguento mais essa situação”, aí registrei minha carteira, trabalhei com a carteira assinada, e continuei assim. Mudei de emprego com a carteira assinada. Posso até falar disso depois. Aí a Valdice disse assim para mim: “Mas você não precisa de carteira assinada. Pena que passou o tempo. Você perdeu o prazo. Como é que você faz uma coisa dessas?!”. Olha, eu vou te contar, eu chorei, eu enchi os olhos de lágrimas. “Meu Deus! Na situação que eu estou passando...” E eu fiquei mais chateado porque, naquele período, eu tinha recebido na minha casa a visita de um companheiro metalúrgico **responsável** que tinha se beneficiado da Lei da Anistia, com o qual eu falei das dificuldades que eu tinha, dessa dificuldade de me aposentar. Ele, que tinha se beneficiado da Lei da Anistia, não me disse uma palavra a respeito.

A.E. – Ele era do sindicato, nessa época?

U.L. – É o Jarbas Amorim. Foi líder lá em Caxias. Pois muito bem. Aí eu disse para ela: “Mas, Valdice, o Jarbas esteve comigo e não me falou nada!”. “Ulisses, passou. Mas vem cá, não fica triste, não.” Ela me viu com os olhos cheios d’água. “Não fica triste, não, vem cá. Você vai lá nos petroleiros de Caxias, vai procurar a Nina, nos petroleiros de Caxias, porque eu vou telefonar para ela e ela vai dar um jeito nisso.” Aí eu fui, fui lá falar com ela. Já de saída – ela me recomendou –, passei no Sindicato dos Metalúrgicos e pedi os documentos que comprovavam que eu tinha sido cassado da diretoria, e peguei logo, também, de um outro companheiro, o Sebastião Amazonas, que era também condenado como eu, e fui lá em Caxias. Quando cheguei lá no Sindicato dos Petroleiros, fiquei encantado: os caras, muito organizados; uma sala enorme, só para tratar do problema de anistia dos petroleiros. Eu fui lá várias vezes. Toda hora essa Nina... Morreu de câncer, essa companheira, uma menina maravilhosa. Ela ligando toda hora – era para o Pará, era para o Rio Grande do Sul – e os caras ligando para ela, para cuidar da anistia. Então ela me orientou. Eu fiz os documentos que ela pediu, e ela

disse: “Você pode mandar lá para a Comissão de Anistia, porque eu vou me comunicar com eles, eles vão receber e, mesmo fora do prazo, você vai... Tenho certeza que eles vão aceitar”. E aceitaram. Aí já peguei o do companheiro, também, do Amazonas... Não é o João, não; o Sebastião Amazonas. E ele também... Saiu a aposentadoria, graças a essa menina.

A.E. – Isso, só para esclarecer, era a Comissão de Anistia do Ministério do Trabalho?

U.L. – Não. Era a Comissão de Anistia... A anistia política. Mas eu tinha que ter um documento do Ministério do Trabalho. Foi o documento que eu fui buscar no sindicato. Era a anistia geral, que me dava o direito de me aposentar. Porque, segundo o espírito da lei, eu não trabalhei aqueles anos todos, eu não contribuí porque eu não podia, eu estava foragido, estava impedido de trabalhar. Como é que a família viveu? Eu trabalhei.

A.E. – Essa sua mobilização ainda começou em 1979, ou foi um pouquinho depois, para conseguir...?

U.L. – Foi em 1979.

A.E. – Em 1979 mesmo.

A.D. – E antes disso, o senhor não sabia? Ou não estava em contato com esses companheiros, não...?

U.L. – Minha filha, minha preocupação era a família. Eu não lia jornal, não sabia nada, não estava a par de nada. Como eu não estava... A única pessoa com quem eu tinha... Os que eu tinha contato, seja políticos ou sindicais, ignoravam. O único que sabia realmente era o Jarbas. Era o único que poderia ter falado. O sindicato ignorava isso completamente. Eu vou falar disso. Então o que aconteceu? Eu, a Nina mandou, eu fui beneficiado. E no momento em que ela me avisou... Aí mantive um contato permanente com ela. No momento em que ela me disse que tinha saído a minha autorização, eu precisava ir ao sindicato fazer a atualização do meu salário – porque, dentro da lei, vinha atualizando desde que eu recebia... vinha desde 1964 até a época em que eu entrei com o pedido de anistia. Eu tinha que ir ao sindicato, e fui, para fazer esse levantamento. Depois de feito, voltei lá para a Nina e ela mandou para Brasília, até que foi... Quando saiu a aposentadoria, eu fui falar com a Nina, agradecer a ela e tudo mais, e perguntei a ela... Porque eu sabia que, no sindicato, ninguém sabia de nada. Eu disse a ela: “Olha, eu percebi que lá no sindicato ninguém sabe de nada. Eu podia pedir a você...? Você dá uma ajuda? Eu vou lá conversar com eles, ver se eles querem fazer isso”. Aí fui ao sindicato. Quando eu cheguei no sindicato... Essas coisas é que me fizeram me afastar, eu, que dei minha vida... Sem nenhum exagero, sem falsa modéstia, a minha vida foi o sindicato e a política. Eu chego no sindicato, está o Martinho, um fundidor, velho conhecido meu, sentado na beira da mesa, lendo um jornal. Eu cheguei e falei com ele. “Oi, Ulisses, tudo bem?” “Tudo bem. Martinho, eu queria falar com um diretor.” “Fala comigo.” Ele era diretor do sindicato. “Fala comigo.” Mas sempre lendo o jornal. Aí eu expliquei a ele: “Olha, vocês não têm trabalho nenhum aqui sobre a anistia?”. Ele disse: “Não”. Não sabiam nada.

A.E. – E ele era muito mais jovem?

U.L. – Aí eu disse a ele: “Eu estou anistiado graças aos petroleiros. Eu falei com a menina lá, ela está disposta a vir aqui orientar vocês, para vocês fazerem um trabalho igual”. Falei da sala, de tudo, e ele lendo o jornal. Aí, quando eu terminei... Porque eu disse: “É um trabalho maravilhoso. É uma porção de gente. Aqui, vocês têm gente à beça que não sabe disso”. Aí ele dobrou o jornal... “Olha fala com essa companheira lá

quanto ela quer para vir dar uma... fazer isso aqui para nós.” Assim, sabe? Eu digo: “A mulher não falou em dinheiro. Ninguém está falando em dinheiro. Está falando dos companheiros que estavam jogados, sem saber de nada”. Uma coisa horrível isso. Aquilo me chocou profundamente. Eu não fui mais lá. Conclusão: teve companheiros... Aí, ao saberem que eu... Aí começaram a se mexer. Mas era uma coisa que o sindicato não tomava a iniciativa, não dava cobertura nenhuma, não. Cada um que sabia ia lá, eu ia comunicando, avisando. Teve um que eu falei, que era o Heraclides, que faleceu, que era da diretoria, Heraclides Santos, ele disse assim: “Eu estou esperando a anistia de 1935”, porque ele tinha lutado em 1935, pegou em armas, no 3º RI. “Eu estou esperando a anistia de 1935, **também**.” Mas ele acabou se anistiando. Então foi um. Aí uma coisa realmente que eu fiquei mais triste, depois, foi que eu soube... Houve... Em tudo é assim, mesmo. É uma das páginas que eu estou cortando. [O que eu fiquei mais triste, depois, foi que eu soube de] gente que não tinha dinheiro. Teve gente que encaminhou, que forjou, que não tinha direito, realmente não tinha, porque eu conhecia todos eles, não faziam nada, teve dedo-duro que se anistiou – olha, incrível! –, e companheiros que deram a vida... Tinha um companheiro que eu, menino, com 14 anos, eu conheci como Laguna – era o nome de guerra dele –, que ia vender a *Voz Operária* na porta da fábrica. Era a mim que ele entregava. E eu me tornei adulto, fui para a diretoria do sindicato e ele já não era o Laguna, era o Aurélio, sempre no sindicato, sempre com dificuldade. Ativista, mas não tinha como provar. Porque ele passou muito tempo ilegal, mas ele não tinha a documentação para provar. Entretanto, eu não defendo nada errado, mas defenderia que se arranjasse uma maneira, porque era justo. O cara morreu na maior miséria. E outros...

A.E. – O Massena já havia...?

U.L. – ...sendo inclusive endeusados e considerados e homenageados, como o Nobre. Se eu for citar, é até deselegante. Eu não quero falar disso. Mas isso me deu muita tristeza. É a razão do meu afastamento: eu sentar com aquela gente, ver os caras falando uma coisa que eu sei que não é verdade, e ver o cara ser prestigiado e tudo. Eu digo: “Meu Deus do céu!”. Gente que dedurou. Teve gente que nunca fez nada. Eu queria, já que se

falou em nomes e tudo aqui, da outra vez, eu queria fazer uma correção aqui. Enriquecer, falando a verdade. Quando nós falamos aqui de grupos que agiram no sindicato, me parece que ficou... Eu passei a ideia que tinha somente os comunistas, o pessoal do Círculo Operário Católico e, politicamente, um ou dois elementos do Partido Socialista. Eu acho que foi isso mais ou menos que eu falei, não é? Na verdade... Eu anotei aqui alguns nomes. O Partido Socialista tinha mais elementos – não era só um ou dois, como eu falei –, tinha o Izaltino, o Heraclides, José Américo Maia Filho... Esse, aliás, o José Américo, o velório dele foi no Sindicato dos Metalúrgicos. Porque ele morreu... Ele era um líder lá da Cruzada São Sebastião, e era muito barraco e, num dia de chuva, caiu um cabo em cima do prédio, ele foi, com um bambu lá ou um pau, tirar o cabo e foi eletrocutado. Carbonizou. Então o corpo dele foi para o sindicato. Quer dizer, era um companheiro prestigiado. O velório foi lá, dentro do sindicato. Ele era do Partido Socialista; não era comunista. Tinha o Raimundo Oliveira, que era do ramo de fundição; o Guimário... Tinha outros companheiros: o José Antonio... E até a UDN: tinha aquele elemento que eu falei aqui, que era o José Ramos, que era um rapaz que eu considerava... Muito ligado comigo. Através dele, eu cheguei ao Tenório. Ele tinha muita ligação com o Tenório Cavalcanti e com o jornal *Luta Democrática*. E tinha o grupo do... católico, aquele grupo que cercava o Maranhão. Era isso aí.

A.E. – O Massena já havia falecido, na época da anistia?

U.L. – Da anistia? Já.

A.E. – E os familiares dele não entram também com...?

U.L. – Eu não sei. Porque eu me dava muito com... Eu era muito amigo do Massena. Eu botei uma página dele lá...

A.E. – Eu vi.

U.L. – Viu? A data está lá. Eu não me lembro. O Massena... Eu sentia, quando eu era novo, ainda... E ele era mais velho que eu, não é? Ele, em 1935, ele tinha sido preso em Fernando de Noronha e aquela coisa toda. Então eu notava... Porque eu nunca fui bobo. Agora eu estou mais bobo do que eu era. Agora eu estou mais bobo. Antigamente eu não era, não. Mas, apesar da minha bobice, dava para perceber que ele levava alguma fé em mim, então, ele me levava na casa dele, me dava muitos livros, e ia na minha casa. Então, com isso, eu fiquei conhecendo a Ecila, a mulher dele. Ela era funcionária da Câmara dos Vereadores. Depois eu perdi o contato com ela, nunca mais soube dela, não sei se ela... Mas ela deve ter se beneficiado, porque ela não era boba.

A.E. – E esses outros companheiros que o senhor falou que acabou ajudando a entrar com o pedido de anistia, depois que o senhor entrou, foi tudo via Sindicato dos Petroleiros? Foi essa Nina, do Sindicato dos Petroleiros, que ajudou?

U.L. – A minha anistia, a única coisa que o sindicato fez, porque só ele é que poderia fazer, foi fazer o levantamento dos meus salários. Foi uma coisa burocrática: eu cheguei lá, falei com um funcionário, que era... Eu guardo o nome de todo mundo. Enedir Saraiva. Era funcionário. Ele foi lá, fez o levantamento dos meus salários, os documentos, levei para [inaudível]. O sindicato não fez absolutamente nada, além disso.

A.E. – Mas quem tinha ajudado inicialmente o senhor foi no Sindicato dos Petroleiros de Caxias, não foi?

U.L. – Sim. Foi lá que...

A.E. – Foi por lá que o senhor levou os outros companheiros, também, dos metalúrgicos?

U.L. – Não, não. Aí eu comecei a falar com quem eu encontrava e um foi passando para o outro. Então, aqueles que tinham interesse...

A.E. – Aí vocês entraram diretamente.

U.L. – Mas, olha, era uma coisa, vou te falar, ridícula. Eu contei aqui, eu acho, a história do Jarbão, o Jarbas Gomes Machado, aquele que fazia o negócio dos ceguinhos. Eu acho que contei uma história dessas. Não contei, não?

A.E. – Eu não lembro.

A.D. – Não.

U.L. – Não? Ah, então eu posso [inaudível], só para vocês rirem.

A.D. – Por favor.

U.L. – Esse Jarbas era um companheiro extraordinário. Ele trabalhava na Standard Electric. No passado, em 1946, ele levou um telefone e ficou surdo, e ele foi o elemento destacado – escolhido em assembleia – para acompanhar a construção da sede, desde a

demolição do prédio antigo que tinha lá – porque tinha um prediozinho baixo –, a pedra fundamental, [inaudível] de tudo isso, até a conclusão do prédio.

A.E. – E, depois, foi ele que ficou vivendo lá?

U.L. – Ele ficou lá. Então, o que acontece? Não havia, estatutariamente, a figura do diretor de sede, mas nós criamos isso – só *pro forma* –, o diretor de sede, para ele ser considerado como diretor. Porque, na realidade, ele não era membro da diretoria. E ele morava no sétimo andar, morava lá em cima, tinha um apartamento, aonde, depois, veio a funcionar o IPM. Foi **instalado** naquela sala. Ele morava lá.

A.E. – **O senhor** chegou a falar.

U.L. – Então, uma ocasião, houve uma assembleia de aumento de salário – foi um aumento bom que nós... Houve a assembleia – os patrões já tinham aprovado, era só para ratificação –, mas todo mundo sabia que o aumento saía. Aí a assembleia foi uma coisa extraordinária de gente. Uma associação de cegos, uns ceguinhos botaram uma bandeira brasileira na entrada, logo na entrada... Eu até procuro fazer humor com isso. Quando eu conto, eu digo: “O pessoal, já por conta do aumento, já foi sendo bastante pródigo, botaram muito...”. A arrecadação dos ceguinhos foi muito boa, dos cegos. No final... Esse Jarbas era muito sentimental. Entre as coisas que eu... Eu não sei se eu contei... Eu vou misturando as histórias, mas está tudo ligado. Entre as coisas que eu citei que eu recuperei, inclusive aquele disquinho... Eu dei um disco para vocês, um DVD do negócio da Maria Ávila. Não?

A.E. – Ah! Deu. Eu ainda não abri, Sr. Ulisses. É verdade, está lá.

U.L. – É porque eu falei de uma solenidade que a diretoria...

A.E. – Eu fiquei tão entretida com o livro...

U.L. – Dado o papel que a minha delegação – a delegação da fábrica, dos trabalhadores – desempenhou na construção da sede, a diretoria, depois da construção, decidiu que todas as firmas que colaboraram, os companheiros iam receber... Todos que colaboraram iam receber seus diplomas no sindicato. Mas a minha fábrica, a diretoria – todo mundo – em peso iria lá, para entregar *in loco* a cada um dos trabalhadores o diploma, como uma deferência, pelo papel que nós desempenhamos. E assim fizeram. Tanto que no dia... E isso está lá... Eu conto a história e está no disco, você vai ver o Jean-Jacques Frédéric Duvernoy – era o nome do patrão –, um francês. E é interessante, porque eu avisei a ele que a diretoria [inaudível] sindicato entregar, mas não dei detalhes. Ele geralmente chegava na fábrica nove horas. Nós entrávamos às sete. A diretoria chegou, nós paramos a fábrica, armamos uma mesa – tem a foto –, teve até um companheiro que apanhou, lá na sucata, uma granada, botou a carcaça da granada na mesa. Tudo orientado e tal. E fizemos ali a manifestação. E foi tudo gravado. Eu botei um gravador lá que era meu e foi gravando tudo. As lideranças, todo mundo está lá: eu falo, o Juvenal... Todo mundo. E o patrão... Aí o patrão chega. O Cerqueira está falando, aí dá uma parada e convida o patrão, aí o patrão diz que, se soubesse que era aquilo, ele chegava na hora, para estar junto na mesma hora, aquela coisa. Tudo bem. Ele não era um mau sujeito, não. A gente tirou muito partido da bondade dele. Mas aí... Fugiu. O que eu estava falando?

A.D. – O senhor ia falar sobre o Jarbas.

U.L. – O Jarbas. O Jarbas, então, diretor de sede, morando lá... Eu já ia entrar em outra história. Os ceguinhos **estavam lá**. Quando terminou a assembleia, o Cerqueira, que estava presidindo a reunião, a assembleia, disse assim: “Eu queria que os companheiros

permanecessem, ninguém saísse, porque os ceguinhos querem agradecer a colaboração que vocês deram a eles”. Todo mundo ficou, a assembleia permaneceu. Aí o ceguinho foi lá, pegou uma bolsa, tirou um cotoquinho de cabo de vassoura e um... aquela coisa... Foi armando com as piaçabas, só para exemplificar, um cotocozinho, assim. Fez, aí mostrou. Rapidamente, ele fez a vassoura. Se fosse o cabo comprido, não ia alterar nada, a vassoura estava pronta. Ele queria mostrar a habilidade dele. Aí o Jarbas, que era um sentimentalóide... E o que eu ia falar era isso, é que o... Para não fugir de novo. Ele vai e pega aquele... do ceguinho, pega aquele cotoco de vassoura e diz assim: “Companheiros” – parece que eu estou vendo ele falar –, “essa vassoura vai ficar guardada nos anais dos metalúrgicos, como prova da inequívoca amizade dos trabalhadores metalúrgicos... que existe entre os metalúrgicos e os ceguinhos do Brasil”. O pessoal, com o aumento garantido, foi aquele aplauso. O que o Jarbas faz? Pega aquele cotoco, aquele cabinho de vassoura e vai botar entre os documentos de mais responsabilidade no sindicato, lá dentro do arquivo, no meio daquelas pastas, aquelas coisas, arrumadinho lá. Quando veio o golpe... Eu falo disso porque aconteceu, mesmo. O Modesto... Não sei se o Modesto da Silveira lembra disso, mas os advogados lembram disso, de eu comentar isso. O Modesto lembra, sim. O **Fontini** é que falava muito disso. Eles levaram... Quando chegaram lá e viram aquele cabo de vassoura... Eles que eu digo, a reação, os golpistas. Os soldados, quando chegaram, estranharam aquele cabo ali no meio daqueles documentos **e o pegaram**. Chamaram gente para ver. Levaram o cabo de vassoura para a Dops. Eu gozo, digo que, para eles, parecia uma V2, mereceu mais cuidados que uma V2. Eu gozo com esse negócio. Mas é verdade isso. É verdade. O Jarbas era assim, era um camarada muito bacana. Mas, então, os documentos que... Essa gravação, que eu dei o DVD para você, ela estava em fita, numa fita cassete. Eu não sabia o que tinha acontecido, porque eu não estava em casa, no dia 1º de abril. Eu não falei disso, não? Falei.

A.D. – O senhor falou da invasão da sede.

A.E. – Mas a história da vassoura, não.

U.L. – Aquele cassete que está ali, que deu origem ao DVD, esteve enterrado muito tempo lá na casa do velhinho, do Edmundo, que era o avô do Vanderlei Luxemburgo. Ficou enterrado. E eu fiquei impressionado com a qualidade. Quando eu peguei, eu nem sabia mais o que era aquilo. Mas, voltando para a anistia, o que você ainda tinha dúvida? Eles não fizeram nada. Aí eles começaram a ir. O filho do Jarbas... O Jarbas morreu num acidente terrível, na porta da casa dele. Ele estava consertando... Tinha um caminhão... Ele estava fazendo uma limpeza lá na porta da casa dele e o caminhão estava estacionado. Não se sabe como, o caminhão desceu na ladeira, passou em cima dele e ele morreu. O filho dele... Eu falo, quando foi a prisão dele, que ele foi espancado na presença dos filhos – um deles, paraplégico. Acho que eu falei disso aqui. Esse mais velho, que era normal, ele teve a maior dificuldade para conseguir a documentação no sindicato, para ver se conseguia alguma coisa. Houve casos que o companheiro, para conseguir se anistiar, teve que chegar ele lá, junto de um funcionário [inaudível], e pedir. Os caras [inaudível] completamente, completamente. Eu falo ali da história do Juvenal – nada daquilo ali é fantasia, não –, eu falo que o Juvenal é uma criatura maravilhosa. Você vê... [Inaudível] o discurso dele, que o cara falava... Ele fala, no discurso da porta da sede... Era um sujeito fora de série. Ele diz assim, mais ou menos... Coisas assim: “Essa sede, que foi construída por nós para servir para nós...”. O povo vibrava com aquela linguagem dele, porque era autêntico. Ele era corajoso. Ele diz assim: “O dia que nós chegarmos aqui e essas portas **não estiverem** abertas, nós mete o pé e quebra elas e abre, porque isso aqui foi feito para servir para os trabalhadores”. Parece que ele estava prevendo. Hoje, ele tinha que vir com bota de aço, porque quantas vezes eu fui naquele sindicato e tudo fechado, tudo, tudo, tudo. Você ter que catar para encontrar alguém e saber quem é diretor. Isso me deu muita tristeza e me levou a me afastar de tudo.

A.E. – E como é que o senhor...? Além dessa documentação que o senhor teve que ir lá no sindicato solicitar, o senhor chegou a pedir a sua documentação no Dops, também?

U.L. – Que documentação?

A.E. – Prontuários e...

U.L. – Meu?

A.E. – É.

U.L. – Não. A única coisa que eu procurei, mais por curiosidade, porque eu não quis me beneficiar, foi que, no final do governo Garotinho aqui, ele deu dez mil reais para quem [inaudível]. Eu não quis. Não me interessei.

A.D. – Na Comissão de Reparação do Rio de Janeiro?

U.L. – A de Reparação.

A.D. – Aí o senhor não se interessou? O senhor não solicitou?

U.L. – Eu vim aqui em Botafogo, não sei onde era, só por curiosidade, para obter o que eles tinham meu. Só isso. Mas não quis saber de dinheiro.

A.E. – Mas aí o senhor solicitou essa documentação?

U.L. – Solicitei. E tenho ela. Até por curiosidade: fiquei sabendo que tinha um Ulisses Lopes condenado, um lavrador, no Rio Grande do Sul – se não me engano, em Bagé. Mas só. Esse documento eu tenho. Mas não quis saber, não. Não me preocupei com o dinheiro dele, não.

A.D. – Mas o senhor se surpreendeu, quando teve contato com essa documentação, com alguma informação sobre o senhor que estivesse ali?

U.L. – Se eu me surpreendi?

A.D. – É.

U.L. – Não. Porque não tinha absolutamente nada contra mim. O que tinha era sabido.

A.E. – O senhor chega a colocar no livro do senhor uma foto em que eles descreviam, provavelmente, uma assembleia, eu acho...

U.L. – É, eles botavam isso. Era o tal negócio: quem informava? Tinha um sujeito lá, que se chamava França, Nelson França, eu lembro o nome dele, numa mesa enorme – devia ser umas duas mesas...

A.E. – Professor, não é?

U.L. – Ele espalhava tudo em cima da mesa e ia vendo os documentos. Os funcionários – naturalmente, instruídos por ele –, tinham obrigação, pegavam os documentos e

levavam lá. Onde houvesse Ulisses Lopes, podia ser uma certidão de comunhão, mas ele tinha que ler. “Tem Ulisses? Leva lá.” Aí botavam, e ele ia fazendo a triagem daqueles documentos. Agora, o cara nunca foi ao sindicato, não conhecia ninguém, como é que ele sabia que o Ulisses...? E a foto era assim: Ulisses, um; o outro, dois; o outro, três; o outro, quatro; e atrás está um, dois, três, quatro, um, católico; outro, comunista; outro, não sei o quê; outro, uma interrogação, uma dúvida. É assim. Eu tenho as fotos. Aquilo, foi o Manoel Dias [Neco] que surrupiou do sindicato e **entregou** para mim. Ele pegava, metia dentro do violão e saía... Quando **ele via** aquelas fotos... Lembra que eu contei essa história?

A.E. – Lembro.

U.L. – É verdade. E eu fui guardando tudo. Eu tenho ainda comigo... Eu tenho e não sei se lá no Amorj se copiaram. Acho que não, porque é muito papel. De todo o período que eu estive no sindicato, eu tenho os relatórios todos. Porque anualmente a diretoria fazia o relatório e encaminhava para o Ministério do Trabalho – era a lei –, e ele aprovava ou não. Uma vez aprovado... Eu tenho os protocolos, tudo. Está guardado comigo, os originais. Eu guardei. Eu não devolvi ao sindicato. Não vou devolver. Inclusive, lá no Amorj, a Elina... eles falaram comigo, pediram que eu assinasse um documento. Eu assino, assumo a responsabilidade: não devolvo, não. Eles vão jogar fora. Eles não dão valor a nada. Eu fui lá... Uma das vezes que eu fui lá, que tristeza, eu vi tudo jogado no terraço, ao tempo, documentos que... Não era ninguém perseguido pela ditadura, não. Qualquer um que precisasse um documento para provar qualquer coisa, eles não iam achar.

A.D. – E por que o senhor acha que a atuação do sindicato chegou a essa situação? É descaso? É despreparo político?

U.L. – Essa é uma coisa muito complexa. Eu acho o seguinte, o golpe, eu acho que nós estamos sentindo o efeito do golpe até hoje. É inegável isso. Talvez eu exagere, eu digo isso para os meus netos: daqui a 50 anos, os efeitos ainda vão se fazer sentir. Por quê? Porque acabou com todas as lideranças. E o pessoal que veio depois... Tomando por base o Sindicato dos Metalúrgicos: quem foi para o Sindicato dos Metalúrgicos foi o Círculo Operário Católico; depois vieram as diretorias, foram se formando. Essas diretorias que foram se formando para tomar o sindicato do Círculo, elas também já vinham corrompidas. Bom, eu tenho que fazer a autocrítica: minha obrigação era ir. Eu fui convidado. O Mauricinho, o Osvaldo e outras criaturas que, pelo menos por nome, vocês devem saber, porque alguns estão aí na crista da onda, como o Mauricinho, por exemplo, foram me convidar, e eu não quis. Porque, eu não sei, vocês desculpem, mas eu senti no faro que não era gente confiável. E não quis, me recusei, não quis voltar de jeito nenhum. Para o grêmio, eu já disse isso aqui e escrevi, para o grêmio, eu fui – de tanta insistência e por amizade com alguns companheiros, eu fui –, mais por cordialidade. Mas chegar lá e ver os camaradas... Aquela história, ver [inaudível], e o Maranhão. Quer dizer, o camarada que me denunciou. Eu nunca disse isso a ele. Não vou magoar o cara. Deixa ele pensar que eu não sei. No dia que eu fui... Teve um dia, lá no Ifcs... Não tinha nada a ver com o Ifcs, foi uma palestra ou alguma coisa lá sobre a imprensa sindical... E até aconteceu uma coisa interessante comigo naquele dia. Não falei disso aqui, não, não é? Falei? Não. Eu fui para a mesa, aquela coisa e tal – estava eu... E falando sobre os metalúrgicos, a imprensa sindical. Porque nos metalúrgicos houve... Eu era conhecido por uma... Eu tinha uma terrível bronca d'*A Voz do Metalúrgico*, do Izaltino. Porque o Izaltino era... Eu creio que falei disso. O Izaltino era dono da patente do jornal *A Voz do Metalúrgico*; e o sindicato, o Cerqueira, que era um sujeito muito bom, ele... O Izaltino tinha sido expulso do partido, era um camarada ligado... Ele mantinha o jornal... Oitenta... Oitenta não, mas uns 50% ou 60% da verba cedida... publicidade da embaixada da Iugoslávia, porque ele era muito ligado ao Tito e aquela coisa e tal, e ele pegava o dinheiro de lá, e completava com o sindicato. O sindicato pagava. Eu sempre fui contra aquilo. Então o pessoal ria, porque fosse o que fosse, uma festa de homenagem à mulher no Sindicato dos Metalúrgicos, se eu tivesse oportunidade de ir ao microfone e falar, eu dava um jeito de chegar e falar d'*A Voz do Metalúrgico*, criticar, fosse o que fosse. Eu era assim. Então já estava ficando chato aquilo. Mas eu era persistente. O que eu defendia? O sindicato tem que ter o seu jornal,

ser responsável por tudo que nele se publica. Eu defendia isso. E quando isso aconteceu, não funcionou, porque foi poucos meses antes... Eu consegui que a assembleia derrubasse aquilo, e embora o Izaltino participasse da comissão dirigente do jornal... Ele, evidentemente, de fato e de direito, ele era dono do título, mas o jornal seria... obedeceria única e exclusivamente à orientação do sindicato. Para isso, foi criada uma comissão, [da qual] eu era membro e tal. Já falei disso aqui, vocês sabem, eu fui linotipista, fui gráfico algum tempo, na minha vida. Por sinal, falei também isso, eu acho, foi o período que eu... O que eu mais fazia com mais vontade e gostava era... Eu sempre gostei de jornal. E trabalhei em redação, também, muito pouquinho tempo, porque eu trabalhava na redação olhando para a oficina. Meu sonho era aquela máquina. Aliás, falando em máquina – hoje, eu vinha para cá e vinha pensando nisso –, eu não me arrependo de ter cessado a minha atuação política e me limitar a ficar como assistente e abdicar de ser um dos imprescindíveis de Brecht. Eu preferi... Eu não estou arrependido, porque, hoje, eu fiquei olhando, eu tenho netas professora de história, com mestrado em história, e estão indo em frente, direito, e todas atuando, todas trabalhando, direito, publicitário, dois jornalistas. Então eu estou feliz. Mas eu tenho uma mágoa: não tem nenhum operário, ninguém numa máquina. Eu vinha pensando isso. É claro que entre um estar dando aula ou estar passando cimento em tijolo, eu prefiro que fique dando aula. Mas é uma coisa que... Então eu estava ali, mas sempre olhando para a máquina. Tinha um sonho. Até que aprendi a linotipo, e aquele período foi bom. Nessa palestra que eu estava, lá no Ifcs, participando da mesa, ao final, eu falei e tal, mas sempre sobre *A Voz do Metalúrgico*, sobre a imprensa **sindical**. De passagem, passou um camarada... Assim, passando. Saindo o pessoal, a gente na mesa, ainda. Ele passou, bateu na mesa e disse assim: “Você esqueceu de falar que você era linotipista”, e foi embora. O cara me conhecia. Eu olhei assim para ele na hora e não reconheci; depois eu fui lembrar: era um linotipista que tinha trabalhado comigo e que era ativista no Sindicato dos Gráficos. Então esse negócio do jornal é um episódio que marcou minha vida no sindicato, porque eu levei anos lutando contra isso. E isso arrostou contra mim a animosidade, porque todo o pessoal que cercava o Heraclides ficava com raiva de mim. É aquela coisa. Mas tudo bem.

A.D. – Sr. Ulisses, para além dessas questões práticas que a Lei de Anistia lhe proporcionou, a aposentadoria e etc., qual o senhor considera como sendo o sentido político da anistia para o senhor?

U.L. – O sentido...?

A.D. – É. Porque, por exemplo, quando a gente entrevista aqui militantes da luta armada ou pessoas vinculadas a... familiares de mortos e desaparecidos, para eles, essa anistia que foi aprovada tem um pouquinho um sentido de derrota, porque não foi o projeto de anistia pelo qual eles lutaram, os movimentos pela anistia da década de 1970 e etc. E eu pergunto se o senhor, naquele momento ou atualmente, faz alguma reflexão sobre isso, se aquela anistia teve algum sentido político ou ela, de toda sorte, acabou resolvendo questões práticas da sua vida.

U.L. – Confesso para você que não entendi bem onde você... O âmago da pergunta, eu não entendi.

A.D. – O âmago da pergunta é o seguinte, quando a gente estuda o sentido daquela anistia de 1979, há uma corrente que pensa que aquela anistia pode ser interpretada como esquecimento, o esquecimento da repressão que houve...

U.L. – Não, não. Eu sou contra isso. Eu sou argentino, nesse aspecto.

A.D. – ...da violência que houve durante a ditadura, que promoveu uma suposta reconciliação e que queria colocar uma pá de cal em cima de toda aquela violência.

U.L. – Não. Eu sou contra, embora eu tenha me locupletado da Lei da Anistia. É lógico, eu não vou ser farsante aqui, me ajudou muito a anistia porque eu continuei trabalhando e estava trabalhando e, se eu não tivesse sido anistiado, eu não teria feito duas casas, para dois filhos. Foi graças a isso. Eu vivi do dinheiro da anistia. Porque restabeleceu o meu salário normal, era o que eu teria que estar ganhando, e eu ganhava bem. Agora estou em declínio, consequência do caos da Previdência. Mas, na época, o que acontece? Acho que eu cheguei a falar disso aqui. O Cerqueira, que era um mineiro assim, ele chegou a fazer objeção à minha ida para a diretoria do sindicato, pelo salário que eu ganhava, porque eu ganhava 14 salários mínimos. Então ele... “Meu Deus! Não é possível!” Essa mentalidade, não é? Não é que eu fosse ganhar mais. Era justo me pagar, eu não ia ser dirigente sindical com prejuízo de salário. Na época, eu era tão tolo que talvez aceitasse. Mas isso nunca foi proposto nem foi cogitado. A gente só sabia daquela opinião dele. Agora, eu acho, com relação à anistia... Para mim, então, foi muito bom. Agora, eu acho o seguinte, quanto a esse reflexo, a essa maneira de ver, eu acho... A gente sabe a consequência disso. Vocês sabem tão bem ou melhor do que eu que consequência teria isso. Mas, nesse aspecto, eu sou argentino, eu estou na Praça de Maio. Eu acho que não é isso, não; os caras têm que pagar. Eles não vão pagar nunca, mas teriam que pagar pelo que fizeram. Essa história de dizer que foi... Não houve guerra nenhuma; nós fomos, na realidade... Eu não tive coragem, já disse aqui e não nego, eu não tive, eu não tive coragem de abandonar meus filhos. Porque eu reuni... Eu fui convidado para reunir e reuni com o pessoal que foi para a guerrilha e que morreu... alguns morreram, e eu me recusei a ir. Não aceitei. Não é que eu me recusei. Porque, para mim, não era... Não vou dizer que sou valente, eu não sou valente, mas não sou covarde. Mas não é isso. Eu não acreditava. Como não deu em nada, não é? Serviu como exemplo, uma coisa maravilhosa, louvável, e é uma dívida que o povo brasileiro tem com quem morreu lutando [inaudível]. Eu sei que é. Mas eu não acreditava naquilo. Eu não vou arriscar a minha vida nem levar a minha família para a miséria ou para dificuldades imensas a troco de nada. Então eu não concordei. E daí se afastaram de mim. Ninguém mais me procurou, também não procurei mais ninguém, e deu nisso que eu estou aqui. Cuidei da família, e é isso aí. Agora, quanto à maneira de ver, de achar que não... Eu acho, sim, que eles teriam que pagar, têm que pagar. **Estão aí** os caras que mataram o Massena... O cara até confessou, naquele livrinho. Foi você que me deu o livro?

A.E. – Foi.

U.L. – Então. Está lá. Aquele livro já está sendo lido lá pelas minhas netas. Então acontece o seguinte, o sujeito ainda está ganhando dinheiro, direito autoral. Então ele está... Não sei se está vendendo aquilo. Não sei. Mas, de qualquer forma... Que país é esse? Eles são assassinos. Tinham que pagar, sim. Na minha opinião, tinham que pagar. Agora, infelizmente, nós estamos no Brasil. Essa é a mentalidade nossa. Eu não sei. Aí a coisa é profunda, tem que vir de longe, saber que povo é esse, o nosso. Porque eu já ouvi dizer que o Brasil é maravilhoso, se não fossem os brasileiros, não é isso? Apesar de que o Darcy Ribeiro dizia ao contrário, mas viva o povo brasileiro!

A.E. – E nesse momento logo depois da Lei de Anistia... O senhor disse que estava trabalhando, durante... Nesse momento...

U.L. – Eu estava trabalhando, eu estava na boate Carinhoso.

A.E. – E aí o senhor continuou lá até quando?

U.L. – Na boate? Na boate, eu fiquei até 1998. Eu trabalhei 20 anos na boate. Eu entrei lá...

A.D. – Bastante tempo, não é?

A.E. – Foi o emprego que o senhor mais ficou, então.

U.L. – Foi o que eu mais fiquei, foi lá. Vinte anos. Porque eu, quando aposentei... Eu não tinha carteira assinada, lá. Porque, quando eu fui para lá, já estava num clima... Em 1978, já estava num clima... Não diria bom, mas eu sempre olhava a minha condição de condenado. Eu era foragido. Se a anistia não tinha saído, eu era foragido. E então, quando cheguei lá, eu disse: “Eu não quero a carteira assinada, eu quero só o seguinte, no dia que eu sair daqui, que vocês me paguem o Fundo de Garantia do tempo que eu trabalhar”. Eles concordaram. Era uma máfia de espanhóis que mandava lá – o Chico Recarey, o Pedro González e outros aí, que tinham um grupo de casas [inaudível]. Mas isso não vem ao caso. Lá, eram dois que dirigiam a casa. Porque era um grupo grande, mas eles botavam dois a dois em cada casa: o Café Nice, um; o Asa Branca, outro... Eles chegaram, devido ao meu comportamento... Porque eu não sou melhor do que ninguém, mas eu sempre procurei ser correto, então, eles procuravam me explorar: quiseram me dar sociedade no Café Nice, eu não quis; depois, no Asa Branca, lá na Lapa. “Ah! Mas o rei da Espanha vem inaugurar, é uma casa...” “Eu não quero saber de rei de Espanha. Eu não quero ser sócio.” E não quis, nunca.

A.E. – Mas por uma questão ideológica?

U.L. – Não, não, não. Primeiro que eu não...

A.E. – Ia se transformar em patrão...

U.L. –...eu não dou para patrão. Eu tenho uma moça, uma senhora – porque tem a metade da minha idade, eu chamo de moça – que vive comigo... Vive não; ela trabalha dois dias sim e dois dias não, na minha casa. Ela foi para lá para cuidar da minha esposa, não de mim. Aí, logo que ela... Ficou pouco tempo. Com 18 dias que ela estava lá, minha esposa faleceu. Aí os filhos disseram: “Pai, deixa ela continuar aí com o

senhor, para cuidar do senhor e tal”. Caramba! Eu estou precisando de cuidadora? [*riso*]
E às vezes eu brigo com ela... Brigo não; eu chamo a atenção. Porque ela chega e diz assim... Porque eu saio e não digo para onde eu vou. “Eu tenho responsabilidade com o senhor, **como diz** o seu filho. O que eu vou dizer? Eu sou sua cuidadora.” “Que cuidadora você é? Cuidadora!” Aí eu digo a ela o seguinte: “Olha, você...” Desculpe a franqueza, **mas eu** falo isso para ela.

A.D. – Fique à vontade.

U.L. – Eu digo assim: “Olha, você, aqui, só não dorme comigo. Fora disso, você é a dona da casa. Eu quero tratar você como se você fosse a dona da casa. Você aja como dona da casa. O dia que você se sentir empregada, você sai na hora daqui, não quero você mais aqui”. E é assim que eu trato. [**Inaudível**], ela sabe onde o dinheiro está; se precisar comprar, vai lá e apanha. Eu não quero saber. Eu sou assim. Então não tem problema. Por que eu falei isso?

A.E. – O senhor estava falando justamente lá da boate Carinhoso, do grupo...

A.D. – E que o senhor foi convidado para uma sociedade.

U.L. – Então os caras, devido a essa coisa, o meu comportamento... Eu, quando entrei... Eram dois: um espanhol e um brasileiro. Mas o espanhol era muito correto. Eu disse logo a eles o que eu era. Eu digo: “Olha, minha situação é essa”. Eles disseram: “Você só...”. Eles, gozado... O cara era da Galícia, esse espanhol. Ele foi muito conhecido na noite, porque ele era muito mulherengo, a fama dele era terrível, aqui no Rio. Era o José Esteves...

A.E. – O Recarey também tem fama de ter sido mulherengo.

U.L. – Mas o Recarey não presta. O outro era muito legal, **[inaudível]** muito legal. Era José Esteves Barros, o nome dele, e foi muito amigo para mim. Aí ele disse: “Olha, isso não me interessa”. Eu disse a ele: “Meu caso é esse aí”. Aí ele disse: “Não tem problema”. Porque eu disse por que eu não queria a carteira assinada. “Quero que vocês tenham esse compromisso comigo, do Fundo de Garantia, mas nada de carteira assinada.” “Não tem problema. E esse problema seu não me interessa. Só que esses galegos não podem saber.” Ele era galego, da Galícia. “Esses galegos que não podem... Fica entre eu, você e o Márcio”, que era sócio dele, os dois que dirigiam a casa. E assim foi. Fiquei 20 anos com ele. Depois, esse José Esteves saiu. Quando eu digo que o Recarey não presta, é pelo seguinte: eu, um dia... É muita coisa, muita, muita coisa, mas é só para dar uma ideia. Ele chegava... Aquilo me agoniava. Porque os caras... Como é que eles podiam dirigir... Chegou uma época que o Chico, se não me engano, ele tinha 17 casas, no Brasil todo. Como é que esse cara vai dirigir essas casas todas? **[Inaudível]**. E ele, toda hora ele chegava do meu lado, assim – porque eu estava aqui, na caixa, aqui, ele costumava conversar ao meu lado –, reclamando que só tinha ladrão, eles não podiam fechar os olhos que eram roubados, e não sei o quê. Os caras enriquecendo, crescendo. E todo mundo que trabalhava lá era só ladrão, ladrão. Eu, como ladrão, fiquei 20 anos lá, devo ter roubado muito, não é? Porque eles me toleraram 20 anos. Mas tudo bem. Então... Me ajuda de novo. Era isso.

A.E. – Esse contexto do trabalho na boate, se o senhor quiser contar algum...

U.L. – Só para argumentar. Esse Zezinho foi uma pessoa tão legal comigo... Eu falei isso aqui. Eu contei isso, eu acho.

A.D. – O início do seu trabalho lá, o senhor contou como foi.

U.L. – O meu trabalho, que eu pus uma camisa de seda pela primeira vez, e única na vida, quando... que ele me deu. E depois, o terreno. Falei do terreno?

A.D. – Não.

U.L. – Ele, um dia... Já não estava mais lá. Um dia, veio aqui ao Rio... Ele estava em Friburgo. A mulher dele tinha dinheiro. Ela era separada de um sujeito que tinha muitas terras no Pará, mas ela era gerente do Banco do Brasil, em Friburgo. Aí, um dia, ele chegou, me procurou na boate e disse... Não. Já tinha saído. Em casa. Ele ligou para mim e marcou um encontro... que eu fosse em Friburgo porque ele queria falar comigo. Aí eu fui na casa dele em Friburgo. Chego lá, o cara tinha comprado... Mas enorme, a área que ele comprou –, com a mulher, não é? Ele disse: “Ulisses, eu vivo muito sozinho aqui”. Ele era muito malandro, no bom sentido. Não estou falando... Malandro de malandragem, de preguiça. Preguiçoso. Ele não era de trabalho; era só de falar. Muito agradável, contava muita história e tal, e muita mulher. Aí ele disse assim: “Eu quero abrir um negócio aqui. A mulher fica o tempo todo no banco; eu fico aqui em casa, não tenho nada...”. O cara não tinha nada para fazer porque não queria, porque um terreno daqueles. Poxa! Tinha muito pato, muita ave. “**Quem** cuida disso, Zezinho?” “Eu queria que você viesse para cá. Eu vou abrir um negócio aqui. Já estive pesquisando, quero abrir um **negócio** bom aqui, loja de material de construção. Mas eu só abro se você vier para cá comigo. Eu vou... Separamos uma área aqui para você, passo para você a escritura dessa área, fazemos uma casa. A casa, você me paga como puder, devagarzinho e tal. E só com você que eu faço isso. Do contrário, não faço com mais ninguém.” Ele confiou nos 20 anos, não é? Aí: “Está bem, eu vou estudar”. Mas eu já sabia que não tinha nenhuma chance. Para mim, era uma maravilha. Naquela época, era. Mas a minha mulher não ia querer de jeito nenhum, os meninos na escola... Eu nem falei com a minha mulher. Quando eu cheguei, ela perguntou o que ele queria, eu disse: “Ih! O que ele queria...”. Eu já fui dizendo assim: “O que ele queria é impossível”. Na esperança que ela dissesse: Por que é impossível? Mas, não, que nada, ela achou que era

impossível mesmo. Então, por causa dela e dos meninos e tal. Ele era um cara muito legal. Esse Zezinho era. Agora, os outros, não.

A.E. – E nesse período do fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, o senhor chegou a acompanhar, pelos jornais, não sei, o movimento do novo sindicalismo, com o Lula, justamente, mas daquele período? O senhor chegou a ter envolvimento?

U.L. – Não. Depois de...?

A.E. – É. O senhor não estava mais diretamente ligado ao sindicato.

U.L. – Depois de 1970?

A.E. – É. Lá para 1978 e 1979, aquelas greves no ABC.

U.L. – Exatamente. Depois que veio a abertura, que veio a... Eu participava assim, por exemplo: da campanha das diretas... Tudo eu participei, de tudo. Como hoje. Eu estou participando... Ontem, eu recebi a visita de um padre, vou participar de um seminário, sábado próximo, que é um movimento chamado Movimento pela Paz, lutando para a região onde eu moro melhorar. Porque a violência está recrudescendo em toda parte, mas lá está demais. Então eu estou participando de um grupo que reúne pastores e dirigentes espíritas e... Ninguém... Do ponto de vista político, ninguém. Tem políticos no meio, mas estão na qualidade de pastores ou coisa assim.

U.L. – Não falei, não?

A.D. – Nas duas últimas, não.

U.L. – Na primeira, eu sei que eu não falei.

A.D. – Então, o senhor pode contar como foi essa experiência de se candidatar a vereador?

U.L. – Eu conto isso tudo no livro, mas sempre gozando as situações.

A.E. – Mas conta ao vivo para a gente.

U.L. – Então, esse negócio do medo do avião... Depois dessa história, dessa do... Aconteceu que... Eu tinha prestígio na fábrica, o patrão teve um problema sério – eu acho que eu contei isso –, teve um problema sério, porque a Refinaria Landulpho Alves, lá na Bahia, em Mataripe, ia devolver 50 válvulas para petróleo, aquelas válvulas que abrem e fecham a tubulação no campo. Estavam mal... Não contei isso, não? Estavam ruins e iam devolver aquela... Eles iam devolver. Aquilo era um desastre, para uma fábrica pequena. Era a única fundição que fazia aquilo aqui, mas era um desastre. O homem ficou apavorado. Aí me chama e me diz: “Você tem que ir na Bahia resolver esse problema. Essas válvulas não podem voltar”. Eu digo: “Eu?!”. Mas, quando ele falou, aquele *eu* meu traduzia o que eu estava pensando: no avião. Porque eu tinha que ir logo para a Bahia. É avião. “Meu Deus do céu! Não vou.” Aí eu disse: “Olha, não posso, minha mulher está grávida” – estava esperando o meu caçula – “eu não estou bem de saúde...”. Aí eu sugeri um rapaz que era muito competente. – era torneiro mecânico, mas era muito competente para discutir o assunto. Eu disse: “O Gutenberg...”. A gente até se tratava... Não era compadre coisa nenhuma, mas

chamávamos... trocávamos o tratamento de compadre. Aí ele disse assim: “Mas o Gutenberg... Isso não é...”. Eu digo: “Além do mais, eu não tenho conhecimento técnico para discutir com o pessoal de petróleo na Bahia sobre...”. “Eu não quero saber. Isso não é problema, Ulisses, isso não é problema de capacidade; é de conversa.” Me chamou de bom de papo, o bandido. “É de conversar. Você tem que... O Gutenberg não sabe falar.” Eu, que não queria perder o prestígio com ele, que eu tinha, realmente... Desculpe eu falar, mas é verdade: ninguém... Mesmo naquela época, não era fácil ganhar 14 salários mínimos. Então eu tinha muito prestígio. Eu não queria perder aquilo. Então eu digo: “Eu vou”. Ai, meu Deus do céu! **Fiquei** uma noite inteira sem dormir, pensando no dia seguinte, naquele avião. Eu peguei o avião... Não estou fantasiando, não. Minha mulher foi com minha mãe me levar no aeroporto. Peguei um Convair bimotor da Cruzeiro do Sul. Sobe aqui no Santos Dumont, passou o Corcovado, **está mais** lá para frente, eu estou assim olhando, estou vendo a hélice rateando. Eu quase morro de susto dentro do avião. **[Inaudível]**, assim... Tu vai ver a hélice do avião no ar? Eu digo: “Meu Deus!”. **[Inaudível]**.

A.E. – **[Inaudível]**.

U.L. – “É a hora. Acabou.” Desceu em Vitória, para reparar. O aeroporto em Vitória... Hoje, eu não sei, porque eu não conheço, mas não tinha nada, era um matagal danado e um campo de pouso lá no meio. O que me encorajou foi que eu vi que estava todo mundo apavorado. Eu perdi a vergonha de dizer que também estava com medo. E o piloto lá e os tripulantes convencendo o pessoal que estava tudo bem. Isso depois do reparo, não é? Ficamos uma hora e tanto, sei lá. Aí fui para... Entrei, foi normal a viagem, e quando cheguei na Bahia, tinha um representante da firma me esperando, aí me levou logo para o hotel. Naquela época, era o hotel de mais luxo na Bahia: Hotel Bahia. “Meu Deus!” Eu não sabia... “Eu vou entrar nisso aqui?” Eu não gosto. Eu gosto é de favela. Aí eu subi... “Eu não vou ficar aqui.” O cara disse: “Vamos agora lá”. E fomos. Era a hora do almoço, ainda. Ele disse: “É rápido. Em duas horas a gente está lá”. O homem tinha me autorizado... me deu dinheiro para eu ficar, no mínimo, uma semana lá na Bahia. Eu fui. Quando cheguei na Refinaria Landulpho Alves, sentei, tinha

um rapazinho, um atendente, eu disse o que era, ele me anunciou, eu fiquei aguardando que me atendessem. Aí ele perguntou qual era o problema, eu falei com ele. **Não sabia qual era a do cara.** O cara era do Sindicato dos Petroleiros lá. E eu não tinha falado em sindicato com ele. Ele disse: “Olha, moço, o negócio é o seguinte...”. Aí ele começou a me falar. “Eles querem é botar a válvula americana aqui. As válvulas estão boas. O senhor pede para assistir o teste. Eles não vão lhe mostrar as válvulas, porque as válvulas estão no campo”, quer dizer, estavam trabalhando, estavam em função. Ele disse... Ele não usou a expressão lobby, mas seria lobby. “Os americanos querem botar a válvula aqui, então, **está essa pressão.**” Porque a única empresa que estava fabricando válvula aqui era a nossa. Foi o que eu fiz. Quando os caras me atenderam, eu digo: “Olha, eu não tenho... Eu queria assistir aos testes. Vim com tempo, posso ficar uma semana aqui, vocês vão testar, eu quero ver o teste”. Aí dançaram na corda-bamba para me responder. Depois, disseram que tinha havido um mal-entendido, que o problema não era de funcionamento, era do aspecto da válvula de gás. “Vocês querem que uma empresa brasileira que está fabricando válvula há tão pouquinho tempo esteja bonitinha? Ela está funcionando. Ela é feinha, mas é boa. Não é bonitinha e ordinária, não”. Mas a dos americanos, não, lisinha – você pegava, o aço, purinho –, bonita. A nossa era feia, porosa, o aspecto, mas estava funcionando. Era o que interessava, não é? Aí assim foi. Fiquei livre uma semana, com o dinheiro de uma semana. Aí eu digo: “Bom, agora eu vou voltar de ônibus, tranquilo”. A primeira coisa que eu fiz foi chegar... Só dormi aquela noite no Hotel Bahia, saí, fui para a Baixa do Sapateiro – me lembro, o Hotel Cintra, um hotel pobrezinho. “Aqui é o meu.” Aí entrei naquele hotelzinho bem mixuruquinha. Aí saí para conhecer Salvador, porque eu nunca tinha ido. Dei umas voltas em Salvador, e daí que vieram os acontecimentos, que eu vou deixar para contar depois e falar depois disso aí.

A.E. – Depois, o quê? Depois, agora.

U.L. – Depois. Não, aqui não. Aqui, eu não vou falar disso.

A.E. – Não?

U.L. – É uma questão pessoal, para dizer a mudança que deu na minha cabeça, o que aconteceu. Porque eu... Eu não quero falar disso com vocês, minha filha.

A.E. – Está bom.

U.L. – Eu vim da Bahia curado. Olha, quando eu saí daqui... Não estou exagerando, não. Eu juro para você... Se vocês aceitam jura, eu juro que eu estou falando a verdade. Eu saí do Rio... Foi minha mãe e minha mulher, me levar no aeroporto – ela, com um barrigão. Minha cor era disso para isso assim, era uma coisa... Não sei se era branco, se era amarelo pálido, meio esquelético. Eu estava assim. Fui lá, fiquei aquela semana... Fiquei na Bahia... Não fiquei uma semana, não; fiquei três dias. Depois disso, fiquei três dias. No terceiro dia, corri para cá de avião. Eu senti que estava bom. É um fato que me aconteceu lá. Eu não quero nem saber como é que foi. Eu vim de avião. Quando eu saltei, vou te dizer a verdade, quando eu saltei no aeroporto, estava lá a minha mulher e a minha mãe me esperando, minha mãe disse assim: “Meu filho, você está bonito, você está corado!”. Eu estava corado. E eu não fui a uma praia, na Bahia.

A.E. – É, os ares da Bahia são milagrosos.

U.L. – Minha, filha, eu não fui a uma praia, na Bahia, não apanhei sol, na Bahia. Eu senti... Houve um momento, na Bahia... Sabe, assim, você... Um interruptor. [Inaudível] um interruptor, eu parei, eu disse: “Eu estou bom, eu vou para casa”. Corri para marcar a passagem de avião. Que ônibus coisa nenhuma!

A.E. – E hoje o senhor ainda tem medo de andar de avião? Ou hoje já não tem mais?

U.L. – Não gosto muito, não. Mas se tiver que entrar, eu... Mas, hoje... Você vai dizer: “Esse cara é muito esquisito!”. Hoje, eu entro num avião com toda a tranquilidade, por uma coisa. Sabe por quê? Porque eu acho que já estou no lucro, já vivi muito, então, agora, o que vier está bom.

A.D. – Sr. Ulisses, eu gostaria...

U.L. – Ele não vem, não?

A.E. – O Paulo está ainda com o compromisso dele. Vamos...

U.L. – Então vai, minha filha, conclui.

A.E. – Ele não se liberou.

A.D. – Eu gostaria de voltar ao período de criação da Comissão de Reparação daqui do Rio de Janeiro. Porque o senhor disse que, por questões até ideológicas, resolveu não solicitar a reparação pecuniária. Mas aí a minha...

U.L. – Não é só ideológica, não. Eu acho que... Eu também não me interessei. Porque eu tenho umas coisas comigo... Não sei se eu estou certo ou se eu estou errado. Eu tenho umas coisas comigo que é o seguinte, por exemplo: quando se discutiu o problema da aposentadoria nossa... Depois que saiu a aposentadoria, alguns companheiros que continuaram dirigindo e que voltaram... Companheiros da minha época – por exemplo,

o Valdir Paiva Prestes chegou à diretoria do sindicato posteriormente. Quando reuniram comigo, eu não quis voltar com eles. Eles voltaram.

A.E. – Isso já nos anos 1980, não é?

U.L. – Isso. Mas nós nos... Na minha casa – volta e meia, nos reuníamos em minha casa –, eles tentaram me convencer... O problema é o seguinte... [Tentaram me convencer] de recorrer contra... que nós teríamos direitos maiores. Então eles defendiam... Por exemplo, eu tive uma discussão séria com o Valdir... Eu posso estar errado. Ele dizia assim: “Mas você tem que... Nós temos que reclamar isso. Você imagina, você, na Maleável, aonde você chegaria, se não fosse o golpe?”. Aquela história. Eu digo: “Valdir, você acha que todo marinheiro ia chegar a almirante?”, eu dizia assim para ele. Então, de certo modo, eu dificultava o desenvolvimento do raciocínio deles. Porque, em suma, eu achava que estava correto. Eu posso estar errado. No meu caso, não, eu trabalhava numa empresa que não teria muito a oferecer no futuro, mas quem trabalhava numa empresa ou num órgão da administração pública, em algum lugar que ele tivesse realmente condição de ter um acesso...

A.D. – Uma progressão.

U.L. – Esse aí tinha razão. No meu caso não tinha. E eu raciocinava olhando para mim, essa que é a verdade. Hoje, eu reconheço isso. Eu estava errado. Mas eu era contra. Por essa razão, eu nem me importei de saber se eu tinha... Eu achei, de saída... Veja você o estúpido que eu era. Ou sou. Vocês podem me julgar. Eu, quando fui lá, era movido simplesmente para saber o que eles tinham contra mim: ali, no papel, o que é que tem lá? Porque eu achava assim: eu fui perseguido, minha família sofreu, então, foram vítimas colaterais da ditadura, do que me aconteceu. Por esse motivo, eu considero justo, sempre considerei justo que reparassem isso. No caso do Garotinho, eu pensei assim: eu não fui preso. Me parece, eu não tenho... Até hoje eu não me preocupei em

saber. Me parece, é para quem tivesse sido preso. Eu não sei. Nunca me interessei em saber. Então... Me disseram que eu tinha direito. Eu digo: “Eu não quero saber. Eu não fui preso”. Eu não cheguei a ser preso. Eu fui condenado, mas não me prenderam. Me procuraram e não me encontraram. Então aquilo me dava... Eu ficava com escrúpulo de procurar lutar por uma coisa que eu achava que não tinha direito. Companheiro que foi preso, que sofreu, foi torturado, está certo. Eu confesso para vocês, eu falo isso, **as pessoas** ficam... Eu, por exemplo, eu digo para vocês: eu não gosto nada de Lula, ou de PT, não gosto, mas eu tenho um profundo respeito pela Dilma. Caramba! Uma mulher que sofreu... Eu não quero saber se o... Aquilo que eu me referi, por exemplo, o Jover Telles e outros caras que morreram... O Jover, até, segundo eu soube, ele traiu, não é? Ele foi um traidor. Mas a realidade é o seguinte: esses companheiros que deram a vida, eu achava... Como eu falei aqui, eu achava que era uma aventura, mas eu tenho que respeitar. Eles deram a vida, se submeteram a situações as mais terríveis. Eu acho que eu fui... Eu não sofri nada. Isso que eu estou falando aqui, eu estou falando que a família sofreu, mas quando eu olho para esses companheiros, eu, sinceramente, eu me sinto muito pequenino, muito, muito pequenino, e digo isso a vocês com toda a sinceridade. Eu me lembro do Massena. [emoção] Mas eu não... Deixa eu superar esse momento de emoção. Vou dizer a vocês, brincar: eu não tenho inveja de quem morreu, não. Eu respeito, mas está bom.

A.D. – O senhor quer parar um pouquinho para...?

U.L. – Está gravando?

A.D. – Está.

U.L. – Ai, meu Deus do céu! E eu passando vergonha.

A.D. – Não! Imagina!

U.L. – Mas é verdade, é isso aí. Voltando para a sua pergunta...

A.D. – Com relação...

U.L. – Não sei se eu satisfiz vocês.

A.D. – Sim! Claro!

U.L. – Acho que não.

A.D. – Satisfez. Agora, eu só queria...

U.L. – Eu quero insistir naquilo: eu sou... Eu acho que nada foi reparado, ainda, na justa medida. Na minha opinião, não. E não tem...

A.D. – O que deveria ser feito, para que houvesse essa reparação na justa medida?

U.L. – No meu modo de entender, não tem estado de saúde nem idade que justifique perdão para nenhum torturador ou responsável pela tortura. A minha opinião é essa. E não há termo de comparação entre, vamos dizer, nós, acuados, encostados na parede, sem condição de defesa, num determinado momento, achar que só respondendo na mesma medida, respondendo com armas, que... Isso não significa igualdade. Levaram a

esquerda a essa situação. Então, eles são responsáveis. Eu entendo assim. Agora, eu não sei, eu não sei se eu teria condição de matar alguém. Eu não sei. Só em legítima defesa, talvez. Mas... Eu não acho que era guerra, não. Eles dizem que era guerra, mas não era guerra, não. Aquilo foi coisa muito diferente. Eu, para simplificar e finalizar, eu sou contra o perdão aos torturadores. Eu sou contra. Vou morrer contra.

A.D. – Como o senhor soube da...?

U.L. – Eu não sei como perdoar uma criatura que pega uma pessoa inerte, indefesa e tortura, aquelas torturas terríveis. Eu contei para vocês, eu acho, aqui, do Pita, o amigo Epitácio, um companheiro que era do [inaudível], que meteu a tesoura no peito. Não contei, não?

A.D. – Não.

U.L. – É um amigo nosso, viajou comigo para o Congresso dos Metalúrgicos em Recife. Ele era funcionário público, mas vivia no meio dos metalúrgicos. Nós usávamos a viatura dele. O Pita, eles pegavam ele e levavam para fora da barra, amarravam – **ele era** um homem gordo, forte –, mergulhavam, dava um tempinho, puxavam, ele não confessava. E aquilo várias vezes. Até que um dia chamaram ele lá, numa daquelas sessões de tortura, [inaudível] tortura, chamaram ele e o camarada perguntou se ele estava disposto finalmente a falar. Ele disse que não. “Então você vai tomar banho de novo.” Iam mergulhar ele de novo, não é? O cara não percebeu, tinha uma tesoura em cima da mesa, ele pegou a tesoura e cravou no peito. Salvou ele, aquilo. Porque ele poderia acabar morrendo afogado. E com aquilo ali, não sei o que aconteceu, os caras tiraram ele dali, para não morrer ali, e ele não morreu, ele se salvou. Deram socorro médico e depois ele foi solto. Anos atrás, eu soube dele, estava na praça, trabalhando na praça. Mas um cara que leva uma criatura a esse desespero, vai perdoar essa gente? Pelo amor de Deus! Não tem sentido, não. Não tem.

A.D. – Como o senhor soube da existência da Comissão de Reparação do Rio de Janeiro? Porque o senhor disse que, na época da Lei de Anistia, o pessoal do Sindicato dos Metalúrgicos... os operários metalúrgicos não sabiam muito.

U.L. – Hoje, eu não sei se... Eu não soube mais. Até quando eu fui ao Sindicato dos Metalúrgicos, já aí atendendo àqueles convites do grêmio... E depois eu vi que o grêmio não ia dar em nada. Depois, houve um problema, também... Eu não me lembro dos nomes, porque não me interessei de saber. Eu sei que colocaram uma pessoa que vocês... Talvez vocês diretamente não, mas o Marco Aurélio, esse pessoal, eles deve saber quem foi. Botaram uma pessoa lá no sindicato que era **ligada a um** historiador, ou professor de história, eu não sei o que era, incumbido, ganhando, para fazer um levantamento, a história do Sindicato dos Metalúrgicos. Houve uma sala que foi colocada... Eu sabia disso tudo pelo Manoel Dias, pelo Neco. Não faziam nada, nada. Aí fizeram... Depois, houve conversa... Não me lembro o nome dele todo. Eles fizeram uma palestra, onde foi Jandira Feghali e tudo mais, lançaram uma revista, uma revista do metalúrgico, no qual eu estou e o Nobre... Três líderes metalúrgicos, eu, o Nobre e o Natalino, ali. Está lá. Eu tenho essa revista. [**Inaudível**], senão teria trazido para vocês. Cheia de bobagem. Uma coisa feita única e exclusivamente para faturar. Eu senti isso no ato. Aquilo me repugnava. Eu digo: “Caramba!”. Fez a revista e acabou, não teve mais nada. Deram o nome de *A forja*, que era o nome dos primeiros jornais do metalúrgico. Aí eu me afastei. Fiquei no grêmio, ainda fui lá algumas vezes e tal. Mas, enquanto eu fui, era esse clima que eu estou te falando. Ainda se encontrava companheiros que tinham dado a vida toda e não conseguiram se anistiar. O próprio Natalino... Esse mérito, talvez... Eu não sei quem era a diretoria, mas o Natalino.... Natalino Rodrigues. Era um companheiro da Comissão de Recreação, estava em tudo, velho ativista. Ele não parava em empresa nenhuma. Foi difícil ele conseguir tempo para se aposentar. Ele era demitido, porque ele era um bom ativista e ele não sabia medir as coisas. Ele entrava numa empresa que sabia que não podia fazer determinado trabalho ou na intensidade com que ele fazia, e ele logo era demitido. Mas era um companheiro antigo. O Natalino, eu sei que ele morreu. Quando ele morreu, eu soube, o

Manoel Dias me disse. Eles tinham colocado ele como funcionário lá do sindicato, deram um lugar e tal. [Era] uma maneira de ajudar companheiros. Tudo bem. Isso eu acho... Mas muito mais correto que isso seria eles terem providenciado a anistia para ele, porque eles tinham recurso para isso, tinham condições de fazê-lo. Houve foi desinteresse. Acho que as diretorias que logo imediatamente após a abertura do sindicato... Quando começou a haver eleição e as diretorias, as primeiras, pelo menos, elas deixaram a desejar. Agora, aquilo que no princípio eu ia falar e eu cortei, quando você... Sobre a consequência. Eu acho que, hoje, era natural que isso acontecesse, porque as lideranças todas foram cortadas. Em todos os ramos. Não estou falando de metalúrgicos. No Brasil inteiro. E vai levar tempo. E mais: hoje, essa juventude... É ruim eu falar para vocês, que são jovens, querer falar sobre o que a juventude pensa, o que eu acho que ela pensa. Hoje é muito difícil. Porque, no passado... As coisas eram mais difíceis. Eu acho que a dificuldade ajuda a trabalhar, a organizar. Hoje as coisas, inegavelmente, são mais fáceis, não é isso? No meu tempo, eu me lembro, eu tinha uma admiração tremenda por um rapaz... Quando eu era jovem, bem jovem, eu conheci um rapaz, ele era barbeiro. Eu tinha uma admiração danada por aquele sujeito, porque ele estudou, ele conseguiu, se tornou médico. Mas o sacrifício... Eu conheci a família dele. Que coisa horrível foi, para aquele rapaz, se formar médico, as dificuldades. Hoje, só não é médico quem não quer, se não quiser estudar. Mas há facilidade para tudo. E o pior é que tem muito jovem que tem facilidade e não aproveita. Estou vendo aí com as minhas netas: toda hora estão nos Estados Unidos, na Alemanha. Agora, uma saiu da Holanda e foi encontrar com a outra, que estava na Itália, e foi para a Espanha, foram se encontrar as duas lá. Estão estudando. Essa que está na Espanha está estudando publicidade. Mas eu estranho, também, porque publicidade, segundo eu sei, o bom está no Brasil, ou nos Estados Unidos. O cara vai estudar publicidade na Espanha. É bom para mim, porque eu ganho de vez em quando uns presentezinhos de lá. Mas está entendendo? Hoje, tudo é mais fácil. Então eu acho que... Sei lá. É muito difícil. Então essa juventude, os jovens... Depois, teve uma coisa no setor metalúrgico muito difícil, que foi o esvaziamento da corporação. Foi acabando a indústria metalúrgica no Rio. Não existe quase nada. Naquele tempo, não. Só São Paulo que tinha mais. São Paulo era...

A.E. – Sr. Ulisses, já que o senhor falou disso, o senhor já contou aqui, revelou para a gente que o senhor passou mais de 20 anos trabalhando justamente nessa boate, mais tempo do que trabalhando como metalúrgico e como gráfico, mesmo.

U.L. – É, de 1978 a 1998.

A.E. – Mas o senhor se definiria... A sua identidade operária seria uma identidade metalúrgica? Como é que o senhor se vê?

U.L. – Há duas coisas que tem que considerar: uma é o que eu sou, ou o que eu fui, ou o que eu gostaria de ter sido, ou o que eu gostaria mais. Eu já disse aqui, eu me considero metalúrgico, porque eu tinha amor pela classe metalúrgica, pelos trabalhadores. Você viu há pouco aqui as lágrimas que vieram nos meus olhos porque eu me lembrei de alguns deles. Você vê que eu falo com muito carinho daquele sergipano, o Juvenal. Hoje, quando eu vinha para cá, falei até dele com o motorista, falei do nicho que ele está lá... na gaveta, em Irajá. Quer dizer, eu guardo essa gente toda no meu coração. Se você... Você não leu. Acho que eu botei nessa página que eu dei *O matagal*. Não sei se você leu.

A.E. – Não lembro.

U.L. – Então, se você ler o título *O matagal*, você vai ver. Eu fui enterrar um cachorro... Fui enterrar não; fui levar o corpo de um cachorrinho na Suipa, ali na avenida Suburbana, e quando cheguei lá... Fui com o meu genro. Ele parou e eu olhei... Do lado da Suipa era a fábrica onde eu trabalhei, a Ferro Maleável. É um quadrilátero entre a linha do trem e a avenida Suburbana. A Suipa aqui e a rua de acesso, que é a rua Comandante Gracindo de Sá, que sobe o morro do Jacarezinho. Era ali a fábrica. Um matagal. Dessa altura, o mato. Eu olhei aquilo ali e aí pedi... Eu digo: “Espera um

pouquinho aí que eu vou entrar aqui”. Eu ainda faço uma ideia... Eu faço uma brincadeira, na página que eu escrevi, eu digo: “Quem me visse meio-dia entrando no mato ali ia pensar que eu fui fazer alguma coisa”. Mas eu entrei e fui percorrendo, afastando aquele capim e olhando. Aí eu topava... Lembrando, me lembrando, “aqui era isso”, “aqui era um forno elétrico”, “aqui que ficava o Juvenal”, “aqui era o lugar que eu riscava as chapas” – eu riscava para eles, para o cara vir com o maçarico e cortar. Então eu tinha amor por aquilo. Então eu me... E, afora disso, menino, discutindo. Quer dizer, eu praticamente... Eu já trazia alguma coisa comigo, que eu falava, por causa da guerra. E ainda hoje eu estava pensando... Porque, ontem, uma pessoa falando comigo meteu o malho no Stalin, que Stalin era um bandido, assassinou milhões e coisa e tal. E a imagem que eu tenho de Stalin é, podem crer, eu ouvindo um rádio, aqueles rádios que nem existem mais, [modelo] capela, ouvindo o discurso do Stalin – que eu não entendia bulhufas –, só a voz, atribuída a ele – porque eu não posso dizer que era ele –, atribuída a ele, o famoso... Eu era menino. Durante a guerra, o famoso discurso que ele fez, de “morte ao invasor alemão!”, quando a União Soviética... que os exércitos alemães já estavam às portas de Moscou. Aquilo mexia comigo. Por quê? Porque eu era... Era o meu sangue, minha índole antifascista, que eles estavam lutando... Aquilo me... Eu então fui para a fábrica já com aquilo. Por isso que eu odiava os caras que defendiam o Getúlio. Porque, para mim, o Getúlio era para fascista. A Consolidação das Leis... Isso eu tinha noção, eu sabia. Então, isso tudo... A minha formação foi sendo ali naquele meio metalúrgico. Eu falo disso, também... Se vocês lerem o que eu escrevi, vocês depois vão ver, eu só saí dali por causa do namoro, da menina. Eu queria estar perto, aí me convidaram – e eles eram do ramo de serraria, madeira. Fui para lá só para ficar no ambiente da família dela. Besteira, não é? Mas tudo bem. Depois, mais tarde, voltei para... Casei e voltei para a fábrica novamente. Aí foi noutro nível: eu já não era um menino, eu já tinha consciência, e ingressei na delegação. Aí deslancei, do ponto de vista da atividade sindical. Mas eu gostava mesmo era da gráfica.

A.E. – Como trabalho...

U.L. – Meu coração... Agora, aquela coisa que você faz com prazer era a linotipo, porque eu gostava. E não era só linotipista. Eu sempre tive um pouquinho de facilidade de aprender, então, eu trabalhava... Não era um jornal. Eu tinha trabalhado antes no *Diário de Notícias*, mas era uma atividade, como eu falei, burocrática. Dali eu via as máquinas, me interessei. Mais tarde, no *Diário Trabalhista*, que era um jornal ligado ao PTB – era Elza não sei o quê, a dona do jornal –, ali eu aprendi a linotipo. Aí fui para essa editora na Praça Tiradentes, a Editora Bandeirantes, e lá faziam vários jornais: tinha o *Jornal Popular*, um jornal diário – a gente fazia dois –, e tinha muito jornaleco, como a gente chamava, que era publicidade... jornaizinhos de bairro, de associações, de clubes, e eu fazia aquilo. Ali, do ponto de vista de dinheiro, foi onde eu ganhei mais, porque eu ganhava por linhazinha. Não sei se vocês conhecem como era o processo. Eu ganhava por linha, e eu tinha alguma destreza, então, eu ganhava muito. Errava menos. Porque, quando errava muito, tinha que refazer. Ia para o revisor e o revisor aí... Eu não errava muito, ganhava dinheiro. Então foi o que me possibilitou casar mais cedo do que eu poderia, talvez, se não trabalhasse ali. Então, ali eu gostava. Por quê? Porque o chefe começou a me utilizar [para] paginar os jornais, a fazer. E tinha isso, o jornal... Hoje, está tudo mudado, não tem nem comparação, mas naquele tempo, como é que vai ser o título, a matéria, a disposição da primeira página, e ele me utilizava, achava que eu tinha bom gosto. Então, aquilo ia me empolgando, porque eu gostava. Gostava porque lia. Porque você lendo, você compondo o texto... Agora, tinham as coisas desagradáveis, também, porque eu me lembro que tinha um jornal que se chamava *Opinião pública*... Era um jornaleco de policiais. E eu tinha que fazer aquela porcária. Então eu me lembro que um dia ele saiu com uma manchete assim: “Morreu...”. Foi na morte do Stalin. “Morreu o maior bandido do século.” Eu nunca mais esqueci. Eu tive que redigir aquela matéria. [riso] Tinha isso. Mas eu gostava. Era realmente o que eu fazia com muito prazer, era isso. Mas eu trabalhei de desenhista, trabalhei em várias coisas, mas eu gostava de estar na máquina digitando. Talvez por isso que eu, hoje, estou tentando ficar mais tempo no computador, porque eu fico lembrando da linotipo.

A.D. – Sr. Ulisses, o senhor acompanhou os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade?

U.L. – Eu não acompanhei. Esteve na minha casa um grupo de uns três rapazes, eles estiveram lá algumas horas conversando comigo e, se não me engano, ficaram de voltar. Mas não voltaram nem nunca mais me comunicaram. Mas eles estiveram me entrevistando lá em casa. Não sei... Não lembro o nome deles, não sei quem foi. Sei que eram da comissão.

A.D. – O senhor sabe se eram daqui do Rio de Janeiro ou da Comissão Nacional?

U.L. – Eram do Rio.

A.D. – Daqui do Rio.

U.L. – Eram do Rio. Mas não voltaram mais. Inclusive, quem foi me avisar... Como é que eu soube? Foi uma menina, uma mocinha, e ela mora lá perto. Não sei onde, mas ela me disse que morava na comunidade lá de Proença Rosa, que era uma favela. Hoje, é comunidade, mas já é como era naquela época, que era favela. Não mudou nada. Onde... Eu até conto isso. Eu estive escondido lá. Foi onde fiquei muito tempo, escondido lá, dentro dessa favela. Então essa moça foi lá falar comigo, disse que eu ia... se eu receberia um pessoal e tal. E no dia que eles foram, eram três, ela chegou mais tarde, mas ela também foi lá. Mas ela não interveio, não fez pergunta nem nada, só estava presente. Ela que fez essa ligação. Agora, como... Como eles disseram que iam voltar, era mais um contato que estavam fazendo... Mas não deu em mais nada. Eu soube por aí.

A.D. – E eles queriam conversar sobre o quê? Sobre a sua participação no sindicato? Sobre o processo que o senhor respondeu na Justiça?

U.L. – Não. As perguntas que eles fizeram mais foram sobre o problema da minha... da condenação, o que levou... E a consequência, o que aconteceu comigo, o julgamento. Só isso aí. O problema de sindicato, política partidária... Eles queriam saber realmente o processo dos metalúrgicos, a consequência para mim, se eu tinha conhecimento de alguns companheiros que pudessem colaborar com eles. Eu não tinha contato com quase ninguém. O único contato que eu tinha e que eu mantive era com aquele que eu falei aqui, o Sebastião Amazonas, e mais ninguém. As perguntas eram essas.

A.D. – E o senhor considera... não sei, adequada, suficiente, essa atenção que as Comissões da Verdade agora têm dado aos trabalhadores e à participação dos trabalhadores como movimento político e como resistência durante a ditadura?

U.L. – Não entendi bem o que você quis dizer.

A.D. – Essa atenção, esse interesse...

U.L. – No momento?

A.D. – ...que a Comissão da Verdade do Rio, a Comissão Nacional da Verdade teve, com relação aos trabalhadores, o senhor considera que...?

A.E. – Se o senhor acompanha pela imprensa, o que foi divulgado pela imprensa, desses trabalhos das investigações. Se o senhor acha que os trabalhadores estão bem representados ali.

U.L. – Olha, eu acho... É lógico que o trabalho da Comissão de Verdade, eu acho que é legítimo e é louvável, tem que ser feito. O que eu acho... Eu tenho a impressão... Porque isso é uma coisa que me incomoda. Nos bastidores... Quando eu falo bastidores, é no meu harém, na minha casa – meu harém no bom sentido –, na minha casa, na minha família e nos amigos que... poucos que eu tenho, com quem eu lido. É o seguinte: me revolta o que está havendo cada vez mais, essa propaganda contrária, a que se faz contra, quer dizer, dando a impressão que todo mundo ganhou um dinheirão, que virou fonte de renda, a anistia. Estou falando da anistia. E aí vem o problema de... Vai ganhando corpo aquele sentimento pró-ditatorial, quer dizer, que é contrário, achando que tudo é benefício. Quer dizer, os direitos humanos vão sendo espezinhados, quer dizer, ridicularizados. Não é bem o termo, ridicularizado, mas diminuída a importância que têm. Eu acho que não está havendo uma divulgação, uma propaganda ou uma forma de atingir a grande massa, principalmente os jovens, no sentido de mostrar que é justa, a Comissão de Verdade. Por que o negócio é arquivar? Para ser coerente com o que eu digo, eu acho que tinha que ampliar. Não é nada disso. A consequência que vai ter, eu não sei, mas não é porque possa... Eu não sou profeta do futuro. Profeta tem que ser do futuro; do passado não é vantagem. Eu vou me preocupar com o que vai acontecer? Aí eu lembro o querido Massena: isso é uma desgraça futura; quando acontecer, a gente vai ver como é que vai enfrentar. Agora... “Ah! Porque pode haver isso, porque pode haver aquilo...” Coisa nenhuma! Tem que preparar, mostrar. Eu não posso aceitar que uma pessoa chegue... Nas mínimas coisas. Você vê assim, por exemplo: pega um menino que matou, que não sei o quê. Aí eu vejo, seja na fila do ônibus, seja no banco, você escuta logo um comentário: “Ah, daqui a pouco vem um cara dos... Quando chegar lá, já está lá um advogado dos direitos humanos para defender”. Eu estou cansado de ver isso. A gente tem que combater isso. Eu acho que não há um trabalho... Eu não sei as dificuldades que impedem isso, mas eu acho que isso aí... Uma posição contrária, elucidativa: mostrar que realmente tem que ter isso, que a verdade tem que vir... A verdade, mesmo, porque ela ainda não veio... A verdade tem que vir à tona. E, mais do que vir à tona, responsabilizar na justa medida quem foi responsável por tudo que foi feito de errado. Eu acho que, nesse sentido aí, há um... Eu não sei quem dirige, quem é responsável, que parcela... o que o governo... Porque, afinal de contas, é uma iniciativa do governo, a Comissão de Verdade. Eu não sei até onde ele se sente forte o bastante. Porque, infelizmente, está cada vez mais fraca, a Dilma, mas onde ela teria força para

desenvolver isso, para levar isso adiante. Eu acho que hoje não tem nenhuma, infelizmente. Apesar de adversário, meu grande desejo é que eles queimassem a minha língua e que eu fosse... Aí eu não iria forçado, e com todo o prazer, bater palmas. Mas, infelizmente, os caminhos que... os desvios por onde entraram... Não todos – a gente tem que reconhecer isso –, mas foi um erro, infelizmente. Eu queria queimar minha língua. Então, nesse sentido, essa crítica... Eu sinto isso. Eu sinto isso porque... Não é vantagem. Na minha casa, todo mundo pensa como eu; os meus amigos são meus amigos porque existe uma afinidade entre nós. Então não é isso. Eu noto é quando eu estou na rua e que vejo a manifestação. E toda hora eu topo com isso, de gente que está incompreendida, que não compreende isso, acha... Quando fala de indenização, eu vejo isso. Caramba! Eu não queria falar disso porque está gravando, mas eu vou falar para vocês aqui. Eu, quando eu fui lá... Eu não devia falar isso, não, mas vou falar. Quando eu fui falar com a Nina, que eu levei o meu levantamento lá para ela mandar para Brasília, ela pegou assim... “Ulisses, vem cá”, assim mesmo, “você vai mandar isso para Brasília?!”. “Isso o quê?” “Isso que está aqui. É isso que você ganha?” Menina, eu botei ali 14 salários. “É isso que você ganha? Dobra isso, rapaz! Vai lá no sindicato, manda fazer outro papel. Dobra isso.” “Mas por que isso?” “Rapaz, isso aqui, eu vou pegar, vou levar para o Pazzianotto, ele vai assinar no joelho. Quando estiver reunido, eu vou lá, dou a ele, ele assina aqui.” Pelo amor de Deus! Eu digo: “Nina, não faça isso. É isso que está aí, é isso. Eu quero ver a realidade, minha filha”. “Você é bobo!” Aí ela me falou quem já tinha feito e quem... E teve metalúrgico que fez e depois ficou quase louco, porque teve que devolver. Eu quero estar em paz com a minha... botar minha cabeça no travesseiro e não sentir nada disso. Houve esses casos? Houve. Então alguns, que era pessoas públicas... Eu não sei se o Ziraldo seria um deles, não sei se é o caso, mas muitos assim, que eu sei que não faziam jus ao que receberam. Tudo bem, receberam. Mas por causa disso eu vou condenar, vou achar que está errado? Eu vou admitir que uma pessoa junto de mim condene a Lei da Anistia, condene a reparação? De jeito nenhum. Então eu acho que não há um trabalho de conscientização – eu me refiro principalmente ao da juventude –, mostrar que isso está certo, que tem que combater realmente. Essa coisa, nós temos que combater, reagir contra isso, porque isso eu noto. Pode ser que eu esteja exagerando. Como eu estou meio dentro da casca do ovo, e vocês têm o mundo... Vocês estão olhando para o mundo inteiro, vocês acham que eu esteja errado, mas eu vejo assim. Isso me preocupa e me incomoda, porque eu

acho que... Não sei. Quando eu vejo de vez em quando alguns pronunciamentos hoje... Porque eu ligo... Eu sou julgado lá no pré-1964. Quando vejo pronunciamentos de certos oficiais da reserva... Vocês estão cansados de ver, talvez, na internet, coisas absurdas. O sujeito se dirigir... O sujeito diz assim: “Dona Dilma, dessa vez, nós vamos... Nós estamos prontos, estamos armados”. Estou cansado de ver isso na internet. “Nós estamos armados e nós vamos... E dessa vez não vai ser igual...” Pior que a outra vez? Cheio de ameaça desse tipo. Na internet está cheio disso, a gente está vendo. E quando o cara... Quando é o povão... Eu tenho o direito de falar o que eu quero e tal. Mas o cara que é um oficial, reformado ou não, das Forças Armadas fazer uma coisa dessas, e o governo, por sua fraqueza, é obrigado a engolir, isso é preocupante. Porque um cara desses não tinha o direito de falar, de fazer isso, ameaçar. Está cheio. É só você querer olhar e ver. Eu vejo, eu acompanho isso, e vou lembrando como é que era. Hoje, essas ameaças, essa coisa é muito pior do que no passado. Porque, no passado, a ameaça que vinha era da Igreja, com o Deus, Pátria e Família **desfilando** na rua. Era outra coisa. Os caras estão falando em arma, em arma e não sei o quê. E a juventude, eu vejo, vocês me desculpem, vocês são jovens, mas eu vejo a juventude muito preocupada com o show, e mais nada. Eu vejo em casa os meus netos. E são criaturas, como eu falei aqui, arejadas. Mas a preocupação com o show business é um negócio impressionante. Eu digo: “Meu Deus do céu!”. Isso me preocupa, honestamente.

A.D. – Sr. Ulisses, um dos objetivos da Comissão Nacional da Verdade era o de realizar os seus trabalhos para promover a reconciliação nacional. O que o senhor entenderia por reconciliação nacional?

U.L. – Eu confesso para você que eu não entendo. A reconciliação, eu não entendo. Por tudo que eu acabei de falar aqui, você há de entender que... Acho que reconciliação, a reconciliação nacional, ela estaria baseada numa coisa que, desde o gênese, eu acho que é utopia: justiça. Então, se for fazer justiça, essa conciliação teria que vir depois de um processo muito doloroso: que todos os crimes fossem pagos. Aí, sim, falar em conciliação. Porque conciliar o inconciliável, no meu ponto de vista, é muito difícil. Eu acho que é errado isso. Mas entre isso que eu acho que seria o correto, no meu ponto de

vista, e o que existe, eu acho que é melhor do que não existisse a Comissão de Verdade. É claro que foi um avanço. Eu entendo isso como um avanço. Mesmo que ficasse só... Está longe do que deveria ser. Porque eu não admito que um cara chegue lá na comissão, vai responder, como eu já vi aí, e se negue a falar. Se ele se nega, ele vai ser punido. Ele devia ser. Porque ele está escondendo, ele está... Eu tenho o direito de obstaculizar a Justiça? Não. Então, se ele está escondendo, é por quê? Eu sou contra isso. E o pior é o cara que chega lá e debocha do sujeito que... Acredito até que seja ofensivo, algumas vezes, a forma de colocar as coisas. Isso é fruto de quê? É fruto da fraqueza. Mas, está bom, se eu estou achando que essa comissão está... Como é que eu vou querer coisa melhor, se eu acho que isso já foi difícil de conseguir? Eu acho que não foi fácil chegar à comissão. Ela está muito no papel ainda, está muito sem força? Está bem. Mas ela existe, não é? Então é dar tempo ao tempo e ver o que pode ser feito para que o objetivo dela se cumpra integralmente, que eu acho que está longe. Porque se o objetivo for só a conciliação, a mim não satisfaz. Honestamente, não, no meu ponto de vista. Porque é repetir o que eu já repeti várias vezes aqui, mesmo: eu acho que quem torturou... Tortura tem que ser paga. Mas acho difícil. Acho muito difícil que vá se chegar a alguma coisa, infelizmente. Porque eu, embora não tenha votado no PT desde Lula... Porque eu nunca... Faço questão de dizer isso aqui e gravar, não tem problema. Mesmo que fique aqui, apesar de gravado. Eu nunca confiei no Lula. Nunca.

A.D. – Por quê?

U.L. – Porque, não sei. É uma questão de instinto, talvez. Eu nunca confiei. Sempre achei um homem pouco... **Walesa** demais, para o meu gosto, ele. E depois que eu passei aquele negócio do Anselmo, eu acho que... Eu já disse isso, eu arranjei uma briga com a minha neta mais radical, porque eu disse que o Lula é o fruto de um cruzamento do **Walesa** com o cabo Anselmo. Mas é realmente o que eu penso. E acho que não estou longe da verdade, não. Acho que não estou longe. Eu continuo convencido disso. E é por isso que eu tenho mais bronca do Lula, por isso, porque o Lula teve mais... Vocês sabem isso talvez melhor que eu, porque vocês lidam com estatística, com tudo. Ele teve mais prestígio, mais força, mais apoio do que o Hitler teve na Alemanha em 1933,

ou, sei lá... Acho que no mundo ninguém teve. Eu não falo daquele apoio obrigatório, obrigado, não. Espontâneo. O Lula teve um apoio... Eu vi, apesar de já ter a pulga aqui atrás com relação a ele, eu, na eleição dele, eu vi a possibilidade de realmente esse país se transformar: ganhar o povo, realmente, para instituir um regime melhor aqui. Não digo o comunismo, não, mas uma coisa melhor. E o que aconteceu? O Lula me decepcionou. E aí, na minha opinião, por covardia. Por quê? Porque ele pesou e preferiu se aliar a tudo que não presta, a pretexto da governabilidade. Para poder governar, ele exagerou nas alianças, exagerou nessa ampliação, e levou a isso que está aí. Eu não posso... Eu quero a tua amizade, eu preciso de ti me ajudando, mas se você tem um desvio de caráter tal que não... Não justifica isso. Está bom, nós somos amigos, mas aqui não. Aconteceu. O Lula se aliou a tudo que não presta e levou a isso que está aí. Perdeu o controle. E ele está caladinho. Jogou a pobre da Dilma no fogo, porque essa que é a verdade, porque... Eu não vi. O Lula tinha obrigação, desde o primeiro momento, de se juntar com a Dilma e defendê-la. Botar as cartas na mesa e defender. Porque, afinal de contas, é a candidata dele e do partido dele. E o que ele fez? Onde é que estava o Lula? O Lula está sempre distante. Agora começa a dar uma declaraçõzinha aqui... Jogar o peso do carisma e da força que ele tem, do conhecimento, jogar tudo na defesa dela. Isso é que ele tinha que fazer. Não estou, com isso, defendendo, não. Estou falando do por quê. Porque você disse: “Por quê?”, do Lula. Por isso. Na minha opinião, por falta de caráter. Porque ele tinha obrigação de estar do lado dela, *tête-à-tête*, junto, lado a lado, defendendo. Porque, afinal de contas, ele é o maior responsável por tudo isso. Na minha opinião, é. Desde o momento que o cara está do lado dele e foi [inaudível] com uma merreca, aquele lá da Caixa Econômica, e ele não sabe de nada. Desde ali para cá, ele nunca soube de nada. Pelo amor de Deus!

A.E. – Mas o senhor diferencia o Lula político do Lula metalúrgico? Tem alguma diferença para o senhor?

U.L. – Se tem diferença?

A.E. – É.

U.L. – O Lula metalúrgico, o Lula sindicalista, eu via mérito nele, porque ele... E inclusive contra os resquícios da ditadura, ainda. Mas ele lutou, ele foi útil. Tudo bem. Mas isso não quer dizer nada. Por isso é que eu digo... Ninguém pode negar, caramba, foi apoteótica, a vitória do Lula, foi uma coisa impressionante, não é isso? Então eu digo: esse é o homem. Mas eu dizia na época, minha filha, o que eu vou dizer a você agora: eu não acredito, apesar disso tudo que está aí, desse apoio... Eu vou dizer a vocês como eu falava aos meus filhos. Eu digo: “Eu não acredito. Sabe por quê? Porque, se o Lula fizer o que tem que ser feito, o avião cai”. Não sei se vocês entendem a extensão do que eu quero dizer. E ele não queria que o avião caísse, se aliou ao que não presta. Porque o que poderia acontecer nesse país se ele conduzisse o povo...? E ele tinha... Era o único. Eu, desde menino até hoje, eu acho que o Lula foi o único homem que teve condições de fazer isso, de contribuir para o povo se conscientizar, para se unir, para criar um regime melhor nesse país. Eu acho que ninguém como ele... Eu não... Não tem. Não acredito. E ele jogou isso fora. Jogou isso fora, preferiu a demagogia, todas essas medidas demagógicas, procurar o poder pelo poder. Eu acho terrível isso. Por isso que eu perdi aí o restinho... A admiração que eu tinha pelo Lula sindicalista... Porque não há porque não ter admiração por uma pessoa que tem coragem de enfrentar a ditadura, de... Mas o cabo Anselmo também tinha muita coragem. Se você visse ele falando numa assembleia de marinheiros, que coisa maravilhosa! E lidando comigo, o canalha, e a gente [inaudível], sem saber que era um traidor. Eu não digo que o Lula... Não estou comparando. Entende? As situações são diferentes. Eu acho é que o Lula optou por um sistema que não era o que ele... o que se esperava dele. Eu, pelo menos, não esperava. Apesar de não confiar, eu esperava... Eu queria que ele me desiludisse, me enganasse: “Está vendo?”. Pusesse o dedo na minha cara: “Você viu? Não acreditava em mim...”. Mas o que ele ia enfrentar, ninguém tem dúvida, ninguém tem dúvida que seria muito duro. **Ele não teve coragem**, não.

U.L. – Deixa eu entrevistar vocês? Me diga uma coisa, eu fico...

A.E. – Agora inverteu. [riso]

U.L. – Eu fico me perguntando, eu acho que eu tenho... Sei lá. Não estou, aqui... Sei lá. Qual é a expressão que eu vou usar? [Não estou, aqui], querendo me achar, não. É assim que falam? Acho que é. Não sei.

A.E. – Na gíria, é. Eu também não...

U.L. – Mas o que eu quero dizer é o seguinte: sinceramente, eu... Que utilidade tem...? Eu não vou dizer que não tem utilidade para vocês, o que eu tenho falado aqui, mas tem tanta utilidade assim, para merecer essa atenção de vocês, tantas vezes eu vindo aqui, a isso aqui? Sinceramente.

A.D. – Sim. E digo sim muitas vezes, por muitos motivos. Um deles é para conhecer a sua história pessoal, que é uma história de uma trajetória muito rica. Só esse motivo já seria suficiente. Mas nem é só ele. É que a sua trajetória nos permite conhecer muitos eventos e muitos momentos da história do país, então, é muito bom que a gente tenha esse registro, e a partir do ponto de vista de um trabalhador. Então a gente está ouvindo pessoas que falam de lugares sociais e políticos muito diferentes, então, isso é de uma riqueza muito grande. O senhor vivenciou uma série de situações que são particulares e peculiares e que só o senhor poderia contar – a gente não conheceria por meio da narrativa de outras pessoas –, e para os nossos objetivos mais específicos, das nossas pesquisas, o senhor pode nos contar, como o senhor fez, quais são suas impressões acerca de todas essas políticas que o Estado brasileiro tem colocado em prática, e nos ajuda inclusive a avaliar se elas são boas, se elas são adequadas, se elas precisam melhorar, em que ponto elas precisam melhorar.

U.L. – Mas a minha pergunta é o seguinte... Por que eu fiz essa pergunta? O que você está falando. Imagina a minha opinião, por exemplo: a minha opinião, por mais que eu leia, por mais que eu viva o momento atual, eu não consigo – eu não acredito que ninguém consiga, ninguém da minha época... Pode até, vamos dizer assim, o nível **ser** diferente. Mas eu não consigo me desvincular de todo o ranço que eu trago comigo. Eu trago tudo comigo.

A.D. – Mas não é ranço no sentido negativo, não é? [**Inaudível**].

U.L. – A minha opinião pode sair prejudicada, distorcida, com relação... devido à influência dessa coisa que eu trago comigo desde os 14 anos de idade.

A.D. – Mas essa distorção que o senhor está mencionando, para a gente, é algo positivo, é isso que a gente considera como bom, exatamente porque o senhor constrói todas essas lembranças e essa memória sobre a sua trajetória e as pessoas com quem o senhor conviveu e os momentos políticos que o senhor atuou de forma tão contundente a partir do seu próprio ponto de vista. E, para a gente, é isso que é importante.

A.E. – E como cidadãs, também, é importante perceber trajetórias de luta e exemplos desse tipo, que hoje em dia andam tão escassos. Então é importante o senhor mostrar para nós, que somos gerações mais recentes, e nós podermos, como professoras, mostrar também para as novas gerações, enfim, exemplos de utopia, de lutas e de solidariedade de classe, coisas desse tipo, que parecem fora de moda, mas que... Faz parte do nosso compromisso, também – eu falo por mim, mas acho que a Angela também –, como cidadãs, nos...

U.L. – Olha, eu vou **dizer** uma coisa para vocês. Quer ver? É o seguinte, eu fico pensando... Eu respeito muito... Olha, para mim... Eu tenho um profundo respeito por todo professor, todo historiador, e professor principalmente. Eu tenho três filhos professores e tenho amigos professores. Eu me lembro, quando... Houve... Não sei se vocês sabem o que foi o Centro Popular de Cultura, criado na UNE. E houve uma tentativa da UNE **de ligar** o Centro de Cultura, se não me engano, nos bancários, e não deu certo. Nos metalúrgicos foi o único que funcionou. Inclusive, aquele cara que foi ministro aí do... eu acho que é do Lula, o Franklin Martins, ele tem uma... fala sobre o Centro de Cultura, e eu ouvi uma declaração dele que eu fiquei chocado, porque ele critica... E eu fico revoltado com isso, achar que tudo aquilo era porra-louquice. Inclusive, o Ferreira Gullar também diz isso, porra-louquice. Eu cansei de ir para a porta de fábrica – nós, **do [Sindicato dos] Metalúrgicos** –, armar feito uma tendinha de feira, mas uma coisa bonita, bem-feita, com estante, botar livro, disco, botar música, levar teatro na porta da fábrica, na hora do almoço. Porra-louquice. Só levando coisa... *Violão de Rua*, não sei se vocês conheceram, uma publicidade, que, infelizmente, carregaram. E meu nome está lá. Era uma coisa linda, tinha poemas do Rafael de Carvalho, que foi ator de TV. Ele, eu não sei se era pernambucano... Era nordestino. É muito interessante o **[inaudível]**. Coisas maravilhosas. A gente levava na fábrica. A gente fazia... Eu levei... Levar metalúrgicos... Sair do trabalho e ir para o cinema, para assistir a filmes... Eu me lembro, filmes como *I want to live!* (*Eu quero viver!*), um filme que conta a história de uma mulher americana... Não tem nada... Condenada – foi eletrocutada – por um crime que não foi muito esclarecido. É uma coisa assim. O cara vem... Naquela época, eu era o cara que... Eu e mais dois que eu falei aí numa ocasião, o Trio Maldito, nós é que nos ligávamos com o pessoal da UNE. Eu ia na reunião... Eu falava isso para o Vianinha: “Rapaz, eu saía de lá revoltado”. Eu digo: “Meu Deus do céu!”. Porque os caras estavam reunidos comigo... Aí vocês vão até rir do que eu vou falar, mas eu... Era muito bobo, eu. Com aquela idade toda... Eu chegava lá, ficava na reunião... A gente reunindo, discutindo os problemas, eu sentado como estou aqui e os caras sentados em cima da mesa, de perna cruzada, fumando, o outro bebendo. Eu digo: “Meu Deus do céu!”. Uma bagunça danada. E a gente acostumado com tudo direitinho, não é? Aquilo me revoltava. Bom, eu chego agora, eu falo... Outro dia, encontro esse... um menino casado com uma sobrinha minha, professor, revoltado pelo maltrato que o cara recebe em aula. Aí eu vejo, é muito difícil! Porque quando... Lá onde eu moro já aconteceu isso

– e tem acontecido em vários lugares, mas lá eu tenho conhecimento porque conheço a pessoa –, o cara lá, o marginal, sei lá se é traficante ou não, ir na escola e ameaçar a professora por causa da nota de um aluno. [Inaudível] não sabe de nada, mesmo. O garoto sai da escola analfabeto, mas analfabeto, com diploma. A moça que trabalhava para mim foi lá na escola reclamar. Não é essa que eu falei aqui agora, não. Foi uma outra. Chegou e disse assim... Foi falar, protestar: “Meu garoto passou de ano, ele não sabe ler, ele não sabe nada!”. A mãe foi falar. Levou uma bronca: “Passou e está passado”. Fim de papo. Essas coisas, não é? Nesse nível, eu aceito; agora, o cara **estava me** falando, professor universitário, os caras se metendo com **universitários**, os caras sem o mínimo respeito, aquela coisa... Meu Deus do céu! Um negócio terrível! Isso eu custo a... É difícil, para mim, aceitar isso. Vocês têm que aceitar porque é o mundo que vocês estão vivendo, é a realidade de vocês.

A.E. – Mas tem que **lutar**, também.

U.L. – Vocês têm que conviver com isso e ver como contornar isso e ser útil a eles, passando por cima disso. É o papel de vocês. Eu acho isso – meu Deus do céu! – uma coisa extraterrena, como enfrentar uma situação dessas. Eu penso isso. Então é a mesma coisa quando me coloca... É difícil para mim, entender essas coisas. É difícil. Eu procuro... Nas poucas tentativas... Está gravando isso? Ah, meu Deus! Eu já falei para vocês aqui, eu acho que eu falei, o que eu tenho feito? Devido a essas meninas... Duas meninas que... uma estudando direito e a outra que se formou, essa... Estudando não, quando estudava, porque ela já está formada advogada e está trabalhando. E a outra é de história. O que elas faziam? Elas me levavam na sala de aula delas para conversar com os alunos. Fizeram isso várias vezes. Fizeram uma peça de teatro baseada nas coisas que eu contei. Ficou interessante. Aí levaram essa cena.

A.E. – Que bacana!

U.L. – Uma porção de coisas assim. E eu notei... Eu cheguei a um momento que até eu fiquei entusiasmado. Por quê? Porque... Eu acho que eu falei isso para vocês. Eu fui fazer uma... A menina me convidou para fazer uma palestra, falar sobre a ditadura. Eu cheguei lá, os garotos lá, uma sala cheia, e ninguém estava dando bola: um estava no computador, o outro estava conversando... Eu comecei a falar, ninguém... Só uma meia dúzia olhando para mim, e tinham uns 30 a 40 alunos, a sala cheia, que ela convidou. Eu fiquei imaginando a situação de vocês. Eu digo: “Mas é muito complicado”. No fim, sabe o que aconteceu? Eu fui... Era o período da manhã, 11 horas tinha que parar. **Foram** umas três horas mais ou menos **de aula**. Quando terminou, eles pediram para que eu voltasse à tarde. Juntou todo mundo. Porque eu levei o negócio na brincadeira. Então eu sei que tem como. Mas isso praticamente... São muito jovens. Agora, quando se trata de universitários, eu acho que aí a coisa é muito mais complicada. E eu levei... fui contando histórias, essas histórias que... Porque eu estava falando da ditadura, “vou contar a história do cara que pulou”, e outras coisas que eu não contei aqui para vocês. E aí, por aí vai. E eles puseram até alguma coisa na peça, das coisas que eu contei. Porque o objetivo deles era colher material para... Eles estavam incumbidos de fazer a peça. Mas aí eu fiquei pensando...

A.E. – Mas **[inaudível]** assim, a gente tem que ficar feliz. Se a gente atinge dois, três, meia dúzia, como o senhor falou, a gente já está fazendo a nossa militância, também. Não dá para a gente querer ser pretensioso e querer atingir cinquenta, cem, mil pessoas.

U.L. – Não, mas é lógico. E nem pode. Olha, eu vou te dizer uma coisa agora. Eu falei aqui que eu estava envolvido... me envolvi nesse negócio do Movimento pela Paz, lá na região, falei da violência. E ontem eu recebi a visita do padre, porque, nas duas últimas reuniões, eu não fui. Eu não fui porque eu estava muito deprimido, muito, muito. Cheguei a ir no primeiro, mas eu estava num estado... Porque às vezes eu me abato, sabe? Aí o padre... “Padre, não fale nada comigo, porque tudo que o senhor vai me falar, eu sei”. Não adianta chegar para mim e dizer que eu preciso ler. Eu vou ler uma coisa por obrigação, para esquecer que eu estou pensando na minha esposa, estou pensando no passeio que nós demos ao Corcovado e tal? Eu estou lendo para esquecer aquilo?

Não adianta nada. Eu não vou ouvir música porque eu tenho que ouvir música para esquecer. Aquilo é uma forma de lembrar. Não é isso. O caminho é outro. Então [inaudível]. Mas então o que acontece? Eu estou participando lá daquele movimento. O padre chegou para mim... E é uma coisa ampla. Não tem políticos. Tem religiosos, pastores... A maioria é de pastores. Mas ninguém fala em política. Eu estou admirado como eles estão se entendendo bem. Está muito bom aquilo. Mas o padre chegou ontem para mim... Você me fez lembrar. O padre disse assim para mim... Foi lá me visitar, “por que o senhor não tem ido?”. E vai ter um seminário sábado. “O senhor não vai ao seminário?” Eu digo: “Padre, eu nem sabia”. Porque, [pela] ausência nessas duas últimas reuniões, eu perdi o contato com eles e não tinha notícia. Aí ele disse: “Ah, mas eu estou contando...”. “Eu vou, eu vou ao seminário.” Aí ele disse assim: “Finalmente vai ter outro comigo”. Sabe por quê? Porque o cara está sozinho, não tem ninguém. É padre. Ele disse: “Olha, não consegui ninguém para ir comigo. Eu vou sozinho. Vou participar do seminário, quer dizer, representando a minha paróquia”, e eu... Se ele não for, quem vai? Não tem ninguém. Então eu imagino. Então, você está falando dois, três, mas o padre está feliz com um, que sou eu.

A.E. – Pois é. E assim vai. Sr. Ulisses, o senhor gostaria de colocar uma palavra final, talvez, uma mensagem para o futuro, como o Massena colocava a questão dos problemas futuros? Alguma... Não sei. Uma mensagem, alguma reflexão sobre a sua trajetória, sobre o seu passado...

U.L. – Para quê? Aqui? Para encerrar? É isso?

A.E. – Para a gente encerrar.

U.L. – Para encerrar? Eu acho, minha filha, eu acho que a mensagem, eu passei durante todo o tempo...

A.E. – Sem dúvida.

U.L. – ...que vocês tiveram a paciência de me ouvir aqui.

A.E. – Tivemos o privilégio.

U.L. – Acho que a mensagem é essa. A mensagem que eu posso dar, que eu posso passar... Não é um mensagem. Sei lá. Uma declaração que eu faço é o seguinte, que vocês fiquem certos de que eu, apesar de ter deixado aquela minha... aflorar e ser bem franco no reconhecimento da minha licitação e da minha... Como eu diria? Não vou dizer covardia, mas a consciência que eu tenho: que eu devia ter lutado mais, podia e devia ter feito mais e ter optado mais pela minha família. Eu podia ter conciliado e ter feito um pouco mais, eu sei disso. Mas nisso não vai nenhum desencanto, eu continuo fiel aos princípios que eu sempre defendi. E, hoje, nada me impede... Eu acho que ainda tenho... Não estou senil, eu ainda tenho... Falar em intelecto é uma coisa meio pedante, mas eu ainda tenho algum, para poder ser útil, e preparo físico, apesar de sete pontes e uma carótida entupida e tudo mais, disposição física, também, para eu poder fazer alguma coisa mais. Então eu acho que... Eu utilizo os recursos que eu tenho para manter o que eu penso, que é isso que eu estou dizendo aqui. Essa fidelidade aos meus princípios, eu procuro expô-los e externá-los e ganhar as pessoas que comigo convivem para eles. E a mensagem que eu posso dizer é isso, é que eu acredito, acredito sim, em tudo aquilo que eu lutei. Eu não sei [em] quantos anos isso acontecerá. Vai levar tempo. Ainda vamos ter muita vitória e muita derrota no caminho, porque faz parte, não é? Cai aqui, levanta ali. A única mensagem que eu posso dar é essa, é que as coisas estão difíceis, mas que o desânimo não deve ter lugar no coração de nenhum de nós, que a gente tem que sempre olhar para o futuro com confiança. É só isso que eu tenho... Confio no país, pelo seu potencial que tem, geograficamente e geologicamente; confio no seu povo; confio, e tenho porque confiar, nas mulheres, porque eu tive uma mulher

extraordinária, que sofreu o pão que o diabo amassou e manteve, na minha ausência... Os filhos e os netos são tudo isso que eu disse aqui para vocês, sem orgulho, mas com satisfação, devido a ela. E confio, sobretudo, na juventude, na de hoje e na que virá. Porque a que virá vai ser melhor do que a de hoje, porque vai herdar o que vocês vão passar para ela. É só isso que eu tinha para dizer, e agradecer a vocês a atenção que vocês me dedicaram.

A.D. – Nós que agradecemos muito. Muito obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]